



AS OUTRAS FACES DA CENTRALIDADE:

periferias internas no bairro
Jardim Goiás sob a ótica das
narrativas populares.

Bruna Santos da Silva | 2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)
FACULDADE DE ARTES VISUAIS (FAV)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PROJETO E CIDADE (PPGPC)

BRUNA SANTOS DA SILVA

As outras faces da centralidade: periferias internas no bairro
Jardim Goiás sob a ótica das narrativas populares

GOIÂNIA

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE
TESSES**

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Bruna Santos da Silva

3. Título do trabalho

As outras faces da centralidade: Periferias internas no bairro Jardim Goiás sob a ótica das narrativas populares

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Bruna Santos Da Silva, Discente**, em 13/07/2023, às 16:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Camilo Vladimir De Lima Amaral, Professor do Magistério Superior**, em 14/07/2023, às 13:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3883342** e o código CRC **7FEA8E57**.

BRUNA SANTOS DA SILVA

As outras faces da centralidade: periferias internas no bairro Jardim Goiás sob a ótica das narrativas populares

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Projeto e Cidade, da Faculdade de Artes Visuais, da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito para obtenção do título de Mestre em Projeto e Cidade.

Área de concentração: Projeto, Teoria, História e Crítica.

Orientador: Professor Doutor Camilo Vladimir de Lima Amaral

GOIÂNIA

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Silva, Bruna Santos Da

As outras faces da centralidade [manuscrito] : Periferias internas no bairro Jardim Goiás sob a ótica das narrativas populares / Bruna Santos Da Silva. - 2023.

CCXXI, 221 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Camilo Vladimir De Lima Amaral.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Programa de Pós-graduação em Projeto e Cidade, Goiânia, 2023.

Bibliografia. Anexos. Apêndice.

Inclui lista de figuras.

1. Edifício Olímpico. 2. Vila Lobó. 3. Narrativas populares. 4. Centralidades. 5. Periferias internas. I. Amaral, Camilo Vladimir De Lima, orient. II. Título.

CDU 72



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº **020/2023** da sessão de Defesa de Dissertação de **Bruna Santos da Silva**, que confere o título de Mestre(a) em **Projeto e Cidade**, na área de concentração em **Projeto, Teoria, História e Crítica**.

Aos **treze de junho de dois mil e vinte e três**, a partir das **quatorze horas e trinta minutos**, através de webconferência, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada “**As outras faces da centralidade: Periferias internas no bairro Jardim Goiás sob a ótica das narrativas populares**”. Os trabalhos foram instalados pelo orientador, Professor Doutor **Camilo Vladimir de Lima Amaral (FAV/UFG)** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professora Doutora **Sandra Catharinne Pantaleão Resende (CET/UEG)**, membro suplente externo; Professor Doutor **Fernando Antônio Oliveira Mello (FAV/UFG)**, membro titular interno. Durante a arguição os membros da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido a candidata **aprovada** pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo Professor Doutor **Camilo Vladimir de Lima Amaral**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, ao(s) **treze de junho de dois mil e vinte e três**.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA

(não se aplica)



Documento assinado eletronicamente por **Camilo Vladimir De Lima Amaral, Professor do Magistério Superior**, em 13/06/2023, às 17:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fernando Antônio Oliveira Mello, Professor do Magistério Superior**, em 13/06/2023, às 17:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **SANDRA CATHARINNE PANTALEAO RESENDE, Usuário Externo**, em 11/07/2023, às 13:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3816556** e o código CRC **82673ABD**.

Aos amores da minha vida: minha bisavó Raimunda, minha mãe Francisca e minha irmã Brenda (Irmã Maria Celina). Obrigada por me ajudarem a ser quem sou.

“O bom Deus não poderia inspirar sonhos irrealizáveis.”

Santa Teresa de Lisieux.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado a graça de chegar até aqui.

A FAPEG (Fundação de amparo à pesquisa do estado de Goiás) por todo apoio financeiro durante essa jornada.

A universidade Federal de Goiás (UFG) e ao programa de Pós-graduação em Projeto e Cidade, obrigada por me concederem a oportunidade.

Ao meu orientador, professor Camilo Vladimir de Lima Amaral, que durante esses dois anos me acompanhou com muita dedicação e paciência, sempre com ótimas recomendações de leitura e direcionamentos.

A todos os professores que passaram na minha vida, em especial minha madrinha Núbia, que me ensinou a ler.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Projeto e Cidade UFG, em especial ao professor Wagner De Souza Rezende, professora Adriana Mara Vaz De Oliveira e ao professor Fernando Antonio Oliveira Mello, que contribuíram com o desenvolvimento da pesquisa por meio de suas orientações.

Meu agradecimento à Professora Doutora Ana Fani Alessandri Carlos pela oportunidade de cursar a disciplina online "Henri Lefebvre: o urbano, o cotidiano e o espaço" na FFLCH-USP. Os debates e trocas que ocorreram durante os encontros possibilitaram olhar as obras de Lefebvre por outras perspectivas. O autor foi fundamental para o desenvolvimento de ideias durante a pesquisa.

Não poderia deixar de agradecer todo o conhecimento obtido durante a disciplina "Tópico Especial MEMÓRIA, NARRAÇÃO, HISTÓRIA", ministrada pelas professoras Paola Berenstein Jacques e Margareth da Silva Pereira, no PPG em Arquitetura e Urbanismo da FAUFBA. Os encontros foram ricos em conhecimento e aprofundamentos, os quais contribuíram significativamente para o embasamento teórico da pesquisa.

A professora Ana Izaura Pina Rodrigues, por ter participado da minha banca de qualificação e por ter me apresentado vários direcionamentos para a pesquisa.

Ao Professor João Bosco Moura Tonucci Filho, a sua leitura atenta ao meu projeto de qualificação, seus direcionamentos e sugestões foram importantes para que eu desse continuidade.

Agradeço à professora Sandra Catharinne Pantaleao Resende pela participação e contribuições na banca de defesa da dissertação. Agradeço também pela atenção dada à pesquisa e por todas as considerações.

Aos colegas e amigos do mestrado, também parceiros de orientações e aflições, foi incrível compartilhar esses dois anos com vocês, mesmo que de forma não tão próxima.

A minha amiga/irmã, Ane Karoline, por ter acompanhado grande parte dessa minha jornada, sempre se preocupando nas semanas em que eu não saía do quarto por estar escrevendo ou lendo, você foi importante.

Aos meus demais amigos, por sempre me apoiarem e torcerem pelo meu desenvolvimento, vocês são importantes.

A minha mãe Francisca, por todo esforço e dedicação na minha criação e todo investimento na minha educação. Eu não teria conseguido sem a senhora.

Por fim, a toda minha família que, mesmo longe, sempre esteve presente.

RESUMO

Este trabalho busca superar as teorias lineares de centralidade e periferia, explorando o Jardim Goiás através de cartografias e técnicas etnográficas, com abordagem nas narrativas populares. Isso visa tornar visíveis experiências de segregação, aqui chamadas de periferias internas, mas que têm sido silenciadas pelas teorias dominantes no estado da arte. As cidades contemporâneas se estruturam de forma segregada, com graves consequências sociais. As teorias de centralidade e periferia, incorporadas em geometrias simples, não dão conta da complexidade das relações de segregação, como as que acontecem no Jardim Goiás. Naquilo que é visto como centralidades pelos especialistas, existem também outras periferias internas. É preciso um olhar sensível ao outro, com etnografias e cartografias contra-hegemônicas, que possibilitem desvendar essas outras geometrias. A pesquisa desenvolvida pautou-se em técnicas utilizadas na psicogeografia, que é uma metodologia que estuda a relação das pessoas com os espaços em que vivem e os efeitos que os ambientes refletem em suas relações sociais e emoções. Sendo a principal delas a deriva, que fundamentou a construção de cartografias contra-hegemônicas dos locais de estudo. Foram aplicadas também técnicas etnográficas, tais como entrevistas semiestruturadas no Bairro Jardim Goiás, bairro este localizado na Região Sul de Goiânia e escolhido como recorte para o desenvolvimento da pesquisa. Em conjunto, foram realizados levantamentos biográficos, os estudos realizados foram complementados com a antropologia visual, no intuito de contribuir com as narrativas populares na busca por essas outras faces das centralidades e da existência de periferias internas que estruturam a metrópole de Goiânia. Por meio dos levantamentos no Jardim Goiás, foram encontradas três periferias internas: classificamo-las como periferia estigmatizada, irregular e oficializada, localizadas respectivamente no Edifício Olímpico, no núcleo do Jardim Goiás e na Vila Lobó. São áreas marcadas pela presença de pessoas de baixa renda, estigmas sociais e, algumas delas, pela falta de infraestrutura básica, equipamentos de saúde e educação. Por essas questões, passaram a não ser consideradas como parte da centralidade que é o Jardim Goiás. Diante disso, esta pesquisa apresenta um estudo teórico sobre centralidade, de forma complexa e atenta às estruturas de segregação contemporânea, que busca dar mais visibilidade a uma população que é silenciada na história oficial.

Palavras-chave: Edifício Olímpico, Vila Lobó, narrativas populares, segregação, centralidades, memórias, histórias, periferias internas.

ABSTRACT

This work seeks to overcome the linear theories of centrality and periphery, exploring Jardim Goiás through cartographies and ethnographic techniques, with an approach in popular narratives. This aims to make visible experiences of segregation, here called internal peripheries, but which have been silenced by the dominant theories in the state of the art. Contemporary cities are structured in a segregated way, with serious social consequences. The theories of centrality and periphery, incorporated in simple geometries, do not account for the complexity of segregation relations, such as those that take place in Jardim Goiás. In what are seen as centralities by experts, there are also other internal peripheries. It is necessary a sensitive look at the other, with ethnographies and counter-hegemonic cartographies, which make it possible to unveil these other geometries. The research developed was based on techniques used in psychogeography, which is a methodology that studies the relationship of people with the spaces in which they live and the effects that the environments reflect on their social relations and emotions. The main one being drift, which founded the construction of counter-hegemonic cartographies of the places of study. Ethnographic techniques were also applied, such as semi-structured interviews in the Jardim Goiás neighborhood, a neighborhood located in the South of Goiânia and chosen as a cutout for the development of the research. Together, biographical surveys were carried out, the studies carried out were complemented with visual anthropology, in order to contribute to the popular narratives in the search for these other faces of the centralities and the existence of internal peripheries that structure the metropolis of Goiânia. Through the surveys in Jardim Goiás, three internal peripheries were found: We classified them as stigmatized, irregular and officialized peripheries, located respectively in the Olympic Building, in the core of Jardim Goiás and in Vila Lobó. These are areas marked by the presence of low-income people, social stigmas and, some of them, by the lack of basic infrastructure, health equipment and education. Because of these issues, they are no longer considered as part of the centrality that is Jardim Goiás. Given this, this research presents a theoretical study on centrality, in a complex and attentive way to the structures of contemporary segregation, which seeks to give more visibility to a population that is silenced in official history.

Key words: Olympic Building, Vila Lobó, popular narratives, segregation, centralities, memories, histories, internal peripheries.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -Bairros da Região Sul de Goiânia.....	5
Figura 2 -Venda dos primeiros loteamentos em Goiânia.....	6
Figura 3 -Núcleo inicial da cidade de Goiânia.....	7
Figura 4 -Esquema ilustrativo para Identificação espacial de centralidades.....	19
Figura 5 -Centralidades em Goiânia: aplicação do método dos especialistas.....	21
Figura 6 -Hierarquia dos Lugares Centrais de Christaller.....	28
Figura 7 -Noções de centralidade segundo trabalho de autores.....	31
Figura 8 -Ramificações do lugar com temas encontrados nos trabalhos dos autores referenciados.....	36
Figura 9 -Ocupação Bairro Jardim Goiás 2021.....	41
Figura 10 -Localização Estádio Serra Dourada 1992.....	42
Figura 11 -Construção do Shopping Flamboyant.....	43
Figura 12 -Imagem aérea Parque Flamboyant- 2002.....	44
Figura 13 -Evolução Jardim Goiás 2002-2021.....	45
Figura 14 -Figura fundo Jardim Goiás.....	46
Figura 15 -Uso do solo Jardim Goiás.....	47
Figura 16 -Equipamentos e marcos urbanos principais Jardim Goiás.....	48
Figura 17 -Análise espacial e percentual das entrevistas aplicadas.....	65
Figura 18 -Notícia jornalística sobre a valorização da região.....	70
Figura 19 -Fotos memórias- Shopping Flamboyant.....	71
Figura 20 -Parque flamboyant, o novo cartão postal.....	72
Figura 21 -O bairro nascido para o sucesso.....	72
Figura 22 -A ascensão do bairro.....	73
Figura 23 -Reivindicações de populações do Bairro Jardim Goiás.....	74
Figura 24 -Derrubada de moradias para reaver áreas de posse.....	74
Figura 25 -Notícias Vila Lobó.....	76
Figura 26 -Casa da Dona Benedita.....	86
Figura 27 -Palavras frequentes nas entrevistas (Vila Lobó- Estádio Serra Dourada).....	94

Figura 28 -Palavras frequentes nas entrevistas (Parque Flamboyant- Shopping Flamboyant.....	94
Figura 29 -Realidades paralelas.....	101
Figura 30 -Imagens de marca do Bairro Jardim Goiás (Shopping Flamboyant).....	102
Figura 31 -Imagens de marca do Bairro Jardim Goiás (Parque Flamboyant.....	103
Figura 32 -Errâncias urbanas, centralidade Jardim Goiás.....	104
Figura 33 -Errâncias urbanas, centralidade Jardim Goiás.....	104
Figura 34 -Deriva 01 no bairro Jardim Goiás - (Jardim goiás área I).....	106
Figura 35 -Lugares visitados, deriva 01.....	107
Figura 36 -Deriva 02 no bairro Jardim Goiás - (Jardim goiás área I).....	110
Figura 37 -Lugares visitados, deriva 02.....	111
Figura 38 -Deriva 03 no bairro Jardim Goiás-(Jardim goiás área I).....	113
Figura 39 -Lugares visitados, deriva 03.....	114
Figura 40 -Deriva 04 no bairro Jardim Goiás (Jardim goiás área I).....	116
Figura 41 -Lugares visitados, deriva 04.....	117
Figura 42 -Registro noturno da viela localizada na Vila Lobó (Jardim Goiás área I).....	118
Figura 43 -Nascente e lavatório coletivo da Vila Lobó.....	120
Figura 44 -Cartografia contra-hegêmica número 01.....	121
Figura 45 -Cartografia contra-hegêmica número 02.....	122
Figura 46 -Cartografia edifício Olímpico.....	123
Figura 47 -Localização das periferias internas identificadas.....	126
Figura 48 -Cartografia edifício Olímpico.....	127
Figura 49 -Cartografia Vila Lobó.....	137
Figura 50 -Cartografia Jardim Goiás-áreas irregulares.....	145
Figura 51 -Casa de afeto.....	155

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Classificação IBGE.....	63
--	-----------

SUMÁRIO

INTODUÇÃO.....	1
-----------------------	----------

CAPÍTULO I

PARADOXOS DAS CENTRALIDADES E PERIFERIAS PRESENTES NA METRÓPOLE DE GOIÂNIA: UM OUTRO OLHAR.....	15
--	-----------

1.1 Aproximando do objeto: Centralidades e periferias no contexto de Goiânia.....	16
1.1.1 Região sul de Goiânia, ocupações e expansões não previstas.....	23
1.2 Paradoxos na abordagem das centralidades e periferias.....	26
1.2.1 Lugares centrais e lugares periféricos.....	35
1.2.2 Produção de espaços valorizados e segregados.....	38
1.2.3. Periferias Internas: um outro olhar sobre os contrastes do bairro Jardim Goiás.....	40

CAPÍTULO II

POR UMA REVISÃO HISTORIOGRÁFICA DAS PERIFERIAS INTERNAS COM BASE EM NARRATIVAS POPULARES.....	51
--	-----------

2.1 Por uma outra narrativa das centralidades: os espaços não narrados.....	52
2.1.1 Remontando histórias com base em biografias, documentos e imagens.....	60
2.2. Outra escuta, outras narrativas.....	65
2.2.1 O contraste das imagens: narrativas da mídia x errâncias urbanas.....	68
2.2.2. Narrativas que desvendam histórias de vida.....	77
2.3 Três periferias internas do Jardim Goiás.....	91

CAPÍTULO III

REVISÃO CARTÓGRAFICA: AS OUTRAS FACES DA CENTRALIDADE JARDIM GOIÁS.....	97
--	-----------

3.1 Um olhar sensível às periferias internas através da cartografia e técnicas etnográficas.....	97
3.1.1 Construção de cartografias sensíveis	99
3.2 Derivas nos lugares não narrados.....	105
3.3 Cartografias contra-hegêmicas dos lugares não narrados.....	119

3.3.1 Edifício Olímpico: um edifício “fora do lugar”.....	126
3.3.2. Jardim Goiás área I: a Vila Lobó.....	135
3.3.3. As áreas que não regularizam.....	143
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	150
REFERÊNCIAS.....	157
ANEXOS.....	165
ANEXO A.....	166
APÊNDICES.....	170
APÊNDICE A.....	171
APÊNDICE B.....	173

INTRODUÇÃO

Devido às limitações das teorias geométricas¹ sobre centralidades e periferias, bem como ao intenso processo de segregação nas cidades brasileiras, esta pesquisa tem como objetivo explorar outras perspectivas das centralidades, investigando a existência de periferias internas nos núcleos metropolitanos. Compreender essas dinâmicas é fundamental para entendermos como as cidades se estruturam e quais são as consequências sociais desse processo de segregação. Além disso, através dessa pesquisa, buscamos contribuir para um olhar mais abrangente sobre as complexidades urbanas.

Nesse sentido, para conduzir a pesquisa, foi escolhido utilizar as narrativas populares e suas percepções. A razão para essa escolha é porque acredita-se que os técnicos em infraestrutura, planejadores urbanos, acadêmicos e gestores, juntamente com seus critérios de avaliação, apesar de desenvolverem trabalhos, estudos e levantamentos importantes para a compreensão do espaço urbano, não costumam abordar as dinâmicas reais que ocorrem na cidade, nem as relações sociais das suas populações e das áreas periféricas. As narrativas populares trazem perspectivas únicas e valiosas sobre como a cidade é vivida, percebida e experimentada pelas comunidades locais.

Enquanto os especialistas muitas vezes se concentram em dados quantitativos e análises técnicas, que em outros momentos foram suficientes para o estudo das cidades, as narrativas populares nos permitem acessar histórias, experiências pessoais e conhecimentos práticos que são essenciais para uma compreensão mais completa do espaço urbano. Dessa forma, podemos obter informações importantes sobre as relações sociais, as necessidades e os desafios enfrentados pelas populações pobres e suas áreas periféricas da cidade.

¹ Entende-se que as teorias geométricas sobre centralidades e periferias são abordagens que tentam compreender a estrutura espacial das cidades. Essas teorias consideram a localização física dos diferentes elementos e lugares dentro de uma cidade, como prédios, bairros, ruas e áreas verdes representadas por parques e praças. No entanto, essas teorias geométricas existentes são frágeis por conta de sua simplificação da realidade urbana e pela falta de consideração das dinâmicas sociais, históricas e culturais que também influenciam a estrutura das cidades. Elas não conseguem capturar a complexidade das relações entre os diferentes elementos urbanos, como as desigualdades, segregações, senso de comunidade, sonhos, desejos, esperança e diversidades presentes nos espaços urbanos.

Sendo assim, o estudo realizado foi direcionado para a cidade de Goiânia, localizada em Goiás, mais especificamente para o Bairro Jardim Goiás. De acordo com pesquisas tradicionais já realizadas sobre o bairro, ele é considerado uma importante centralidade na cidade. Isso se deve ao fato de abrigar grandes estabelecimentos comerciais, ter uma concentração de renda significativa, com alto poder aquisitivo, infraestrutura bem desenvolvida, opções de lazer e uma boa qualidade de vida. Essas características fazem com que o Bairro Jardim Goiás seja reconhecido como um local privilegiado na cidade.

No entanto, os pobres de baixo poder aquisitivo que vivem no bairro ficam silenciados dentro dessa narrativa dominante. Isso levanta a seguinte questão: por que as teorias dominantes não conseguem reconhecer e dar importância às experiências de segregação, exclusão e estigmatização que ocorrem no meio do que supostamente seria uma centralidade? Será possível investigar a vivência dessa população e contribuir para o avanço das teorias sobre centralidade e periferias? É fundamental refletir sobre essas questões para compreendermos a lacuna existente nas teorias convencionais.

Pois as centralidades são identificadas atualmente por meio de diversos aspectos. Essa caracterização envolve o estudo dos processos de consolidação dos centros tradicionais, incluindo seus simbolismos e suas relações com a cidade como um todo. Além disso, são analisados os aspectos de mobilidade, a concentração de atividades e o valor do solo nessas áreas (KNEIB, 2008). Por outro lado, as periferias são mantidas como espaços segregados dentro da cidade. Essas áreas geralmente apresentam recursos financeiros limitados, sendo habitadas predominantemente pela população com menor poder aquisitivo. As periferias são frequentemente identificadas como lugares distantes dos centros urbanos.

O que pode passar despercebido nessas definições é a experiência concreta das pessoas que de fato vivem, habitam e percebem esses espaços diariamente, que constroem significados e histórias próprias sobre esses lugares. Neste sentido, nossa hipótese é que a invisibilização dessas vivências concretas pode ocorrer de forma deliberada. Entende-se que possa existir uma tendência em privilegiar as perspectivas técnicas e oficiais, em detrimento das vozes e experiências das pessoas que realmente habitam esses espaços.

Pois, muito do que acontece no espaço urbano é resultado da movimentação do sistema capitalista, que busca cotidianamente atribuir valores a tudo que está

atrelado ao seu entorno, desqualificando assim, o que não é passível de gerar valor econômico. Nesse sentido, entendemos que a leitura técnica sempre dará mais importância aos lugares, contextos sociais e dinâmicas que possam gerar algum tipo de retorno financeiro. Essa perspectiva limitada reforça a importância de considerar não apenas os aspectos econômicos, mas também valorizar a diversidade de experiências, perspectivas e necessidades das comunidades.

Observa-se que os lugares e os pobres que estão à margem da sociedade são frequentemente negligenciados. Nesse sentido, compreende-se que a visão tradicionalista busca enfatizar principalmente a importância das centralidades, que são considerados os espaços de maior significado simbólico, acessibilidade e regulados pelo princípio da restrição.

Na perspectiva tradicional de representação, podemos perceber que as centralidades e os espaços periféricos estão completamente separados e organizados de forma singular. Por um lado, temos a ideia de que a centralidade é apenas centralidade, localizada nos melhores pontos da cidade, distante de qualquer vestígio de pobreza e diferença de classes. Por outro lado, tudo o que foge dessa suposta pureza é silenciado, é minimizado, desconsiderado, e não é sequer visto pelas narrativas hegemônicas.

Essa visão simplista e dicotômica já não é mais suficiente, tendo em vista a complexidade e interconexão dos espaços urbanos. A cidade não pode ser reduzida a uma divisão clara entre centralidade e periferia, como se fossem realidades separadas e opostas. Na verdade, existem relações mútuas entre esses espaços, com influências que se estendem além de suas delimitações físicas. Portanto, é fundamental questionar essa representação dualista e buscar uma compreensão mais abrangente e inclusiva.

No momento em que nos limitamos apenas a essa abordagem técnica da cidade, deixamos passar despercebidas as dinâmicas concretas que ocorrem nesses espaços. Uma visão mais sensível e inclusiva seria justamente questionar a ideia de que as centralidades são compostas apenas por pessoas e lugares de alto poder aquisitivo, e assim permitir-nos olhar e ouvir de perto outras histórias e experiências daqueles que realmente ocupam esses espaços. Quando adotamos essa perspectiva mais aberta, somos capazes de enxergar a diversidade e a complexidade que existem dentro das centralidades. Descobrimos que esses locais não são homogêneos, mas

sim compostos por uma variedade de pessoas com diferentes realidades sociais e culturais.

Com base no que foi mencionado, observou-se a importância de investigar essas outras faces das centralidades e a existência de periferias internas na metrópole de Goiânia, por meio das narrativas populares. Essa abordagem possibilita uma nova interpretação dos espaços já conhecidos da cidade, buscando dar visibilidade a lugares, pessoas e vozes que geralmente são pouco vistas e ouvidas. Ao adotarmos a ótica das narrativas populares, buscamos romper com a visão tradicional e técnica da cidade, que muitas vezes não exploram as experiências e vivências das pessoas que habitam essas áreas periféricas.

A motivação para abordar esse tema surge da identificação de experiências periféricas que ocorrem dentro do que normalmente é considerado como centralidades pela teoria. Além disso, é importante mencionar que a autora residiu no edifício descrito neste trabalho por um período de 4 anos. Durante essa vivência, foi possível observar de perto os conflitos que surgem ao viver em uma centralidade sem realmente pertencer a ela. Diante disso, o objetivo deste trabalho é compreender se é possível ir além do que já está estabelecido pelos estudos técnicos e pelas leituras teóricas do território. Busca-se, assim, explorar a possibilidade de ampliar o espaço para que essas vivências sejam ouvidas e pensadas.

A pesquisa é impulsionada por essas e outras questões que até então foram pouco exploradas nos contextos mais privilegiados da cidade. Diante disso, para obter dados mais qualificados e responder às questões levantadas, optou-se por realizar o estudo no bairro Jardim Goiás. Este bairro é considerado um exemplo clássico do que seria uma centralidade de acordo com as teorias existentes, porém apresenta diversas nuances e experiências de segregação. O Jardim Goiás está localizado na Região Sul² de Goiânia, uma área altamente valorizada e alvo da especulação imobiliária³ e do

² Bairros e setores da Região Sul: Alto da Glória, Areião, Setor Bela Vista, Setor Bueno, Jardim América, Jardim das Esmeraldas, Jardim Goiás, Jardim Santo Antônio, Jardim Vitória, Setor Marista, Nova Suíça, Setor Oeste, Parque Amazônia, Setor Pedro Ludovico, Serrinha, Setor dos Afonsos, Vila Americano do Brasil, Vila Divino Pai Eterno, Vila Maria Isabel, Vila Maria José, Vila Redenção, Vila Santa Efigênia, Vila São João, Vila São Tomaz, Vila Teófilo Neto e Jardim Goiás-Área I.

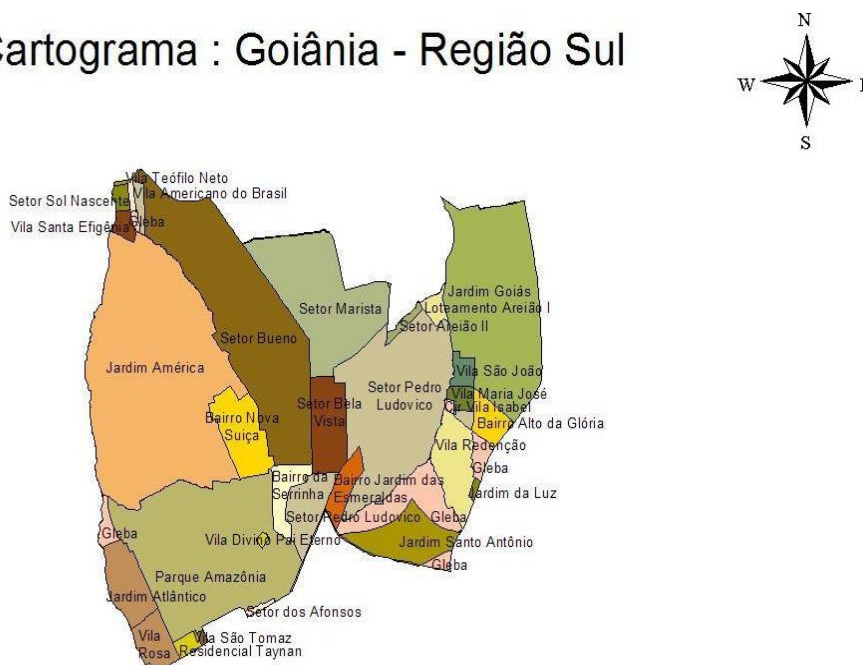
³ Entende-se especulação imobiliária como sendo um fenômeno que ocorre no mercado imobiliário, onde o objetivo principal é obter lucro por meio da valorização de imóveis. Simplificando, é quando pessoas ou empresas compram propriedades, como casas, terrenos ou edifícios, não com a intenção de utilizá-los para moradia ou uso próprio, mas sim para revendê-los posteriormente por um preço mais alto. A especulação imobiliária geralmente ocorre em áreas que apresentam potencial de valorização,

mercado capitalista. Por muitos anos, o bairro ficou conhecido como parte da Região Sudeste de Goiânia. No entanto, por motivos desconhecidos e data de mudança indefinida, passou a ser considerado como pertencente à Região Sul.

A região atualmente engloba cerca de 26 bairros e setores, como mostrado na figura (01). Esses setores apresentam uma diversidade de atores sociais e controvérsias relacionadas à ocupação do solo urbano. A escolha do bairro para a pesquisa nessa região permitiu investigar o nosso problema central, que são as diferentes faces das centralidades e periferias que podem ser observadas no espaço urbano, conforme vivenciado por suas populações, histórias e memórias diversas.

Figura (01) – Bairros da Região Sul de Goiânia

Cartograma : Goiânia - Região Sul



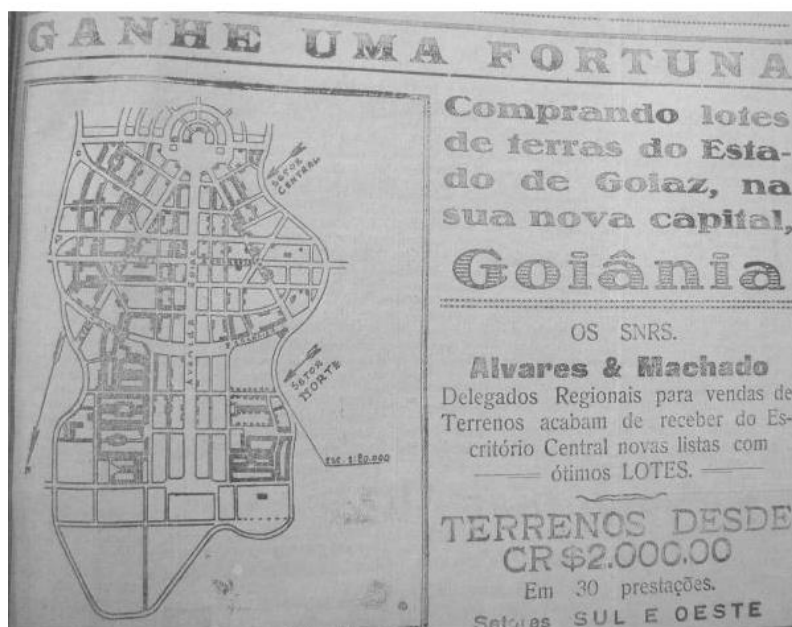
Fonte: Seplam, prefeitura de Goiânia, 2022.

O bairro Jardim Goiás se destaca entre todos os bairros da Região Sul como um dos mais valorizados em termos de preço por metro quadrado, de acordo com levantamentos realizados pelo Conselho Regional de Corretores (CRECI). Segundo a pesquisa conduzida por Kneib (2016), o Setor Jardim Goiás é considerado uma das áreas centrais mais importantes de Goiânia. No entanto, o estudo aqui desenvolvido foi uma forma de ir além dessas pesquisas existentes, buscando ampliar seus horizontes e identificar outras faces presentes nessa centralidade. Para isso,

como regiões em desenvolvimento, próximas a centros comerciais, com boas infraestruturas ou que estejam passando por algum tipo de transformação urbana.

observaram-se as dinâmicas de segregação e exclusão presentes, uma vez que essa localidade é marcada por grandes contrastes sociais e econômicos.

Figura (02) – Venda dos primeiros loteamentos em Goiânia



Fonte: Seplam, prefeitura de Goiânia 2022.

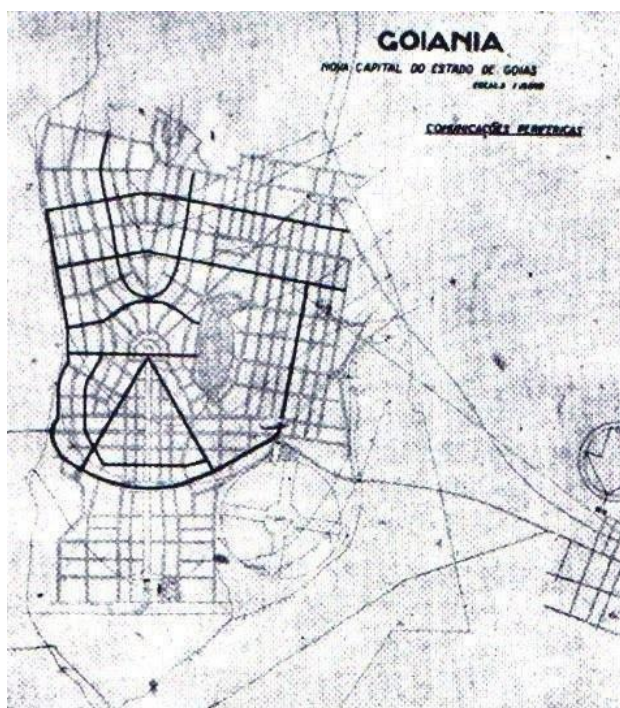
Observa-se que desde o início dos primeiros loteamentos em Goiânia, intensificados na década de 50 quando o governador tirou a necessidade de instalar infraestrutura, já era possível perceber os contrastes sociais presentes na cidade. Na figura (02), podemos visualizar o anúncio da venda dos primeiros lotes, marcando uma fase importante de transformação e expansão urbana. A proposta de enriquecimento e valorização das áreas, segundo Silva (2014), foi determinante nessa fase. A estratégia de parcelamento e distribuição de terrenos impulsionou o crescimento da cidade, atraindo investidores e novos moradores em busca de oportunidades e de uma melhor qualidade de vida. A distribuição dos lotes contribuiu para a configuração do cenário urbano atual.

Além de ter contribuído para a configuração do espaço urbano, a expansão e os loteamentos iniciais também deram início a um processo de fragmentação e segregação das populações mais pobres. Nos diversos projetos desenvolvidos para Goiânia, os trabalhadores braçais e suas famílias, que foram responsáveis por colocar em prática as ideias elaboradas para a cidade naquela época, não tinham um local adequado para construir suas moradias. De acordo com Silva (2014), essas populações findavam ocupando as áreas próximas aos cursos d'água que circundavam Goiânia, formando assim as primeiras zonas periféricas da cidade.

O Jardim Goiás vai de encontro ao processo de formação descrito anteriormente, pois desde o seu início, o bairro foi planejado para se tornar uma referência econômica na cidade, com o objetivo de atrair uma população economicamente privilegiada, apesar de ter tido, em sua fase inicial, uma presença majoritária de ocupantes irregulares. O estudo do bairro permitiu analisar percepções que fazem parte desse lugar, que se consolidou priorizando os interesses do mercado imobiliário. Dessa forma, o bairro tornou-se uma importante potência econômica na Região Sul, onde as pessoas socialmente menos favorecidas foram deixadas em segundo plano ou tiveram que se deslocar para outros lugares.

Essa realidade de especulação imobiliária, exclusão e expulsão das populações mais pobres não é algo recente e pode ser observada já desde muito tempo, não apenas no bairro Jardim Goiás, mas também em outras partes de Goiânia. Pois os primeiros indícios dessa realidade surgiram com o projeto do recém-chegado de Paris, Atílio Corrêa Lima, projeto esse representado na figura (03). Segundo Daher (2013), a proposta de Atílio estava fortemente ligada a uma cultura classicista, com influências do modelo urbanístico francês e inspirações em cidades clássicas como Versailles. Corrêa Lima abordou questões históricas, sociais, econômicas e políticas para justificar sua escolha pelo traçado urbanístico apresentado.

Figura (03) – Núcleo inicial da cidade de Goiânia



Fonte: Seplam, prefeitura de Goiânia, 2022.

Os constantes conflitos entre a apropriação dos espaços e os planos urbanísticos se tornaram uma realidade em Goiânia, exigindo o desenvolvimento de novos planos em intervalos cada vez menores. Essas disputas contribuíram para a estruturação das desigualdades na cidade. Jordão, Silva (2014) apontam que as ocupações irregulares em áreas fora dos planos estabelecidos, como no córrego Botafogo (atual Vila Nova) e no Pedro Ludovico, tornaram-se cada vez mais frequentes. A falta de planejamento e controle dos problemas urbanos em constante surgimento intensificou a formação das zonas periféricas da cidade.

Constatou-se, também, que o padrão de loteamentos especulativos fomentou a necessidade de novas áreas residenciais, resultando na divisão do espaço urbano em áreas centrais de maior valorização e periferias suburbanas que persistem até os dias de hoje. Ao longo do tempo, algumas dessas áreas suburbanas provenientes de ocupações conseguiram regularizar sua situação, obtendo os documentos legais necessários, como é o caso da Área I do Jardim Goiás, mais conhecida como Vila Lobó. No ano de 2011, após quase 30 anos de luta, cerca de 250 famílias foram informadas de que teriam acesso ao título de concessão de direito real de uso⁴(CDRU) das áreas e imóveis onde residem. Outras áreas na mesma região ainda permanecem sem regularização.

Nesse contexto, é importante ressaltar que as décadas de 50 e 60 foram períodos em que a expansão urbana em Goiânia teve um grande impulso com a construção de vários conjuntos habitacionais que consolidaram regiões mais afastadas, como a Vila Redenção, localizada nas proximidades da nossa área de estudo. Segundo Mota (2004), Wilhelm destacava que os conjuntos habitacionais tinham a função de promover o desenvolvimento das regiões da cidade, sendo uma forma de preencher os vazios urbanos resultantes da "expansão extensiva e rarefeita".

Outro ponto a ser destacado está relacionado aos anos 80 e 90, quando ocorreu uma mudança na dinâmica da expansão urbana. Nesse período, houve um aumento significativo na verticalização da cidade, o que conforme discussões

⁴ A realização de um sonho há muito acalentado. Foi esse o sentimento predominante entre os quase 300 moradores da Área I do Jardim Goiás que compareceram ao auditório do Ministério Público na noite de quarta-feira (24/2). Convidados de honra da solenidade, eles foram informados da conclusão da primeira etapa dos trabalhos de regularização fundiária na região. No evento, eles tomaram conhecimento do teor do Decreto Municipal nº 186/2011, que promoveu a regularização fundiária e urbanística da Área I. Souberam também que os títulos que vão garantir a posse legal de seus lotes estão em processo de elaboração conforme previsto no decreto, a Prefeitura de Goiânia tem prazo de 180 dias para entregar os documentos aos beneficiados. (ARRUDA, 2011, p.1).

desenvolvidas por Moraes (1991), intensificou ainda mais os contrastes sociais e a diferença entre as áreas centrais e periféricas. Essa verticalização evidencia as desigualdades presentes nesses espaços urbanos, onde os centros concentram atividades estimulantes e serviços, enquanto as periferias abrigam uma população geralmente com menos acesso a esses recursos.

De acordo com Nascimento e Oliveira (2014), a partir dos anos 90, a verticalização em Goiânia se intensificou, o que trouxe mudanças significativas na demanda por serviços essenciais, como educação, infraestrutura, transporte e saúde. Essa transformação acelerada contribuiu para a valorização das áreas urbanas, o aumento da população residente, a segregação socioespacial e a expulsão dos moradores mais pobres desses locais. Em resposta a esse rápido processo de verticalização nas principais regiões da cidade, foi facilitada a elaboração da nova proposta do Plano de Desenvolvimento Integrado de Goiânia, em 1992, conhecido como (PDIG⁵).

Os anos 2000 também representam um período significativo no processo de expansão e organização da cidade de Goiânia. Nesse contexto, surgem novas dinâmicas de centralidade e periferia diante de uma intensificação da expansão urbana por meio de condomínios verticais de alto padrão, que se concentram principalmente em áreas periféricas. Esse fenômeno traz à tona novamente a discussão sobre centralidade e periferias, que são temas pouco relacionados neste campo. É importante refletir sobre como essas transformações impactam a distribuição dos recursos e serviços urbanos, bem como as desigualdades socioespaciais que podem surgir.

Pois, na perspectiva de Aristides et al. (2007, p. 43), o lançamento de vários novos empreendimentos, como condomínios fechados incorporados em áreas antes vistas como periféricas, pode potencializar o empreendimento de novas centralidades e o aumento da segregação social urbana. Segundo o autor, esses novos espaços privatizados que se intensificaram a partir de 1990 tornaram-se verdadeiros "enclaves fortificados", uma realidade cada vez mais frequente para os abastados financeiramente que buscam bairros isolados, mas elitizados.

⁵ Souza e Colesanti (2018, p. 98), destacam que "Coordenado pela Empresa Engevix Engenharia S/A, em 1992 foi elaborado o Plano de Desenvolvimento Integrado de Goiânia (PDIG-2000), que viria ser oficializado em 1994. O plano caracterizou-se pela intervenção no zoneamento e uso do solo da cidade e marcou o retorno da obrigatoriedade de implantação de infraestrutura pelo agente imobiliário"

Não obstante, é possível observar novas dinâmicas que envolvem a verticalização próxima a parques, o que tem gerado novos contrastes entre centralidade e periferia. Essa dinâmica retomou a ideia do parque como um mecanismo de valorização e atração para pessoas de maior poder aquisitivo, como ocorreu no Jardim Goiás. Durante muitos anos, grande parte das áreas regulares do bairro ficaram desocupadas, enquanto as outras partes eram ocupadas por posseiros. Após a construção e inauguração do Parque Flamboyant, o processo de ocupação dessas áreas ocorreu de forma rápida. No entanto, também foram evidenciadas exclusões sociais e contrastes entre populações residentes no mesmo espaço, porém sujeitas a privilégios diferentes.

Por meio dos fatos apresentados constatamos que o processo de expansão urbana em Goiânia ao longo do tempo foi marcado por constantes conflitos entre a ocupação dos espaços e os planos urbanísticos desenvolvidos. Essas disputas ansiavam pela estruturação das desigualdades na cidade. As ocupações irregulares em áreas fora dos planos tornaram-se cada vez mais frequentes, como no córrego Botafogo e no Pedro Ludovico.

As transformações urbanas em Goiânia revelam as desigualdades existentes na cidade, onde diferentes grupos de pessoas vivem em espaços com acesso desigual a recursos e serviços. É essencial compreender esses processos para entender como a cidade funciona e buscar soluções que sejam mais inclusivas e justas para o seu desenvolvimento urbano. No contexto de mudança e evolução, Goiânia começa a mostrar características semelhantes às grandes metrópoles. Isso inclui a criação de centralidades que são projetadas para atender principalmente pessoas com maior poder aquisitivo e a economia da cidade.

Além disso, é importante mencionar que, juntamente com essas transformações, surgem atitudes hostis em relação aos menos favorecidos, fazendo com que suas imagens sejam invisibilizadas no contexto urbano. Villaça (2001) destaca que as cidades têm experimentado um crescimento disperso e desigual, o que resulta em exclusão e segregação, não apenas social, mas principalmente territorial. Essa expansão urbana desigual acarreta a criação de espaços segregados, onde diferentes grupos populacionais têm acesso desigual a recursos e serviços.

As dinâmicas urbanas têm um impacto significativo na vida das pessoas, influenciando suas oportunidades, qualidade de vida e bem-estar. Essas realidades não se limitam apenas à cidade de Goiânia, mas são observadas em várias outras

idades espalhadas pelo Brasil. Cada uma dessas realidades urbanas são caracterizadas por diferentes termos e características. Nesta pesquisa especificamente, vamos nos concentrar nas centralidades e periferias, que são conceitos amplamente conhecidos nos estudos urbanos. Nos próximos capítulos, iremos explorar esses conceitos de forma mais conceitual, aprofundando nosso entendimento sobre eles.

Diante disso, compreendemos que repensar o sentido concreto de "centros e periferias" nos leva a explorar as discussões sobre exclusão e segregação. Esses termos estão estreitamente ligados à temática de centros e periferias, reforçando a noção crescente de que a cidade não é um espaço homogêneo e passivo. Pelo contrário, ela é dinâmica e desempenha um papel nos processos de segregação e exclusão. A utilização dos espaços urbanos está condicionada ao poder social e ao capital dos diversos sujeitos envolvidos. Portanto, é importante reconhecer a atuação da cidade como um agente ativo nesses processos.

Na visão de Rolnik (1988), a segregação e exclusão urbana têm um impacto direto no processo de fragmentação das cidades. Isso contraria o princípio de um bom desenvolvimento das relações sociais, que deveriam ocorrer em espaços compartilhados coletivamente. A segregação, paradoxalmente, reforça os conflitos sociais ao mesmo tempo em que mascara a percepção da oposição entre classes. Dessa forma, ela estabelece uma barreira no convívio entre grupos diferentes e elimina a dinamicidade que deveria existir no lugar.

Pois é na cidade que as desigualdades resultantes da segregação e exclusão social se expandem, impulsionadas pela dinâmica da produção capitalista, que por muitos momentos minimiza e ignora esses contrastes sociais. São pautadas em discursos ideológicos e dominadores, que guardam e desconsideram a existência de outras histórias e narrativas dos lugares e das pessoas. A validação desses outros contextos, que também iniciaram com a estruturação dos espaços da cidade, é fundamental para a construção de uma vida social mais igualitária e coletiva. As populações que habitam esses espaços, suas histórias e memórias, são tão importantes quanto quaisquer outros dados que possam estar presentes ali.

Isso é relevante porque as narrativas populares de uma comunidade comportam histórias do passado e do presente que podem corroborar com o desafio de uma cidade mais justa. No mundo contemporâneo, representar e revelar espaços que remetem à memória e ao sentimento de pertencimento pode contribuir com o

desenvolvimento dos lugares vividos. O dinamismo da contemporaneidade é resultado de todo um processo histórico, mas cada sujeito é detentor de suas próprias imagens, e estas nem sempre estarão atreladas ao que lhe é imposto.

A vida cotidiana é marcada por simbolismos e constantes transformações que, muitas vezes, ultrapassam o sentido do que os olhos e os ouvidos podem perceber. Essas mudanças trazem consigo outras perspectivas que são fundamentais para enfrentar o desafio de compreender de forma mais abrangente o fenômeno de segregação e exclusão, assim como as suas dinâmicas. Essa compreensão se faz necessária para lidar com essas questões de maneira mais eficaz.

Sendo assim, para o levantamento dos dados da pesquisa, foram utilizados diferentes métodos, a pesquisa de campo foi realizada por meio de 18 entrevistas semiestruturadas, nas quais os entrevistados tiveram liberdade para compartilhar seus relatos, com o foco direcionado aos aspectos específicos do estudo. O processo das entrevistas envolveu diversas etapas, iniciando com a elaboração das perguntas, a seleção do público-alvo, a obtenção de aprovação junto ao comitê de ética e, por fim, a ida a campo. A técnica utilizada para se aproximar das pessoas foi a da deriva, optou-se por percorrer aleatoriamente o bairro Jardim Goiás, abordando as pessoas encontradas ao longo do percurso e convidando-as a participar das entrevistas.

A psicogeografia também foi utilizada como metodologia de pesquisa, conforme descrito por Debord (1955). Essa abordagem tem como objetivo analisar os efeitos dos espaços geográficos sobre o comportamento e as emoções das pessoas. No estudo, a psicogeografia foi empregada como método de análise das respostas dos entrevistados. Inicialmente, planejava-se entrevistar moradores, comerciantes e frequentadores das áreas selecionadas para o recorte da pesquisa. No entanto, durante a realização do trabalho de campo, a maioria das entrevistas foram conduzidas com moradores, trabalhadores locais e passantes, pois eram os públicos mais presentes na região. Infelizmente, não foi possível entrevistar os comerciantes, pois além de serem mais inacessíveis, não houve coincidência em encontrá-los disponíveis durante os percursos.

As perguntas formuladas tiveram como foco a temática da centralidade e da periferia. O objetivo foi compreender como as populações daqueles lugares percebiam os espaços, quais são suas memórias e histórias relacionadas a eles, de que forma as constantes mudanças, afetaram ou afetam suas vidas, o senso de pertencimento que possuem e como se sentiam ocupando lugares dentro do bairro, que, por algum

motivo, estão fora de sua realidade social e econômica. A intenção era obter as percepções sobre as experiências pessoais dos entrevistados em relação aos espaços urbanos e as dinâmicas que os envolvem.

Nesse mesmo sentido, foram elaboradas cartografias contra-hegemônicas⁶ com o objetivo de representar espaços até então desconhecidos, memórias e histórias das populações, além de mostrar outras perspectivas da centralidade abordada na pesquisa. Essas cartografias foram aprimoradas em conjunto com as demais metodologias utilizadas, buscando destacar as narrativas populares que também influenciam na estrutura desses lugares. Através dessas representações alternativas, foi possível ampliar o olhar sobre essas localidades, considerando diferentes experiências e valorizando a diversidade de vivências presentes na cidade.

Frente a essas questões, foi estabelecido um recorte temporal específico para o levantamento e análise dos fatos e dados, abrangendo o período de 2002 até os dias atuais. Essa escolha se baseia no fato de que a partir de 2002 o Jardim Goiás começou a experimentar mudanças significativas em suas paisagens, estrutura física e social. Durante esse intervalo de tempo, ocorreram intensas transformações que impactaram a vida da comunidade local. O objetivo desse recorte é obter uma melhor organização das informações e compreender de forma mais precisa as dinâmicas e processos que ocorreram ao longo desse período.

A pesquisa está dividida em três capítulos. O primeiro capítulo aborda a parte conceitual, as metodologias utilizadas, as abordagens de orientação, a apresentação do objeto de estudo e os registros do recorte onde foram aplicadas as entrevistas e realizados os levantamentos fotográficos. O segundo capítulo tem como objetivo apresentar o contexto das entrevistas realizadas na região de estudo, além de explorar outras narrativas existentes. Nesse sentido, são expostas histórias e memórias de diferentes populações que colaboram para a construção da imagem desse lugar, permitindo identificar a presença de três periferias internas dentro dessa

⁶ Entende-se cartografias contra-hegemônicas como sendo representações alternativas dos espaços urbanos que buscam desafiar e questionar as narrativas dominantes e hegemônicas. Ao contrário das cartografias convencionais, que muitas vezes refletem apenas uma visão oficial e padronizada, as cartografias contra-hegemônicas procuram evidenciar as histórias, memórias e experiências das comunidades marginalizadas e invisibilizadas. Elas buscam revelar as vozes e perspectivas subalternas, mapeando não apenas as estruturas físicas dos lugares, mas também as relações de poder, as desigualdades sociais e as resistências presentes nos territórios.

centralidade. Essa estrutura de capítulos busca fornecer uma compreensão mais aprofundada da pesquisa, fornecendo embasamento teórico, contexto e comprovação empírica para a análise e discussão dos resultados.

O terceiro capítulo consisti na apresentação das cartografias elaboradas a partir das técnicas etnográficas, revelando as periferias internas identificadas no bairro Jardim Goiás. Essas cartografias forneceram uma visualização mais detalhada e compreensiva das dinâmicas espaciais presentes no local. Além disso, o capítulo encerra com a discussão dos resultados obtidos, retiradas a partir das análises deste estudo. Dessa forma, temos a síntese deste trabalho que buscou, entre outros objetivos, fugir das abordagens tradicionais que apenas observam as cidades sem se deixar tocar por elas.

CAPÍTULO I

PARADOXOS DAS CENTRALIDADES E PERIFERIAS PRESENTES NA METRÓPOLE DE GOIÂNIA: UM OUTRO OLHAR

A condição de centralidade resulta não só da funcionalidade que marca um espaço concreto da cidade, mas também da imagem, do bem-estar e do prazer visual, sustentada na qualidade da arquitetura, do espaço público e da paisagem

(BARRETO, 2010, p.38)

A relação entre centralidade e periferia torna-se uma questão relevante ao analisarmos a morfologia urbana da cidade. Ao longo dos anos, as alterações espaciais desenvolvidas por diferentes atores resultam em uma descontinuidade no território. Nessa descontinuidade, observa-se uma dinâmica contraditória, na qual certas áreas e populações passam a ganhar mais destaque em detrimento de outras, promovendo a concentração de bens e serviços, com o objetivo de favorecer áreas privilegiadas da cidade.

Sendo assim, o capítulo que se inicia traz debates sobre os conceitos relacionados aos termos centro, centralidade e periferia. São observados os estudos que tratam dessas questões e como esses fenômenos e dinâmicas são percebidos no contexto da metrópole de Goiânia. São apontadas as fragilidades presentes nas considerações desses estudos e de que maneira eles podem influenciar na produção de espaços valorizados e segregados da cidade.

O objetivo, nesse primeiro momento, foi explorar um outro olhar para as questões que envolvem as outras faces das centralidades e suas periferias. Buscou-se compreender o que essas questões escondem, suas dinâmicas, distinguindo o que é concreto daquilo que é construído no imaginário das pessoas, muitas vezes influenciado pela disseminação das mídias e espetacularização dos espaços urbanos e da vida em sociedade. Além disso, buscou-se entender como a periferia é concebida nesses contextos, considerando que pouco ou quase nada é dito sobre esse tema quando se trata de centralidades.

1.1 Aproximando do objeto: Centralidades e periferias no contexto de Goiânia

A partir deste momento, apresenta-se uma breve análise dos estudos e informações disponíveis sobre centralidades e periferias no contexto de Goiânia. Uma cidade caracterizada por ter um tecido urbano fragmentado e disperso, marcada também por fortes desigualdades sociais, especialmente no âmbito metropolitano. O entendimento e a análise desses termos nos conduziram ao nosso objeto de estudo, que é a centralidade do bairro Jardim Goiás.

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021), Goiânia, capital do estado de Goiás, localizada na região Centro-Oeste do Brasil, possui atualmente cerca de 1.555.626 habitantes. Vale ressaltar que, em seu plano original elaborado por Attilio Corrêa Lima de 1933 a 1935, o projeto anterior previa uma média de 50.000 habitantes (DAHER, 2013). O rápido crescimento populacional e o intenso processo de expansão resultaram em grandes conflitos que se refletem até os dias atuais. Essas transformações impactaram a morfologia urbana da cidade, afetando diretamente as questões de centralidade e periferia que estamos explorando neste estudo.

Acredita-se que os paradoxos da relação entre centro e periferia, e posteriormente das centralidades, surgiram desde a concepção da cidade. Isso envolve a definição de como e por quem os espaços seriam ocupados. Segundo Daher (2013), após a implantação dos projetos para Goiânia, houve um aumento significativo na demanda por áreas residenciais, o que resultou em uma valorização dos terrenos urbanos e transformou a especulação imobiliária em uma das atividades mais lucrativas da cidade (DAHER, 2013, p.211). Esses fatores têm impacto direto nos conflitos entre centralidades e periferias, influenciando na dinâmica urbana e nas desigualdades sociais existentes.

Passadas algumas décadas, as questões relacionadas à moradia, uso do solo e expansão urbana se intensificaram, como bem coloca Amaral e Amaral (2018).

A década de 90 observou um paradoxo: o incremento de um planejamento compreensivo no núcleo central, somado à uma maior dinâmica populacional nas bordas, reinventando a produção do espaço segregado. A partir do ano 2000, esse paradoxo implode sobre a cidade, intensificando-se o crescimento desigual e as formas de segregação, principalmente com a expansão dos condomínios fechados e a intensificação das diferenças através de parcerias público privadas (AMARAL, AMARAL, 2018, p.7-8).

Goiânia, mesmo sendo uma cidade relativamente jovem, enfrenta problemas semelhantes aos das metrópoles projetadas há muito mais tempo. Durante seu processo de implantação, teve a experiência das chácaras e das pequenas vilas, além de invasões em diversas áreas. Após vários conflitos, algumas dessas áreas foram regularizadas, como é o caso da Vila Operária, localizada ao norte de Campinas (DAHER, 2013). Esses episódios evidenciam a complexidade do desenvolvimento urbano de Goiânia e a necessidade de compreender as dinâmicas entre centralidades e periferias para enfrentar os desafios relacionados ao crescimento desigual e à segregação socioespacial na cidade.

Portanto, compreendemos que a fragmentação existente no tecido urbano de Goiânia é fruto de um processo que se estendeu por várias décadas. Assim como em outras cidades, as áreas consideradas periféricas pelos critérios técnicos também tendem a estar localizadas em regiões mais afastadas, desprovidas de infraestrutura básica e frequentemente caracterizadas pela pobreza, abrigando predominantemente pobres de baixa renda. Essa realidade evidencia a necessidade de uma abordagem abrangente para enfrentar as desigualdades sociais e espaciais presentes na cidade, buscando promover a integração e o desenvolvimento equitativo de todas as áreas, tanto centrais quanto periféricas

De acordo com Pereira (2012), em sua publicação intitulada "Cidade Desigual", o autor destaca que a região Noroeste de Goiânia concentra a maioria da população de baixa renda, sendo reconhecida por abrigar diversas periferias. No entanto, as novas concepções de periferia não se limitam apenas à questão da distância geográfica, formação espacial e pobreza. Essas perspectivas contemporâneas englobam uma compreensão mais ampla, considerando fatores como segregação socioespacial, acesso precário a serviços básicos e carenciados, que podem ocorrer tanto em áreas centrais quanto em regiões periféricas da cidade.

Frente a estas questões apontadas, Lefebvre (1983) coloca que, a cidade em si não é capaz de criar algo por si só, mas tem a capacidade de centralizar as criações e tornar-se o ponto de convergência das atividades humanas. Nesse sentido, a centralidade desempenha um papel fundamental no contexto urbano, pois representa a essência desse fenômeno complexo, promovendo a interação, as trocas e as relações entre as pessoas. No entanto, é importante destacar que a centralidade também pode fomentar a desigualdade e exclusão social, uma vez que nem todos têm acesso igualitário aos recursos e oportunidades disponíveis nesses espaços.

A posição de centros e subcentros nas cidades está intrinsecamente ligada à lógica capitalista, que manipula as periferias urbanas e distribui de maneira desigual o valor e a importância das áreas centrais. Essa distribuição desigual serve aos interesses de acumulação de capital e ao atendimento das classes sociais mais privilegiadas, o que muitas vezes resulta num processo de descentralização urbana. Essa dinâmica é bem enfatizada por Villaça (2001), que aponta para as mudanças decorrentes desse processo e suas consequências, incluindo a fragmentação social e as profundas desigualdades que se estabelecem nas cidades. O autor ressalta que:

A década de 1960 marcou, em todas as nossas metrópoles e mesmo em cidades médias, o início do desenvolvimento de grandes “sub-regiões” de comércio e serviço voltados para as camadas de alta renda; para essas sub-regiões transferiram-se lojas, consultórios, cinemas, restaurantes, bancos, profissionais liberais, estabelecimentos de diversão etc. Que atendiam àquelas camadas e que se localizavam no centro principal. Tais Sub-regiões passaram a ser conhecidas como “Centro Novo” (VILLAÇA, 2001, p.277).

Ainda de acordo com Villaça (2001), a década de 1970 foi marcada pela consolidação dos novos centros, não apenas nas grandes metrópoles, mas também em cidades de médio porte. Em Goiânia, conforme apontado por Abreu (2019), o processo de esvaziamento do Setor Central teve início na década de 1980, e uma das principais razões para isso foi a configuração de outras áreas centrais:

Com o esvaziamento do Centro, surgem novas centralidades, a especulação das empresas construtoras e responsáveis pela venda de imóveis cresce, e o forte apelo de propaganda de novos empreendimentos com diferenciais, atrai o interesse da população por estes espaços com novos atrativos. Esse era o novo local de ver e de ser visto. Assim sendo recriava-se, de certo modo, a mesma prática de local amplamente visado como local de encontro da população, que ocorria anteriormente na Praça Cívica, Avenida Goiás e Avenida Anhanguera. Além disto, na região Sul da cidade, outra importante opção de lazer privado contribuiu para o esvaziamento das áreas centrais (ABREU, 2019, p.40).

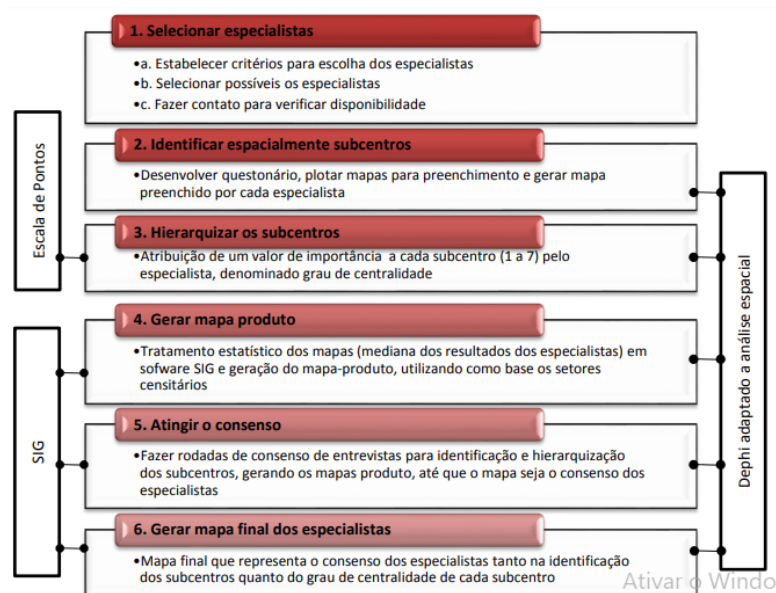
A criação de novos bairros e o processo de expansão da cidade, desempenham um papel crucial na transformação do uso e das dinâmicas de habitabilidade do centro principal. Isso ocorre porque, à medida que a cidade se expande, surgem novos espaços, o que resulta em diferentes configurações sociais. Essas mudanças impulsionaram a formação de outras centralidades urbanas, que se tornam pontos de referência e atividades em áreas além do centro tradicional.

Em Goiânia, assim como ocorreu em outras cidades que experimentaram um rápido crescimento populacional, foi observado o desenvolvimento de centralidades em diferentes partes da cidade, que se tornaram referências para consumo e serviços.

Esse fenômeno é denominado multicentralidade, de acordo com a definição de Sposito (2013). A multicentralidade se refere a áreas urbanas que concentram uma variedade de serviços e comércios, relativizando a importância do "centro principal". Nesses espaços, é possível encontrar uma diversidade de atividades e facilidades.

No contexto específico das centralidades em Goiânia, já estão sendo conduzidos estudos que possibilitam a identificação dessas características urbanas, os quais, apesar de importantes, não abordam profundamente as questões sociais existentes nesses lugares. Um exemplo notável é a metodologia proposta por Kneib (2008), apresentada na Figura (04). Esse método é composto por sete etapas bem determinadas, as quais fornecem orientações sobre como realizar cada fase do estudo. Através dessa abordagem metodológica, é possível analisar e compreender melhor a distribuição das centralidades na cidade, identificando os locais que desempenham papéis-chave no fornecimento de serviços, comércio e atividades.

Figura (04) - Esquema ilustrativo para Identificação espacial de centralidades



Fonte: Kneib, 2014 adaptado por Mendonça, 2016.

A metodologia proposta por Kneib (2014), conhecida como método dos especialistas, apresenta a identificação das centralidades no município de Goiânia. Em seu estudo, foram identificadas 10 centralidades classificadas de acordo com diferentes graus de importância na cidade. As centralidades identificadas, são as seguintes: Setor Central (Centro histórico), Setor Leste Universitário / Terminal Praça da Bíblia, Setor Campinas / Terminal do Dergo, Setor Bueno (Parque Vaca Brava), Setor Marista, Parque Amazônia / Buriti Shopping / Terminal Cruzeiro, Setor Bela Vista

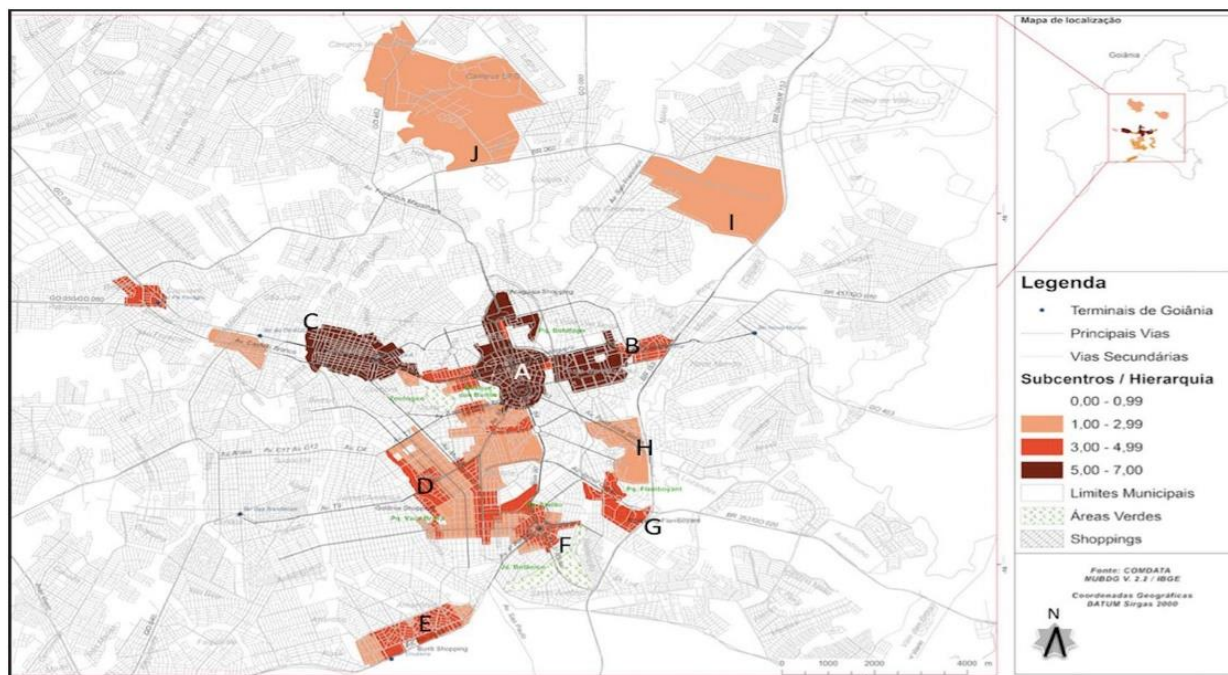
(Parque Areião), Shopping Flamboyant (Jardim Goiás), Jardim Goiás (Parque Flamboyant), Aeroporto Santa Genoveva e Campus UFG (Retiro do Bosque).

Posteriormente, um novo estudo é realizado com base nos dados apresentados anteriormente. A pesquisa, intitulada "Centralidades Urbanas e sistemas de transporte público em Goiânia, Goiás", também foi conduzida por Erika Cristine Kneib e publicada em 2016. Esse estudo traz atualizações importantes sobre as centralidades de Goiânia, utilizando o método desenvolvido pela autora e aprimorado por Paulo César Marques da Silva. A pesquisa consiste no levantamento das centralidades existentes nas diferentes regiões de Goiânia. Segundo Kneib (2016):

Apenas a título de exemplo, em uma visão mais geral que procura somente ressaltar características de localização dos subcentros no território, destaca-se: o Centro Tradicional da Cidade (A) ainda é sua principal centralidade, apesar de um processo de degradação de atividades, de ambientes, perda de acessibilidade e saturação viária; existe uma forte centralidade linear no sentido Leste-Oeste (B e C), passando pelo Centro Tradicional (A); o Centro Tradicional conecta-se a outras centralidades na região sudoeste (D) e sul (F); observa-se uma forte centralidade ao sul, de forma linear, desconectada das demais, nos limites com o município vizinho (Aparecida de Goiânia) (E); existem dois subcentros na região sudeste, um com forte grau (G) e o outro ainda em ascensão (H); existem duas centralidades potenciais na região norte da cidade, de certa forma ainda isoladas do núcleo pioneiro (I e J) (KNEIB, 2016, p.312).

A figura (05), apresentada abaixo, faz parte da pesquisa desenvolvida por Kneib, que analisa os pontos de centralidade identificados pelo meio do método aplicado. Essa figura ilustra visualmente os locais que foram identificados como centralidades no estudo, complementando as informações apontadas anteriores sobre a pesquisa de Kneib e sua contribuição para a compreensão das centralidades em Goiânia.

Figura (05) – Centralidades em Goiânia: aplicação do método dos especialistas



Fonte: Kneib (2016)

Com base nos dados apresentados pela autora, entende-se que Goiânia configura-se como uma cidade com múltiplas centralidades, e a dinâmica de criação desses novos centros não para. A cidade continua em constante transformação e expansão. As questões levantadas até aqui são fundamentais para a compreensão da relação entre centralidades e periferias, especialmente considerando que esses pontos são amplamente difundidos nas cidades contemporâneas, acompanhados por múltiplos sentidos e significados. Essa análise nos permite compreender melhor a complexidade do espaço urbano e a forma como as centralidades se desenvolvem e se interrelacionam com outras áreas da cidade. Mas não abordam as dinâmicas periféricas também presentes nesses espaços.

Conforme Soares (2016), há vários métodos disponíveis nos processos de identificação das centralidades em uma cidade. A identificação das centralidades envolve a observação de características morfológicas, contrastes socioespaciais, uso do solo, densidade demográfica, oferta de emprego, demanda de viagens, transporte público, entre outros aspectos. Esses elementos desempenham um papel importante na análise das centralidades urbanas. No entanto, concentrar-se apenas nesses critérios não é suficiente; eles representam os primeiros passos para uma compreensão mais aprofundada da dinâmica e configuração espacial.

Ao buscar informações sobre centralidades, seja em Goiânia ou em qualquer outro município, somos automaticamente direcionados a estudos técnicos que nos fornecem análises, considerações, relatórios e imagens focadas na representação das centralidades como espaços multifuncionais e independentes do restante da cidade.

Nesse sentido, há um outro estudo relevante que reforça as questões levantadas e está direcionado à análise das centralidades em Goiânia, com abordagem especial no Bairro Jardim Goiás. Esse estudo foi realizado pelo pesquisador Gustavo Henrique Luz de Abreu, por meio de sua dissertação de mestrado intitulada "Centralidades Urbanas em Goiânia: O caso Jardim Goiás". Nessa pesquisa, foram identificadas contribuições importantes. O autor destaca que:

As centralidades podem ser criadas de forma planejada, através de projetos executados pelo poder privado e aprovados pelo poder público, ou surgirem de acordo com as necessidades daquela região, a população busca o produto e serviço, e os comerciantes e prestadores de serviço passam a oferecer estes, nestas regiões. Goiânia possui diversas centralidades em sua região metropolitana. A centralidade aqui estudada é o Bairro Jardim Goiás, criado na década de 1950, com adensamento e verticalização somente a partir do final da década de 1990. Tornando-se uma importante centralidade na capital, o bairro conta com diversos serviços, lojas, restaurantes, bares, empórios, supermercados, farmácias, concessionárias, entre outros serviços e produtos ofertados à população do bairro e do entorno. O Shopping Flamboyant exerce forte influência de consumo capitalista na cidade. Outro item de importante valorização do espaço, é o Parque Municipal Flamboyant – Lourival Louza, criado no início do século XXI, atraindo investidores do mercado imobiliário, com lançamentos de empreendimentos para classe média alta e alta (ABREU, 2019, p.7).

Em seus levantamentos, o pesquisador Abreu (2019) buscou compreender os processos de formação e desenvolvimento das centralidades, utilizando o Bairro Jardim Goiás como exemplo para seus estudos. O principal objetivo da pesquisa foi analisar o intenso adensamento e verticalização desse bairro em comparação com a região central da cidade. Vale ressaltar que a intenção não era analisar todas as centralidades já definidas na cidade, mas sim comparar um bairro planejado, como é o caso do centro tradicional, com o Jardim Goiás, um bairro cujo crescimento foi amplamente influenciado pela especulação imobiliária.

Diante disso, é fundamental ressaltar a importância de estudar as diferentes perspectivas das centralidades e periferias internas, como abordadas no título desta pesquisa, uma vez que geralmente são negligenciadas nos estudos atuais. A exposição de fatos e informações nos parágrafos anteriores sobre centralidades e periferias se tornou necessária, pois estamos lidando com temas complexos que normalmente são tratados em um contexto mais técnico e funcionalista. Dessa forma,

seria imprudente seguir diretamente para a nova abordagem pretendida sem situar o leitor sobre o ponto de partida.

Pois, a intenção não é invalidar as definições e estudos já realizados, nem investigar apenas de forma técnica o estado atual das coisas. O objetivo é compreender os processos sociais vivenciados pelas comunidades que passam por essas transformações, considerando as diferentes maneiras de enxergar, experimentar e sentir os espaços urbanos, expressos por meio das narrativas populares. Silva (2008) apresenta uma colocação relevante acerca das possibilidades de perceber a cidade:

Entendemos que a cidade deve ser considerada como algo que está para além do entorno, apresentando-se como ambiente semiótico que engloba as relações de troca e comunicação que se dão, não apenas no espaço, mas também no tempo; não apenas no espaço e no tempo, mas também no corpo e nas vivências (SILVA, 2008, p.14).

Quem dá vida aos espaços urbanos são as suas populações, e essas mesmas populações são feitas de memórias, histórias e símbolos que também precisam ser considerados na composição, identificação e localização das espacialidades. Como bem colocado pelo autor no trecho acima, é preciso considerar a cidade para além do seu entorno. "Mais do que espaços, ou seja, extensão de superfície, eles são territórios, porque apropriados pelo social" (PASAVENTO, 2007, p.3)

1.1.1 Região sul de Goiânia, ocupações e expansões não previstas

Para dar continuidade aos levantamentos da pesquisa, é importante apresentar algumas questões relacionadas ao processo de ocupação e expansão da Região Sul de Goiânia. Essas questões têm relação direta com a valorização do solo, a concentração de pessoas de alto poder aquisitivo e a falta de visibilidade das áreas periféricas, que muitas vezes são esquecidas. Tais questões são resultantes das invasões ocorridas durante o processo de ocupação da região.

De acordo com o MUBDG (2012), a Região Sul ⁷ de Goiânia é composta atualmente por cerca de 26 bairros e setores. A valorização observada na maioria

⁷ Bairros e setores da Região Sul: Alto da Glória, Areião, Setor Bela Vista, Setor Bueno, Jardim América, Jardim das Esmeraldas, Jardim Goiás, Jardim Santo Antônio, Jardim Vitória, Setor Marista, Nova Suíça, Setor Oeste, Parque Amazônia, Setor Pedro Ludovico, Serrinha, Setor dos Afonsos, Vila Americano do Brasil, Vila Divino Pai Eterno, Vila Maria Isabel, Vila Maria José, Vila Redenção, Vila Santa Efigênia, Vila São João, Vila São Tomaz, Vila Teófilo Neto e Jardim Goiás-Área I.

desses bairros, como aponta Marinho (2006), está relacionada à significativa expansão das camadas populacionais de alto poder aquisitivo a partir de 1985. Daher (2003), acrescenta que o aumento na demanda por moradia na metrópole de Goiânia durante seu período de expansão resultou no aumento dos preços dos terrenos urbanos, contribuindo com a criação de regiões com maior prestígio social e econômico em relação a outras. Nesse sentido, Daher explica que:

Os bairros de melhor qualidade de urbanização foram os mais valorizados e ocupados pela classe de maior poder aquisitivo, isto é, a qualidade de urbanização de cada loteamento é que definiria o seu valor no mercado de imóveis, que por sua vez, determinariam a classe social que ocuparia cada um desses loteamentos. Os aspectos que influenciariam no valor do imóvel seriam: os equipamentos urbanos, proximidade com a área do plano-diretor de Goiânia, origem social e cultural da população, topografia do terreno e beleza natural local (DAHER, 2003, p. 259).

O lado Sul de Goiânia, devido às suas características morfológicas, geográficas e territoriais, foi inicialmente direcionado para a população de melhores condições financeiras. No entanto, como ocorreram em outras regiões da metrópole, os bairros da Região Sul também foram invadidos por populações de baixo poder aquisitivo. Com o passar dos anos e o avanço do desenvolvimento da cidade, as áreas anteriormente invadidas foram gradualmente adquiridas por classes mais privilegiadas. As pessoas que ocupavam esses espaços foram expulsas para localidades mais distantes e carentes.

As ocupações nas áreas da Região Sul tiveram início no leito do Córrego Botafogo, no Córrego Areião, que anteriormente se chamava Macambira, e em parte da área onde seria implantado o Setor Pedro Ludovico, conforme mencionado por Gonçalves (2003). Daher (2003) destaca que diversas áreas públicas foram invadidas, e embora algumas tenham sido legalizadas, outras resultaram na expulsão dos invasores, porém nenhuma delas teve "expulsão total de seus moradores pelo poder público" (Daher, 2003, p.262).

De acordo com Pantaleão, Vilarinho e Martins (2020), na década de 1960, iniciativas da política nacional e estadual, como o projeto de criação do Banco Nacional de Habitação (BNH) e da Cooperativa Habitacional Brasileira (COHAB), alcançaram um papel significativo no processo de expansão da metrópole, direcionando-o principalmente para a região sul (PANTALEÃO, VILARINHO, MARTINS, 2020, p. 10). Essas medidas contribuíram consideravelmente para o

aumento da urbanização e o crescimento territorial da cidade, impulsionando o desenvolvimento de novos bairros e setores habitacionais na região.

Daher (2003, p. 241) destaca que as invasões constantes em áreas públicas e particulares se tornaram um dos "maiores desafios da administração pública". Diante do intenso fluxo migratório e buscando controlar a expansão desordenada da metrópole, o Estado encontrou na criação de conjuntos habitacionais financiados pelo Banco Nacional de Habitação (BNH) uma oportunidade para continuar o crescimento da cidade de forma constante. Nesse sentido, Pantaleão, Vilarinho e Martins afirmam que:

Na Região Sul, limítrofe ao Setor Pedro Ludovico, foi implantado o primeiro conjunto habitacional, financiado pelo BNH, em 1968, fora do perímetro urbano à época: a Vila Redenção. Esse bairro auxiliou no crescimento da cidade, pois ao induzir a implantação de eixos viários, deflagrou um "estoque de terras" de grande valorização fundiária (PANTALEÃO, VILARINHO, MARTINS, 2020, p.11).

A partir da análise dos fatos apresentados, é evidente que a Região Sul, desde sua criação, exerce uma influência significativa sobre o restante da cidade. A região passou por um processo complexo de implantação e expansão, mas com foco principalmente nas necessidades das classes de maior poder aquisitivo. Isso resultou na manifestação de traços de segregação, que são o reflexo concreto das desigualdades de classe.

Nesse sentido, é possível observar que, embora tenha desempenhado um papel significativo no processo de formação, história e desenvolvimento das áreas da região Sul, as populações e as zonas periféricas que resistiram ao crescente processo de valorização e ascensão social vivem em uma condição de subordinação nestes espaços. Suas vozes não são ouvidas, suas histórias e necessidades são ignoradas em meio a um movimento intenso que busca promover ainda mais prestígio e notoriedade para esses lugares privilegiados.

As leis e normas que regem o município de Goiânia não atentam, de fato, para as populações e áreas mais periféricas existentes. Seus apontamentos estão direcionados quase que exclusivamente para a morfologia urbana, expansão e crescimento populacional. Não que essas questões não sejam importantes para o entendimento e leitura da cidade, mas é necessário ter um olhar sensível às zonas e lugares e periféricos, levando em consideração suas vivências, histórias, memórias e necessidades.

1.2 Paradoxos na abordagem das centralidades e periferias

As discussões relacionadas a centro, centralidades e às periferias estão atreladas ao caráter desigual do desenvolvimento histórico capitalista, que reflete diretamente na distribuição e ocupação dos espaços urbanos. A alta crescente de demanda por habitação, em âmbito regional e metropolitano, influenciam o aumento da procura por novas áreas destinadas à moradia, indústrias e comércios, gerando fragmentação do tecido urbano e influenciando as relações sociais em todos os seus aspectos.

O crescimento da cidade, como destacado por Tessari (2013), leva ao desenvolvimento de centralidades nos bairros, que se tornam pontos com grande potencial de valorização. Esse processo resulta em um crescimento urbano disperso, segregado, que tem como uma das suas principais características, a periferização dos menos favorecidos socialmente. Podemos observar, portanto, que o interesse por essa divisão social nas cidades e em suas áreas urbanas está relacionado à busca pelo acúmulo de capital. A formação de centralidades nos bairros, traz consigo a possibilidade de valorização, porém também pode intensificar a segregação e a desigualdade.

Sendo assim, para uma melhor compreensão dos direcionamentos e antes de dar continuidade ao desenvolvimento das questões, é importante apresentar os termos centro, centralidade e periferia. Esses conceitos foram frequentemente utilizados neste contexto, relacionando-os à cidade e ao meio urbano, e posteriormente na contextualização da proposta de pesquisa. É válido ressaltar que as definições abordadas não esgotaram os sentidos atribuídos aos termos, mas ofereceram contribuições relevantes para as questões levantadas.

Com base nos pressupostos anteriores, vamos começar abordando as definições de centro e centralidade, que estão relacionadas a um tema que pode ser explorado de várias perspectivas. No entanto, neste momento inicial, nos concentramos nos conceitos e discussões realizadas no campo da Geografia, com ênfase na noção de produção do espaço. Bezerra e Cavalcante destacam que:

O centro remete ao espaço construído e, portanto, à estrutura espacial urbana; a centralidade, por sua vez, envolve as relações socioespaciais que atuam na constituição do centro, está associada ao processo de estruturação e de reestruturação, de mudanças constantes na estrutura. A centralidade pode ser redefinida na constituição de outras formas espaciais, em novas áreas de centralidade urbana (BEZERRA, CAVALCANTE, 2009, p. 221).

Entende-se que existe uma relação direta entre os termos centro e centralidade, sendo que um não pode ser considerado isolado do outro. Conforme Spósito (2001) explica, o centro é identificado pela sua localização no território, e suas redefinições ocorrem ao longo de médio e longo prazo. Por outro lado, a centralidade é constantemente redefinida em uma escala de curto prazo, acompanhando o fluxo do mercado, das informações, das ideias e das pessoas.

Nesse contexto, é relevante mencionar a contribuição de Walter Christaller (1893-1969), um renomado geógrafo alemão que, em 1933, apresentou uma teoria sobre o centro e as centralidades, mundialmente conhecida como a teoria dos lugares centrais. Segundo Alves (2011), as propostas desenvolvidas pelo geógrafo revelavam um modelo de rede espacial que enfatizava o papel do espaço urbano e seu funcionamento. Christaller (1933) concebia o espaço geográfico como um sistema hierarquizado. Essa teoria tem uma relação direta com as definições anteriores de centro e centralidade, seguramente para uma compreensão mais ampla das dinâmicas urbanas.

A teoria de Christaller (1933) nos traz uma compreensão fundamental sobre a forma como a população se organiza espacialmente, seguindo uma linha de importância e dinamismo influenciado pelas atividades metabólicas. O comércio e a indústria exercem um papel crucial nessa organização espacial. A partir dessas observações, Christaller (1966) desenvolve o conceito de lugar central, que representa os pontos do espaço onde os agentes econômicos buscam estabelecer e desenvolver suas atividades partindo de limites geométricos.

De acordo com o autor Christaller (1966), os lugares classificados como centrais seriam aqueles que, em uma escala hierárquica, são capazes de oferecer os mais altos níveis de bens e serviços específicos. Os conceitos incluídos por Christaller nos direcionam para a ideia de um sistema de cidades, no qual a localização dessas cidades depende principalmente da quantidade e variedade de bens e serviços centrais oferecidos. É esse fator que determina o grau de centralidade de cada lugar. Em outras palavras, quanto mais variedade e quantidade de bens e serviços um lugar central oferecer, maior será seu nível de centralidade dentro do sistema de cidades.

Na figura (06), temos a representação da hierarquia dos lugares centrais idealizada pelo autor. Essa imagem foi produzida por Alves e Maia (2009), os quais também incorporaram os conceitos de Christaller em seus estudos.

compartilhem características semelhantes, elas não possuem as mesmas conexões de identidade e diversidade de atividades que historicamente os centros tradicionais representam e que os diferenciam dos demais. Por fim, Villaça aponta que:

Os centros não são centros porque neles se localizam os palácios, as catedrais ou os bancos. Vimos que o oposto também não é verdadeiro. Não é verdade que os palácios, catedrais ou bancos se localizam nos centros porque eles são centros. É porque eles são centro? Fica o ciclo vicioso. Qual a origem ou a fonte da centralidade? Está na possibilidade de minimizarem o tempo gasto e os desgastes e os custos associados aos deslocamentos espaciais dos seres humanos (VILLAÇA, 2001, p. 242).

Ao analisar as considerações de Villaça, fica evidente que suas observações sobre os centros e centralidades estão voltadas para uma abordagem mais aberta e positivista do tema. Segundo Villaça (2001), as cidades têm enfrentado um crescimento disperso e desigual, levando à exclusão e segregação não apenas social, mas principalmente territorial. Essa problemática relacionada à desigualdade territorial é um tema recorrente na discussão sobre urbanização e planejamento urbano. A expansão das cidades, com o desenvolvimento de novas centralidades e a falta de integração entre elas, contribui para a perpetuação das disparidades socioespaciais porque tendem a beneficiar uma parte da sociedade em detrimento de outras.

Por meio dessas questões, constatou-se também que muito mais do que a possibilidade de minimizar os gastos e os desgastes associados aos deslocamentos, a origem das centralidades está associada ao capital imobiliário, que vê na fragmentação do território a oportunidade de investir em áreas remotas e desvalorizadas e, posteriormente, obtenha grandes lucros. Essa constatação revela uma dinâmica na qual o desenvolvimento de centralidades não ocorre apenas de forma natural ou espontânea, mas é impulsionada por interesses econômicos. O capital imobiliário busca identificar áreas com potencial de valorização e investir nelas, promovendo a criação de novos centros urbanos.

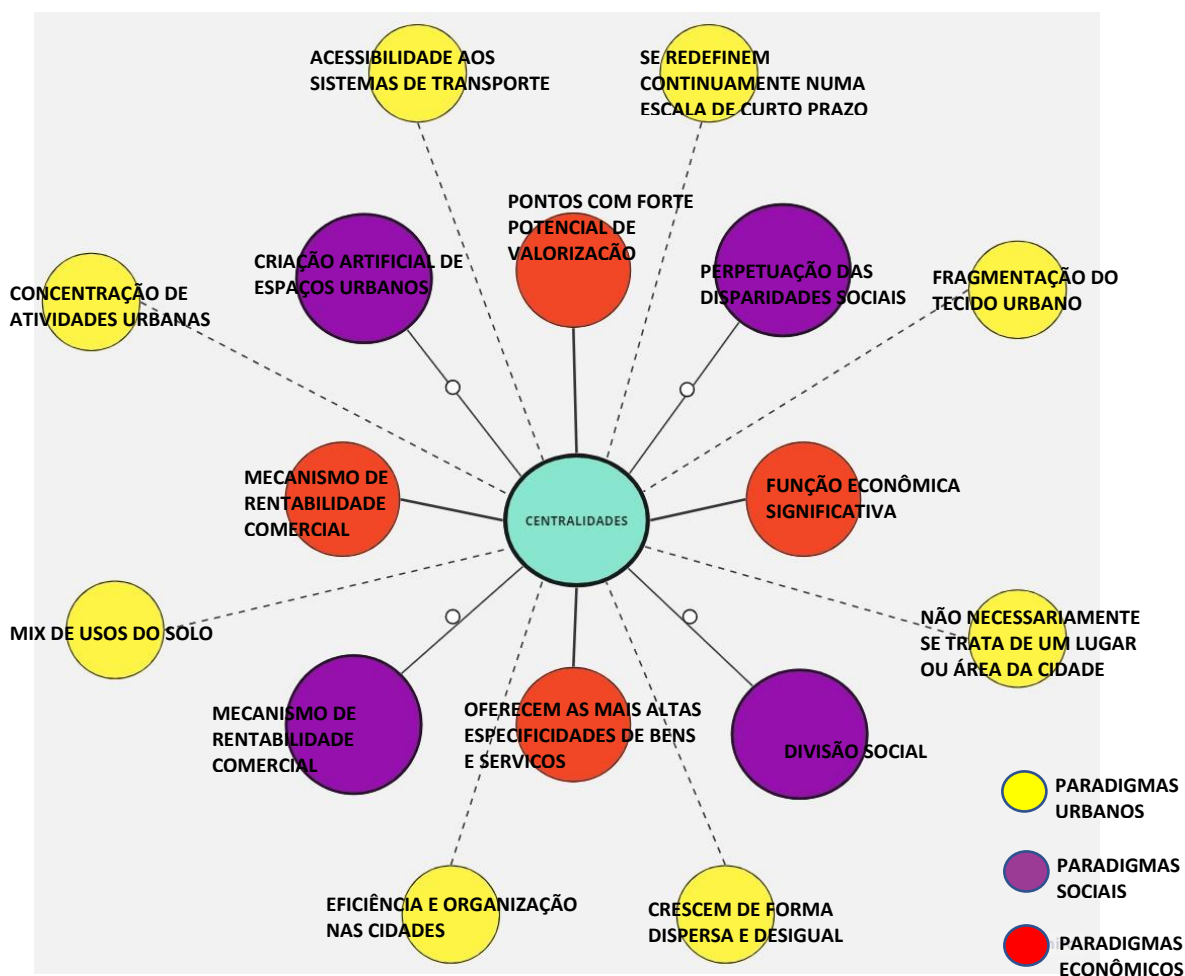
Assim, as áreas das centralidades ficam marcadas por não serem contínuas, mas sim dispersas. Podemos considerar que uma parte das chamadas "centralidades" é, na verdade, uma criação artificial de espaços urbanos, como locais únicos, ainda que reproduzíveis, capazes de acumular e concentrar riquezas, bem como distribuir ou canalizar lucros, conforme aponta (TOURINHO, 2006, p. 288). Essa perspectiva ressalta a natureza construída das centralidades contemporâneas, que não surgem organicamente, mas movimentadas e desenvolvidas estrategicamente.

Tourinho (2006) ainda aponta que, as centralidades desempenham um papel fundamental na rentabilidade comercial, indo além da facilidade de acesso a bens e serviços. O que realmente importa é a possibilidade de valorização e o seu potencial no mercado. Assim, questões como infraestrutura adequada ou regularização dos moradores ficam em segundo plano. Um exemplo ilustrativo disso ocorreu no Bairro Jardim Goiás, onde, mesmo sem estar totalmente pronto para receber moradores de forma regular, já começou a ser construído um dos maiores centros comerciais da cidade, o Shopping Flamboyant.

Nesse caso, a visão de mercado e a expectativa de lucros futuros foram os principais fatores que contribuíram com o desenvolvimento da centralidade Jardim Goiás. Mesmo que houvesse a necessidade de ajustes e investimentos adicionais para garantir a plena funcionalidade do bairro. Esse exemplo demonstra como as centralidades podem se desenvolver de maneira desigual e priorizar interesses comerciais em detrimento de outras necessidades, como a qualidade de vida dos moradores ou a infraestrutura adequada. Com o objetivo de atrair um público específico, o de alto poder aquisitivo.

Frente a essas questões, constata-se também que a parcela da população pobre, que já se encontram nesses lugares, mesmo que de forma irregular, passam a ser ignoradas. Aqueles que resistem a esse processo e às imposições formam a imagem periférica do bairro. Nesse sentido, observa-se que a especulação imobiliária e as recentes estratégias comerciais de grupos econômicos têm influenciado a organização da estrutura urbana e gerado constantes transformações, que abrem espaço para a evidenciação de novas centralidades e, conseqüentemente, de periferias.

Figura (07) – Noções de centralidade segundo trabalho de autores



Fonte: Produzido pela autora, 2022.

Partindo dos pressupostos apresentados pelos autores analisados, podemos observar, na figura (07), que a compreensão das centralidades é formada por um conjunto de elementos inter-relacionados e complementares. Qualquer alteração em uma dessas partes acarretará modificações nas demais relações existentes e na estrutura do que está no seu entorno. Essas alterações podem ter tanto um impacto positivo quanto negativo.

Do mesmo modo, o entendimento do papel das centralidades na estrutura espacial das cidades fornece uma base para compreender as dinâmicas que envolvem os espaços e seus usuários. No entanto, ao focar exclusivamente nessa estrutura, corre-se o risco de negligenciar as histórias, memórias e necessidades reais dos menos privilegiados socialmente. Nas cidades contemporâneas, é possível observar, a cada ano que passa, e de maneira cada vez mais intensa, a urgência na criação de novos espaços para comércio e serviços.

Sendo assim, surge a expectativa de que esses novos espaços sejam providos de atrativos, gerando fluxos crescentes de pessoas e a valorização econômica dessas áreas. De acordo com Sposito (2017), essas mudanças vão além da reconfiguração da estrutura hierárquica e morfológica das cidades, pois introduzem novas temáticas sociais na formação do espaço. Essas transformações têm o potencial de evidenciar e acentuar desigualdades socioespaciais.

Neste sentido, como já mencionado nos parágrafos anteriores, a fim de fornecer uma compreensão mais clara dos direcionamentos da pesquisa e das abordagens, é necessário definir alguns termos. Dando sequência, vamos agora explorar a definição de periferia, um termo que ilustra de maneira eficaz as desigualdades socioespaciais presentes nas cidades. Conforme afirmado por D'Andrea:

Em sua acepção urbana, o termo *periferia* deriva dos debates econômicos ocorridos nas décadas de 1950 e 1960 que versavam sobre a relação dos países da periferia do capitalismo com as economias centrais. Naquele momento, uma série de estudos analisou os desdobramentos dessa ordem econômica sobre as cidades latino-americanas que passavam por um processo de explosão demográfica (D'ANDREA, 2020, p.20).

No território geográfico, a relação de periferia se estabelece em espaços caracterizados pela pobreza e pela distância considerável em relação ao centro principal. Essas características são decorrentes da má distribuição das riquezas e do espaço urbano. É possível observar que as periferias estão subordinadas ao centro, conforme destacado por Junior e Santos (2009). A forma como a sociedade capitalista se relaciona influencia diretamente na diferenciação das áreas urbanas e nas condições de moradia.

Além do mais, é preciso considerar que as questões relacionadas ao termo "periferia" são complexas, uma vez que sua análise e compreensão estão intrinsecamente relacionadas a diversos elementos presentes no contexto urbano. A periferia não pode ser entendida individualmente, mas sim em relação a outros aspectos do meio urbano, o que a torna objeto de diferentes abordagens. Nesse sentido, Junior e Santos (2009) destacam a importância de considerar a periferia como um espaço que vai além de sua localização geográfica. Ela engloba aspectos socioeconômicos, culturais e emocionais que influenciam diretamente a vida das pessoas que ali residem:

A periferia estaria subordinada ao centro. Entretanto, na cidade polinucleada, o que seria a periferia uma vez que existem núcleos ou aglomerações em

locais distantes e diferentes em seu tecido urbano? O que se observa, neste caso, são as periferias relacionadas aos diferentes centros existentes nas cidades com crescimento polinucleado. Portanto, considerando as diferenças de escala, na dimensão intra-urbana ocorre o mesmo com as redes de cidades, ou seja, as hierarquias são redefinidas (JUNIOR, SANTOS, 2009, p.352-353).

O processo anterior descrito reflete outra questão diretamente relacionada às periferias: as segregações urbanas. Conforme destacado por Guimarães (2015), a segregação surge como resultado de um amplo processo de exclusão socioespacial e fragmentação do espaço urbano. Ela é impulsionada por diversos fatores, como questões sociais e culturais. Essa realidade evidencia a profunda desigualdade existente nas cidades, onde determinadas regiões prosperam enquanto outras são marginalizadas e negligenciadas.

Guimarães (2015) conclui sua análise destacando que o crescimento do espaço metropolitano, impulsionado por agentes privados e uma baixa intervenção do Estado, implica em periferias que frequentemente, apresentam condições de vida em declínio para as classes populares. Além disso, é importante ressaltar que os principais estímulos para o contínuo processo de ocupação do solo urbano, parcelamento, adensamento e expansão das áreas urbanas sobre as áreas rurais provêm do setor privado. Esse contexto reforça a necessidade de uma análise crítica sobre o papel desempenhado pelos agentes privados na configuração do espaço urbano.

Neste sentido, observa-se, de forma evidente, a influência significativa dos mais abastados socialmente e do planejamento urbano na busca pela satisfação de interesses especulativos, enquanto as necessidades concretas decorrentes da migração urbana, do déficit histórico habitacional e do crescimento populacional são negligenciadas. Essa dinâmica revela a existência de uma relação complexa e contraditória no contexto da metrópole capitalista, conforme apontado por Correa (2010). Nesse contexto, diversos agentes participam da produção e do desenvolvimento da metrópole, mas, ao mesmo tempo, forças sociais e interesses econômicos se sobrepõem, gerando uma série de situações conflitantes.

Dentro do contexto do espaço territorial, além das dinâmicas já mencionadas em relação às periferias, observa-se a existência de outras abordagens que apresentam um cenário diferente. Ritter (2011) resalta que áreas que antes eram consideradas periferias, ao passarem por intervenções como a implantação de infraestrutura básica, regularização fundiária e abertura de vias de acesso, iniciam um

processo de transformação conhecido como desperiferização. Nesse processo, o bairro deixa de ser ocupado predominantemente por população de baixa renda e passa a receber pessoas com maior poder aquisitivo, afastando-se novamente as populações mais pobres deste local.

Em alguns casos, pode ocorrer o contrário também. Existem áreas no espaço urbano que, em algum momento, foram bem desenvolvidas, com infraestruturas e até mesmo consideradas como centros urbanos importantes. No entanto, devido à falta de atualização e conformidade com os desejos e necessidades modernas, essas áreas podem se transformar em periferias. Um exemplo disso é a situação de alguns centros tradicionais. Nessas situações, a localização geográfica e a configuração espacial nem sempre serão determinantes. De acordo com Ritter e Firkowski:

A proposta defendida é a de não mais continuar concebendo periferia(s) como um lugar longe, distante fisicamente de algum ponto central, uma vez que não mais o distanciamento “geométrico” é o determinante das relações socioespaciais nos espaços urbanos. Também é necessário acabar com a singularização deste termo, não existe “periferia” e sim periferias (plural) pela heterogeneidade e velocidade dos seus fenômenos. As periferias são caracterizadas cada vez mais por outros contextos, não aqueles mensuráveis simplesmente por quilometragem ou marcação de anéis, coroas ou outro qualquer representativo geométrico, contextos esses alicerçados nas condições e contradições econômico-sociais dos seus moradores, pelas infraestruturas existentes, pelas territorialidades estabelecidas e reestabelecidas, enfim, pelas suas espacialidades (RITTER, FIRKOWSKI, 2009, p.22).

Um exemplo relevante, do que foi apresentado pelo autor, é a questão dos condomínios horizontais e verticais que estão sendo construídos em grandes áreas da cidade, destinados às populações economicamente privilegiadas. Essas áreas, que antes não contavam com infraestrutura básica, passam a ser ocupadas por esses condomínios devido a especulação imobiliária. Conforme Ritter e Firkowski (2009), o interesse por essas áreas “recai no teor de suas materialidades e na subjetividade das suas potencialidades” (RITTER, FIRKOWSKI, 2009, p.24).

Em relação a essas novas dinâmicas de concepção das periferias, é importante observar que muitos desses espaços, anteriormente periféricos devido à sua condição de pobreza, estão sendo impulsionados pela especulação imobiliária e pelo mercado financeiro. Como resultado, os habitantes que antes usavam esses espaços passam a ser expulsos. Pois sua condição financeira não é mais compatível com o valor agregado ao solo. Esses habitantes são forçados a migrar para territórios mais distantes e com infraestrutura precária, formando assim novas periferias.

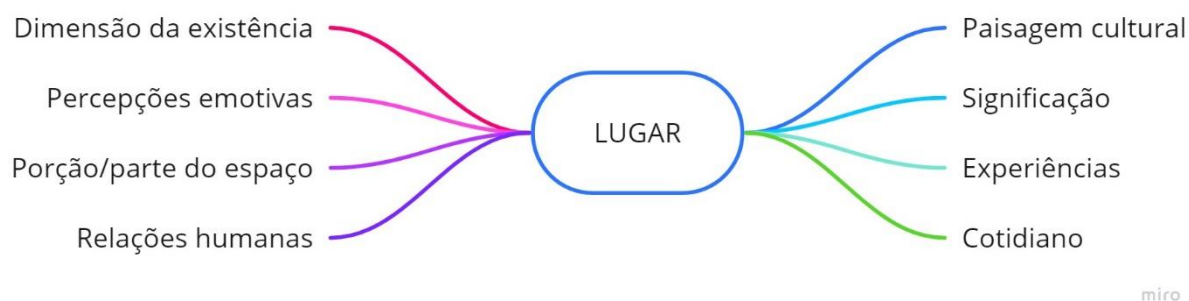
O espaço urbano contemporâneo é notavelmente complexo. Um exemplo importante dessa complexidade são as características da urbanização espraiada, conforme apontado por Santos (1993). Esta aparência se traduz em periferização, fragmentação e dispersão que são claramente visíveis na configuração atual das áreas urbanas em cidades e metrópoles. Esses aspectos apesar de negativos, são, de fato, bem recebidos pelo mercado capitalista devido ao seu impacto na valorização do solo, na criação de novas centralidades, na concentração de renda e na formação de classes populares com maiores rendimentos em áreas específicas da cidade.

Monte-mór (2006) chama a atenção para uma outra dinâmica, nomeada por ele de "urbanização extensiva", caracterizada pelo crescimento e expansão territorial das cidades em direção às áreas periféricas. Esse processo é facilitado pelas novas tecnologias de comunicação e transporte, que faz com que as distâncias tenham menos influência no processo de formação dos centros. O autor ressalta ainda que é comum observar a ocupação de áreas rurais e a transformação desses espaços em áreas urbanas. No entanto, a urbanização extensiva também apresenta desafios, pois a falta de planejamento adequado e a ausência de políticas públicas eficientes podem reativar o ciclo da periferia.

1.2.1 Lugares centrais e lugares periféricos

Constantemente nos deparamos com a expressão "lugar" e sua variedade de significados. Observa-se que, tanto como um conjunto de análises e exposições quanto como uma definição, o "lugar" passou a ganhar maior notoriedade no campo das ciências humanas. Nem sempre essa expressão se refere apenas a um espaço construído, uma forma ou uma localização geográfica. Seu conceito abrange diversas áreas do conhecimento, como arquitetura, urbanismo, paisagismo, ecologia e geografia, o que o torna suscetível a diferentes interpretações. Com isso, a imagem (08) traz uma composição de ramificações que destacam alguns ideais de lugar.

Figura (08) – Ramificações do lugar com temas encontrados nos trabalhos dos autores referenciados



Fonte: Produzido pela autora, 2022.

Considera-se importante antes de qualquer desenvolvimento, enfatizar o motivo do uso, nesta pesquisa, de autores provenientes de lugares epistemológicos diferentes, levando em conta que as considerações levantadas podem gerar algumas contrariedades. A proposta deste trabalho busca direcionar o olhar e as discussões para opiniões populares, humanistas e menos tecnicistas. Nesse sentido, o uso de autores provenientes de lugares epistemológicos diversos, como Milton Santos, Lefebvre e Christaller, se tornou necessário. Isso possibilita uma compreensão, reconstrução e análise mais abrangente das teorias já predefinidas, como as de centralidades, periferias e lugar, sob diferentes perspectivas.

Segundo Holzer (1999), para a geografia, a definição de lugar desempenha um papel fundamental, uma vez que retrata as partes do espaço geográfico compostas por seus próprios significados, que estão intrinsecamente ligados às relações humanas. As opiniões entre os geógrafos sobre as definições de lugar frequentemente divergem, resultando em constantes novos direcionamentos. Dessa forma, na perspectiva apresentada, o sentido de lugar vai além da ideia de ser apenas um espaço irrelevante na superfície, revelando-se como uma construção de significados baseada em indivíduos ou grupos, conforme Suess e Ribeiro afirmam:

Envolve amor e ódio, acordos e desavenças, ambiguidade e ambivalência, segurança e liberdade, experiência e dia a dia, superficialidade e profundidade, pessoas e objetos, espaço material e imaterial, vida e morte, luz e escuridão, sendo assim, é um local conhecido por suas referências, é particular e/ou compartilhado, é um centro reconhecido de valor e feições (SUESS, RIBEIRO, 2017, p.3).

O grau de importância atribuído a esses lugares também depende da experiência e vivência particular de cada indivíduo. As constantes transformações

sociais, espaciais e simbólicas desafiam as ciências a encontrarem formas de tornar esses processos menos burocráticos e excludentes. Na geografia clássica, o conceito de lugar estava sempre relacionado à ideia de local. Foi através do empenho de geógrafos humanistas, como Roberto Corrêa, Christofolletti e outros, que a concepção de lugar começou a adquirir novas narrativas fundamentadas na significação, afeto e percepção. Isso permitiu avançar para outras discussões embasadas também na fenomenologia e filosofia.

Entende-se como fundamental as diferentes percepções e sentidos no estudo do lugar/lugares, especialmente considerando que fazemos parte de uma sociedade capitalista que prioriza as populações mais abastadas financeiramente, menosprezando e segregando os ideais e necessidades dos menos favorecidos socialmente. Essas realidades opostas também interferem na forma como os indivíduos simbolizam, se relacionam, se identificam e percebem os lugares, como apontado por Pasavento:

A rigor, se poderia dizer que cada cidadão escolhe seus pontos de atenção e referência para se situar no tempo e no espaço urbano. Eu conheço um lugar, costumamos dizer, implicando com isto que nos referimos a um recanto da cidade especial para nós, que nos toca de maneira particular. Mas também podemos ter sido induzidos, educados e ensinados a identificar lugares de uma cidade, partilhando das mesmas referências de sentido, em um processo de vivência do imaginário urbano coletivo (PASAVENTO, 2007, p.4).

As concepções que um indivíduo tem do lugar podem não ser suas próprias concepções. Conforme destacado pela autora, aquilo que parece ser uma construção pessoal pode, na verdade, resultar de imposições e influências externas. Ao relacionar as ideias da autora com a noção de lugares centrais e periféricos, percebe-se que as definições e significados atribuídos a esses lugares talvez estejam mais ligados ao que é imposto e ensinado em relação à sua representação e significado.

Lugar central não necessariamente é onde ocorre uma intensa movimentação de pessoas, comércios, serviços e uma grande concentração de capital financeiro. Ele pode ser representado pelo espaço onde as comunidades que vivem ou frequentam conseguem realizar a maioria de suas atividades. O lugar onde se identificam em cada rua ou beco, e sentem que aquele lugar também reflete um pouco de suas histórias.

Entende-se que no contexto do sistema capitalista, enquanto for possível produzir riquezas através da exploração dos espaços, os desejos e necessidades de suas populações serão colocados em segundo plano, dando preferência para quem

paga mais. Por enquanto, é preciso concordar que a principal característica de uma metrópole é a sua atual condição de segregação (VILLAÇA, 2001).

O cenário atual da sociedade urbana reflete uma influência marcante de um sistema que tende a simplificar a imagem dos lugares, destacando apenas o que é conveniente, e isso resulta em conflitos, invisibilidade e falta de representação. Diversos atores, como técnicos, gestores, estudantes e a mídia, muitas vezes percebem o espaço urbano de maneira que não corresponde à realidade concreta. Carlos (2007) aponta que.

O momento atual revela continuidades e descontinuidades que se combinam como consequência das transformações na relação espaço/tempo urbanos traduzidas nos "lugares da metrópole" sob a forma de rupturas de ritmo, da realização desigual do poder, das relações entre classes diferenciadas, que se traduzem em movimentos de construção e transformação, lidas na morfologia urbana e passíveis de serem apreendidas na vida cotidiana (onde aparecem sob a forma de conflito). Deste modo, nos deparamos com a necessidade de desvendar os conteúdos mais profundos do processo de urbanização hoje, a partir das contradições que estão postas no mundo moderno e que se revelam, com toda a sua força, na metrópole (CARLOS, 2007, p.11-12).

É importante destacar que a busca pelo novo, visando promover uma imagem de progresso e modernidade, resulta na mecanização das relações e na superficialidade da história nas cidades. Observa-se um processo de sobreposição das formas urbanas, alterando sua morfologia e interferindo nas práticas urbanas, o que gera estranhamento e perda de identidade de seus habitantes devido à destruição das referências individuais e coletivas. Carlos (2007) ressalta que estamos diante do desafio de investigar essas questões mais profundas, mesmo quando nos deparamos com as contradições difundidas no mundo moderno das cidades.

1.2.2. Produção de espaços valorizados e segregados

O espaço urbano tem passado por transformações e as formas de desigualdade também estão em constante evolução. Compreende-se que o principal fator responsável pela criação de espaços valorizados e segregados nas metrópoles é a problemática das diferenças de classes, que resultam em fragmentação devido ao uso desigual, tanto do ponto de vista econômico, social quanto físico. As ideologias que permeiam o uso do espaço urbano favorecem as classes dominantes a ocuparem as melhores áreas, principalmente aquelas propícias à valorização. Enquanto isso, as populações de menor poder aquisitivo são deslocadas para regiões menos favorecidas.

Segundo Villaça (2012), a concentração de populações de maior poder aquisitivo em áreas específicas da cidade resulta na centralização dos investimentos e privilégios nesses locais. Os diversos atores envolvidos na produção do espaço também contribuem diretamente para essa dicotomia existente entre espaços segregados e valorizados na metrópole. Além disso, de acordo com Corrêa (1995), a estrutura do espaço urbano é capitalista, sendo moldada por agentes que constantemente constroem e reconstróem a cidade em busca de atenderem principalmente seus anseios.

De acordo com Corrêa (1995, p.11), a “ação desses agentes é complexa, derivando da dinâmica de acumulação de capital, das necessidades mutáveis de reprodução das relações de produção, e dos conflitos de classe que dela emergem”. Além disso, o grupo de agentes responsáveis por "fazer e refazer" a cidade, segundo Corrêa (1995), inclui principalmente os grandes industriais, os proprietários de terras, os promotores imobiliários, o Estado e a parcela social excluída. Os interesses particulares de cada um desses agentes têm um impacto direto na organização do espaço e na forma como as pessoas se relacionam.

Sendo assim, no contexto da metrópole capitalista, a valorização dos espaços está intrinsecamente ligada ao seu potencial de geração de lucro. O valor simbólico desses espaços acaba sendo irrelevante se não houver retorno financeiro. São as elites dominantes que determinam quais áreas serão consideradas valorizadas, enquanto a população mais pobre tende a ser segregada desses locais. Como bem afirma Albieri (2020), essa dinâmica reflete nas relações de poder presentes na sociedade contemporânea. A autora ainda destaca que:

Por meio da ideologia, a classe dominante controla a produção das localizações, dirigindo tomadas de decisões pelo Estado e pelo mercado sobre investimentos em infraestruturas e imobiliários, o que afeta substancialmente a produção do espaço urbano. No caso dos centros, a classe dominante define ideologicamente o “centro da cidade”, mas na verdade ele é “o centro das elites”, justificando leis e obras que o poder público realiza para melhorá-lo em detrimento de outras localidades (ALBIERI, 2020, p.49).

O que não se mostrar suficientemente útil e valioso para as classes elitistas será destinado aos mais pobres. O espaço urbano passou a ser tratado como uma mercadoria, onde aqueles que possuem mais recursos financeiros conseguem adquirir melhores condições. Carlos (2007) traz algumas reflexões relevantes sobre essa questão da transformação do espaço em comercialização, ressaltando que:

O acesso ao espaço na cidade está preso e submetido ao mercado no qual a propriedade privada do solo urbano aparece como condição do desenvolvimento do capitalismo. A existência da propriedade privada significa a divisão e parcelarização da cidade, bem como a profunda desigualdade do processo de produção do espaço urbano, fato que se percebe de forma clara e inequívoca no plano da vida cotidiana inicialmente revelada no ato de morar, que coloca o habitante diante da existência real da propriedade privada do solo urbano. O processo de fragmentação da cidade caminha junto ao processo de mundialização, embora de forma contraditória. Homogênea e fragmentada, a cidade revela, ainda, a hierarquização dos lugares e pessoas como articulação entre morfologias espacial e social e esta estratificação revela as formas da segregação urbana (Carlos, 2007, p.27).

Dessa forma, podemos compreender que o processo de produção dos espaços nas metrópoles revela-se como um mecanismo de divisão entre as classes sociais. A hierarquização dos lugares e das pessoas resulta não apenas na segregação já conhecida, mas também na prática da autosegregação. Um exemplo significativo dessa forma privativa de habitar a cidade são os condomínios horizontais fechados. Essa prática beneficia financeiramente os mais abastados, enquanto mantém uma parcela da sociedade pobre excluída e sem oportunidades.

1.2.3. Periferias Internas: um outro olhar sobre os contrastes do bairro Jardim Goiás

A expressão "periferia interna" é empregada nesta pesquisa como uma denominação específica para as áreas e dinâmicas periféricas que estão sendo investigadas dentro das centralidades urbanas. É importante notar que essa expressão não é comumente utilizada para se referir a esse tipo de cenário. Ao contrário do que a nomenclatura pode sugerir, não estamos tratando das áreas suburbanas distantes das cidades, mas sim de regiões dentro das centralidades urbanas que podem ser marginalizadas, enfrentando desigualdades socioeconômicas e desafios semelhantes às áreas periféricas tradicionais. Portanto, o uso do termo "periferia interna" nesta pesquisa visa destacar a importância de compreender as dinâmicas específicas que ocorrem dentro das centralidades urbanas.

Nesse sentido, a história urbana permite compreender a cidade como um processo histórico, no qual seu desenvolvimento está vinculado a uma trajetória repleta de descobertas e interesses sociais, políticos e econômicos em constante transformação. Esses elementos influenciam a imagem da cidade, a relação das pessoas com os espaços urbanos e a forma como enxergamos e vivemos nesses lugares. Ao analisarmos a história do bairro Jardim Goiás, região escolhida para este

estudo, podemos observar as complexidades que se manifestam nas diversas cidades brasileiras.

Portanto, a fim de estabelecer uma interação mais efetiva com os dados apresentados ao longo desta pesquisa, é fundamental compreender as narrativas históricas que envolvem a origem e o desenvolvimento do bairro, bem como suas diferentes contextualizações. Isso nos permitirá uma melhor compreensão do cenário em questão e uma análise mais precisa dos elementos que fizeram parte da sua consolidação.

Figura (09) – Ocupação Bairro Jardim Goiás 2021



Fonte: Google Earth, 2022. Organizado pela autora.

A área atualmente conhecida como Jardim Goiás, apresentada na imagem (09), fazia parte da fazenda Botafogo, que se estendia pela BR-153 em direção à cidade de Bela Vista. O proprietário das terras na época era Lourival Louza, que adquiriu essa propriedade com os lucros obtidos em garimpos de ouro. De acordo com Oliveira e Peixoto (2009), o bairro foi criado em 1950, e seu projeto urbanístico foi desenvolvido pelo engenheiro-arquiteto Roberto Magno Ribeiro, seguindo as diretrizes do anteprojeto elaborado por Prestes Maia.

A localização dos terrenos e as características naturais das áreas que posteriormente seriam incorporadas ao setor Jardim Goiás apresentavam grandes vantagens em relação ao Plano Geral da Cidade de Goiânia. Lourival Louza, proprietário das terras na época, desempenhou um papel importante no processo de especulação, ocupação e valorização de toda a região.

Ciente e atento ao potencial de crescimento e às possibilidades de ganhos futuros, entre os anos de 1950 e 1970, Louza cedeu ao governo algumas áreas de

suas propriedades para a construção de equipamentos públicos que, em breve, agregariam maior valor aos seus lotes. Oliveira e Peixoto (2009) destacam uma curiosidade em relação a esse acordo firmado entre o governo e Louza:

Ressalta-se uma curiosa reserva assegurada ao empreendedor do Jardim Goiás, trata-se do domínio das áreas verdes e de seus destinos, sempre sob a tutela desse surpreendente personagem. As referidas reservas atribuíam a Lourival Louza um poder de negociação com as instâncias públicas, muito antes que qualquer ideia sobre o empreendedorismo urbano ou sobre as propaladas parcerias público-privadas pudessem sequer ser pensadas (OLIVEIRA, PEIXOTO, 2009, p. 6).

Durante muito tempo, as áreas do Jardim Goiás permaneceram sob a posse de Louza, o que fez com que o setor fosse considerado um espaço reservado para a especulação imobiliária. Conforme Oliveira e Peixoto (2009) afirmam, a ocupação dessa região ocorreu de forma bastante discreta até meados da década de 1970. A maior parte da ocupação se deu por meio de assentamentos irregulares situados nas margens do córrego Botafogo, conhecido como Areião e Jardim Goiás área I, sendo este último popularmente chamado de Vila Lobó.

De acordo com Daher (2003), as ocupações que ocorreram nesse período se estenderam para outras áreas da região, principalmente devido à chegada de trabalhadores contratados para a construção do Estádio Serra Dourada (1975), em uma das áreas cedidas por Louza ao governo, representada na figura (10). A construção desse empreendimento ficou marcada pelas constantes polêmicas que o cercavam. Inicialmente, o estádio era considerado um marco importante para a cidade, mas posteriormente passou a ser visto como um investimento dispendioso para os cofres públicos, sem utilidade prática ou importância significativa.

Figura (10) – Localização Estádio Serra Dourada 1992



Fonte: Levantamento aerofotométrico de 1992 (Foto: Acervo/Seplam).

Abreu (2019) destaca que mesmo com as ações realizadas por seu empreendedor, o Jardim Goiás ainda enfrentava dificuldades na venda de seus lotes. No entanto, a situação começou a mudar de forma significativa com a construção e inauguração do primeiro shopping de Goiânia. A partir desse momento, a área começou a se transformar efetivamente. Em 1980, a empresa Jardim Goiás Empreendimentos reconheceu a necessidade de implementar atividades que impulsionassem a ocupação do setor Jardim Goiás. Dessa forma, permitiu a construção do Shopping Center Flamboyant, representado na figura (11). O shopping foi considerado um marco nessa região, que de acordo com Abreu:

Se confirma como uma assustadora construção desconectada da estrutura urbana adjacente. Apresenta-se como um enorme obstáculo, com áridos estacionamentos; como se declarasse ao entorno que não faz, e nem quer fazer, parte da cidade. Embora tenha sua dinâmica pautada no mercado capital, o shopping mimetiza a cidade na tentativa de recriar os usos e encontros espontâneos que deveriam acontecer no espaço público (ABREU, 2019, p. 60).

Além de ter contribuído para o aumento do número de lotes ocupados na região, o Shopping Flamboyant, figura (11), inaugurado em 1981, desempenhou um papel importante ao introduzir infraestrutura, serviços e outros estabelecimentos comerciais. No entanto, ele também se tornou um símbolo do capitalismo e do consumo. Os espaços privados e planejados do shopping contribuíram com a alienação e redução da interação social das pessoas com o restante da cidade. O shopping se tornou um local desejado tanto por aqueles que tinham condições financeiras para frequentá-lo, como por aqueles que apenas almejavam fazer parte desse meio.

Figura (11) – Construção do Shopping Flamboyant



Fonte: Página do Goiânia do passado no Twitter⁸

⁸ Disponível em: <<https://www.twitter.com.br/Gyndopassado>>. Acesso em: 29 mar. 2022

Outro fator que impulsionou o desenvolvimento do bairro e contribuiu para a valorização da região foi a construção do Parque Flamboyant, que abrange atualmente uma área de aproximadamente 142.000 m². Conforme Oliveira (2011), o parque foi criado juntamente com a aprovação do parcelamento do solo do Jardim Goiás em 1950. No entanto, somente em 19 de março de 2004, ocorreu a oficialização da concessão de uma área de 87.332,00 m² por parte de Lourival Louza para o Município de Goiânia. Essa área representada na figura (12), juntamente com outras localizadas nas proximidades, formaram o Parque Municipal Flamboyant.

Figura (12) - Imagem aérea Parque Flamboyant- 2002



Fonte: Google Earth, 2022. Organizado pela autora.

A inauguração oficial do parque ocorreu somente no ano de 2007, e com ela veio a ocupação das quadras localizadas ao seu redor por edifícios luxuosos de vários andares. Anteriormente, essas áreas eram ocupadas por construções residenciais de um único andar e não eram tão valorizadas. A presença do parque e de outros equipamentos trouxe uma nova realidade para a região, resultando em um rápido crescimento da verticalização. Um dos principais argumentos para a comercialização desses imóveis é a qualidade de vida e a proximidade com a natureza.

Nesse contexto, Abreu (2019) destaca que ao longo dos anos, o setor foi beneficiado com a implementação de infraestruturas tanto pelo governo como por iniciativas privadas. Isso atraiu cada vez mais investidores que contribuíram para a consolidação do bairro. Grande parte do prestígio social e urbanístico que vemos hoje se deve às ações dos proprietários em busca de valorização. Eles manipularam o mercado imobiliário visando obter maiores lucros.

Figura (13) – Evolução Jardim Goiás 2002-2021

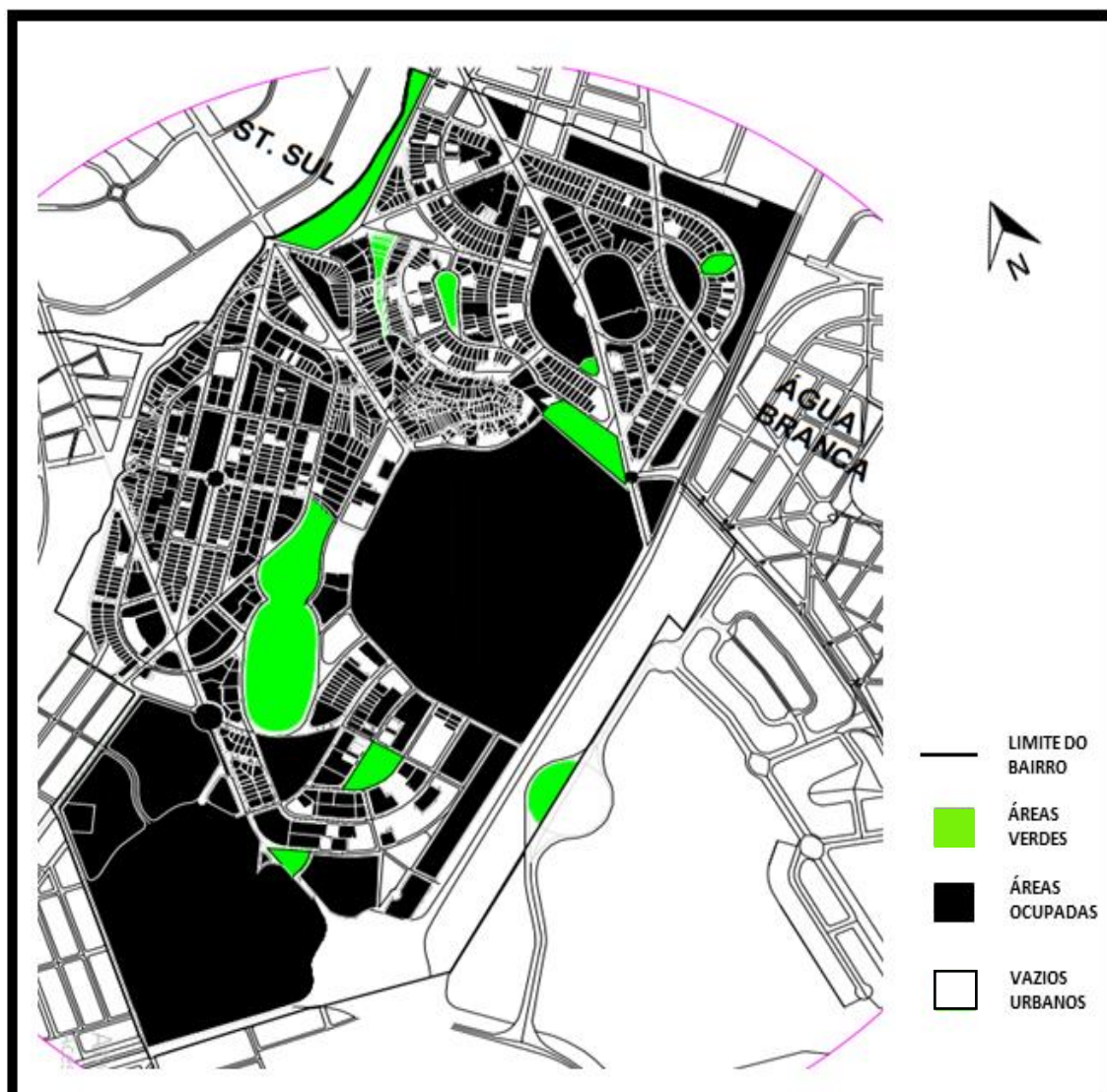


Fonte: Google Earth, 2022. Organizado pela autora.

A evolução ao longo dos anos na região pode ser facilmente observada através das imagens anteriores, que abrangem os anos 2002, 2006, 2009, 2014, 2018 e 2021. É evidente a rápida ocupação e expansão das áreas. Uma das características mais marcantes da atual fase do Setor Jardim Goiás é o padrão construtivo dos edifícios na região. Devido à alta densidade populacional, há poucas opções de novos empreendimentos e unidades disponíveis na planta. Em decorrência da imposição do PDG⁹, a região está passando por um processo de desaceleração na densidade populacional devido ao rápido desenvolvimento e ocupação do solo. Áreas para novas construções estão sendo limitadas.

⁹ PDG faz referência ao plano diretor de Goiânia, em vigência desde o ano de 2007.

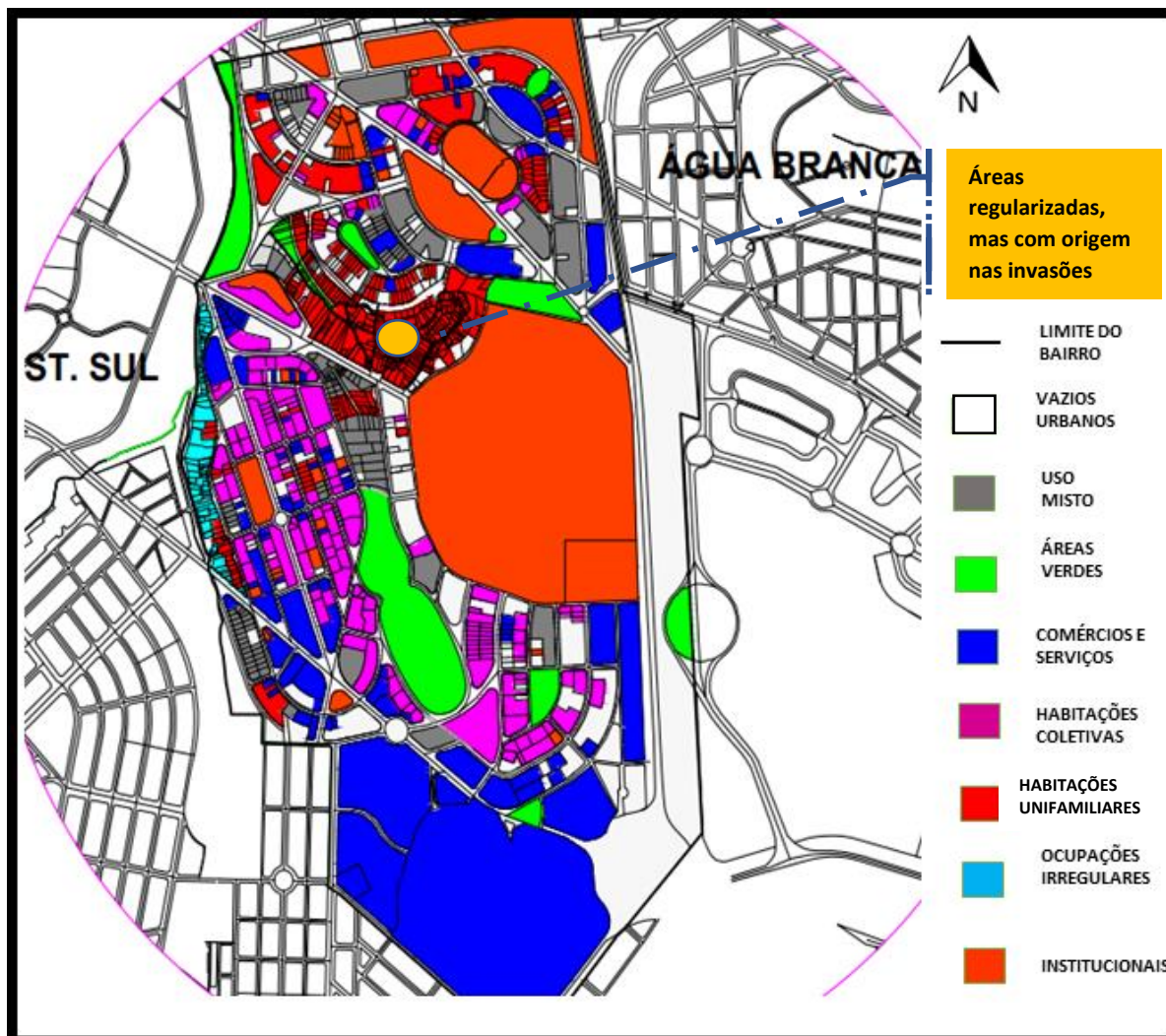
Figura (14) – Figura fundo Jardim Goiás



Fonte: Prefeitura de Goiânia, 2022, organizado pela autora.

O bairro se destaca por abrigar diversas atividades comerciais, de serviços e ter residências próximas umas das outras. Com o passar dos anos, essas dinâmicas de uso do solo se tornaram ainda mais intensas, como é possível observar no mapa de fundo apresentado na imagem acima.

Figura (15) – Uso do solo Jardim Goiás



Fonte: Prefeitura de Goiânia, 2022, organizado pela autora.

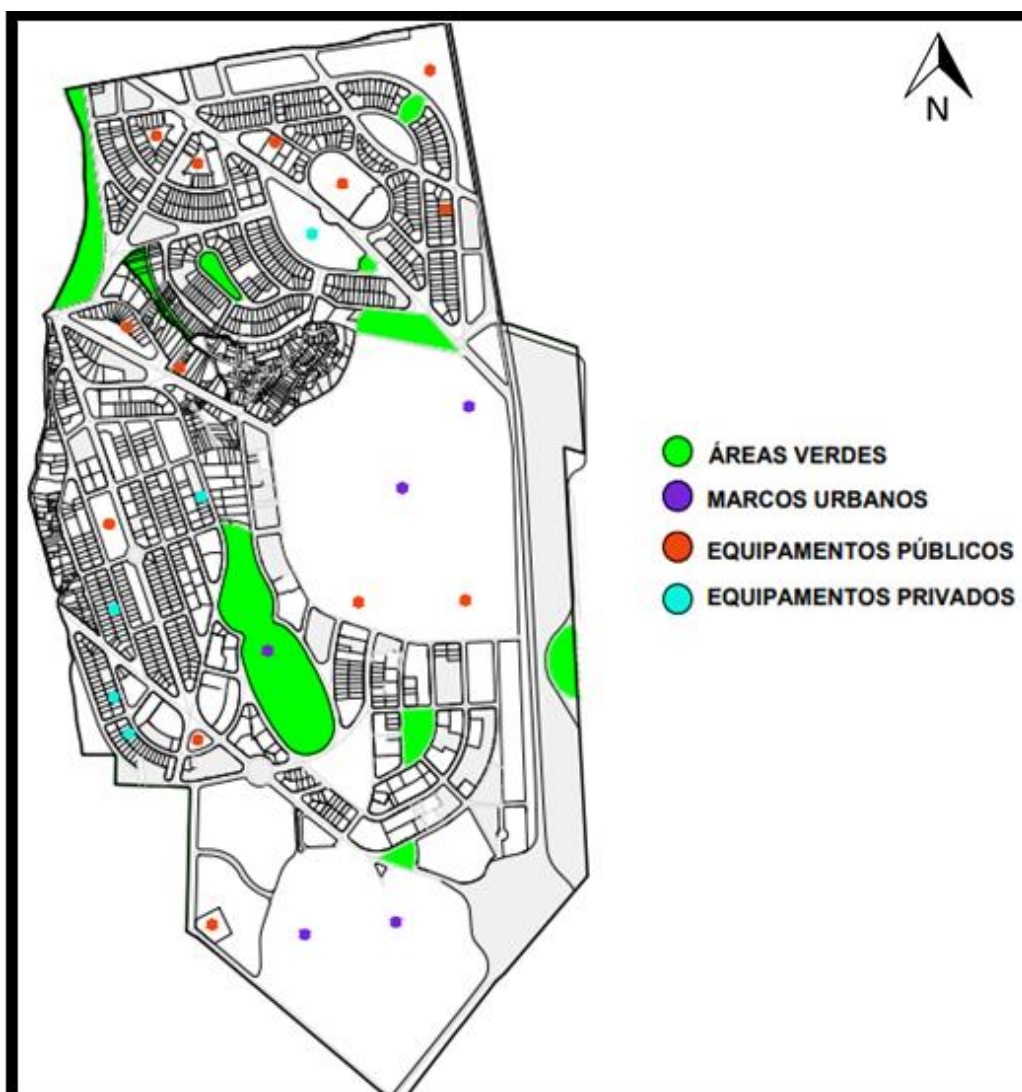
A verticalização é um aspecto notável na região, onde a maioria das habitações individuais estão localizadas principalmente nas bordas do bairro ou em áreas mais distantes do polo comercial. Mesmo após passar por várias transformações ao longo do tempo, ainda é possível identificar a presença de ocupações irregulares, como pode ser visto na figura (15). Essas ocupações remanescentes datam do período inicial de implantação do bairro.

A especulação imobiliária em crescimento, especialmente nas partes privilegiadas do bairro Jardim Goiás, teve um efeito significativo em outras áreas que não receberam a mesma atenção dos investidores. Isso contribuiu com o desencadeamento de invasões nesses locais, o que por sua vez alimentou conflitos relacionados às disparidades de classe na região.

Além disso, o Jardim Goiás é considerado atualmente como sendo um dos maiores polos comerciais de Goiânia. Mesmo estando saturado com tantas construções, ainda é alvo de interesse de incorporadoras e construtoras. A região possui uma variedade de equipamentos urbanos, tanto públicos quanto privados, e é reconhecida como um ponto de referência para outras localidades devido aos seus marcos urbanos.

Figura (16) – Equipamentos e marcos urbanos principais

Jardim Goiás



Fonte: Prefeitura de Goiânia, 2022, organizado pela autora.

Nesse sentido, o processo pelo qual o bairro Jardim Goiás passou resultou em uma modificação completa de sua organização espacial, como consta na figura (16). Isso contribuiu para o surgimento de novas áreas destinadas a atividades comerciais, de serviços e moradia. No entanto, também é possível observar que muitas das áreas

ocupadas de forma ilegal, como áreas de posse, que ainda resistem e permanecem presentes nessa nova paisagem construída para o Jardim Goiás.

Essa realidade se repete em outros bairros de Goiânia, que também possuem suas áreas periféricas internas e tentam resistir às transformações causadas pela especulação imobiliária e pelo sistema capitalista. Essas transformações estão focadas em atender às necessidades dos mais ricos, muitas vezes ignorando a existência e as experiências daqueles que já ocupavam esses espaços há muito tempo. Um exemplo disso é o Bairro Parque Amazônia, localizado na Região Sul de Goiânia, que enfrenta situações semelhantes ao Jardim Goiás.

A ocupação territorial do bairro Parque Amazônia ainda não é exclusivamente destinada a populações de médio e alto poder aquisitivo, porém tem passado por um intenso aumento no valor do metro quadrado, crescimento da construção vertical e tem despertado o interesse de construtoras e incorporadoras. Essa tendência também pode ser observada em outros bairros de Goiânia, como Pedro Ludovico, Jardim Goiás, Serrinha, Setor Sul e Campinas.

Assim como no Jardim Goiás, é possível observar o interesse de grandes construtoras, incorporadoras e imobiliárias em promover a ideia do lugar ideal para a classe média e alta. Mascarando sutilmente a existência de outras realidades sociais.

Nestes bairros, os contrastes existentes são ignorados como se não existissem. A forma como o arranjo urbano se desenvolve contribui para a desigualdade entre suas populações, e essa tem sido uma das principais características do Jardim Goiás nos últimos anos. É evidente o esforço dos especuladores e propagadores em promover a imagem do lugar ideal, onde todos podem desfrutar dos mesmos espaços e oportunidades a cada novo dia.

As movimentações paralelas que contrastam com essa imagem construída não têm espaço em centralidades, como a do bairro Jardim Goiás. No entanto, mesmo que não sejam evidenciadas, elas ainda estão presentes, enfrentando diversas barreiras que ameaçam sua permanência nesses locais. Edifícios que não se valorizaram, ocupações irregulares que não foram regularizadas, populações de baixa renda vivendo em moradias precárias e modestas. Todos esses são exemplos de realidades ignoradas no contexto das áreas centrais, mas que ainda assim pertencem a estes lugares.

É nosso papel olhar para esses espaços de maneira diferente, destacando suas histórias e memórias. Através das narrativas sociais, devemos mostrar que as

peças e os espaços periféricos presentes nas áreas das centralidades também têm importância para o contexto histórico da cidade. Suas experiências não podem ser ignoradas apenas porque não se alinham aos interesses do mercado capitalista e de uma sociedade voltada ao consumo. É necessário buscar uma organização dos ideais sociais, pois quanto maiores forem as disparidades, maiores serão as desigualdades na qualidade de vida, habitação e acesso a serviços públicos de qualidade.

CAPÍTULO II

POR UMA REVISÃO HISTORIOGRÁFICA DAS PERIFERIAS INTERNAS COM BASE EM NARRATIVAS POPULARES

Tudo é, de certo modo, memória e trabalho de mediação da linguagem. Mas quando além de contar, recontar e narrar, também se escreve, já se está, ao que parece, no terreno do trauma. Isto é, se está diante de memórias de outra natureza que ressurgem, para além de uma reminiscência ou fantasmagoria. Está-se diante de algo, vivido ou não, mas que se impõe buscando um lugar tanto como presente – uma “presentificação” – quanto em um tempo outro – futuro – no qual se quer preservar do esquecimento, da passagem do tempo, da morte (PEREIRA, 2015, p.21).

Início este capítulo com uma citação de Margareth Pereira, cujas abordagens convergem com as explicações desenvolvidas aqui em relação às narrativas. Sejam elas escritas, faladas, materializadas ou simplesmente vividas, essas narrativas estão sempre associadas à memória, buscando seu lugar no presente. Nesse sentido, é importante destacar que os territórios urbanos não se limitam a meras localizações geográficas, mas são construídos por meio de formas discursivas motivadas pela memória e experiência daqueles que os habitam. Portanto, diversas lembranças, sejam boas ou ruins, desempenham um papel importante no registro da história e da imagem dos lugares.

Além disso, acredita-se que aqueles que vivem e interagem de fato com os espaços da cidade são os que os conhecem melhor e podem falar sobre eles com propriedade. Nesse sentido, este capítulo traz à tona as narrativas populares, iniciadas por meio de entrevistas e conversas espontâneas, que se opõem à ideia de que as histórias, memórias e construção da imagem dos lugares devam estar sempre ligadas aos meios técnicos, gestores e seus agentes. É fundamental ouvir as pessoas comuns, suas experiências e vivências, a fim de que possamos compreender verdadeiramente a riqueza e complexidade dos territórios urbanos.

Em virtude dessas questões, todas as reflexões ao longo deste capítulo estão fundamentadas nestas outras narrativas que perpassam pelos espaços urbanos. Revelando outras faces da centralidade do Jardim Goiás e de seus espaços periféricos que frequentemente são negligenciados. O capítulo também traz consigo histórias de vida conhecidas durante o período de investigação, levantadas por meio

de técnicas etnográficas, as quais são desenvolvidas como uma tentativa de revisitar a história, memória e imagem desses lugares.

2.1 Por uma outra narrativa das centralidades: os espaços não narrados

Segundo Matos (1947, p.45) “A cidade deve nos mostrar cenas nas quais nós mesmos nos encontremos e que nos revelem o sentido da vida no mundo moderno”. Pois as cidades possuem sentidos e significados que transcendem seus traços, ruas, praças, móveis e edifícios. A cidade é um lugar de memórias carregadas de histórias, muitas delas com seus contextos particulares.

Nesse sentido, cada espaço urbano guarda em si uma infinidade de vivências, de relações sociais, de culturas e de tradições que, juntas, compõem uma complexa organização do lugar. É por isso que as cidades são tão fascinantes e intrigantes, pois cada esquina pode revelar um novo segredo, uma nova camada de história, uma nova perspectiva sobre o mundo. Pasavento nos diz que:

Os lugares de memória de uma cidade são também lugares de história. História e memória são, ambas, narrativas do passado que presentificam uma ausência, reconfigurando uma temporalidade escoada. São representações que dão a ver um “acontecido” que, a rigor, não é mais verificável ou sujeito à repetição. Mas o tempo passado não é irrecuperável, uma vez que, através do imaginário, se faz presente no espírito, dando-se a ler e ver através de discursos e imagens. Uma cidade é, pois, detentora de história e memória, assim como também o é desta comunidade simbólica de sentido a que se dá o nome de identidade (PASAVENTO, 2007, p. 2).

As histórias que emanam dos corpos das cidades jamais devem ser ignoradas, uma vez que elas surgem de lugares e repertórios que ultrapassam seus limites territoriais, mas que situam seus habitantes no tempo e no espaço, permitindo diferentes formas de expressão, experiências e percepções. Todavia, como bem observado por Matos (1947), o sistema capitalista que se impõe nas centralidades das cidades esconde suas memórias e as transforma em metrópoles impessoais.

Sendo assim, o objetivo das metodologias desenvolvidas aqui é enfatizar a voz das narrativas provenientes das centralidades, assim como das populações que guardam essas memórias e histórias, elas são, em essência, as próprias cidades, com seus sonhos, símbolos e emoções. As narrativas são ferramentas construtivas que permitem a criação de conexões e aprendizados. Elas abrem espaço para outras possibilidades de compreensão, proporcionando uma noção de pertencimento, identidade e vínculo social.

Pois, as constantes transformações dos espaços urbanos, juntamente com o desenvolvimento das relações e novas dinâmicas de dominação, têm gradualmente impactado em todas as categorias da vida em sociedade, tanto coletivas quanto individuais. Isso é apontado por Faccin, Nogueira e Vaz (2013, p.16) que destacam os “problemas e dilemas das novas formas de sociabilidade, que passaram a projetar as pessoas em sistemas cuja escala é desproporcional à extensão de suas percepções e às capacidades de seus corpos”.

Eis que as narrativas e as diversas leituras do espaço urbano compõem o processo de construção identitária dos indivíduos e de seus lugares de pertencimento. Conforme bem exposto por Assumpção e Ferreira (2017), as ruas da cidade produzem cultura que possibilitam estabelecer de modo imediato as relações entre a memória e o lugar, e tais memórias são reflexos das relações sociais, da política, da economia vigente e das experiências cotidianas.

A substância das narrativas urbanas reside em conseguir exteriorizar de modo claro aquilo que normalmente não é percebido, pois, como também destacado por Assumpção e Ferreira (2017, p.4), ela está “vinculada diretamente com a experiência vivida, isto é, com o conhecimento vivenciado em sua plenitude”. Walter Benjamin, que foi um notável contador de suas vivências, afirma que narrar não é uma tarefa simples, talvez por isso esse ato esteja em risco de desaparecer, já que, conforme o próprio Benjamin (1987), são raros aqueles que o fazem com propriedade.

A cidade, como um corpo narrativo, desvela um conjunto de eventos registrados em tempos diversos, merecedores de estudo e divulgação, para que se possa conhecer diferentes vivências e ocorrências. O ato de narrar revisita o passado e permite que este chegue à memória. Essas memórias podem ocorrer tanto individuais quanto coletivamente. Candau (2014, p.18) aponta que “a memória precede a construção da identidade sendo um dos elementos essenciais da sua busca extrema, individual e coletiva”.

Assumpção e Ferreira (2017) também afirmam que as marcas duradouras da cidade no espaço urbano fazem com que elas próprias contem suas histórias, pois ainda que as memórias estejam em um tempo que não existe mais, o ato de recordá-las faz com que o espaço vivido seja recriado. Daí pode surgir uma dúvida sobre qual seria o propósito de buscar as memórias. E a resposta é simples: não se busca as memórias em si, mas sim o significado das lembranças sofridas delas. Nesta perspectiva, Pasavento escreve que:

Velhos papéis falam de um outro tempo, de outros lugares, de outras gentes. Oficiais ou não, públicos ou privados, do texto literário ao discurso do político, da crônica de jornal ao registro policial, as narrativas do passado fornecem pistas para fazer reviver os espaços da cidade. Para além das palavras, os sons, as músicas e as canções cantam a cidade, trazendo ao presente as sensibilidades do passado. Mas ainda há mais. Uma cidade possui seus mitos, suas lendas, suas histórias extraordinárias, transmitidas de boca em boca, de geração em geração, através da oralidade. A história e a memória de uma cidade é também o boato, o *ouvir dizer*, o relato memorialístico que se apoia não só na lembrança pessoal de quem evoca, mas também naquilo que foi contado um dia por alguém cujo nome não mais se sabe (PASAVENTO, 2007, p.7).

Desta forma, o papel da memória no contexto das centralidades e periferias, seria compreender o significado e o impacto das mudanças experimentadas e vivenciadas pelas comunidades confinadas nesses espaços. Isso permitiria avaliar em que medida a imagem construída do lugar ocupado por diferentes corpos, aceleram o próprio ritmo da vida, criando formas de poder e luta de classes que desenvolvem e conectam os mais diversos indivíduos e sociedades em um mesmo espaço, mas que também privilegiam e destacam partes mais favorecidas.

Neste contexto, compreender a dicotomia associada aos espaços urbanos e suas diferenças requer um olhar atento e uma sensibilidade que não coincide com a tecnicidade abordada pelos principais promotores e agentes responsáveis pela leitura e desenvolvimento desses espaços. Em muitos sentidos, esses lugares não são apenas símbolos, mas também assumem o papel da face mais visível da constante mediatização da vida contemporânea presente em todos os lugares. (FACCIN et al., 2013).

Ao considerarmos o que foi observado, acredita-se no verdadeiro poder das cidades de contarem suas próprias histórias, como afirmado por FACCIN et al (2013). Podemos até mesmo classificar a cidade como sendo nós mesmos, corpos, sonhos e signos que permeiam e assumem forma material em seus espaços. Esses lugares estão sempre nos convidando a conhecer o desconhecido, desafiando-nos a experimentar o prazer do flâneur, que caminha sem rumo pelos caminhos da cidade, pronto para revelar seus mistérios.

Compreendendo a possibilidade de considerar a cidade como um vasto corpo narrativo, torna-se evidente que a forma como essas representações são difundidas contribuem para a criação de memórias, conexões e contextos específicos com os lugares, permitindo também um deslocamento imaginário pela cidade. Tendo em vista que diariamente nos deparamos com uma multiplicidade de imagens que revelam as

marcas das vivências e das diversas experiências proporcionadas pelas diferentes partes da urbe.

A memória assume papel crucial nesse contexto que envolve os diversos entendimentos a respeito de lugar, posto que é portadora de múltiplas configurações que emergem de perspectivas e narrativas distintas. Segundo Jaques, Brito (2015), Walter Benjamin, cujas reflexões frequentemente exploram questões relacionadas à memória, examina o tema sob diversas óticas, discutindo o ato de lembrar e esquecer. Em seus escritos, Benjamin destaca a importância da memória enquanto experiência, um entrelaçamento complexo entre experiência, memória e informação.

Na exposição de suas narrativas, Benjamin buscava expor origens de experiências e particularidades que permeavam sua trajetória. No texto (Infância em Berlim por volta de 1900), o autor nos leva a uma jornada altamente intimista, narrando suas vivências, os lugares por onde passou e a compreensão de suas lembranças por uma perspectiva profundamente pessoal. Através de suas reflexões, Benjamin evidencia a importância da memória enquanto experiência viva. É como se Benjamin estivesse construindo a sua própria cidade, por meio de suas memórias e experiências, recriando uma Berlim que não mais existia:

Salvo viagens ocasionais no verão, instalávamo-nos anualmente, antes de eu ir para a escola, em casas de veraneio nas redondezas. Durante muito tempo, o que delas me fazia recordar era a caixa espaçosa na parede de meu quarto, com os primórdios de uma coleção de borboletas, cujo os exemplares mais antigos foram capturados no jardim do Brauhausberg. Piérides da couve com bordas gastas, mariposas cor de enxofre com asas muito brilhantes, relembravam as ardorosas caçadas que tão frequentemente me atraíam dos caminhos bem cuidados do jardim para lugares ermos, onde me defrontava impotente com a conjuração do vento e dos perfumes, das folhagens e do sol que possivelmente comandavam o voo das borboletas. (BENJAMIN, 2012, p.80-81).

Essa reconstrução é fundamental para a compreensão da cidade enquanto espaço narrativo, pois assim como Benjamin, cada indivíduo traz consigo suas próprias vivências e observações, criando uma multiplicidade de narrativas que se entrelaçam na construção da cidade como um todo. O contexto da imagem do lugar de memória é enfatizado pela sensibilidade do autor em registrar não somente o que é tangível, mas também o intangível. Os sons, cores e aromas fornecem suporte para que Benjamin construa esse lugar de memória cheio de características tão particulares.

Compreender essas experiências e vivências é essencial para capturar o verdadeiro significado e importância desses lugares e eventos. Pois, segundo

(BENJAMIN apud SPIGA, 2020), cada experiência e vivência é como uma faísca, um lampejo, um fragmento que se une a outros para formar um todo significativo, incorporando o sentido de trajetórias de vida, etapas e acontecimentos. Portanto, para entender verdadeiramente a história e a memória dos espaços urbanos, é necessário levar em consideração todas essas nuances e diferenças que colaboram para a construção de um entendimento mais completo e rico desses lugares.

A cidade é um livro imenso, cujas páginas se intensificam em cada rua, esquina e praça. É preciso, portanto, ler esse livro em sua totalidade, incluindo as mensagens não verbais que muitas vezes passam despercebidas. Ferrara (1988) nos ensina que a leitura não verbal é uma forma de observar as reconfigurações, desmontes e remontagens que acontecem ao longo do tempo na cidade. Essa leitura não verbal pode ser por meio das fotografias, por elas podemos descobrir os significados ocultos e interpretarmos a partir da nossa própria experiência. Dessa forma, podemos ir além da lógica linear já conhecida e explorar a semântica da imagem, revelando os segredos que a cidade esconde em cada detalhe.

Com seus espaços e relações, a cidade é parte integrante da vida de seus habitantes, e as memórias que emergem desses lugares não devem ser ignoradas. Canevacci (2004) argumenta que a interação dos sujeitos com as narrativas que surgem da estrutura invisível da cidade traz vida e animação a ela, visto que essas narrativas são as próprias gravações dos que ali habitam. Para o autor, os habitantes da cidade não são meros espectadores, mas também atores que constantemente dialogam com seus retratos, traços, signos e sentidos. A comunicação urbana é um diálogo constante e complementar, e não unidirecional, conforme destacado por Canevacci (2004, p.22).

É notório que as narrativas populares e cotidianas são as responsáveis por iluminar os cantos escuros e esquecidos das cidades, enquanto os registros oficiais muitas vezes se limitam a uma visão parcial e superficial dos fatos. Ocorre que, dentro da lógica capitalista em que vivemos, essas narrativas são frequentemente evitadas ou silenciadas em função de uma pretensa objetividade científica. O sistema hegemônico, que se arvora em juiz da verdade, acaba por sufocar as vozes e histórias que não se encaixam nessa narrativa dominante, ignorando assim uma parte importante da memória social. É preciso, portanto, olhar para essas histórias e experiências, compreendendo que elas também são fontes valiosas para a construção

da história da cidade e da sua identidade. Em relação a memória social, Matos salienta que:

Desse ponto de vista, é que pode ser pensada a transformação do espaço vivido pela destruição da memória social, em virtude da liquidação das referências individuais e coletivas -- sintoma da "agonia da individualidade", de "fragmentação da identidade" e da mutilação do ego sob os auspícios do capital monopolista. O individual, o qualitativo, o heterogêneo, são excluídos, de um só lance, do espaço urbano e do campo científico (MATOS, 1947, p.47).

A exploração de diversos olhares dentro dos espaços urbanos é um tema fundamental, pois permite a abertura de novos campos de conhecimento. Nesse sentido, é preciso compreender que nenhum conhecimento é mais importante que outro, pois todos eles se complementam. A memória social, as narrativas populares e as imagens, por exemplo, são fontes de histórias do passado e do presente que podem contribuir para o desafio contemporâneo de representar o espaço urbano, seja ele de forma física ou simbólica. O sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, em sua obra intitulada "Um discurso sobre as ciências", aborda a relação entre a ciência e a virtude, destacando a importância de reconhecermos a existência de outros saberes que não estão necessariamente vinculados à ciência hegemônica:

Novamente estamos regressados à necessidade de perguntar pelas relações entre a ciência e a virtude, pelo valor do conhecimento dito ordinário ou vulgar que nós, sujeitos individuais ou coletivos, criamos e usamos para dar sentido às nossas práticas e que a ciência teima em considerar irrelevante, ilusório e falso; e temos finalmente de perguntar pelo papel de todo conhecimento científico acumulado no enriquecimento ou no empobrecimento prático das nossas vidas, ou seja, pelo contributo positivo ou negativo da ciência para a nossa felicidade (SANTOS, 2008, p.18).

Segundo o sociólogo português, a ciência tem um papel fundamental em elucidar o tempo presente, que se tornou cada vez mais complexo. Contudo, para compreender a vida em sua plenitude, é preciso voltar para a experiência concreta das coisas, onde a vida acontece. Santos não refuta o conhecimento científico, mas enfatiza a importância de considerar ambos os conhecimentos, sem desmerecer nenhum deles. Tais reflexões têm como base as perguntas feitas por Rousseau na infância sobre as ciências e os cientistas. Santos explica que o tempo presente está muito complexo e a ciência tem um papel em elucidá-lo, mas, como dito, é preciso voltar para a experiência concreta das coisas.

As reflexões trazidas por Santos sobre a valorização das experiências concretas das coisas, no contexto presente, são bastante pertinentes, sobretudo quando consideramos o processo de construção dos lugares de memória das cidades.

É comum que as vivências particulares dos indivíduos sejam consideradas irrelevantes para a "história oficial", o que gera uma limitação na compreensão dos lugares e fatos históricos. Assumpção e Ferreira apresentam algumas reflexões que corroboram com essa complexidade em lidar com diferentes saberes e experiências:

Pautados por documentos oficiais - reconstroem uma "História Oficial", ou seja, uma historiografia associada aos fatos que produzem uma identidade nacional, ou regional. São documentos que, por possuírem um caráter político e social significativo para a compreensão da História Urbana, muitas vezes se sobrepõem a outros registros que, a princípio, podem parecer de menor valor histórico. Entretanto, quando esses registros são observados mais atentamente, eles apresentam fatos que os documentos oficiais não conseguem transparecer. Isso não significa que, na essência do fato, temos duas ou mais Histórias conflitantes sobre a mesma cidade, nem tão pouco há uma importância maior entre elas. Na realidade são metodologias narrativas distintas e por consequência possuem fontes de pesquisa distintas, bem como resultados e análises distintos (ASSUMPÇÃO, FERREIRA, 2017, p.3).

As metrópoles são espaços ricos em simbolismo, memórias e histórias, no entanto, muitos desses tesouros permanecem ocultos, desconhecidos por grande parte da população. É necessário que se compreenda que esses saberes são distintos dos apresentados pelos meios oficiais, pois são compostos por lutas de classes na busca pelo empoderamento. As teorias antropológicas, por exemplo, tiveram que percorrer um árduo caminho para elucidar conceitos fundamentais, como o de pertencimento e vínculo social, para que pudéssemos entender os novos controles que regem a relação do homem com o seu território urbano.

Desta maneira, entende-se que a cidade é alvo de um intenso processo de fragmentação, movido pelas chaves da lógica produtivista econômica, que intensificam a ideia da cidade em disputa. A legitimação de processos de desigualdade e divisão é tentada por meio do discurso hegemônico, que Vieira (2018, p.24) explica como sendo uma "distribuição assimétrica do direito à enunciação, justificando dessemelhanças". Desse modo, torna-se claro que essa metodologia discursiva hegemônica da cidade faz com que sua história e identidade sejam vistas e ouvidas "a partir de determinadas vozes e do abafamento de outras tantas" (VIEIRA, 2018, p.24).

Mesmo tendo noção dos diferentes aspectos e meios que podem ser utilizados para ler e expressar a cidade, observa-se a insistência em lhe definirem de alguma forma, lhe associarem a uma marca, ou a moldarem dentro de uma narrativa que não possibilite espaço para outras interpretações. Ainda segundo Vieira:

A identidade criada, porém, escolhe o que deseja mostrar e o faz sombreando

e invisibilizando o que é diverso da imagem construída que se quer apresentar. Tal identidade é constituída a partir de um consenso acerca de uma ideia de território, seja este geográfico ou abarcando a existência nele construída. Tal consenso só se faz por meio da supressão daquilo que é dissenso. Moldada por contextos históricos e pautada em projetos específicos, a busca identitária da cidade promove, assim, um discurso que preza o harmônico e o consensual e suprime o divergente, o diverso, o conflituoso, o dissonante (VIEIRA, 2018, p.24).

Diante disso, pode-se deduzir que os espaços das cidades estão hierarquizados e pautados por uma logística que define e prioriza o que deve ser tido como uma verdade absoluta. O movimento que se forma com o objetivo de propositalmente ou inconscientemente não narrar os espaços opacos, é intensificado ora pelo conflito, ora pela negação que se constitui nesses meios.

Tal constatação nos faz pensar que, os "fazedores de cidades", expressão utilizada por Fortuna (2018) para referenciar-se a arquitetos, urbanistas, planejadores urbanos, engenheiros e líderes políticos, devem trabalhar sob a perspectiva de não propiciar a exclusão e marginalização socioespacial. Contudo, suas escolhas e decisões não parecem levar em consideração o impacto daqueles que vivem nas margens da sociedade. Seus planos continuam a invisibilizar, devido à cegueira cognitiva¹⁰ que os impede de perceber a realidade complexa da cidade.

Ao analisar os discursos que permeiam as cidades, tornam-se evidentes as restrições que impedem a redescoberta de espaços não narrados, uma vez que estes já são concebidos para serem silenciados, suprimidos e marginalizados. As centralidades urbanas criaram uma mecânica de desclassificação e subalternização, relegando ao invisível o que julgavam não merecer ser visto. Como bem pontua Santos (2006), as realidades geradas nesses lugares de silenciamento são tidas como inexistentes, o que limita ainda mais a compreensão da cidade em sua totalidade.

Aprofundando ainda mais nossas reflexões sobre o espaço e o lugar, recorreremos às contribuições de Tuan (1983), que destaca a importância da experiência do homem com o ambiente que o cerca. Segundo o autor, essa relação pode ocorrer de maneira direta e íntima, em que o indivíduo vivencia o espaço e o

10 Por vezes, a vontade de não querer ver a absoluta precariedade e o total desrespeito pela dignidade humana conduz a que as autoridades não atuem na solução de graves problemas nas periferias das cidades. O antropólogo paquistanês Arjun Appadurai assinala como nos bairros pobres de muitas megacidades a falta absoluta de infraestruturas conduz ao que designa "política de merda" ("shit politics"), para significar a necessidade de urinar ou defecar em lugares públicos, nem sempre resguardados (Appadurai, 2002, p. 37, apud Fortuna, 2018, p.141).

lugar de forma sensorial e emocional, ou de maneira indireta, mediada por símbolos e conceitos. Nas palavras de Tuan:

Os planejadores profissionais, com sua necessidade urgente de agir, apressam demais a produção de modelos e inventários. Por sua vez, o leigo aceita sem muita hesitação, dos planejadores carismáticos e dos propagandistas, slogans do meio ambiente que tenham recebido através da mídia, esquecendo-se facilmente a rica informação derivada da experiência, da qual dependem estas abstrações. (TUAN, 1983, p.7).

Em face dos fatos mencionados, percebe-se que grande parte das banalidades que se observam entre os habitantes e os espaços, decorrem da ausência de uma visão autônoma dos lugares em que vivem, visto que suas experiências frequentemente não englobam os sentimentos e ideias que realmente caracterizam tais locais. A forma como esses lugares são divulgados, não permitem uma compreensão mais profunda daquilo que compõe suas realidades, bem como das múltiplas vozes que os constituem.

Nesse sentido, é importante que se tenha uma abordagem crítica e plural, que leve em conta as diversas perspectivas que permeiam a vida urbana. Há que se considerar também que a relação afetiva que muitas pessoas nutrem por seus lugares de vivência, está condicionada às suas experiências pessoais. Independentemente das condições físicas ou da qualidade de vida que esses lugares podem oferecer, os aspectos intrínsecos a eles fazem com que as pessoas se sintam conectadas e pertencentes a esses espaços. É uma relação que remete ao apego cultural, aos vizinhos, aos traços que os definem. Assim, mesmo que a superfície desses lugares não seja tão convidativa, há um sentimento de familiaridade.

2.1.1 Remontando histórias com base em biografias, documentos e imagens

Considerando a natureza subjetiva das questões aqui levantadas, a pesquisa histórica baseada em biografias, documentos e imagens foi uma das maneiras pelas quais se investigaram as outras faces da centralidade do bairro Jardim Goiás, desvendando assim suas periferias internas. Tal processo serviu como suporte para as narrativas populares, que orientaram os resultados pretendidos. A pesquisa biográfica e documental foi guiada por mapas e registros históricos, enquanto as imagens foram obtidas de diversas fontes, desde que retratassem memórias, representações, sentidos e histórias.

Nesta pesquisa, tem-se por objetivo desvendar as faces ocultas das centralidades e das periferias internas, a partir de uma sensibilidade voltada às

narrativas populares e de técnicas etnográficas e cartográficas. Através de imagens, histórias e memórias, busca-se evidenciar a existência de espaços periféricos dentro desses núcleos urbanos tão cobiçados pelo sistema capitalista e pelas elites sociais de alto poder econômico. É preciso que se investigue profundamente e se revele o que está oculto pelas aparências, para que se possa compreender a cidade em sua complexidade e dinamicidade.

Em virtude da vastidão da metrópole de Goiânia, seria inviável mergulhar em seu estudo total e processar todas as informações e dados coletados. Por essa razão, elegeu-se o Jardim Goiás como uma pequena amostra do todo. Este recorte foi escolhido para aprimorar a análise dos resultados e compreender melhor as peculiaridades do local. Além disso, o bairro Jardim Goiás é classificado como uma das centralidades mais importantes da cidade, conforme estudos oficiais e pesquisas já mencionadas anteriormente. Assim, foram identificadas três periferias internas no Jardim Goiás. Sendo elas, a Vila Lobó, a área não regulamentada do Jardim Goiás, e o Edifício Olímpico.

Com efeito, avançamos no progresso da pesquisa, desvelando os fundamentos do estudo, que consiste nas narrativas tecidas pelas populações presentes nestes lugares. Tais entrevistas foram conduzidas no bairro Jardim Goiás, notadamente na sua Área I, também conhecida como Vila Lobó. As entrevistas semiestruturadas, embora tenham exigido a elaboração de um roteiro que serviu como base, permitiram também a inclusão de outros diálogos e questionamentos durante as conversas, tornando-as, assim, ao mesmo tempo focalizadas e flexíveis. Conforme afirma Manzini:

Na entrevista semiestruturada, a resposta não está condicionada a uma padronização de alternativas formuladas pelo pesquisador como ocorre na entrevista com dinâmica rígida. Geralmente, a entrevista semiestruturada está focalizada em um objetivo sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista (MANZINI, 1990/1991, p.154).

Nesse sentido, o autor Manzini argumenta que as entrevistas semiestruturadas têm um papel crucial na busca por informações espontâneas e livres. Ele argumenta que esse tipo de abordagem metodológica permite que as respostas não estejam engessadas em um padrão de alternativas que poderiam limitar o alcance dos objetivos da pesquisa. Por meio dessas entrevistas, as vozes populares puderam ser ouvidas, e as narrativas sobre a vida e a história da região puderam emergir de forma rica e diversa, enriquecendo ainda mais o conjunto de dados coletados e analisados.

Em adição à análise das dinâmicas entre centro e periferia do lugar, buscou-se também evidenciar como as diferentes populações que ocupam e pertencem a esses espaços, concebem, percebem e vivenciam-nas. Conhecer suas memórias e entendê-las é essencial para compreender se as constantes mudanças ocorridas nesses lugares têm ou tiveram impacto em suas vidas, seu senso de pertencimento e como elas se sentem ao ocupar espaços dentro desses mesmos bairros que muitas vezes fogem de sua realidade e condição social. Entende-se que há questões conflituosas que precisam ser esclarecidas em relação às centralidades, tendo em vista a clara distinção entre o hegemônico e o cotidiano da vida e a imagem desses lugares.

Com efeito, as diretrizes iniciais para a realização das entrevistas foram cuidadosamente traçadas, com a intenção de abranger um leque diversificado de opiniões e visões sobre o bairro Jardim Goiás. Entre os residentes, comerciantes e passantes. Entretanto, como é costumeiro na vida, a realidade diverge do plano preconcebido e as entrevistas não foram exatamente sistematizadas dessa forma. E foi assim que, ao se aventurar pelas ruas e vielas daquele lugar tão pulsante, a pesquisadora se deparou com situações inesperadas e surpreendentes. Alguns moradores, por exemplo, se apresentavam reclusos e pouco gostavam de falar sobre suas experiências, enquanto outros se revelavam verdadeiros ancestrais, compartilhando suas histórias e segredos com uma sinceridade desconcertante.

Comerciantes informais, por sua vez, se encontraram bastante solícitos, oferecendo informações preciosas sobre o cotidiano do bairro, enquanto os formais, em sua maioria, pareciam preocupados em manter as aparências diante dos olhos curiosos da pesquisadora. E os passantes, esses sim foram uma verdadeira caixa de surpresas, transitando pelo bairro com suas vidas cheias de urgências e objetivos, alguns parando apenas para dar uma breve opinião, outros permanecendo por horas a fio, discutindo questões profundas e complexas. Foi assim que, diante dessa variedade de pessoas e situações, as entrevistas se transformaram em uma jornada repleta de descobertas e aprendizados.

Não houve uma escolha prévia específica sobre quem seria entrevistado e nem em quais pontos do bairro as entrevistas seriam realizadas, tornando-se uma amostragem aleatória. O único critério excludente foi a restrição de idade, de forma que os menores de 18 anos não puderam ser incluídos. Assim, a pesquisa partiu com um panorama inesperado, no qual as pessoas que aceitavam se voluntariar, eram aleatórias, e incluíam tantos moradores do bairro, trabalhadores, como também

peças que estavam de passagem pelo lugar. O resultado, portanto, foi a formação de grupos ecléticos, com diferentes origens e trajetórias de vida, que proporcionaram uma variedade de opiniões sobre a região vivida.

Sendo assim, a classe social, elemento indissociável da realidade brasileira, revelou-se um fator essencial a ser considerado no contexto das entrevistas realizadas. Identificou-se que as emoções e as expectativas dos diferentes grupos sociais perante o bairro escolhido para a pesquisa, são profundamente influenciadas pelo seu pertencimento a uma determinada classe. Nesse sentido, foram utilizados os padrões estatísticos do IBGE, apresentados no quadro 01, para determinar a que classe social esses indivíduos pertencem. Contudo, é importante ressaltar que a mera aplicação de estatísticas nem sempre é suficiente para compreender a complexidade das relações sociais, uma vez que as pessoas muitas vezes transitam entre posições diferentes e classes ao longo da vida.

Quadro 01 – Classificação IBGE

CRITÉRIO IBGE	
CLASSE	RENDA FAMILIAR
A	Acima de 20 salários mínimos (+R\$24.000)
B	De 10 a 20 salários mínimos (R\$ 12.120 – R\$24.240)
C	De 4 a 10 salários mínimos (R\$ 4.848 – R\$12.120)
D	De 2 a 4 salários mínimos (R\$2.420 – R\$8.848)
E	Até dois salários mínimos

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do IBGE 2020. Acesso em mar, 2022.

E assim, chegamos ao número total de 18 entrevistas, que foram realizadas em diferentes pontos do bairro escolhido. Inicialmente, havia sido definida a realização de 6 entrevistas com moradores, outras 6 com comerciantes (formais ou informais) e outras 6 com passantes das áreas da região. Essa divisão tinha como objetivo oferecer uma visão mais diversa da realidade do lugar, contemplando diferentes perspectivas e opiniões. Entretanto, a imprevisibilidade da pesquisa de campo levou a um processo mais fluido, em que as entrevistas aconteceram conforme a disponibilidade e o interesse das pessoas envolvidas. E assim, mesmo sem seguir rigidamente o planejado, foi possível obter informações valiosas para o desenvolvimento da pesquisa.

Prosseguindo com as incursões de campo, de forma a compor as narrativas populares preconizadas, empregou-se a antropologia visual como abordagem

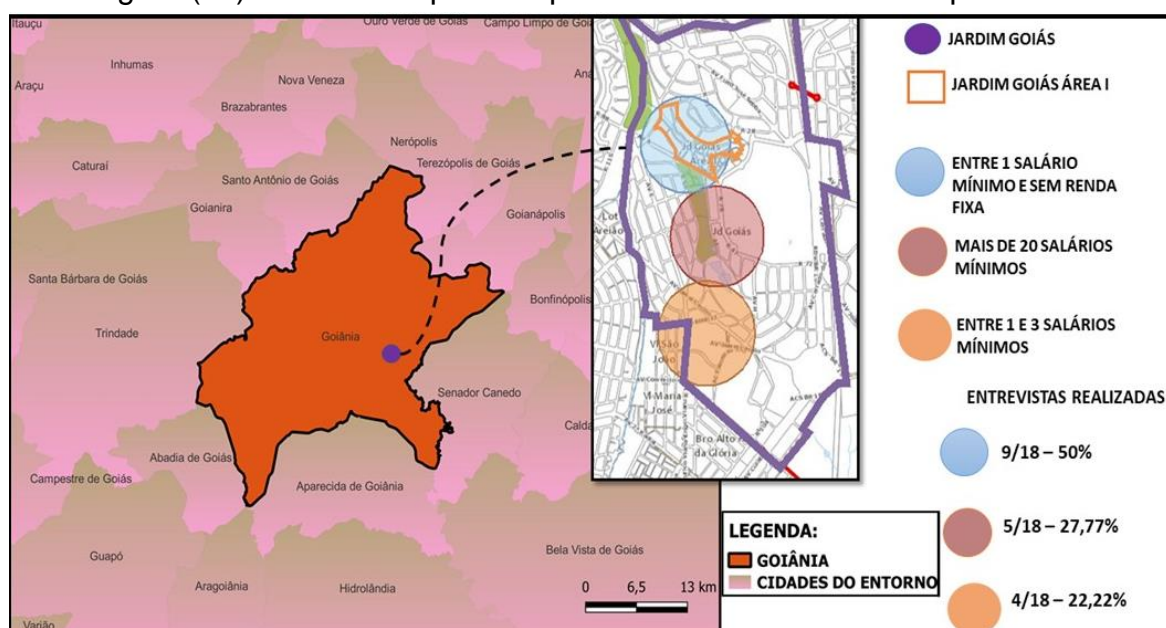
metodológica. Esta prática, segundo Rial (2014), tem como escopo representar modos de vida, atitudes e comportamentos, por meio de análises direcionadas a todos os elementos que compõem o universo material e visual das pessoas. "Não é só com palavras que se escreve. As imagens também podem ser instrumentos poderosos na elaboração de textos antropológicos, possuindo grande permissão para difundir ideias" (RIAL, 2014, p.11).

A pesquisa em questão teve nas imagens um lugar de grande importância, pois elas representam de forma vívida as cotidianidades, sentimentos e experiências das pessoas em relação ao lugar de estudo. A antropologia visual empregada e desenvolvida no capítulo três, permitiu capturar estilos de vida, atitudes e comportamentos, e tornou-se um instrumento poderoso na elaboração dos relatos antropológicos. As imagens obtidas nos levantamentos foram contrastadas com as reproduções midiáticas, incluindo as mídias sociais, jornais e incorporadoras imobiliárias, com o intuito de trazer outros pontos de vista dos lugares investigados.

Através das imagens capturadas dos lugares e dos eventos que o marcaram e continuam a marcar sua história, foi dado início à primeira parte da estrutura elaborada para as entrevistas semiestruturadas¹¹, realizadas no Bairro Jardim Goiás. Observou-se que mesmo em áreas onde a predominância é de construções de maior poder aquisitivo, há também uma concentração de pessoas que, segundo dados do IBGE, podem ser enquadradas nos parâmetros da classe D, podendo ser consideradas como classe média baixa ou média. O mapa da Figura (17) traz a análise desses percentuais.

11 Estrutura completa das entrevistas está presente nos apêndices.

Figura (17) – Análise espacial e percentual das entrevistas aplicadas



Fonte: Organizado pela autora, 2022.

Na região delimitada pela cor azul, situam-se as áreas mais periféricas do bairro, onde se concentra uma população mais carente e desfavorecida economicamente. Entre essas pessoas, há aquelas que sobrevivem por meio de benefícios governamentais, outras que recebem apenas um salário mínimo e algumas que não possuem nenhuma fonte de renda fixa. É bastante contraditório pensar que, em uma região com um valor elevado por metro quadrado e com uma ampla oferta de empresas e serviços, essa imagem seja propagada como se tais situações não existissem.

2.2. Outra escuta, outras narrativas

Considerando os aspectos e fatos até então apresentados, faz-se necessário seguirmos nos debates, abordando as conexões, atitudes e valores dos lugares definidos para a pesquisa, na perspectiva daqueles que os ocupam. Tendo em vista que o território em questão é dotado de diferentes narrativas e significados. Os fundamentos dessas análises são as entrevistas semiestruturadas realizadas com moradores, trabalhadores e passantes da região. Neste subitem, não se utilizou todas as perguntas, respostas, nem a mesma ordem definida inicialmente.

Nas entrevistas semiestruturadas¹² conduzidas com os ocupantes do Jardim Goiás, foi indagado sobre a relação que mantinham com a região em que vivem.

¹² Todo o conteúdo das entrevistas semiestruturadas, será apresentado na íntegra nos apêndices.

Convém lembrar que as entrevistas foram realizadas de modo individual e voluntário, havendo dificuldade por parte de alguns entrevistados, em fornecerem respostas mais aprofundadas. As respostas foram sucintas, tais como "muito boa", "ótima" e que " não tinham desavenças com outras pessoas, portanto uma relação tranquila". Curiosamente, tais respostas foram expressas tanto pelos moradores das áreas mais nobres, quanto pelos habitantes das zonas periféricas.

Quando questionados sobre o sentimento de pertencimento com a região, identificação e os motivos de estarem ali, nesse momento foi possível obter respostas mais elaboradas. Maria, nome fictício dado a uma das participantes, respondeu que se identificava muito com a Vila Lobó, pois nasceu e cresceu ali, tendo construído suas memórias e relacionamentos ao longo da vida. Ela ressaltou que, mesmo com as dificuldades enfrentadas na região, como falta de infraestrutura e segurança, ela não consegue se imaginar morando em outro lugar. Para Maria, a Vila Lobó é a sua casa, onde ela se sente acolhida e conectada com a comunidade. Essa relação afetiva com a região também é mantida pela presença de sua família e amigos, que aprenderam das mesmas vivências e desafios:

Eu me sinto pertencente. Fui criado aqui mesmo, não tenho outro lugar para falar. Apesar dos problemas que existem aqui, não mudaria para outro lugar. Aqui está perto de quase tudo, é um lugar bom para se morar. Uma hora ou outra tem uma desavença, mas qual o bairro que não tem uma desavença? Basta a gente saber qual é o lugarzinho da gente que fica tudo bem tranquilo (MARIA, 2022).

Além disso, também foi perguntado para Maria qual era o sentimento que ela tinha ao frequentar ou passar por outras áreas dentro da própria região, que por algum motivo fugiam da sua realidade social e econômica. Com voz pausada, a entrevistada respondeu que, embora reconhecesse as diferenças existentes dentro do bairro, não se sentia desconfortável em visitar outras áreas. Maria fala que não tem nenhum sentimento diferente: *“Porque assim, eu acho que quem faz o lugar é a gente. Tem gente que tá lá naquele lugar chiquérrimo e vivi pior do que eu que tô aqui. Então, acho que isso não interfere em nada. Quem faz o lugar é a gente”* (Maria, 2022).

Prosseguindo com as respostas de Maria, foi perguntado sobre sua visão acerca da importância do Jardim Goiás para a cidade como um todo, sem se restringir apenas aos espaços onde ela reside. Embora tenha sido frisada a importância de se abranger toda a região, Maria respondeu com as seguintes palavras: *“Aqui é bom, mas aqui falta um pouquinho, né? Segurança, lazer, escola para as crianças. A creche*

que tem não atende a população. Não considero como referência pra cidade, não. Fica a desejar isso aí” (MARIA,2022).

Na fala de Maria, podemos perceber que ela tem uma opinião fundamentada na realidade do local em que vive. Embora o bairro Jardim Goiás possua todos os itens que ela descreveu, Maria não os considera relevantes porque não estão adequados à condição social das pessoas que vivem na Vila Lobó. Além disso, ela acredita que esses lugares e serviços já estão destinados a pessoas que residem e ocupam a parte nobre do bairro.

Nesse sentido, dando continuidade ao nosso estudo, podemos apresentar as narrativas de outro entrevistado, que mora em um dos edifícios da orla do Parque Flamboyant. O senhor Marcos, como será chamado aqui, gentilmente aceitou participar da entrevista em 10/08/2022, e respondeu às mesmas perguntas que foram feitas a Maria. Quando questionado sobre seu sentimento de pertencimento e identificação com a região, bem como seus motivos, Marcos deu a seguinte opinião:

Ah, acho que hoje em dia eu me sinto mais pertencido. Depois de oito anos aqui, não tem como não se sentir assim. Mas é por isso mesmo, por estar morando aqui, por estar inserido nessa "bolhinha" que é esse Parque Flamboyant, Jardim Goiás. Acho que é mais por estar acomodado que eu me sinto pertencente a esse lugar.
(MARCOS, 2022).

Sobre o seu sentimento em frequentar ou passar por outros lugares que existem dentro da própria região, que por algum motivo fogem da sua realidade social e econômica, Marcos refletiu por um instante antes de responder, parecendo ponderar sobre o impacto que os contrastes da região poderiam ter em suas emoções. Então, com um suspiro, ele respondeu que:

Bom, levando como exemplo a Vila-Lobó, no começo eu me sentia meio apreensivo porque, querendo ou não, a gente ouvia falar para não passar lá em tal horário. Mas, conforme eu fui passando, eu fui vendo que não tinha muito perigo não. Hoje, eu lido bem. Eu compro coisas por lá e não sinto muito problema não. Mas é bem diferente do que você olha em volta aqui do parque e daquela Vila. Parece realidades diferentes, mas é uma do lado da outra
(MARCOS, 2022).

Ao ser questionado sobre sua perspectiva a respeito da importância da região do Jardim Goiás para o restante da cidade, o entrevistado Marcos, morador de um dos prédios da orla do Parque Flamboyant, foi enfático em sua resposta. Para ele, a região é de grande importância, não só por ser uma das mais valorizadas e movimentadas de Goiânia, mas também por agregar diversos estabelecimentos comerciais. Marcos explica que:

Tem o shopping flamboyant aqui, que eu acho como referência para o restante da cidade, o parque também, muita gente vem para cá, eu sou daqui dessa região então sou um pouco suspeito para falar. Ó Serra Dourada, poxa! Está aqui do lado, tem muita feira também aqui perto do parque. Então influencia muito na questão do lazer, entretenimento e economia da cidade (MARCOS,2022).

Através dos breves relatos extraídos das entrevistas semiestruturadas e das demais metodologias empregadas, é perceptível que as conexões, atitudes e valores com os lugares do bairro Jardim Goiás estão profundamente ligados às experiências de seus habitantes. Mesmo que se trate de um mesmo local, os indivíduos tendem a se posicionar a partir de uma perspectiva particular, que leva em conta seus cotidianos, realidades sociais e econômicas.

Como dizia Santos (2006, p.215), "O espaço se dá ao conjunto dos homens que nele se exercem como um conjunto de virtualidades de valor desigual, cujo uso tem de ser disputado a cada instante, em função da força de cada qual ". Portanto, isto indica que o território urbano é caracterizado por um deslocamento híbrido que movimenta as relações sociais. As materialidades, focam em forças produtivas que tendem a beneficiar aqueles que possuem mais recursos financeiros. Mas, os contrastes observados podem ser melhor explorados através das diversas narrativas que são estruturadas, como veremos a seguir.

2.2.1 O contraste das imagens: narrativas das mídias x errâncias urbanas

As cidades são cenários onde ocorrem diversas formas de apropriação, o que resulta na constituição de elementos midiáticos estratégicos. Esses elementos desempenham um papel importante na complexa dinâmica comunicativa dos espaços. A mídia está envolvida nos processos capitalistas de valorização dos espaços, tanto do ponto de vista do mercado quanto da sociedade. Ela busca constantemente fomentar a competitividade entre diferentes grupos, atividades e espaços. Debord (1997) aponta que, por trás desses mecanismos capitalistas, ocorre uma espetacularização que invade a realidade vivida e dá lugar à contemplação do espetáculo.

O que se pode notar, então, é um intenso movimento, por parte de empresas e governantes, que buscam afirmar suas imagens, por meio de símbolos positivistas e referências coletivas do meio urbano. Esses movimentos acabam por provocar efeitos consonantes à identificação, conexão, cultura e proximidade, deixando nas

entrelinhas a estratégia de dominação e manipulação dos lugares e do imaginário daqueles que consomem essas narrativas.

A cidade real é aquela vivida pelos seus habitantes, composta por uma sequência de detalhes e peculiaridades que muitas vezes passam despercebidos pelos olhos dos meios de comunicação. Uma das maneiras de compreender mais profundamente a cidade é vivenciá-la por meio de errâncias urbanas, que segundo Jacques (2012), consiste em explorar seus espaços não apenas de forma visual, mas também por meio de experiências e sensações.

Nesse sentido, busca-se destacar a vivência cotidiana na construção da cidade, pois podem existir várias verdades, engajadas com diferentes questões. E essas vivências cotidianas costumam ser moldadas a partir das ações e desvios de seus habitantes. Jacques (2005), em sua obra, reforça a necessidade de se olhar para além da cidade midiática e superar as múltiplas narrativas que compõem a cidade real:

As experiências de investigação do espaço urbano pelos errantes apontam para a possibilidade de um “urbanismo poético”, que se insinua através da possibilidade de uma outra forma de apreensão urbana, o que levaria a uma reinvenção poética, sensorial, e no limite até mesmo libidinoso, ou erótica, das cidades. Talvez a maior crítica dos errantes urbanos aos urbanistas modernos, tenha sido exatamente o que Oiticica resumiu de forma tão clara no que ele chamou de “poetizar do urbano”. Os urbanistas teriam esquecido, diante de tantas preocupações funcionais e formais, deste enorme potencial poético do urbano e, principalmente, da relação inevitável entre o corpo físico e o corpo da cidade que se dá através do andar, através da própria experiência física – corporal, sensorial – do espaço urbano, algo tão simples, porém imprescindível, para todos os amantes de cidades e, principalmente, para os arquitetos-urbanistas (JACQUES. 2005, p. 24).

Dito isto, quando entendermos que os lugares existentes nas cidades não são apenas espaços construídos, mas sobretudo espaços da vida, finalmente estaremos cientes de que a mídia de massa, por mais importante que seja para o crescimento e desenvolvimento econômico dos locais, não incluirá a cidade concreta que a errância urbana possibilita desvendar. Os espaços da vida são compostos por experiências únicas e reflexões que não podem ser retratadas na mídia de massa, pois elas são vivenciadas como modo de subjetividade, experienciadas diretamente através das suas territorialidades.

Tendo em vista os fatos discutidos anteriormente, torna-se oportuno apresentar o contraste de imagens que coexistem no bairro Jardim Goiás, considerando a perspectiva das diversas mídias sociais e da errância urbana. Essa análise deu base para as teorias que foram defendidas até aqui, de que as imagens e notícias amplamente divulgadas não refletem o sentido concreto do lugar, suas dinâmicas e a

vida de suas periferias. Portanto, é fundamental considerar essas diferentes perspectivas e buscar uma compreensão mais completa e concreta da cidade.

Figura (18) - Notícia jornalística sobre a valorização da região

Alto da Glória e Jardim Goiás são os bairros mais valorizados para aluguel em Goiânia, diz estudo

Entre atrativos está a proximidade com shoppings, parques, escolas e restaurantes.

Por Vanessa Chaves*, G1 GO
19/06/2019 05h30 · Atualizado há 3 anos



Jardim Goiás e Alto da Glória estão entre os bairros mais valorizados de Goiânia, Goiás — Foto: Comunicação Sem Fronteiras/Divulgação

Fonte:¹³ CHAVES, Vanessa. G1 Goiás, Goiânia. 2022

Como pode ser visto na figura (18), as notícias e imagens que se veiculam sobre o Jardim Goiás, em sua maioria, referem-se à alta valorização monetária aos espaços de lazer, comércios e à qualidade de vida. Mesmo antes de todo esse prestígio, empreendedores e o mercado imobiliário já se movimentavam para aguçar o desejo das pessoas pelo lugar, criando um conceito de prestígio e elegância, que perdura até os dias atuais. Com efeito, essas imagens e narrativas não retratam a vida cotidiana dos moradores periféricos, que vivem à margem dessas dinâmicas, lutando para sobreviverem em um ambiente hostil, marcado por desigualdades e exclusões.

¹³ A presente imagem foi obtida por meio da fonte: CHAVES, Vanessa. Alto da Glória e Jardim Goiás são os bairros mais valorizados para aluguel em Goiânia, diz estudo. G1 Goiás, Goiânia, 30 de jun. de 2019. Disponível em: < <https://g1.globo.com/go/goias/mercado-imobiliario/noticia/2019/06/19/alto-da- gloria-e-jardim-goias-sao-os-bairros-mais-valorizados-para-aluguel-em-goiania-diz-estudo.ghtml> >. Acesso em: 15 de nov. 2022.

Figura (19) – Fotos memórias- Shopping Flamboyant



Fonte: Página do Goiânia do passado no Twitter¹⁴

Foi por volta de 1976 que se lançou uma das principais estratégias para transformar a visibilidade do bairro Jardim Goiás e atrair cada vez mais pessoas para essa região: a construção do Shopping Flamboyant. Na figura (19) podemos observar algumas imagens que retratam o início desse importante centro comercial. O empreendimento contribuiu para que com o passar do tempo, as construções precárias e as populações periféricas se tornassem cada vez menos frequentes na imagem do lugar, dando espaço a uma nova face do bairro, repleta de modernidade e atrativos.

Com isso, foram sendo implementadas diversas outras medidas com o objetivo de tornar o bairro mais visível, lembrado e, conseqüentemente, valorizado economicamente. Uma dessas medidas foi a construção do Parque Flamboyant. A área para o parque foi inicialmente estabelecida durante a aprovação do parcelamento do solo do bairro Jardim Goiás, através do decreto nº 18 de 22 de setembro de 1950. No entanto, o parque só foi concluído e inaugurado em 2007, tornando-se uma das principais parcerias entre os setores público e privado, impulsionando a valorização e

¹⁴ Disponível em: <<https://www.twitter.com.br/Gyndopassado>>. Acesso em: 29 mar. 2022

o crescimento da região. Por meio das figuras (20) e (21), presentes nas notícias, constata-se uma ampla espetacularização em torno desse projeto.

Figura (20) – Parque flamboyant, o novo cartão postal



Fonte: Jornal O Popular, 2013. Acervo Seplam, 2022.

Figura (21) – O bairro nascido para o sucesso



Fonte: Diário da manhã, 2006. Acervo Seplam, 2022.

Houve quem julgasse como audaciosa a confiança na ascensão do bairro e na sua afirmação como uma das principais centralidades da cidade. Entretanto, a parceria entre o setor público e privado, em todas as suas dimensões, facilitou sobremaneira esse processo. No caso do Jardim Goiás, essa parceria entre o setor público e privado foi a chave para viabilizar a transformação da região em uma das principais centralidades urbanas. Ousada ou não, a iniciativa teve sucesso, mas trouxe consigo a intensificação do processo de exclusão e segregação das

populações que já não eram mais bem-vindas, em função de suas condições sociais. As consequências sociais dessas mudanças ainda impactam atualmente.

Figura (22) – A ascensão do bairro



Fonte: Jornal O Popular, 2015.¹⁵

Apesar de um passado conturbado devido às invasões que ocorreram durante a sua implantação, o Jardim Goiás prosperou e se consolidou como pode ser visto na notícia da figura (22). No entanto, é notável que as áreas que em outros momentos foram objeto de discussões, continuam a ser tratadas com desprezo e preconceito pelas mídias de massa, ou simplesmente ignoradas. É o caso, por exemplo, da área I do Jardim Goiás, conhecida até hoje como Vila Lobó, nome que alude aos tempos em que se tratava apenas de uma área invadida, destaque na notícia da figura (23). Mesmo com a regularização da área, a sua história é ignorada e desvalorizada em detrimento da imagem de sucesso e glamour que se deseja associar ao Jardim Goiás.

¹⁵ Notícia e imagem provenientes do jornal **O Popular**, Goiânia, 04 de out. de 2015. Disponível em: <https://opopular.com.br/noticias/cidades/jardim-goi%C3%A1s-est%C3%A1-entre-os-bairros-que-mais-mudaram-desde-2005-diz-comiss%C3%A3o-1.922900>. Acesso em: 15 de nov. de 2022

Imagem (23) – Reivindicações de populações do Bairro Jardim Goiás



Fonte: Folha de Goiás, 1981. Acervo Seplam, 2022.

Por um longo período, as tentativas de desocupação das áreas de invasões e remoção das populações locais foram constantes como visto na figura (24). Relatos de moradores atuais indicam que algumas dessas ações ocorriam de maneira pacífica, mas na maioria das vezes, os conflitos se tornavam violentos. Os órgãos públicos, em vez de agir com justiça e compaixão, usavam de força e opressão, não hesitando em impor sua autoridade. A história dessas comunidades marginalizadas é permeada por lutas e resistências, e ainda hoje elas lutam por seus direitos e por reconhecimento na sociedade.

Figura (24) – Derrubada de moradias para reaver áreas de posse



Fonte: Folha de Goiás, 1981. Acervo Seplam, 2022.

Desde o início de sua ocupação, a parte conhecida como Vila Lobó, que faz parte do bairro Jardim Goiás, é vista com preconceito e desdém, associada à pobreza, violência e falta de cuidado por parte das autoridades. Apesar do tempo que se passou desde a primeira ocupação e dos conflitos sofridos, a região e seus habitantes ainda sofrem as consequências desse passado de dor e injustiça, que deixaram feridas abertas e profundas. As cicatrizes desse período que se perpetuaram no tecido social e urbano do lugar, resultaram em um cotidiano de privações e exclusão para muitos de seus habitantes.

Eis uma questão que nos convida à reflexão. A Vila Lobó, com todos os problemas sociais que enfrenta, poderia ser facilmente classificada como uma favela, sobretudo quando consideramos os critérios utilizados pelo IBGE em sua pesquisa sobre aglomerados subnormais. Entretanto, há quem argumente que em Goiânia não há favelas, talvez pelo fato dessas áreas periféricas não apresentarem moldes geométricos e geográficos típicos de favelas existentes em outras partes do país, como São Paulo e Rio de Janeiro. Tal debate evidencia a complexidade dos fenômenos sociais e urbanos, e a importância de olharmos além das aparências para compreendermos as realidades que se escondem por trás das fachadas.

Nesse sentido, no ano de 2011, uma pesquisa realizada pelo IBGE teve por objetivo identificar aglomerados subnormais no estado de Goiás. Os resultados apontaram a existência de doze desses aglomerados, sendo que sete deles se encontram na capital, Goiânia. Entre os aglomerados subnormais identificados, encontram-se locais como Emílio Pova, Jardim Botânico I e II, Jardim Goiás Área I (Vila Lobó), Jardim Guanabara I, Quebra Caixote e Rocinha. Embora seja amplamente divulgado que não há favelas na localidade, segundo os critérios do instituto, tais setores podem sim ser considerados como tais.

Notam-se desigualdades sociais no Jardim Goiás área I (Vila Lobó), que apesar de estar na mesma área geográfica de um dos bairros mais elitizados e caros da cidade, faz parte do grupo de favelas, sendo considerada uma das localidades mais pobres de Goiânia. Essa região parece não receber a atenção e os cuidados necessários. Em vez disso, o que se veicula na mídia são imagens estereotipadas e sensacionalistas, figura (25), que retratam somente a violência e os perigos que a cercam, como se a vida de seus habitantes fosse completamente destituída de significado e valor.

Figura (25) – Notícias Vila Lobó

1

POLÍCIA CIVIL
ESTADO DE GOIÁS

INÍCIO INSTITUCIONAL DELEGACIAS FESACOC SERVIÇOS ACESSO À INFORMAÇÃO

Início > Delegacias > Especializadas > Em cerco na Vila Lobó, PC prende autores de homicídios a mando...

Delegacias Especializadas Notícias da Polícia Civil

Em cerco na Vila Lobó, PC prende autores de homicídios a mando de facção criminosa

07/08/2018 1309

Nos dias 31 de julho e 03 de agosto, a Delegacia de Investigação de Homicídios (DIH) prendeu dois homicidas confesos que cometeram crimes a mando da facção criminosa Comando Vermelho. Gabriel Felipe de Araújo, 18 anos, e Wildimar Barbosa de Sousa, por alcunha "Careca", 25 anos, teriam assassinado Marcos Nunes de Oliveira, 23 anos, no dia 17 de abril deste ano na Vila Lobó, região do Jardim Goiás.

SERVIÇOS #PCGO

DELEGADO GERAL PCGO ESCOLA SUPERIOR

2

HOMICÍDIO

Jovem é morto a tiros dentro de casa na Vila Lobó, em Goiânia

maisgoiás Kayque Juliano
Goiânia, GO

Publicado em: 18/04/2018 às 10h57 | Última atualização: 18/04/2018 às 11h06

Um jovem de 23 anos foi morto a tiros dentro de casa na noite desta terça-feira (17) na Vila Lobó, no Jardim Goiás, em Goiânia. Segundo a

3

MENU G1 GOIÁS TV JORNALISTA

28/04/2012 11h35 - Atualizado em 28/04/2012 12h39

Forte chuva invade casas e traz prejuízos na Vila Lobó, em Goiânia

Tempestade atingiu a capital na noite de sexta-feira (27).
Marcas na parede mostram que o nível da água chegou a meio metro.

Fonte: organizado pela autora, 2022.¹⁶

Por trás das disputas acirradas e da busca incansável pela valorização e lucratividade das terras do Jardim Goiás e pelo apagamento da Vila Lobó, encontrem-se as histórias daqueles que habitam esses lugares. No entanto, as narrativas de vida desses moradores, repletas de desafios e conquistas, são colocadas em segundo

¹⁶ 1- Notícia divulgada no site da polícia Civil do Estado de Goiás- Fonte: Em cerco na Vila Lobó, PC prende autores de homicídio a mandado de facção criminosa. **Polícia civil Estado de Goiás**, Goiânia, 07 de out. de 2018. Disponível em: < <https://www.policiacivil.go.gov.br/delegacias/especializadas/em-cerco-na-vila-lobo-pc-prende-autores-de-homicidios-a-mando-de-faccao-criminosa.html>>. Acesso em: 01 de dez. de 2022.

2- Notícia disponível no site mais Goiás – Fonte: JULIANO, Kayque. Jovem é morto a tiros dentro de casa na Vila Lobó, Goiânia. **Maisgoiás**, Goiânia, 14 de abril. de 2018. Disponível em: <https://www.maisgoias.com.br/cidades/jovem-e-morto-a-tiros-dentro-de-casa-na-vila-lobo-em-goiania/>. Acesso em: 01 de dez. de 2022.

3- Notícia disponível no site do G1 Goiás – Fonte: Forte chuva invade casas e traz prejuízos na Vila Lobó, em Goiânia. **G1 Goiás**, 28 de abr. de 2012. Disponível em: <<https://g1.globo.com/goias/noticia/2012/04/forte-chuva-invade-casas-e-traz-prejuizos-na-vila-lobo-em-goiania.html>>. Acesso em: 01 de nov. de 2022.

plano, diante dos interesses dos especuladores imobiliários e dos governantes, que estão focados nos retornos financeiros que essas áreas podem ou não fornecer.

2.2.2 Narrativas que desvendam histórias de vida

Ao contrário do que muitos acreditam, narrativas e histórias de vida podem, sim, ser importantes ferramentas para as pesquisas acadêmicas, e para diversos outros campos do conhecimento. Elas possibilitam revelar uma sequência de acontecimentos que podem gerar novas interpretações e novas experiências. Trazem à tona experiências vividas pelos indivíduos, suas perspectivas, desafios e sucessos, oferecendo um olhar único e valioso sobre a realidade experimentada.

A memória, é algo que permeia a experiência de vida dos seres humanos, e exerce papel fundamental nas narrativas. Constitui-se da junção de historicidades, afetividade, cultura de quem narra. Ali também está presente as marcas do grupo social a que pertence. Sendo assim, discursos que transportam para o passado, trazendo para o presente momentos e fatos que por diversos motivos podem ter sido esquecidos ou desconsiderados. Sobre a função dela nas narrativas e histórias de vida, Rubio (2016) destaca:

É um fenômeno construído social e individualmente. para assumir que ouvir e contar histórias não é menos acadêmico, ou científico, do que qualquer outra forma de produzir conhecimento. O que muda é a forma de olhar para o mundo, para as pessoas e para o próprio texto que brota dos encontros com seres que nos tornam mais humanos. a desintegração do passado e a reintegração do narrador ao tempo presente como forma de resistência (RUBIO, 2016, p. 13-15).

No que foi mencionado pela autora, reflete-se que as narrativas propiciam ao narrador e ao ouvinte uma troca de experiências singulares, onde um se torna protagonista da sua própria história, revelando aquilo que deseja, no seu tempo e na sua ordem cronológica. Já o outro, responsabiliza-se pela missão de interpretar os fatos e atribuir-lhes sentidos diferentes, passando a ter novas ocorrências e competências. Vale ressaltar que esses fatos, resultantes de diferentes lugares e vivências do narrador, não perdem a sua cientificidade.

Quando refletimos que as inúmeras histórias que adquirimos como conhecimento são o resultado das experiências humanas, das memórias, vivências sociais e reflexões pessoais, as narrativas que contam histórias de vida surgem como uma oportunidade para se obter conhecimentos antigos. Dando lugar a novas

possibilidades construídas por meio delas, estimulando assim outros sentidos e relações.

Leão (2016) através de seus escritos, nos alerta que ao se propor desenvolver uma pesquisa que tenha como base histórias de vida, é fundamental propor um método com princípios que possam nortear o desenvolvimento do estudo. Dessa forma, a autora indica sua metodologia utilizada para lidar com pesquisas que envolvem narrativas, a fim de que se possa desenvolver um estudo mais consistente e com embasamento teórico-metodológico adequado.

O método de pesquisa proposto pela autora Leão (2016), batizado como "princípios do método de Peirce¹⁷", apresenta uma série de diretrizes para o trabalho com narrativas e histórias de vidas. O primeiro princípio, intitulado "a escuta como experiência estética", preconiza a importância da escuta atenta e desprovida de preconceitos. É fundamental estar aberto ao acolhimento, sem julgamentos ou expectativas pré-concebidas, e compreender as ambiguidades e singularidades das narrativas. Somente dessa forma é possível extrair o melhor de cada história compartilhada e obter conhecimentos.

Seguindo adiante, o segundo princípio denominado por Leão (2016, p. 32) como "princípio do diálogo" é tão crucial quanto a habilidade de ouvir esteticamente. A autora aponta que estabelecer uma comunicação relacional efetiva é fundamental para trocar informações e adquirir novos conhecimentos. No entanto, essa interação não é algo que possa ser alcançado facilmente, requer um esforço consciente e frequente para ser desenvolvido e aprimorado ao longo do tempo.

Chegando ao terceiro princípio que deve orientar os trabalhos com base em histórias de vida, Leão (2016, p.34), o intitula de "princípio da emergência", a emergência pode ser entendida como a manifestação de novas ideias, insights e descobertas que surgem durante o processo de pesquisa. Esse princípio, portanto, implica em estar disposto a se surpreender e deixar-se guiar pelo imprevisível. Segundo a autora:

17 De acordo com Leão (2016), o nome do método em questão é em homenagem a Charles Sanders Peirce (2005), pois os três princípios que compõem o método, foram inspirados nas suas categorias fenomenológicas. Segundo ainda a autora, Peirce foi capaz de "pensar além das dicotomias" (LEÃO, 2016, p.28).

Pensar a emergência exige pensar interações, imprevisibilidades e auto-organização. Significa pensar os sistemas enquanto ecologias vivas. Isso exige que o pesquisador esteja aberto às singularidades das histórias narradas, sem buscar encontrar generalizações e evitar ao máximo as tendências de uma postura indutiva ou dedutiva (LEÃO, 2016. p.35).

Em outras palavras, a autora destaca a importância de se estar preparado para o inesperado durante o andamento da pesquisa, e estar aberto a novas ideias e informações que podem surgir durante o diálogo com os narradores das histórias de vida. Também estar atento as surpresas, buscando sempre adaptar-se ao tempo cronológico do narrador, sem fazer objeções. Deixar que ele seja o protagonista da sua própria história.

Diante dos debates acerca das narrativas e histórias de vida, é válido mencionar as reflexões de Benjamin (1987), que, por meio de seus escritos, destaca a posição do homem como historiador. Ao assumir o papel de protagonista de suas próprias histórias, com suas lembranças e ações, o homem possibilita que essas narrativas sejam preservadas e possa adquirir novas interpretações e significados, permanecendo no campo das memórias.

Dado o que foi exposto, é essencial lembrar que o desejo pelo conhecimento é o nosso guia ao utilizar narrativas e histórias de vida. Pois nos impulsiona na busca pelo novo, a fim de enxergar as vidas que se desenrolam através das histórias contadas. É importante lembrar que, como diz Bruner (2001, p. 119), "narrativa é discurso, e a principal regra é haver um motivo para que o mesmo se distinga do silêncio".

A discussão sobre a relação entre espaço e indivíduos remete-nos à importância das narrativas e histórias de vida, pelo que nos possibilitam compreender essas inter-relações entre as pessoas e seus lugares. Através dessas narrativas, podemos ter acesso às experiências e memórias dos indivíduos que compõem esses espaços, entendendo suas vivências sociais e pensamentos pessoais. Assim, o conhecimento adquirido a partir dessas histórias de vida nos permite enxergar essas cidades não apenas como um conjunto de características físicas, mas como espaços vividos e significados por seus habitantes.

Na perspectiva de uma centralidade, convém considerar também esses modos de representação para um melhor discernimento entre a vida tal qual ela é vivida e aquilo que é criado para iludir no jogo do mercado e da especulação imobiliária. Os espaços de uma cidade devem, acima de tudo, fomentar a diversidade de seus usos,

a interação entre seus usuários e a qualidade de vida para as diferentes classes sociais.

Tendo em vista que as cidades são dinâmicas e estão em constante transformação, as centralidades podem ser entendidas como pontos-chave na compreensão da forma como as relações sociais são desenvolvidas. Entretanto, é preciso ter consciência de que essas centralidades podem refletir apenas os interesses de determinados grupos privilegiados, fragilizando assim, as relações sociais e ampliando ainda mais as desigualdades nas cidades.

Dando continuidade às questões mencionadas, é relevante apresentarmos mais algumas ocorrências relacionadas à centralidade do Bairro Jardim Goiás, pertencentes ao meio da pesquisa de campo. As narrativas expostas aqui são resultado de entrevistas realizadas com moradores, trabalhadores e pessoas que transitam pela região. Para preservar a privacidade dos participantes, todos os nomes mencionados nas narrativas são fictícios.

Deste modo, a seguir, temos narrativas genuínas que foram compartilhadas de modo espontâneo e voluntário. Essas histórias trazem à tona temas relacionados à zona periférica do bairro Jardim Goiás, originada por invasões, assim como da área nobre próxima ao Parque Flamboyant, e histórias de moradores do edifício olímpico.

Sendo assim, eis que a narrativa que ora se apresenta, trata-se da resposta emitida pelo participante Pedro, morador da Vila Lobó, localizada na área I do Jardim Goiás, quando questionado sobre quais palavras, em sua opinião, definiriam aquela região e seu entorno, e por quais motivos. Pedro, com toda sua experiência, afirma que uma palavra em especial se sobressairia nessa questão, e essa palavra seria, melhoras. O morador explica que:

É uma região que necessita de melhorias, um pouco mais de apoio pela importância que tem aqui hoje. Está tendo alguns avanços a passos lentos, mas a região está um pouco melhor. E é importante sim este bairro para Goiânia, para as pessoas que estão aqui ao redor, como eu te falei antes, essa relação de trabalho/mão de obra, tudo isso. Mas o outro lado está deixando a desejar (PEDRO, 2022).

Durante o diálogo com Pedro, foi-lhe perguntado acerca de sua principal lembrança da localidade e qual era o seu principal ponto de referência naquela região. O morador, após uma breve pausa, respondeu com clareza que sua memória mais vívida era das pessoas que moravam naquele lugar no período de sua infância. E seu ponto de referência não seria um lugar específico, mas sim a força de vontade e

coragem das pessoas que transformaram, mesmo que de forma sutil, a imagem daquele espaço que sempre foi tão marginalizado. Nas palavras de Pedro:

A principal lembrança, bom, são as pessoas, obviamente! O convívio com as pessoas aqui. A referência do local é que as pessoas aqui são sagaz, são lutadoras! Apesar de muitas dificuldades, sempre estão buscando melhorias, estão crescendo. Fico feliz que cheguei aqui e vi algumas mudanças feitas pelas próprias pessoas, sem o poder público (PEDRO, 2022).

Pedro informa que atualmente está morando na Europa, mas sua família ainda continua residindo na Vila Lobó. Mesmo tendo mudado, ele ainda considera a região como sua moradia, pois sempre que pode, faz questão de estar ali. Observa-se em Pedro uma forte conexão com a região, e suas percepções estão direcionadas mais para as fragilidades sociais de seu principal local de convívio, que é a Vila Lobó.

Prosseguindo, apresentamos agora as narrativas decorrentes da entrevista realizada com outro participante, a quem chamamos de Denis. Essa entrevista aconteceu nas proximidades do Parque Flamboyant, no final da tarde do feriado de 2 de novembro, as respostas dadas revelou que Denis se encaixava na categoria de passante da região, visto que reside em outra área e só esporadicamente adentra o bairro. Questionado sobre qual era a sua relação com a localidade, Denis afirmou:

Eu não tenho tanta relação com a região, mas eu acho que esse bairro virou tipo uma outra centralidade mais afastada da cidade, né? Tipo, ali o setor Bueno e tal, eu acho que se transformou em um centro principal junto com o centro ali mesmo na cidade. Aqui, eu sinto que é um pouco mais afastado, mas tem uma oferta tão grande de comércios e serviços que a galera que mora aqui fica por aqui mesmo, se não tiver que sair ou o que fazer em outras regiões. Eu estava falando com meu amigo hoje mais cedo que eu acho o acesso para cá muito difícil, eu moro lá no setor Bueno. Parece que para vir para cá tem que fazer uma coisa assim e para lá parece que não tem uma via de ligação direta, nada muito conectado, uma Avenida, sabe? Que venha para cá. Então, sei lá, eu sinto que essa é uma área que é mesmo para ser isolada, é a ideia dela (DENIS, 2022).

Denis, ao se categorizar como um passante da região, foi perguntado de forma intencional, sobre qual imagem ele acreditava que as outras pessoas tinham desse local. De pronto, ele respondeu que ele era uma dessas outras pessoas. Em suas palavras:

Eu mesmo tenho essa imagem de que aqui é um lugar muito elitizado (risos). Eu acredito que as pessoas, na minha cabeça, que quem mora aqui é meio "bolsonarista", eu acredito que as outras pessoas têm essa imagem, eu sou as outras pessoas porque eu não moro aqui. A imagem que eu tenho é que são pessoas brancas no geral, que têm grana, que não se importam muito com as outras pessoas que estão nas periferias. Parece meio hipócrita porque eu moro no Setor Bueno, mas eu morava na periferia, sabe? Meus pais moram na periferia e eu sei qual é a diferença de onde eu estou morando agora, para onde eu morava. Por mais que eu more em um prédio em que a

maioria das pessoas que moram lá são pobres, mas ao redor de mim é muito diferente. Eu sinto que as pessoas fazem de tudo assim para tirar tudo o que não é limpo visualmente dos bairros, sabe? Então eu percebo que ali no Setor Bueno onde eu moro e aqui, você não vê muito morador de rua, eu não sei como, mas eles tiram essas pessoas desses espaços (DENIS, 2022).

Também foi perguntado para Denis sobre suas impressões a respeito das mudanças que vêm ocorrendo na região ao longo dos anos. O entrevistado respondeu que, em sua percepção, "*Parece que a cada dia que passa tem mais prédios, e as novas construções não param. Apesar de ficar uma paisagem bonita, é um pouco preocupante por conta da superlotação da região e os problemas futuros que podem causar*" (DENIS, 2022).

É curioso notar as impressões distintas que um mesmo local pode suscitar, e tal fato apresenta importância singular para a ordenação da cidade e a interação entre suas populações. Acomodar o espaço urbano como um todo homogêneo e sem conflitos apenas reforça as desigualdades sociais e segregações desse território.

Dessa forma, continuando com as narrativas, convém acrescentar neste tópico de discussões sobre as percepções de quem ocupa os espaços urbanos de uma centralidade, as respostas de outro participante das entrevistas, a quem chamaremos de Beto. Beto é um trabalhador da região e exerce a função de zelador do Edifícios Olímpico, residencial situado nas proximidades do shopping Flamboyant. Como para os demais, foi questionado a Beto sobre sua relação com a região. E, segundo ele:

É uma região boa, uma região onde a gente tem oportunidade de trabalho. Temos um shopping aqui que é considerado um dos melhores shoppings de Goiânia, que é o Flamboyant, onde emprega muitas pessoas. Então, assim, é uma região de oportunidades em que eu me encontrei bastante desde quando comecei a trabalhar aqui (BETO, 2022).

É preciso destacar que a opinião de Beto remete a questões essenciais para a compreensão da dinâmica urbana atual do Jardim Goiás. Ao ser indagado sobre as palavras que melhor representariam a região, Beto não hesitou em mencionar emprego, renda e valor, como pilares fundamentais que sustentam a centralidade do Jardim Goiás e oferecem benefícios para parte daqueles que frequentam o local. Fazendo menção as palavras de Beto, ele destaca:

Emprego, é um bairro elitizado como nós discutimos agora pouco. Renda, porque na verdade o setor traz renda por ter tantos lugares que oferecem serviços e contratação de funcionários, acaba gerando muita renda para a cidade também. Eu penso que são essas palavras que melhor definem a região. Uma outra observação é em relação ao valor, ao preço das coisas. Aqui é um setor em que o valor de tudo é mais puxado. Por ter pessoas elitizadas que têm um poder aquisitivo maior, acaba que as coisas aqui em relação a roupa, barzinho, comida, tudo se torna mais caro (BETO, 2022).

Por meio de uma das perguntas da entrevista, Beto também se pronunciou sobre sua opinião em relação as mudanças que ocorreram e continuam a ocorrer na região. Em suas palavras, ele coloca que as áreas passaram por um processo de valorização imobiliária e que, conseqüentemente, a quantidade de empreendimentos cresceu exponencialmente. Porém, ele ponderou que essas mudanças geraram benefícios, como o aumento de empregos, mas também problemas, como a sobrecarga do sistema viário. Segundo ele:

O que eu vejo muito nessa região, em outras também, mas como estamos conversando em relação ao Jardim Goiás, é que é muito forte essa parte da área de construções. Em questão de prédio, o pessoal está investindo muito, então tiveram muitas mudanças na paisagem aqui do lugar. Você passa por um lugar e fala, nossa, isso aqui era um terreno baldio! E hoje já tem um prédio construído. O povo investe muito nessa região em relação a isso, justamente por conta de aluguel, comércios, restaurantes. Então, tudo isso influenciou nas mudanças que aconteceram aqui. Tem uma história que contam, que em uma determinada época desejava comprar toda essa área do edifício olímpico, "por acharem aqui feia", "uma imagem ruim para a região", assim dizem! Algumas outras pessoas já falam que essa história não procede, que nunca veio ninguém aqui para ofertar, porque até então, para vender aqui todo mundo teria que concordar. Mas retomando, a construção civil foi o que mais aumentou e mudou aqui (BETO, 2022).

A partir dessas breves narrativas, podemos observar que o espaço urbano apresenta uma complexidade marcante, com diferentes características na forma como seus ocupantes enxergam e vivenciam seus espaços. Nas áreas de centralidade, as narrativas destacam a concentração de atividades comerciais, culturais e de lazer, além de uma infraestrutura mais desenvolvida, ressaltando as oportunidades de emprego. Já nas narrativas das zonas de periferia, observamos falas que retratam uma realidade distinta, com menos investimentos em infraestrutura, menor oferta de serviços e maiores desafios. A compreensão dessas características nos permite refletir sobre a importância de considerar os diversos panoramas e cruzamentos de questões políticas e sociais, e os impactos na vida das pessoas que habitam esses espaços.

E são essas narrativas singulares que se misturam e formam o tecido social da cidade, revelando suas complexidades e contradições. Enquanto o sistema capitalista valoriza apenas o que a cidade pode oferecer em termos de recursos e oportunidades, as histórias de vida das pessoas que vivem nelas, contam muito de suas lutas e conquistas, suas alegrias e tristezas. São elas que dão vida e significado aos espaços urbanos, construindo uma identidade coletiva que transcende as fronteiras físicas das

ruas e prédios. Por isso, é fundamental que essas histórias sejam ouvidas e valorizadas, para que possamos compreender melhor a cidade e seus habitantes.

Diante disso, tornou-se necessário apresentar, neste momento da pesquisa, as narrativas daqueles que frequentam, ocupam e vivenciam o bairro Jardim Goiás, segundo suas próprias perspectivas históricas. Essas narrativas trazem outras histórias que também fazem parte da imagem do lugar. São histórias de vida que, juntamente com suas relações com a região, suscitam o debate sobre o papel da memória nesses grandes centros urbanos, fortemente influenciados por suas dinâmicas comerciais e periféricas.

E assim, as narrativas apresentadas, testemunham-se como verdadeiras revelações sobre a região, envolvendo desde participantes das áreas periféricas até os mais abastados financeiramente. Uma multiplicidade de histórias e memórias que retratam, com riqueza e profundidade própria da vivência, não apenas o espaço construído, mas também as emoções, os dramas e os anseios dos indivíduos que fazem parte do lugar. É como se cada narrativa fosse uma peça única de um complexo quebra-cabeça, ajudando a compor um retrato mais fiel e completo do universo urbano que se formou no Jardim Goiás.

Sendo assim, abaixo é apresentado o relato de Maria, cujo nome, fictício, será usado para melhor abordá-la. Ela é moradora da Vila Lobó e nos transporta a um tempo em que o bairro ainda não era regularizado, e o Jardim Goiás não tinha o prestígio que conhecemos hoje. Maria nos conta sobre sua chegada à região, trazendo lembranças que vão além do espaço construído, mas que nos expressam a importância das histórias de vida na formação do tecido urbano. Com seus relatos, Maria nos permite adentrar em sua história, nos mostrando como as memórias e as vivências moldam a percepção que temos do espaço que habitamos:

Eu cheguei aqui com dois anos, cheguei aqui meu vô e minha vô já estava; eles morava em uma outra casa nesse mesmo setor. Meus avós chegaram aqui na época das invasões, meu vô tomou posse da terra dele e ficou por aqui. Eu vim para morar com eles e me firmei aqui também (MARIA, 2022).

Maria, esse personagem que ora se apresenta, é detentora de uma história singular, de uma memória que se mistura com as paredes de sua casa, as árvores do seu quintal e o chão que pisa. Ela é a continuidade de seus valores, mantém viva as tradições e os costumes de sua família. Hoje é casada, tem seus filhos e mora na mesma casa que era de seus avós, em outros momentos da entrevista, fala que

mesmo com todas as dificuldades do local, não mudaria de lá, pois tem uma relação afetiva especial com a região.

Dando continuidade às narrativas que contam das histórias de vida no bairro Jardim Goiás, seguimos com o relato da senhora Benedita (nome fictício) que, com entusiasmo, alegria e por vezes comovida, nos conta sobre sua chegada ao Jardim Goiás e da felicidade de ter conquistado sua própria casa. A boa senhora reside no núcleo central do bairro, em uma casa construída em terreno regularizado, longe das áreas invadidas. Sua história é um retrato da luta e persistência de muitos que buscam melhorias em suas vidas e enfrentam grandes desafios para conquistarem seus sonhos, mesmo em meio a dificuldades:

Eu cheguei aqui no Jardim Goiás em 1984, eu falo assim: “Deus me deu esse cantinho”. Porque quando eu falei com meu esposo, nois morava de aluguel no Setor Sul, falei assim para ele: “Preto, nois precisa comprar um lote aqui”. A gente tinha uma casa no interior, mas nois já tinha vindo de lá e eu não tinha intenção nenhuma de voltar, falei que nois precisava comprar um lote. Eu tinha uma vizinha muito amiga minha, que tinha um filho que fazia faculdade lá na Universidade Federal, ele fazia engenharia. Eu mais essa minha amiga conversamos e eu falei assim pra ela: “Loscarina, vamo comprar um lote no Jardim Goiás?”, aí o filho dela foi chegando da faculdade e falou assim: “Eu tô ouvindo bem, ou vocês duas tão com intenção de comprar lote no Jardim Goiás?”, eu falei: “por que, Santos?”, ele respondeu: “Porque vocês não dá conta não, vocês não tem dinheiro pra isso” (risos). Eu era costureira, menina! Era uma luta com essas máquinas. Aí eu falei: “uai, Santos! É tão caro assim?”, ele falou: “deixa que eu vou dar uma olha procês”. Ele saiu, deu uma volta, voltou e falou assim: “O lote eu achei, mas vocês duas não dá conta de comprar lá não” (risos).

Aí eu falei assim, aí olhei pra Loscaina e falei assim: “Loscarina!”, aí perguntei pra ele: “esculta, que tamanho é que é esse lote?” ele respondeu: “uai, é quase 900m². Eu falei: “Loscarina! Vamo comprar e vamo rachar esse lote?”, ela respondeu: “vamo lá (risos)! E meu esposo tinha uma olaria, ele fazia tijolo e vendia para um vizinho lá que tinha deposito. Meu marido tinha um fusca e tinha um caminhão, aí eu falei pra ele: “ó! Cê vai queimar todo o tijolo que tiver pronto, vai trazer, vender, vai vender o fusca e nós vamo comprar a metade desse lote. Ele falou: “então tá!”.

Mas é que aí o Santos foi lá, já na imobiliária, ele mais a mãe dele, e já fizeram o negócio. Só sei que era tanto zero que eu olhava na escritura e falava: “meu Deus!” (risos). Eu falei: “Loscarina, nois ainda não tem o dinheiro todo não, Loscarina! O Vaguim tá acabando de queimar os tijolo pra entregar, e vai vender o fusca também pra nós dá conta, eu tenho um pouquinho na poupança mas não dá também não”. Aí ela falou: “não, deixa aí que eu pago tudo lá.”, não foi um presente, menina? Aí eu falo assim, “foi um presente de Deus”. Porque se ela não tivesse feito isso, nois não tinha condição de comprar.

Aí, depois eu fui trabalhar pra fazer a casa, porque nós vendemos a do interior, mas não deu pra nada. Só deu pra comprar pouquinho coisa, fui trabalhar. Meu marido já estava doente e eu tomei conta. Graças a Deus, eu terminei a casa. Coloquei um boteco, vendia leite, pão, fazia comida, mas a maldade do povo é tão grande! Eu tava com uma freguesia tão boa de comida que já tinha até comprado um fogão daqueles grandes. Fazia comida lá, o povo vinha. Vinha uns e levava marmita, vinha outros e comia ali mesmo porque já tinha as mesinhas. Mas, infelizmente, me dedaram. A mulher chegou aqui muito brava, falando: “tô querendo saber se isso aqui é uma

mercearia ou é um restaurante?”, eu respondi, perguntando o que era aquilo, que ignorância era aquela?”, ela respondeu que tinham falado pra ela que lá estava sendo servido comida e que, se o estabelecimento não fosse fechado, ela iria levar as panelas e tudo que estava lá. Eu respondi que não precisava tanta ignorância e que não iria mais vender comida. Parei de fazer comida, mas continuei com a mercearia, fiquei 28 anos tocando essa mercearia. Com o dinheiro de lá, terminei minha casa.

Meu cunhado quando veio aqui a primeira vez, a casa não tinha muro, não tinha nada. A casa tava só no tijolo. Ele falou assim pra mim: “nossa, tô com dó docê! Cê não dá conta de terminar essa casa nunca.”. Eu falei assim: “se Deus quiser, eu vou dar conta!”, e Deus falou amém. O lugar aqui da minha casa não é daquelas áreas de invasão. Todos os lotes aqui eram do Leonardo Rizzo. Nós compramos dele (BENEDITA, 2022).

Dona Benedita, com um sorriso no rosto e uma voz firme, transmite sua história de vida com emoção. Orgulhosa de sua casa, figura (26), localizada no núcleo central do bairro, ela descreve com entusiasmo os desafios que enfrentou para conquistá-la. Mas não é somente a conquista da casa que enche de orgulho o coração de dona Benedita. Ela se sente parte da evolução do bairro e conta, com detalhes, como acompanhou as mudanças ao longo dos anos. Desde as ruas sem asfalto até as melhorias coletivas, como a construção de praças e instalação de iluminação pública. Sua história, assim como a de outros moradores, é um testemunho vivo do desenvolvimento do bairro Jardim Goiás e da importância das narrativas individuais para entendermos as dinâmicas dos espaços urbanos.

Imagem (26) - Casa da Dona Benedita



Fonte: da própria autora, 2022.

As memórias que emergem das narrativas e imagens são alicerces inabaláveis da identidade de um lugar, elas são fragmentos vivos de um passado que se apresenta em meio ao presente, confiantes para a construção do seu significado e sentido. São através dessas memórias que a história do bairro ganha vida, e se torna um campo fértil para os relatos de resistência e luta. É assim que a história da dona Benedita se torna um símbolo da garra e ansiedade dos moradores que enfrentam as dificuldades do bairro todos os dias, mas que não desistem de lutar por um lugar melhor.

Com isso, damos continuidade com as narrativas das histórias que compõem a região, compartilhando agora a fala do participante Pedro, ex-morador da Vila Lobó. Seus relatos nos transportam para as suas memórias afetivas do bairro Jardim Goiás. Em sua entrevista, Pedro nos apresenta a perspectiva de quem não vive mais no lugar, mas que mantém um vínculo forte com a região. Pedro nos conta sobre as transformações que viu ocorrer no bairro, mas também menciona as dificuldades e desafios enfrentados pela comunidade local. Através das narrativas de Pedro, vemos como as histórias de vida de quem já não vive mais no bairro também são importantes para a compreensão da identidade da região e para a construção da memória coletiva.

Eu nasci aqui mesmo no Setor, meus pais vieram do interior e são analfabetos como a maioria das pessoas de alguns anos atrás. Vieram na busca de trabalho e de melhora de vida, e eu fui criado aqui com bastante dificuldade. Aqui, quando chovia, tinha bastante acúmulo de água, enxurrada, era bem precário antes. Era necessário uma doação de comida, a gente pegava comida doada no centro ali atrás da universidade. Tinha bastante dificuldade, as pessoas sem trabalho, violência, foi mais ou menos isso. Ninguém tinha casas dignas, quando chovia, a enxurrada era muito forte, morreu uma garota aqui, morreu pessoas por causa que a enxurrada levou, e nada era feito. Demorou muito para que eles viessem aqui trazer urbanismo e um pouco de melhoria (PEDRO,2022).

As palavras do participante Pedro, trazem consigo uma inquietação a respeito da realidade que a região enfrenta. Entretanto, é notável que mesmo diante das dificuldades, as pessoas que moram ali não se deixam abater, pelo contrário, são fortes e persistentes em sua luta diária. É um exemplo de resiliência, típico dos que habitam regiões periféricas das grandes cidades. Além disso, Pedro destaca a importância que o bairro tem para a cidade, como se fosse um pedaço do tecido urbano que compõe o todo. É uma visão ampla, que busca entender o lugar dentro do contexto urbano e que evidencia a sua herança para a memória da cidade.

As emoções que as localidades despertam nas pessoas são uma marca indelével da cidade. Não são apenas os prédios, as ruas ou os monumentos que

conferem à cidade sua identidade. É a relação das pessoas com esses espaços que a moldam e as tornam únicas. As memórias que se constroem nos lugares, as conquistas e as dificuldades que se experimentam, todas essas inspirações se acumulam e se perpetuam na sua história. São essas histórias individuais que dão sentido e alma aos lugares que habitamos.

Em face dos fatos apresentados, seguimos com a narrativa da Dona Matilde que se disponibilizou para contar um pouco da sua história com a região e o lugar onde mora. Com toda a simpatia que lhe é peculiar, Dona Matilde, nome esse fictício, nos recebeu em sua residência que exalava história por todos os lados. Sentadas à mesa da cozinha, ela começou a contar um pouco de sua vida no Jardim Goiás. Dona Matilde é moradora de um dos prédios mais antigos do bairro, o Edifício Olímpico. Localizado em uma das áreas mais privilegiadas do setor, ela nos contou que:

Eu cheguei aqui na região do Jardim Goiás por volta de 1992, quando eu vim pra cá, eu achei aqui um horror porque eu saí da minha casa, que era uma casa boa, ficava ali no Conjunto Riviera, perto do Estádio Serra Dourada. Meu marido fez um negócio aqui nesse apartamento, fiquei brava demais porque ele fez esse negócio. Aqui morava uma amiga dele, aí ela incentivou ele a comprar. Eu não achava bom não, porque tinha que ir atrás dele lá na Redenção, aqui era pura poeira, pisava na terra, nossa, era horrível. Eu pensava assim comigo, nossa, que trabalho esse homem está me dando de ir atrás dele. Então foi assim, foram anos cruéis para mim, anos difíceis, mas sobrevivi. E o edifício olímpico foi um dos primeiros condomínios a ser construído aqui na região, e era um prédio que eu ficava com raiva do meu marido por causa disso, via calcinha de mulher espalhada por tudo quanto é sacada, eu falava assim para ele: “como é que você me fez sair da nossa casa para vir aqui para esse bordel?” (risos), eu não admito! Aqui tinha de tudo, já morreu gente suicidada, tinha muito maconheiro aqui, garota de programa.

Agora, hoje em dia a imagem dele melhorou muito, inclusive, uma pessoa da minha igreja uma vez falou: “nossa, você mora naqueles predinhos ali?” eu perguntei: “que predinho?”, respondi pra ela: “aqueles predinhos eu comprei com meu dinheiro, está compro e pago. Você já comprou a sua casa? Tá compro e pago? Porque eu paguei a minha, então você não deve falar dos outros não”. Eu fico muito brava quando fala assim, “predinho”, nossa! O povo sempre fala, né? “aqueles predinhos”. Mas agora eu mesma falo, eu moro sabe onde? Moro no Excalibur (risos). Mas essa fama ruim do edifício olímpico é por causa do passado, o que que o passado faz, cria uma imagem tão deturpada. O passado não sai da cabeça das pessoas, né? Elas não olham para frente, olham só para trás, infelizmente o ser humano é assim.

Mas assim, estou aqui até hoje por falta de dinheiro, por falta de opção de ir para outro lugar. Se eu pudesse ir para outro lugar diferente do edifício olímpico, eu queria que fosse aqui mesmo nessa região do Jardim Goiás, mas nessa região aqui, minha filha, não dá não, é tudo caro. Porque os invasores não somos nós, são os ricos que invadiram aqui a nossa propriedade, porque aqui era dos pobres. Aí os ricos foram invadindo, invadindo, e tomaram o lugar dos pobres. Para você ter uma ideia, eu ficava aqui na sala vendo as vacas lá do outro lado no pasto comendo capim, para você ver, até isso eu presenciei.

A evolução aqui, na minha opinião, não foi boa não. O progresso é bom, mas contanto que seja bom para todos. Por causa dos ricos, criaram muitos lugares, comércios, mas pensando nos ricos. Aí o pobre acaba tendo que ir lá também gastar, porque é o que está mais perto e é direito dele também. Minha única filha cresceu aqui, e eu tenho muito dó, né? Porque cresceu aqui, formou um ciclo de amizade grande, e as meninas tudo da época dela mudaram do prédio, ficou sozinha. Os proprietários mesmo dos apartamentos mudaram quase tudo, da minha época mesmo mudou todo mundo, mudaram e ficou um vazio muito grande. Agora, aqui tem mais é pessoas que não são os proprietários, então ficou assim muito, muito, ruim. Porque assim, a gente se acostuma, cria um elo muito grande com as pessoas, relação de anos (MATILDE, 2022).

No tocante à narrativa de dona Matilde, percebe-se que, apesar de viver em um local geograficamente privilegiado, há ainda um desfavorecimento social e histórico que paira sobre os moradores do edifício em que reside. Matilde denuncia as marcas do preconceito e da estigmatização sofridas pelos habitantes daquele lugar, decorrentes das histórias antigas que ainda reverberam nas paredes do prédio e do modelo construtivo que se diferencia dos demais na região. A história de dona Matilde revela que, mesmo no epicentro da cidade, não é certo que todos gozem dos mesmos benefícios, pois tudo aquilo que foge ao padrão pode ser alvo de segregação.

Dando continuidade aos relatos da região, adentramos na história da dona Betânia, que, assim como a dona Matilde, também reside no Edifício Olímpico. De maneira cordial e acolhedora, dona Betânia nos recebeu na área comum do prédio, contando-nos suas memórias sobre o bairro. Ela relatou as dificuldades, já que, assim como os demais moradores, também sofreu com o preconceito e a estigmatização que envolve a construção diferenciada do edifício. É interessante notar como essas histórias se repetem, mesmo em lugares aparentemente privilegiados:

Eu morava lá no Setor Universitário em um apartamento meu, que eu comprei quando a Caxego liquidou, aí eu passei a trabalhar por aqui, né? Aí um dia eu estava passando por aqui, aí eu falei, nossa, não vou ficar morando lá pelo Setor Universitário não, está ficando muito longe para mim, eu já estava trabalhando aqui na Telegoiás, isso foi por volta de 2004. Um certo dia eu estava passando por frente do Edifício Olímpico, vi o prédio aqui e perguntei para os meninos se tinha apartamento para vender, e eles falaram que tinha três, entrei, olhei, gostei do meu que eu comprei. Cheguei lá no prédio que eu morava e falei assim: “estou vendendo o apartamento”. As meninas que moavam lá falaram “não! Você não vai mudar daqui de jeito nenhum!” (risos), mas expliquei que iria porque estava ficando meio longe para mim, que estava comprando um apartamento pertinho da Telegoiás que era onde eu estava trabalhando. Pouco tempo depois de colocar o apartamento do universitário à venda, passou uma pessoa lá procurando, olhou meu apartamento e gostou. Foi assim, ó, nem peguei no dinheiro, tirei de um e passei para o outro.

Mudei aqui para o Edifício Olímpico com meu marido, nós tínhamos acabado de casar. Viemos só nós dois porque a minha filha já tinha falecido, a estrutura do prédio já era desse mesmo jeito que está agora, aqui no entorno ainda não tinha essas predada toda, não, não tinha nem o prédio aqui do lado, e nem

aquele ali. Quando a gente chegou aqui tinha era uma capoeira ali embaixo, invasões, era uma bagunça, aí com o tempo foi melhorando. Aqui dentro do condomínio ainda não era muito tranquilo como hoje, era meio bagunçado, era uma barulheira, tinha uns rapazes custosos que no final passaram e ser amigos do meu marido; meu marido passou a ser cadeirante, aí os meninos aqui ajudavam o Cláudio, tudo ajudavam. O Cláudio foi dando conselho para eles, sabe? Porque eles mexiam com drogas, aí o Cláudio foi dando conselho para eles até que eles pararam de mexer com essas coisas. Mas assim, é essa a minha história, estou aqui até hoje, meu marido faleceu e eu continuo aqui até hoje (MATILDE, 2022).

Os relatos que permeiam esse lugar não são meras casualidades, mas sim histórias que se entrelaçam e se complementam, como um emaranhado de fios ao longo do tempo. São fragmentos de vidas que se unem, se afastam e se entrelaçam novamente, formando uma teia de relações complexas e fascinantes. É justamente essa dinâmica que confere ao local uma riqueza de valores sociais e culturais que merecem ser valorizados e preservados. Cada história, cada narrativa, contribui para a construção da identidade desse lugar e para a compreensão da sua importância para a cidade.

Chegando ao fim desta etapa, trazemos a história do Senhor Nonato, um morador atento às transformações do bairro e que nos contagia com suas lembranças sobre a região. Localizado à beira do majestoso Parque Flamboyant, o edifício em que Nonato reside, foi erguido em meio às mudanças pelas quais o setor passou nas últimas décadas. Em suas palavras, Nonato nos apresenta um relato de como o espaço urbano pode ser modificado ao longo do tempo, com novas construções, fluxos de pessoas e movimentações do mercado imobiliário. Ao mesmo tempo, ele reforça a importância do local em sua vida, ressaltando como o parque é um refúgio de tranquilidade em meio à obrigação da cidade.

Eu comecei a morar aqui no Jardim Goiás por volta de 1992, ainda não tinha todos esses prédios e nem essa quantidade de comércios que podemos encontrar hoje em dia. Poucas ruas eram pavimentadas e a região ainda não era tão valorizada, como havia falado antes, eu tive a oportunidade de acompanhar a execução do parque flamboyant e pude acompanhar a alta valorização da região após a finalização do parque. Nunca passou pela minha cabeça mudar daqui, é um lugar muito bom para se viver (NONATO, 2022).

Ao ouvir as histórias dos moradores do Jardim Goiás, é possível perceber que o passado e o presente dos lugares estão entrelaçados com as experiências e memórias de quem os habita. A relação entre a população e o espaço urbano é uma simbiose que se retroalimenta, tornando impossível separar as histórias dos lugares das histórias de suas pessoas. É a partir dessas narrativas que podemos entender a

cidade como um organismo vivo, que se modifica constantemente, sendo moldada pelas vivências e trajetórias naqueles que a habitam.

Além disso, por meio das narrativas que abordam as percepções dos usuários, suas opiniões sobre as mudanças ocorridas, as dificuldades enfrentadas e suas histórias de vida, fica evidente como o bairro divide sua população. Mesmo estando no mesmo local, as realidades sociais são bastante distintas e a forma como percebem o espaço também é afetada.

Essa divisão socioespacial pode ser analisada sob diferentes aspectos, como a distribuição de recursos e serviços, a disponibilidade de infraestrutura, o acesso a oportunidades de emprego e educação, bem como a estigmatização e as relações de poder que permeiam o tecido social do bairro. No contexto apresentado, é possível observar um contraste entre dois espaços: a centralidade e a periferia. Essa dicotomia evidencia a desigualdade presente na região.

. Pois, cada entrevista revelou um pouco do universo particular de cada pessoa, suas manifestações, suas angústias, suas histórias de vida e seus encantamentos com o bairro. E, mais do que isso, cada entrevista permitiu uma compreensão mais ampla dessa dualidade que existe entre centralidade e periferia por diferentes aspectos.

2.3 Três periferias internas do Jardim Goiás

“Todos nós, que vivemos em cidades, temos nelas pontos de ancoragem da memória: lugares em que nos reconhecemos, em que vivemos experiências do cotidiano ou situações excepcionais, territórios muitas vezes percorridos e familiares ou, pelo contrário, espaços existentes em um outro tempo e que só tem sentido em nosso espírito porque narrados pelos mais antigos, que os percorreram no passado. Estes espaços dotados de significado fazem, de cada cidade, um território urbano qualificado, a integrar esta comunidade simbólica de sentidos, a que se dá o nome de imaginário. Mais do que espaços, ou seja, extensão de superfície, eles são territórios, porque apropriados pelo social” (PASAVENTO, 2007, p.1).

As complexidades que envolvem os espaços urbanos são tão variadas quanto as histórias que os permeiam. A centralidade jardim Goiás é um desses lugares, repleto de periferias internas que, embora muitas vezes invisíveis aos olhos de quem passa, são tão importantes quanto a sua estrutura física. E é a partir dessas periferias identificadas no desenvolvimento dessa pesquisa, que se evidenciam outras faces do bairro. Por meio de metodologias cuidadosamente selecionadas, foi possível identificar a existência de três periferias internas, que muitas vezes são

marginalizadas e esquecidas, e que têm muito a contar sobre a história e a dinâmica desse lugar.

E assim, valendo-se dos depoimentos colhidos nas entrevistas semiestruturadas, tentou-se encontrar temas que ajudassem a compreender e identificar as periferias internas presentes na região. Pois, como sabemos, os métodos tradicionais de leitura e identificação dos espaços urbanos nem sempre são capazes de capturar a complexidade das questões sociais que os atravessam. É preciso, portanto, lançar mão de outras ferramentas para desvendar esses enigmas da cidade e das pessoas que a habitam.

Nesse sentido, as discussões aqui propostas não se limitam apenas a conceituar e identificar as periferias internas da centralidade jardim Goiás, mas também têm o intuito de trazer à tona suas histórias e memórias, muitas vezes silenciadas pelo olhar hegemônico da cidade.

As periferias que permeiam as cidades são consequência de um processo vertiginoso de crescimento territorial, que se acelera diariamente, subdividindo os lugares e suas populações. Observa-se que a produção do espaço, cada vez mais, é reduzida a uma mera ferramenta de atividade econômica, gerando, assim, as segregações socioespaciais e as diferenças de classes. Estamos acostumados a imaginar e nos deparar com as periferias e zonas periféricas surgindo e se estabelecendo nas margens da cidade, mais afastadas do centro principal e das novas centralidades que se intensificam a cada dia.

Não raro, estamos acostumados a pensar nas periferias como lugares de carência e ausência, no entanto, é importante ampliar nosso olhar e reconhecer que as dinâmicas periféricas, também se configuram nas proximidades das grandes centralidades, ainda que muitas vezes invisibilizadas por não se encaixarem no estereótipo de periferia. Tais dinâmicas, embora diferentes das que aceitamos, apresentam suas próprias complexidades e particularidades, e merecem ser estudadas e compreendidas para que possamos construir uma cidade mais justa e inclusiva.

Acerca das periferias, Santos (1993) aponta que o modelo rodoviário implantado no Brasil, influenciou o crescimento disperso das cidades, contribuindo com a falta de terras, resultando assim no aumento da especulação imobiliária, escassez de moradias e a intensificação da periferização. Esses temas demandam

soluções efetivas para uma distribuição igualitária de recursos e garantia do direito fundamental à moradia digna. O autor ainda acrescenta que:

Em termos geográficos, a periferia não será definida pela distância física entre um pólo e as zonas tributárias, mas antes em termos de acessibilidade. Esta depende essencialmente da existência de vias de transporte e da possibilidade efetiva de sua utilização pelos indivíduos, com o objetivo de satisfazer necessidades reais ou sentidas como tais. Mas a incapacidade de acesso a bens e serviços é, em si mesma, um dado suficiente para repelir o indivíduo e também, afirma, a uma situação periférica. (SANTOS, 1979, p. 229).

Santos (1979) nos oferece algumas ponderações que se prestam a contribuir para a caracterização do que poderia vir a ser a periferia, destacando-se, entretanto, que a condição periférica é definida de forma mais enfática pela impossibilidade do indivíduo de acessar bens e serviços. No entanto, importa salientar que a distância geográfica, como bem evidenciado por Santos (1979), não se configura como um fator determinante, haja vista que os distanciamentos simbólicos e sociais, que são naturalizados pelo Estado, cumprem um papel ainda mais expressivo na estigmatização e no preconceito sofrido por esses sujeitos e pelos seus lugares de convivência.

Considerando as contribuições de Santos (1979) e os estudos realizados, compreendemos que diversas dinâmicas periféricas podem coexistir ou se desenvolver nas centralidades. Essas dinâmicas estão associadas à restrição de acesso a bens e serviços disponíveis nesses locais por parte das populações de menor poder aquisitivo, ao sentimento de exclusão, ao preconceito, à marginalização, à divisão socioeconômica e à desigualdade no acesso aos serviços básicos. Além disso, observamos também a presença de cooperação, solidariedade, esforços para melhorias e resistência. Em resumo, as centralidades podem se tornar cenários complexos de interações sociais e econômicas.

Ao fazer um levantamento das palavras utilizadas com mais frequência durante as entrevistas nas intermediações da Vila Lobó e Estádio Serra Dourada, somos confrontados com as expressões mais recorrentes que se apresentam na nuvem de palavras abaixo, figura (27). Isso nos revela um aspecto da forma como as pessoas enxergam e significam espaços periféricos, marcados por suas dinâmicas, mas também por suas limitações e desigualdades. É importante notar, porém, que essas palavras não contam de toda a complexidade dessas realidades, e que a periferia é

um espaço que requer uma compreensão mais aprofundada e atenta, para além das representações estereotipadas que muitas vezes lhe são atribuídas.

Figura (27) – Palavras frequentes nas entrevistas (Vila Lobó- Estádio Serra Dourada)



Fonte: da própria autora, 2022.

Em meio às entrevistas realizadas nas intermediações do shopping e parque flamboyant, as palavras que emergem com maior frequência nos relatos dos entrevistados são, sem dúvida, um reflexo das vivências dos sujeitos acerca da região em questão, e podem ser vistas na figura (28). Tal como as palavras encontradas nas intermediações da Vila Lobó e estádio Serra Dourada, essas expressões denotam um conjunto de sentidos que emergem das relações sociais, culturais e emocionais que permeiam o local. E assim, como um verdadeiro mapa da vida cotidiana, essas palavras expressam as tensões, conflitos, desejos e anseios que permeiam as dinâmicas da cidade e suas periferias.

Figura (28) – Palavras frequentes nas entrevistas (Parque Flamboyant- Shopping Flamboyant)



Fonte: da própria autora, 2022.

Através da imersão na região e do contato próximo com as suas comunidades, foi possível identificar a recorrência de três lugares específicos nas narrativas dos

moradores. A Vila Lobó, que se mantém como um local emblemático e referência para a comunidade; áreas irregulares do bairro Jardim Goiás que, apesar de sua importância, ainda não foram regularizadas, gerando choques e desafios para os moradores; e o Edifício Olímpico, o condomínio residencial localizado em frente ao shopping flamboyant, que pode ser visto como um símbolo de uma certa exclusão social, que se expressa em um cenário de desigualdades que se reproduzem na cidade.

Deste modo, ao analisar as características dos três lugares que se destacam nas narrativas da região, pode-se notar que existem algumas semelhanças que os unem. Por exemplo, a presença de pessoas de baixa renda, o sentimento de exclusão e o estigma social que é fruto das histórias do passado. Além disso, é possível constatar algumas distinções dolorosas e espaciais em relação ao restante da região. No entanto, observa-se que esses lugares possuem características que teoricamente os excluem do rótulo de periferias. Afinal, eles estão localizados nas intermediações e núcleo da centralidade, o que lhes permite acesso aos bens e serviços que ela oferece. Essas aparentes desigualdades desafiam as classificações simplistas e evidenciam a necessidade de uma análise mais aprofundada.

A Vila Lobó, assim como tantas outras periferias urbanas, é vista como um lugar distante e carente de atenção por aqueles que não compreendem a luta incansável das comunidades locais para se estabelecerem em terras que lhes foram negadas. Apesar de ter alcançado uma vitória importante para obter a regularização fundiária de grande parte de sua região, a Vila Lobó ainda é negligenciada pelo Estado, que se esquiva de suas responsabilidades em relação às mazelas sociais e à pobreza extrema que ali imperam. É desafiador constatar que muitas famílias vivem sem qualquer tipo de recurso financeiro, sem sequer uma renda mínima para garantir a sobrevivência básica.

Outra periferia identificada é aquela que está localizada nas áreas do Jardim Goiás, com construções e lotes que não foram regulamentados. Desde a criação do bairro, a região tem sido palco de vários conflitos em torno da desocupação dessas áreas, mas populações permanecem ali, firmes na esperança de um dia terem suas moradias regularizadas. Apesar de estar mais próximo do centro urbano em comparação com a Vila Lobó, essa região ainda concentra muitas pessoas que vivem abaixo da linha da pobreza, sofrendo com dificuldades de acesso a serviços básicos de saúde e educação.

O Edifício Olímpico, localizado na rua 109 do bairro Jardim Goiás, pode também ser categorizado como uma periferia interna, como observado anteriormente. Embora seja um residencial que desfruta da comodidade de estar situado diante de um dos principais polos comerciais da região, o shopping Flamboyant, há controvérsias a respeito dessa classificação. A razão para tal classificação reside nas controvérsias históricas que cercam o edifício e que ainda perduram atualmente. Além disso, a estrutura física do edifício é distinta dos demais existentes na região, o que o estigmatiza e tende a segregar as populações que residem ali. É importante refletir sobre a exclusão social perpetuada por esses estigmas.

O olhar atento aos detalhes, o cuidado com as palavras e o respeito à diversidade das histórias, são aspectos importantes a serem considerados quando se trata de uma pesquisa como esta. Afinal, por trás dos edifícios, das ruas, das praças e dos parques, há um mundo de experiências, vivências e emoções que moldam a relação das pessoas com o espaço em que vivem. É justamente essa pluralidade de perspectivas que permite revelar as periferias internas, que muitas vezes passam despercebidas na superfície dos discursos oficiais.

Assim, os fatos apresentados são um convite para refletir sobre a complexidade da cidade, suas múltiplas centralidades, periferias, e a necessidade de se ouvir as vozes que habitam seus espaços. Tendo em vista que esses lugares estão constantemente sendo impulsionados por novas formas de reflexão de capital, reprodução e desigualdades sociais. Isso é particularmente verdadeiro em nossa região de estudo, o Bairro Jardim Goiás, onde a tensão e os contrastes se manifestam em sua plenitude.

CAPÍTULO III

REVISÃO CARTÓGRAFICA: AS OUTRAS FACES DA CENTRALIDADE JARDIM GOIÁS

Ver, ouvir, sentir e vivenciar, deixando-se ser afetado e permitindo que o olhar seja também guiado pelas experiências que a cidade pode proporcionar. Numa visão de ciência nômade, na reterritorialização dos conceitos e desconstrução dos olhares, as brechas urbanas têm potência; criando um novo e independente cotidiano (ROCHA; CLASEN; et.al. 2017, P.154)

A cidade, impulsionada pelo sistema capitalista, seleciona cuidadosamente quais aspectos serão destacados, legitimando desigualdades e promovendo a representação idealizada do lugar. Por trás de cada imponente edifício, escondem-se as contradições de uma narrativa dominante que prioriza o valor econômico e ignora o que vai contra esse ideal. Consequentemente, a imagem da cidade que normalmente nos é apresentada se distancia da realidade concreta,

Nesse sentido, a centralidade Jardim Goiás se torna um exemplo emblemático dessas tensões que permeiam a cidade contemporânea, uma cidade que permanece em constante disputa, em busca da imagem ideal que a valida diante dos olhos do mundo. Mas é preciso ir além dessa imagem ilusória, e enxergar a cidade como ela é de fato, com todas as suas contradições e desigualdades.

Este capítulo traz justamente essas contradições e desigualdades sombreadas nas cartografias tradicionais desses lugares. Por meio de derivas e cartografias, aqui exploradas como técnicas etnográficas, são apresentados lugares e modos de vida que, em muitos momentos, são excluídos do desenho urbano da cidade.

Também é apresentado neste capítulo as três periferias internas identificadas ao longo do desenvolvimento da pesquisa, nomeadas como periferia oficializada, irregular e estigmatizada. A primeira é representada pela Vila Lobo, a segunda pela área do Jardim Goiás que até os dias atuais não foi regularizada e a terceira pelo Edifício Olímpico, tradicional residencial da região que ainda se mantém com características iniciais da sua construção. Estamos, portanto, lidando com lugares diversos, ricos em histórias e memórias que merecem seu lugar no desenho e imagem da Centralidade Jardim Goiás.

3.1 Um olhar sensível às periferias internas através da cartografia e técnicas etnográficas

O contexto que envolve a produção social do espaço urbano é totalmente indissociável das concepções atreladas à diferenciação e à desigualdade socioespacial. Podemos afirmar que o modo de produção capitalista tem enraizado em sua essência a diferenciação socioespacial. Sendo assim, as diferenças não se corporificam somente pela forma como os objetos são desejados, nem pela disposição das classes sociais no meio urbano, mas sobretudo pelas diferenças de apropriação.

Diante dessas questões, compreendemos que as discussões que perpassam o estudo da cidade e o direito à cidade são sufocadas pelas contradições produzidas no meio urbano. Observa-se o constante movimento de políticas urbanas orquestradas pelo Estado e pelas camadas sociais abastadas. Esses movimentos contribuem para que as relações sociais e os espaços sejam vistos como mercadorias que precisam estar em constante valorização, desconsiderando as complexas dinâmicas que os definem, lhes conferem sentido e revelam a sua totalidade

Através do que será chamado aqui de cartografias sensíveis, é possível explorar e representar a relação entre as pessoas e os lugares de forma mais subjetiva e individualizada, levando em conta aspectos emocionais e culturais. Dessa forma, a cartografia se torna uma ferramenta não apenas de representação, como é apresentado no urbanismo moderno, mas de compreensão dos espaços que habitamos. De acordo o Dicionário Aurélio (2013), cartografia significa: “arte ou a ciência de compor cartas geográficas”, o autor Oliveira (1993), relata que a cartografia tem feições e técnicas próprias inconfundíveis, segundo ele:

Não é uma ciência e nem uma arte, mas é, sem dúvida alguma, um método científico que se destina a expressar fatos e fenômenos observados na superfície da terra, e, por extensão, na de outros astros, como a Lua, Marte etc., através de simbologia própria.

Uma carta topográfica, por exemplo, explica por via gráfica, isto é, através de traços, pontos, figuras geométricas, cores etc., a configuração duma parte da superfície terrestre, tal como ela é, e dentro de uma precisão matemática, sempre compatível com a escala (OLIVEIRA, 1993. P.14).

Com efeito, é notável a tecnicidade empregada na construção desse termo que tanto se utiliza no campo da geografia e nos estudos dos espaços territoriais. E é justamente aí que reside o desafio da cartografia sensível: representar essas relações complexas de forma clara e objetiva, sem perder de vista a riqueza e a sensibilidade dos fenômenos envolvidos. A cartografia que nos interessa para esta pesquisa tenta aperceber-se das questões contemporâneas e das atividades conflituosas que se atravessam no contexto da centralidade e periferia, mas que não se misturam.

Sendo assim, por meio de um olhar atento às periferias, almejou-se aqui empreender o estudo das subjetividades ali imersas. Que de acordo com Guattari e Rolnik (1996), tal abordagem foi primeiramente concebida pelo filósofo Gilles Deleuze e por ele mesmo, Felix Guattari no ano de 1980, quando, em conjunto, aventuraram-se na exploração da cartografia como um dos principais métodos para análise dos caminhos, dos desvios e dos percursos sob a ótica da subjetividade, tendo como referência o seu trabalho no livro "Mil Platôs".

Nesse sentido, quando a cartografia transcende o mero registro geográfico e se dedica a resplandecer as perspectivas submersas nas entrelinhas dos traçados urbanos, estamos diante de um gesto político que confronta as controvérsias do dia a dia. Com efeito, a cartografia assume uma dimensão mais profunda e reveladora, capaz de expor as relações de poder e os conflitos que se ocultam sob a aparente neutralidade dos mapas. Em nossos dias, essa abordagem crítica da cartografia assume especial importância, uma vez que as tensões sociais e políticas se intensificam em meio às transformações urbanas aceleradas e à crescente exclusão socioespacial.

3.1.1 Construção de cartografias sensíveis

A construção de cartografias sensíveis vai além da comunicação visual, pois busca se conectar com a imaginação e proporcionar experiências sensoriais e fotográficas. Essa abordagem nos convida a explorar as múltiplas camadas de um local, a fim de construir uma experiência mais rica e significativa. Isso nos permite não apenas conhecer o lugar, mas também senti-lo. No contexto dessa abordagem, é importante narrar como ocorreu o processo de criação das cartografias sensíveis desenvolvidas para esta pesquisa.

Pois, com o intuito de desenvolver ações que possam contribuir de alguma forma para essa perspectiva mais compassiva, durante um ano foi realizada a experiência de conhecer mais de perto essa tão falada e cobiçada centralidade denominada Jardim Goiás. Nesse período, observou-se uma diversidade de acontecimentos e cenas que antes eram desconhecidas e até mesmo inimagináveis, haja vista que o local em questão é uma das regiões mais valorizadas e elitizadas da cidade.

As pesquisas de campo começaram no ano de 2022, iniciando-se com as derivas, que oportunizaram explorar o bairro e conhecê-lo de forma mais ampla. Diga-

se, em virtude de muitos dos locais existentes na região serem familiares à pesquisadora, visto que esta habitou ali durante alguns anos, contudo, jamais o havia examinado por essa ótica sensível. É interessante notar como o olhar do pesquisador pode transformar lugares já conhecidos em novas descobertas. Com efeito, a pesquisa de campo é um processo enriquecedor, capaz de fornecer uma nova visão sobre lugares comuns e permitir uma compreensão mais ampla da realidade que nos cerca.

Diante dessa conjuntura de descobertas, deu-se início à fase de exploração dos territórios até então completamente desconhecidos. Submergindo em um intenso turbilhão de emoções e questionamentos que, a cada minuto, dia e semana, ocupavam diferentes espaços. Julgo ser este um dos instantes mais árduos da pesquisa de campo, uma vez que corresponde ao período inicial, no qual se manifestam muitas apreensões, timidez e observações sobre o que deve ser efetivado e como alcançar tais propósitos. Trata-se, portanto, de uma etapa identificada por muitas limitações e descobertas, em que é necessário agir com prudência e perspicácia para atingir os objetivos traçados.

Transcorrido este início conflituoso, a insegurança vai cedendo lugar à curiosidade. Interessa observar o modo como as pessoas ocupam e usam os espaços e questionar por que em algumas áreas do bairro tudo parece tão fácil e prático de resolver, enquanto em outras, uma complexidade desmedida se faz presente. No entanto, enquanto essas questões emergem, as respostas já se apresentam. Lidamos diariamente com um sistema de hierarquia de classes que está consciente das fragilidades sociais em seus territórios, mas prefere ignorá-las para manter o sistema de submissão.

A vivência e a existência das populações mais periféricas dessas localidades são constantemente invisibilizadas e silenciadas. Elas costumam ser lembradas somente quando se trata de temas relacionados à violência, criminalidade, conflitos por moradia ou quando há necessidade de mão de obra mais barata. Todas essas questões foram se tornando mais perceptíveis à medida que novos caminhos eram traçados pela pesquisadora e as conexões com os habitantes locais se desenvolviam.

Observando a paisagem destes lugares e o modo de vida dos seus habitantes, a impressão que se tem é a de que estamos lidando com espaços territoriais muito distantes, com culturas e valores totalmente distintos, ainda que se trate do mesmo lugar. Na imagem (29) podemos perceber essa clara distinção de realidades que se

cruzam diariamente. O que resta a essas classes populares menos favorecidas é a constante luta por visibilidade, e a resistência contra as transformações que modificam seus espaços, mas não os incluem.

Figura (29) – Realidades paralelas



Fonte: De autoria própria, 2022.

A particularidade por trás dessas realidades paralelas reside principalmente nas dinâmicas de capitalização e segregação das camadas sociais mais pobres presentes na maioria das centralidades. O objetivo dessas dinâmicas é condicionar as relações sociais e econômicas, o que nos leva a refletir sobre os impactos socioespaciais resultantes dessas práticas segregacionistas e voltadas ao mercado. Essas dinâmicas contribuem para a desordem e a miséria presentes nessas áreas periféricas.

Fazendo com que as populações pobres e periféricas por muitas vezes sejam ignoradas e esquecidas, trazendo a sensação de que elas possuem menos direitos em comparação com as pessoas que vivem nas áreas mais privilegiadas do bairro. Essa constatação foi obtida através da entrevista realizada com uma moradora da Vila Lobó, que gentilmente concordou em participar. A moradora, que aqui é chamada de Bia, foi questionada sobre como se sentia ao frequentar ou passar por lugares no bairro que estavam além de suas possibilidades financeiras e sociais, e ela respondeu: "*Me sinto mal. A sensação que dá é que as outras pessoas que mora na parte mais alta do Jardim Goiás, tem mais direitos que a gente.*" (BIA, 2022).

Ao analisar o relato de Bia, podemos observar que o sentimento que ela expressa é compartilhado por outros moradores que também não se sentem incluídos nas outras áreas do bairro. Isso pode ser devido à falta de condições financeiras para usufruir dos serviços e atrações da região, bem como à imagem de prestígio que

constantemente é divulgada, reforçando a ideia de que, mesmo estando no mesmo local geográfico, as realidades são distintas. Em resumo, esses moradores se sentem excluídos e não se identificam com o ambiente ao seu redor.

O termo imagem de marca mencionado anteriormente, tem uma definição vaga, e está muito mais atrelada a uma resultante de somatórias de impressões e experiências. Mas que sofre grande influência das políticas de ações comunicativas. De acordo com Cruz e Camargo, a imagem de marca:

Refere-se a uma recopilação de crenças e impressões baseadas em um processo de aquisição e análise da informação proveniente de diversas fontes. Esta recopilação acontece durante certo período de tempo e resulta em uma construção mental (CRUZ, CAMARGO, 2006, p.4).

O bairro Jardim Goiás tem muito dessa imagem de marca mencionada. Desde a sua concepção, buscou-se reproduzir que aquele era o lugar ideal para se viver e montar um negócio. Com a construção do shopping e do parque Flamboyant, essa imagem de marca tornou-se ainda mais forte. Quando se menciona o nome do bairro, as pessoas geralmente já fazem referência a esses dois lugares. Nas imagens 30 e 31 é possível observar a importância que esses espaços têm para essa imagem de marca da centralidade do bairro.

Figura (30) – Imagens de marca do Bairro Jardim Goiás (Shopping Flamboyant)



Fonte: De autoria própria, 2022.

Figura (31) – Imagens de marca do Bairro Jardim Goiás (Parque Flamboyant)



Fonte: De autoria própria, 2022.

Por outro lado, uma exposição do bairro Jardim Goiás a partir da perspectiva das errâncias urbanas, apresenta dados e fatos que contrastam com as imagens que normalmente temos da região. Isso abre espaço para outras formas de convivência e observação do bairro, mostrando uma realidade diferente da que estamos acostumados a ver. As errâncias urbanas são caminhos que nos permitem descobrir e conhecer a cidade de forma mais profunda e sensível, percebendo detalhes e experiências que muitas vezes passam despercebidos. Ao explorar o bairro a partir dessa perspectiva, é possível ver e compreender a região de maneira mais ampla, incluindo suas qualidades, singularidades e complexidades como representado nas figuras (32) e (33).

Figura (32) – Errâncias urbanas, centralidade Jardim Goiás



Fonte: De autoria própria, 2022.

Figura (33) – Errâncias urbanas, centralidade Jardim Goiás



Fonte: De autoria própria, 2022.

A região em questão revela muito mais do que é mostrado nas imagens que normalmente temos dela. Para conhecer de fato o lugar, é necessário abstrair-se dos conceitos pré-estabelecidos e de tudo que é imposto como a imagem concreta do lugar. É preciso adotar a postura do "homem lento" descrito por Santos (2008), que é capaz de criar vínculos com os espaços e observá-los para além do tempo veloz imposto pelo mundo moderno. É necessário buscar entender a região por outras perspectivas e conhecer a paisagem humana, além da urbana, para compreendê-la de maneira mais completa.

3.2 Derivas nos lugares não narrados

Até o momento, diversas questões levantadas deixam evidente como o bairro Jardim Goiás fragmenta suas diferentes áreas de forma seletiva, exibindo somente o que é considerado conveniente. Esse padrão de fragmentação resulta em fortes contrastes sociais e habitacionais. Esses contrastes podem ser observados em diversos aspectos, como a disparidade de infraestrutura, acesso a serviços básicos, distribuição de espaços públicos e oportunidades de emprego. Internamente, é possível notar a existência de regiões com melhores condições de moradia, estruturas mais modernas e áreas verdes bem cuidadas, enquanto outras partes do bairro sofrem com a falta de investimentos e precariedade nas condições de vida.

Diante dessas questões, ao utilizar a deriva como método de compreensão urbana e ferramenta para investigar centralidades e periferias, foi possível experimentar, observar e analisar de perto os aspectos sociais, estruturais e econômicos do bairro Jardim Goiás. Essa abordagem possibilita despertar nossos sentidos em relação a cidade, influencia a forma como nos relacionamos com os lugares e nos permite criar caminhos que nos levam a outras experiências.

Dessa forma, durante alguns dias do mês de maio a novembro de 2022, foram realizadas derivas no bairro, sem restrições ou roteiros predefinidos. A figura (34), apresentada abaixo, mostra os percursos percorridos, e a figura (35), retrata alguns dos lugares que foram observados durante essa primeira deriva. Essa exploração livre permitiu uma imersão mais profunda na realidade do bairro, revelando detalhes e peculiaridades que podem passar despercebidos em uma análise superficial. As derivas urbanas se mostraram uma valiosa ferramenta para compreender a dinâmica urbana do Jardim Goiás, pois, não considera apenas os aspectos visíveis, mas também as experiências e percepções das pessoas que vivem e transitam pelo bairro.

Figura (34) – Deriva 01 no bairro Jardim Goiás - (Jardim goiás área I)



Fonte: De autoria própria, 2022.

Figura (35) - Lugares visitados, deriva 01



Fonte: De autoria própria, 2022.

- 1- Rua 109
- 2- Alameda dos Ipês
- 3- Rua 109
- 4- Rua 56
- 5- Rua 56

- 6- Rua 56
- 7- Rua 05
- 8- Viela A (Jardim Goiás área I)
- 9- Rua 6 A (Jardim Goiás área I)
- 10- Rua 72
- 11- Rua 12

A proposta foi justamente explorar a região sem um roteiro específico, seguindo por ruas e locais pouco percorridos anteriormente, com o objetivo de conhecer o máximo possível do bairro, incluindo suas diversidades, diferentes contextos e a existência de conflitos sociais, políticos e econômicos. Durante os percursos, observamos a diferença no uso dos espaços pela população local, a interação entre os moradores, a disposição das moradias e a receptividade das pessoas, entre outros aspectos. Na área I do Jardim Goiás, foi inevitável não notar a solidariedade existente entre os vizinhos, sempre dispostos a ajudar uns aos outros.

Em relação às proximidades do Parque Flamboyant e do shopping, é perceptível uma maior mecanização das relações. As ruas estão quase sempre ocupadas por carros e as pessoas parecem estar sempre com pressa. A experiência de percorrer esses lugares nos proporcionou uma melhor compreensão da complexidade e riqueza do Jardim Goiás, e, conseqüentemente, uma visão mais ampla sobre a cidade como um todo. Essa vivência possibilitou perceber como a dinâmica nesses locais é marcada por uma intensa atividade comercial e um ritmo acelerado de vida.

Durante as derivas, as ruas, as casas, os prédios, os espaços vazios e as pessoas adquirem novos significados. A rua, por exemplo, deixa de ser apenas o local de circulação de pessoas e veículos e se transforma no campo de futebol das crianças. As calçadas se tornam pontos de encontro para longas horas de conversa. Nesse contexto, surge a vontade constante de descobrir coisas novas a cada minuto, mas também pode surgir o sentimento de se perder e não conseguir se reencontrar novamente. No primeiro percurso realizado no Jardim Goiás, mais especificamente em sua área I, essa experiência proporcionou uma nova compreensão sobre o bairro, revelando seus aspectos e peculiaridades que antes passavam despercebidos.

É importante destacar que houve momentos em que os lugares se tornaram familiares, enquanto em outros momentos pareciam desconhecidos. Sendo assim,

para documentar todas as rotas percorridas e os locais visitados, foi utilizado o aplicativo chamado Strava. Esse aplicativo é de fácil acesso e uso, sendo comumente utilizado para atividades esportivas, mas possui diversas funcionalidades e serviços que permitem registrar os trajetos durante as derivas urbanas. Dessa forma, foi possível obter um registro preciso da maioria dos percursos realizados no bairro, contribuindo para a análise e compreensão das experiências exploratórias.

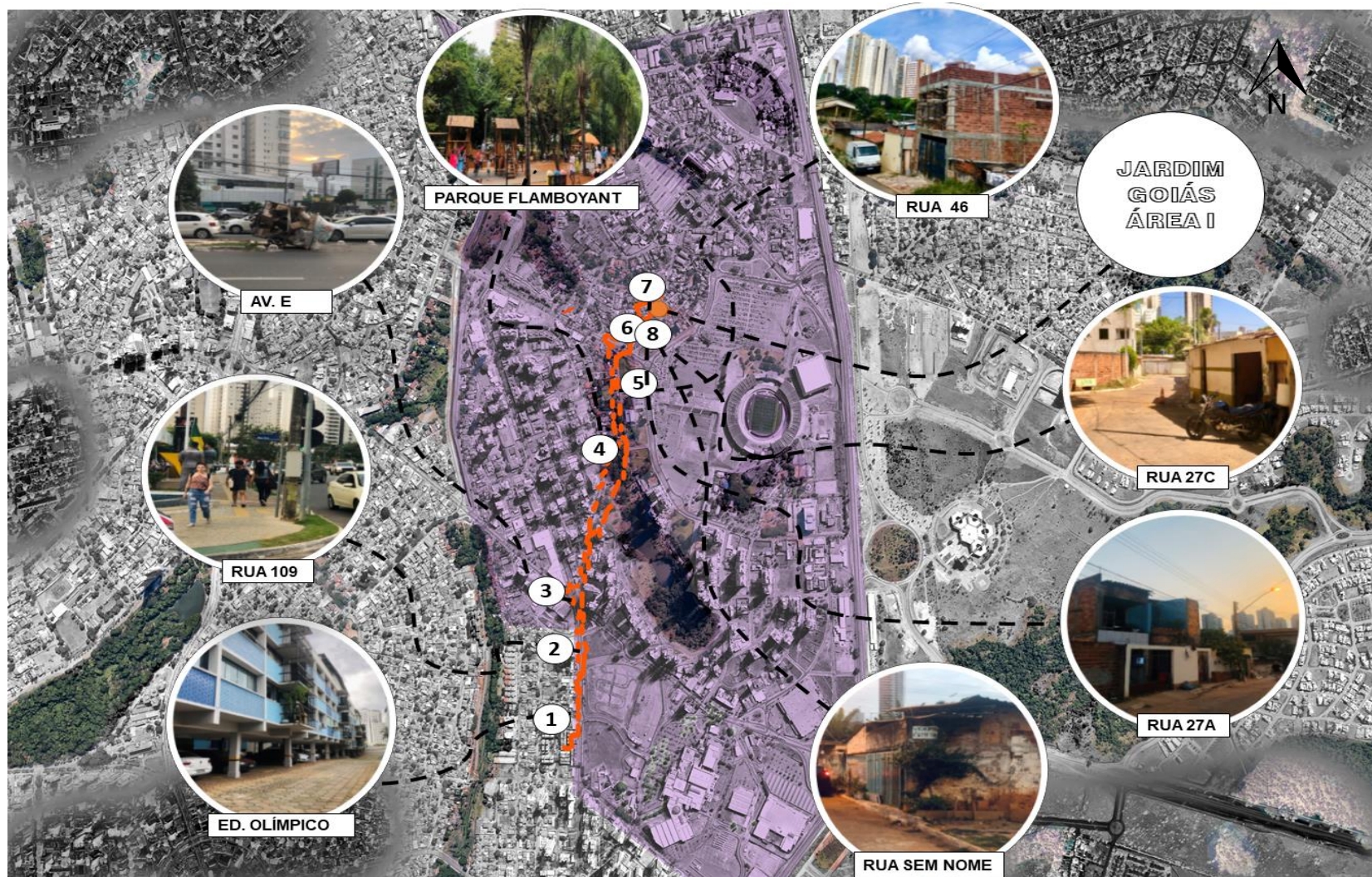
Na primeira deriva realizada em 25 de maio de 2022, o aplicativo registrou que foram percorridos 3,64 km em um tempo total de 1 hora e 24 minutos. Como foi o primeiro contato direto com o objeto de pesquisa e o objetivo era explorar o bairro de uma forma diferente, houve algumas dificuldades. Uma delas foi a tendência natural de querer seguir em direção a lugares que já foram visitados antes, e que inconscientemente geravam o sentimento de segurança. Isso prejudicou em um primeiro momento, o levantamento dos dados para a pesquisa.

Outra dificuldade encontrada foi em relação a certas áreas do bairro, como a área I do Jardim Goiás, ter uma imagem negativa em relação à criminalidade e violência. Essa imagem amplamente divulgada gerou um sentimento de medo, insegurança e preconceito em relação aos lugares existentes ali. Porém, é importante lembrar que essa imagem nem sempre reflete a realidade, existem muitas pessoas e lugares seguros na região. É necessário olhar para além das aparências e conhecer de fato a comunidade e a diversidade que existe nela.

Mesmo com todas essas questões, durante a primeira deriva foi possível percorrer uma longa distância e fazer diversas observações, apesar também de ter sido um pouco mais intimidador e os percursos terem sido mais contidos. Já em relação à área I do Jardim Goiás, foi necessário criar um sentimento de confiança, abandonar as ideias pré-concebidas e permitir-se conhecer além do que se sabia anteriormente. A interação com os moradores contribuiu bastante para que as impressões iniciais fossem desconstruídas.

Do mesmo modo, durante a segunda deriva, representada nas Figuras (36) e (37), novas áreas do bairro foram sendo exploradas gradualmente. Essa deriva foi realizada no dia 15 de julho, teve um percurso total de 2,71 km e duração de 1 hora e 7 minutos. Assim como na primeira, o objetivo foi conhecer as diversidades da região, os diferentes contextos e os conflitos sociais, políticos e econômicos retratados pelas ruas, pelas pessoas, suas atividades e as narrativas não verbais contidas por trás de tudo isso.

Figura (36) – Deriva 02 no bairro Jardim Goiás - (Jardim goiás área I)



Fonte: De autoria da própria, 2022.

Figura (37) - Lugares visitados, deriva 02



Fonte: De autoria própria, 2022.

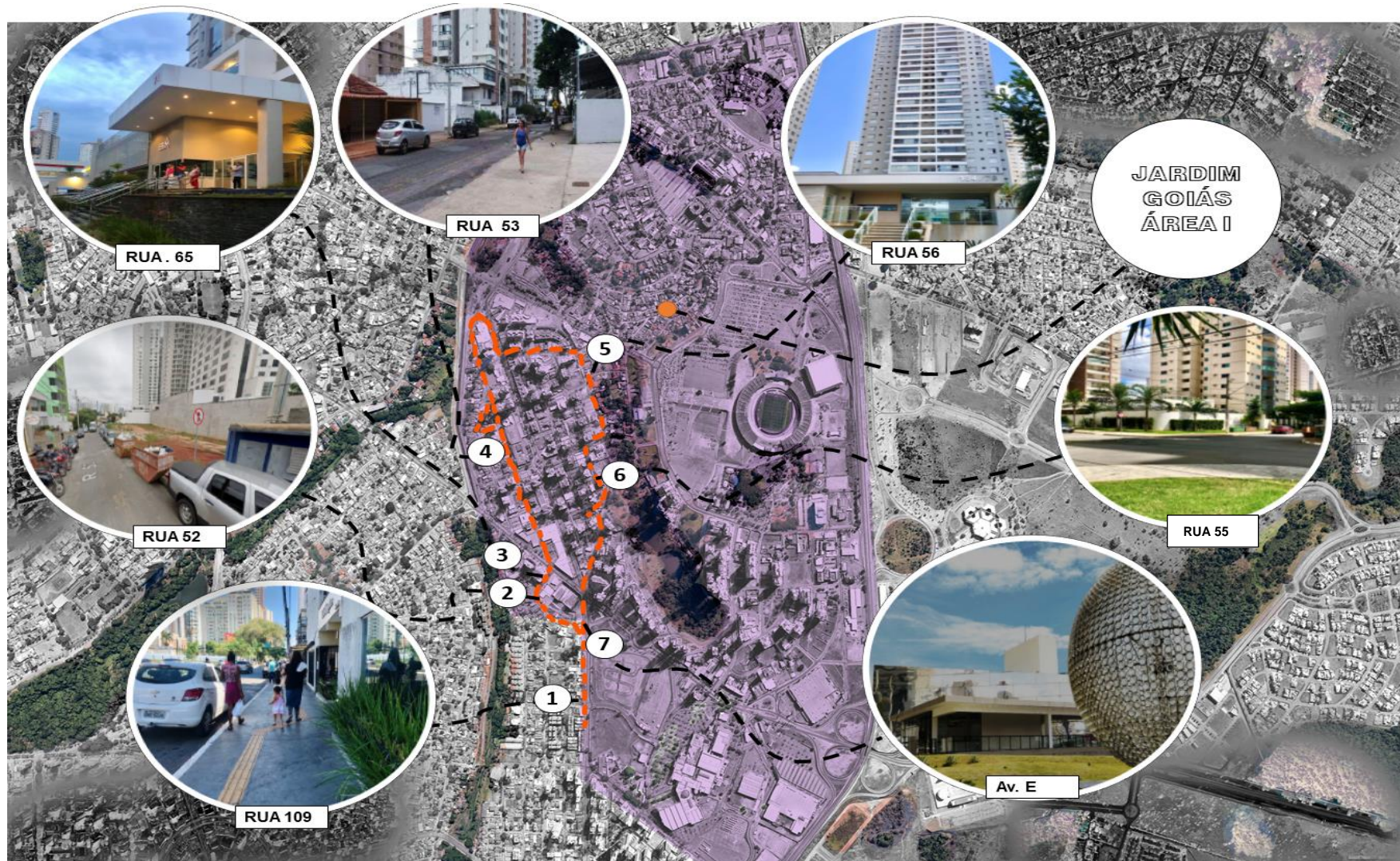
- 1- Ed. Olímpico
- 2- Rua 109
- 3- Avenida E
- 4- Parque Flamboyant
- 5- Rua 46
- 6- Rua 27 C (Jardim Goiás Área I)
- 7- Rua 27 A (Jardim Goiás Área I)
- 8- Casa da rua sem nome (Jardim Goiás Área I)

Durante as derivas pelo bairro, foi comum encontrar barreiras urbanas que dificultavam a exploração, como muros, grades, desníveis, ruas sem saída, rotas exclusivas para veículos, entre outros obstáculos. Nestes momentos, era necessário parar e avaliar outras opções de caminhos a seguir, sempre respeitando a ideia central da deriva: deixar-se levar e vivenciar a cidade de forma desprendida. Essa concepção de flâneur, tão defendida pelo poeta Charles Baudelaire e vivenciada por Benjamim, que em suas experiências com a cidade permite-se desenraizar-se e remodelar os espaços que percorre, só reforça a importância do deixar-se perder para de fato se encontrar em meio a cidade.

Para Benjamim (1995, p.73), “saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, requer instrução”. Ou seja, para explorar o que geralmente não está ao alcance de nossos olhos, é necessário se perder intencionalmente. Foi com essa mesma sensação de descoberta que as novas rotas foram percorridas, sem programação prévia, como visto na deriva número 03. Durante os percursos, foram evidenciadas, mesmo que de forma ainda não tão contrastante, realidades presentes em vários outros lugares e centralidades da cidade que costumam passar despercebidas em meio à espetacularização de núcleos elitizados.

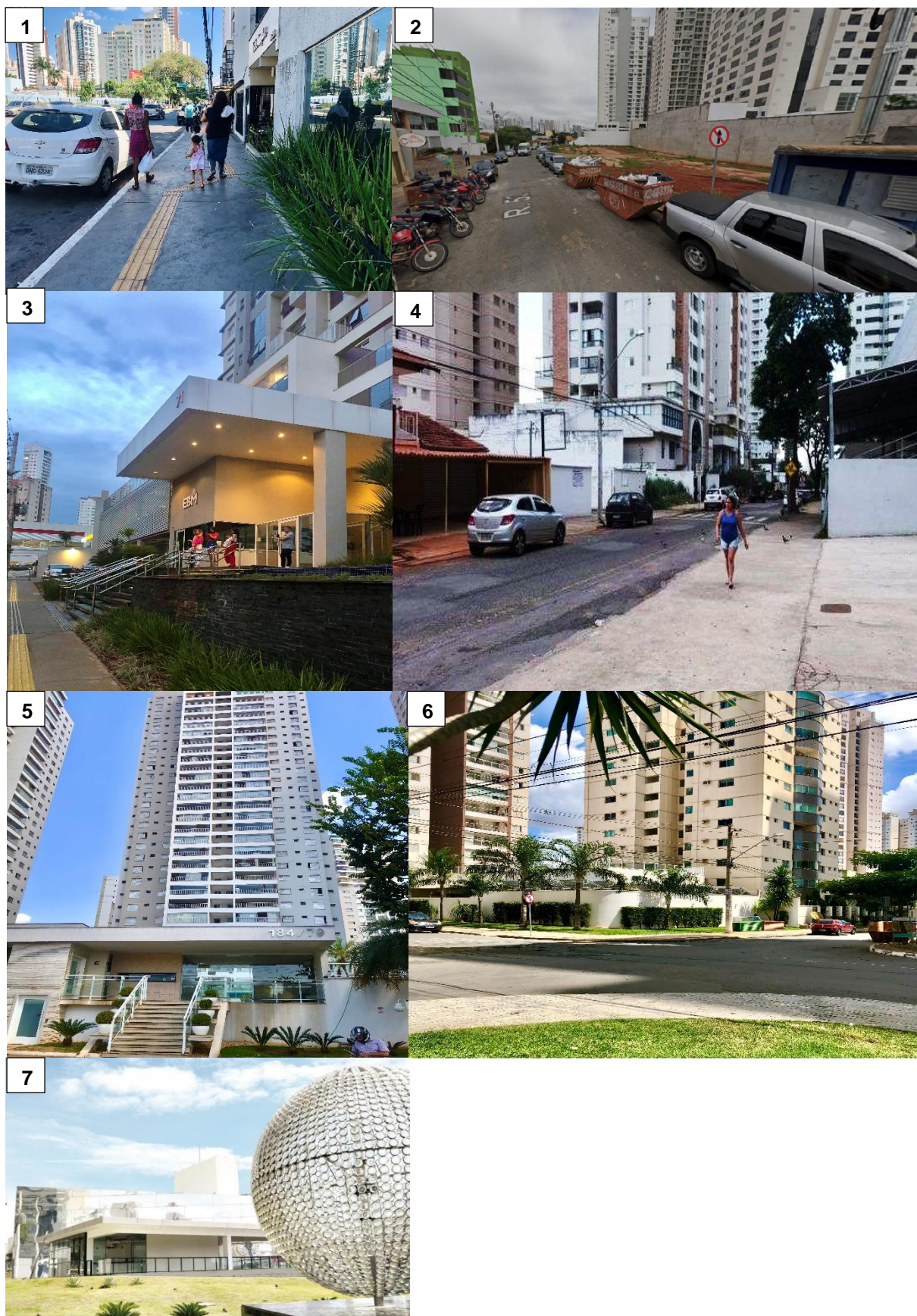
Dessa forma, a deriva 03, mostrada nas figuras 38 e 39, foi uma das possibilidades para esta pesquisa em que os caminhos não levaram até as zonas mais periféricas. A rota percorrida teve 2,56 km de extensão e durou 1 hora. Embora não tenha sido programado previamente, aproveitou-se essa oportunidade para refletir sobre como esses lugares são planejados intencionalmente para criar divisões de classes e benefícios para aqueles que têm mais recursos financeiros.

Figura (38) - Deriva 03 no bairro Jardim Goiás - (Jardim goiás área I)



Fonte: De autoria própria, 2022.

Figura (39) - Lugares visitados, deriva 03



Fonte: De autoria própria, 2022.

- 1- Rua 109
- 2- Rua 52 ¹⁸
- 3- Rua 65
- 4- Rua 53
- 5- Rua 56
- 6- Rua 55
- 7- Avenida E ¹⁹

Ao seguir a deriva número 03, é possível perceber que as ruas e avenidas são largas e bem cuidadas, com poucos pontos onde se encontra lixo exposto. A infraestrutura não é um problema e as vias estão sempre muito bem iluminadas e sinalizadas. Há muitos mercados e serviços disponíveis para quem pode pagar pelos preços mais altos cobrados nesses lugares. Infelizmente, quem não tem condições financeiras é obrigado a ficar à margem de tudo isso, sem alternativas.

Depois de discutir as questões levantadas, continuamos a explorar o bairro com caminhadas exploratórias. A última deriva foi realizada em 24 de outubro de 2022, percorrendo 4,53 km e durando 1 hora e 57 minutos. Com o tempo, caminhar, fotografar, observar e conversar com as pessoas se tornou menos assustador e estranho. Alguns lugares ficaram mais familiares, mas ainda havia o desafio de se perder para encontrar algo novo.

Nas derivas exploratórias anteriores, observou-se que a maioria das fotos e anotações foram feitas na parte mais nobre do bairro, mesmo não havendo uma programação previa. Por conta disso, na última deriva, tentou-se explorar o máximo possível das áreas mais periféricas. No entanto, devido à infraestrutura precária, construções irregulares, lotes mal divididos e ruas mal projetadas, foi difícil até mesmo para o aplicativo demarcar os lugares percorridos. Nas figuras (40) e (41) apresentadas logo abaixo, podemos observar essas precariedades e dificuldades enfrentadas.

18 Fonte da imagem: google maps, 2022.

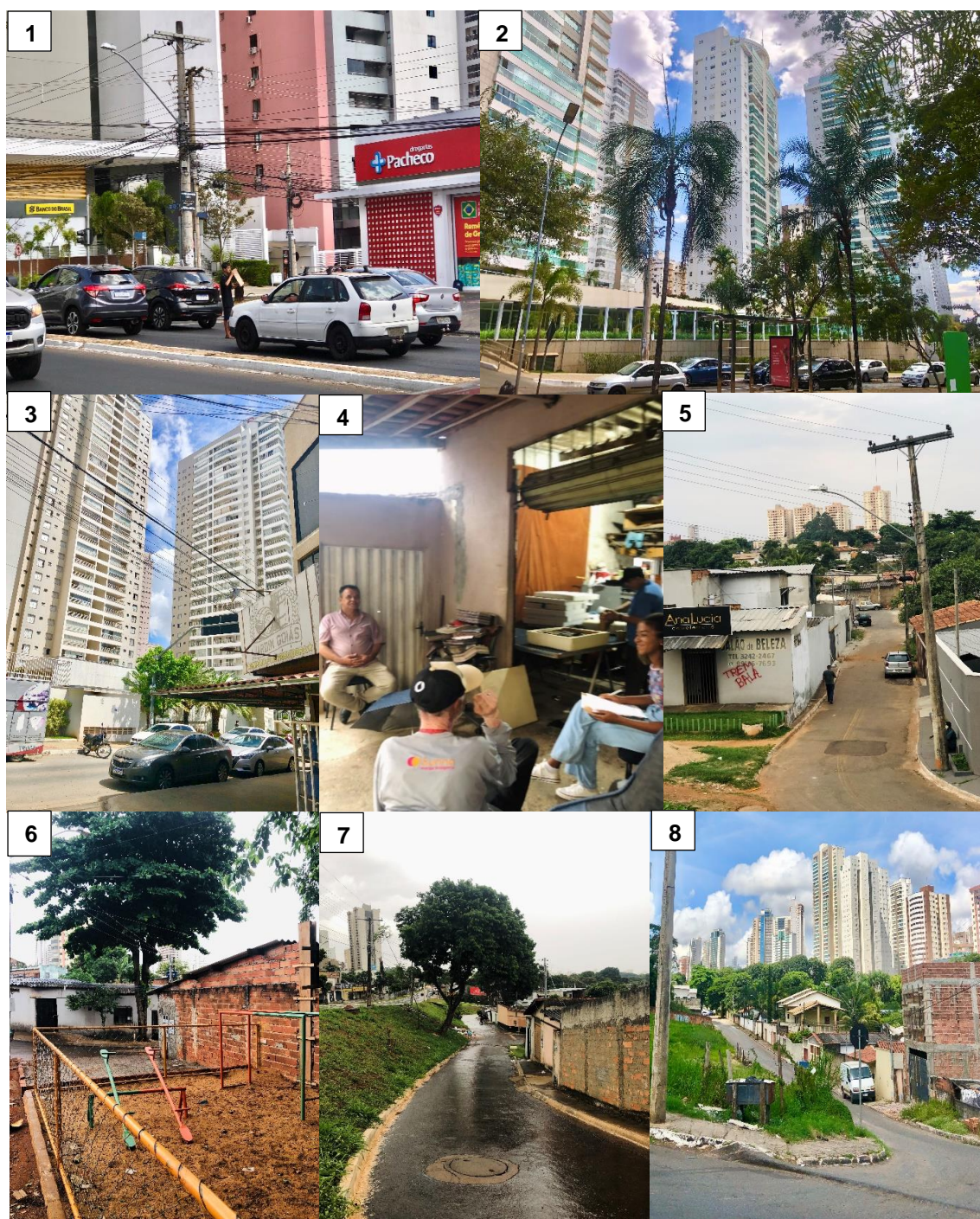
19 Localização do Cento Cultural Casa de Vidro Antônio Poteiro – Fonte da imagem: Fábio Lima/ O popular,2022.

Figura (40) - Deriva 04 no bairro Jardim Goiás (Jardim goiás área I)



Fonte: De autoria própria, 2022.

Figura (41) - Lugares visitados, deriva 04



Fonte: De autoria própria, 2022.

- 1- Rua 109
- 2- Rua 56
- 3- Rua 56
- 4- Rua 58
- 5- Rua 27 A

6- Rua R 30

7- Vista para a Rua 46

Na área I do Jardim Goiás, parte periférica da região de estudo, muitas das ruas não tinham saída. Algumas vezes, o final da rua era a entrada de uma casa, e em outras vezes parecia que a rua era uma extensão da moradia. Essas características dificultaram a tarefa de registrar os caminhos percorridos. Além disso, a falta de iluminação pública em alguns pontos, como pode ser visto na figura (42), também limitou o estudo desses lugares. Mesmo assim, as experiências vividas em todas as caminhadas exploratórias foram de fundamental importância para a continuidade da pesquisa.

Figura (42) - Registro noturno da viela localizada na Vila Lobó (Jardim Goiás área I)



Fonte: De autoria própria, 2022

Durante o estudo, foram realizados levantamentos por meio de diversas técnicas etnográficas, incluindo as entrevistas e as derivas, que permitiram construir cartografias que revelaram outras perspectivas desses lugares. O objetivo dessas metodologias eram identificar as dinâmicas de centro e periferia presentes nesses espaços. As derivas, em particular, foram uma importante contribuição para analisar as múltiplas realidades existentes, desafiando o que Jaques (2012, p. 15) chama de "pseudoconsensos publicitários". Segundo a

autora, esses métodos ajudam a descobrir o que realmente importa para as pessoas que vivem em determinada região. Para Jaques:

São sobretudo os habitantes das zonas opacas da cidade, dos “espaços do aproximativo e da criatividade”, como dizia Milton Santos, das zonas escondidas, ocultadas, apagadas, que se opõem às zonas luminosas, espetaculares, gentrificadas. Uma outra cidade, opaca, intensa e viva se insinua assim nas brechas, margens e desvios do espetáculo urbano pacificado (JAQUES, Paola. 2012, p.15).

O texto da autora apresenta a ideia de que há uma intenção em esconder e apagar as partes mais pobres da cidade. Essa atitude não é algo natural, mas sim resultado de uma série de estratégias que buscam esconder a realidade daqueles que vivem nessas áreas. Essas pessoas muitas vezes são ignoradas pelas mais privilegiadas da sociedade, que buscam manter o status de superioridade e o controle sobre o espaço urbano. A luta contra esse processo de opacidade é fundamental para garantir que todas as pessoas tenham os mesmos direitos e sejam vistas na cidade.

3.3 Cartografias contra-hegêmicas dos lugares não narrados

As narrativas hegemônicas que geralmente abordam os territórios urbanos nem sempre são capazes de transmitir a história completa e abrangente dos espaços nas cidades. Por esse motivo, a utilização de cartografias contra-hegemônicas se mostra relevante, pois contribui para uma compreensão mais aprofundada desses espaços. Essas cartografias oferecem uma perspectiva alternativa, permitindo ampliar as vozes e histórias que são contadas sobre esses lugares.

Mesmo que os mapas oficiais tenham a importante função de informar sobre as localizações, relevos, edificações, ruas e bairros presentes nas cidades, é importante destacar que eles não conseguem mostrar todos os cenários existentes, especialmente aqueles que não são físicos. Isso inclui eventos como emoções, experiências pessoais, desejos e anseios, que normalmente são ignorados. A cartografia sensível, por outro lado, tem o objetivo de mostrar esses aspectos que estão além da materialidade dos espaços urbanos. De acordo com Fantin, Tavares e et.al (2019, apud Harley 2001), essa abordagem contrapõe-se ao que é mostrado nos mapas oficiais, segundo os autores:

Um mapa não é uma imagem objetiva e neutra da realidade; mapas acumulam omissões, intenções, valores, erros, ideologias, e escondem um conjunto de relações de poder com particularidades exclusivas e seletivas realizadas por um indivíduo, pelo mercado e/ou muitas vezes pelo Estado (FANTIN, TAVARES, et al, p.58 apud HARLEY, 2001).

É importante considerar que as cidades brasileiras são marcadas por desigualdades e exclusões, que se refletem tanto nas estruturas urbanas quanto nas sociais. Muitas áreas são carentes de transporte coletivo, habitação, saneamento básico e sistema de saúde, o que agrava ainda mais as desigualdades. Além disso, existem ocultamentos tanto cartográficos quanto físicos, que invisibilizam as comunidades que não se encaixam nos padrões homogêneos esperados para as cidades capitalistas e modernas.

Nesse sentido, as caminhadas errantes e as entrevistas realizadas possibilitaram o registro e a reflexão sobre a centralidade do bairro Jardim Goiás e suas periferias internas. Durante esse processo, foram evidenciados múltiplos sentidos e imagens que frequentemente não são contados ou abordados. Um exemplo é a realidade enfrentada por alguns moradores da Vila Lobó. Diariamente, eles precisam buscar água em uma nascente localizada no bairro para suprir suas necessidades básicas. Além disso, eles contam com um lavatório coletivo, apresentado na figura (43), situado no final de uma das ruas, que também é abastecido pela mesma nascente. Esse lavatório é utilizado por muitos moradores para dar banho em suas crianças, lavar roupas e utensílios domésticos.

Figura (43) – Nascente e lavatório coletivo da Vila Lobó



Fonte: De autoria própria, 2022

Figura (44) – Cartografia contra-hegêmica número 01



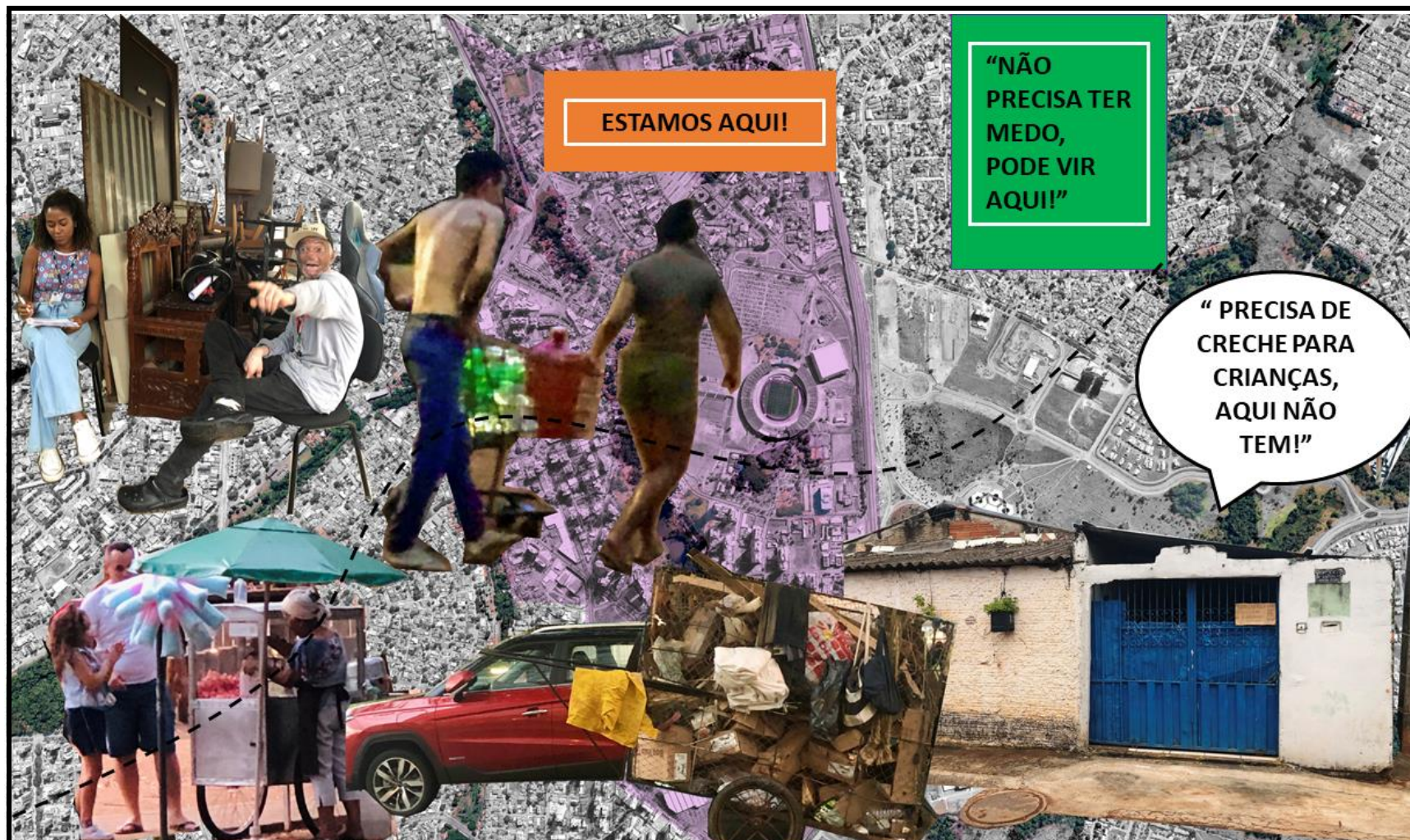
Fonte: De autoria própria, 2022.

Figura (45) – Cartografia contra-hegêmica número 02



Fonte: De autoria própria, 2022.

Figura (46) – Cartografia contra-hegemonica número 03



Fonte: De autoria própria, 2022.

Nas cartografias desenvolvidas neste trabalho, foram utilizadas colagens de imagens registradas durante o estudo de campo. As figuras (44), (45) e (46) ilustram as dinâmicas controversas de uma centralidade que também é composta por periferias, mas que geralmente não são vistas. Essas cartografias mostram o outro lado do jardim Goiás, trazendo à tona as contradições e desigualdades.

No período em que se realizou as caminhadas pela região de estudo, observou-se a dinamicidade dos sujeitos presentes, suas memórias, experiências vividas e a impossibilidade de reduzir esses acontecimentos a um simples mapeamento fixo. As coisas simples, os afetos, a receptividade, a aparência das casas, as crianças brincando nas ruas, a curiosidade e o medo. Foram muitos os momentos e cenas que despertaram a atenção e o desejo de registrar tudo isso de alguma forma.

E, por mais que se tente representá-las, nunca se poderá externar a plena magnitude da experiência com esses lugares e as narrativas que eles propagam. É uma tarefa árdua e delicada, que exige uma sensibilidade aguçada e uma dose generosa de empatia. Mas, ainda assim, é uma tarefa nobre e necessária, pois só assim podemos compreender verdadeiramente as complexidades que permeiam a vida urbana.

Mas frente a isso, é preciso destacar que, além dos percalços e adversidades encontradas nas caminhadas pela região em estudo, também se evidencia a presença de afeto, interação com o lugar, sentimento de pertencimento e o desejo por ser visto e ouvido. Nesse sentido, as cartografias que foram construídas, por meio de colagens, permitiram dar luz a esses fatos, visões, fatos e vozes, que somam-se e transpassam a estrutura já existente. Conforme aponta Fuão (2011):

A collage²⁰ é a casa, o albergue das figuras que vagam à deriva no mar das imagens técnicas (fotografias, imagens impressas, virtuais, vídeo etc.). É ela quem destaca a riqueza dos encontros fortuitos ou propositais, muito além das simples leis dos encontros linguísticos ou retóricos (FUÃO, 2011, p. 55).

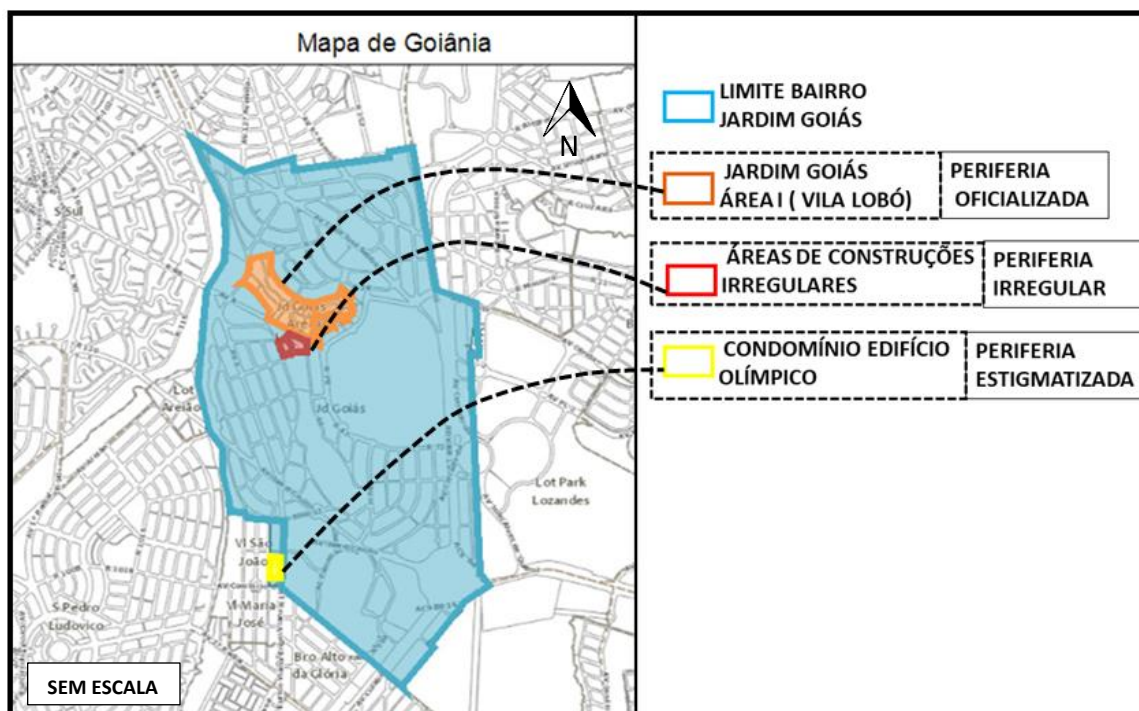
20 A Collage, termo proveniente do Francês e utilizado pelo Autor Fernando Freitas Fuão, faz referência direta a colagem. No seu livro intitulado, A collage como trajetória amorosa, Fuão (2011), expõe que é um livro que não tem a intenção de ensinar a técnica e a arte de fazer collage, ou muito menos traçar uma história da collage, expondo os nomes e trabalhos, ainda que contenha sua breve história ao final. O objetivo é dar ao leitor uma visão do fenômeno da collage, a partir de seus elementos constitutivos.

Não se pode negar que a realidade é multifacetada e complexa, mas muitas vezes, por conta das narrativas hegemônicas, ela é reduzida e simplificada, deixando de lado as particularidades e nuances que a constituem. É como se os assuntos e objetos fossem separados, desprovidos de suas qualidades e sentidos, e colocados em uma categoria abstrata, que não reflete a sua verdadeira essência. As colagens corporificadas em cartografias sensíveis, porém, permitem justamente ir na contramão dessas narrativas faladas, dando voz e visibilidade aos afetos, afeições e forças de existência que permeiam esses lugares, resgatando assim a complexidade e a riqueza de suas histórias e vivências.

Nos locais excluídos das narrativas hegemônicas, encontramos um senso evidente de acolhimento e generosidade. A solidariedade entre vizinhos se manifesta através do compartilhamento de recursos, conhecimentos e experiências em momentos difíceis. Dona Maria é um exemplo dessa solidariedade, tendo realizado seu sonho da casa própria com a ajuda de sua vizinha. A resiliência e a persistência observadas nesses lugares demonstram a importância das relações humanas e do apoio mútuo para a qualidade de vida e bem-estar das pessoas. Valores frequentemente negligenciados nas narrativas hegemônicas da cidade.

A partir da leitura contra-hegemônica e geral da centralidade do Jardim Goiás, foram identificadas três periferias internas, como demonstrado na figura (47), que retrataremos mais especificamente abaixo: o Edifício olímpico, a Vila Lobó e a área irregular do Jardim Goiás. Estes são lugares marcados por lutas, conflitos e resistências, mas também repletos de afeto e histórias de vida. Esses espaços se revelam tão importantes quanto as demais imagens que normalmente são propagadas. Apesar das dificuldades enfrentadas pelas periferias, estas também são lugares onde a vida é vivida intensamente, com pessoas que se importam umas com as outras e que possuem histórias únicas e valiosas.

Figura (47) – Localização das periferias internas identificadas



Fonte: Mapa fácil Goiânia, organizado pela autora 2022

3.3.1 Edifício Olímpico: um edifício “fora do lugar”

Existem lugares na cidade que chamam a atenção por sua beleza, história ou imponência. Por outro lado, há outros lugares que, infelizmente, são vistos de forma negativa devido à sua localização, às pessoas que frequentam, ao padrão de construção ou a questões sociais ao seu redor. O Edifício Olímpico é um exemplo disso. Ele é um dos primeiros prédios residenciais do bairro Jardim Goiás, construído por volta de 1980 e que resistiu a todas as transformações e pressões do mercado imobiliário para transformar o bairro em uma centralidade.

O edifício Olímpico é uma construção que chama bastante atenção na paisagem do bairro Jardim Goiás, tanto pela sua grande área ocupada quanto pelas características da sua edificação. Ao criar uma cartografia sensível deste lugar, foi possível conhecer mais profundamente as histórias e memórias que o envolvem. Na figura (48), podemos ver o resultado da junção de imagens que mostram um pouco mais sobre o edifício.

Figura (48) – Cartografia edifício Olímpico



Fonte: De autoria própria, 2022.

Segundo relatos dos próprios moradores, o Edifício Olímpico, que está localizado no bairro Jardim Goiás em Goiânia, pode ser considerado como um marco histórico na região. Sua construção aconteceu quando o bairro ainda estava em desenvolvimento e se tornava cada vez mais atrativo para investidores. O prédio foi projetado para ser uma referência em moradia na cidade, com apartamentos espaçosos, além de uma área de lazer completa. No entanto, com o passar dos anos, a realidade do Edifício Olímpico se mostrou diferente do que se imaginava.

O prédio passou a ser estigmatizado na cidade, devido à sua arquitetura pouco convencional e pela presença de uma grande população em situação de vulnerabilidade social em seu entorno. Além disso, o Edifício Olímpico tornou-se conhecido por registrar casos de violência e tráfico de drogas em suas dependências. Sua construção representou uma época de grande crescimento e desenvolvimento da região. Hoje, o prédio ainda é habitado por diversas famílias, que lutam diariamente para superar as dificuldades que enfrentam em sua convivência no local.

Mesmo tendo superado muitos problemas do passado, o Edifício Olímpico ainda sofre preconceito devido às histórias marcantes que o cercam. Muitos dos moradores, apesar de viverem em um ambiente familiar e tranquilo, ainda enfrentam dilemas por morarem em um prédio com uma arquitetura que destoa do restante do bairro e por causa das histórias negativas do passado. A pesquisadora deste trabalho teve a oportunidade de vivenciar esses dilemas ao residir no edifício por 4 anos, em um momento em que o mesmo já havia passado por uma reestruturação organizacional. É importante destacar que relatos sobre as questões conflituosas que ocorreram ali foram contados pelos moradores mais antigos.

Apesar das controvérsias e dificuldades, o edifício se tornou um ambiente agradável para seus moradores. É possível notar que muitos deles têm uma conexão emocional com o lugar e não querem deixá-lo. Além disso, o prédio tem uma localização privilegiada, próximo a importantes vias da cidade, o que torna a convivência e a mobilidade mais fáceis. Contudo, é importante ressaltar que, assim como muitos outros prédios antigos, o Edifício Olímpico precisa passar por algumas atualizações para se adequar às necessidades atuais. Mesmo assim, é admirável ver como as pessoas conseguem encontrar prazer e felicidade em um espaço que é tão estigmatizado pela sociedade.

Dentre os aspectos que marcam o edifício olímpico e o colocam nesse lugar de periferia interna da pesquisa, temos:

1. Estigmatização social resultante das histórias do passado de violência, drogas e prostituição no local;
2. Padrão construtivo popular- não condiz com o padrão dos outros residenciais do bairro;
3. Presença de populações de baixa renda;
4. Preconceito com os moradores;

Os aspectos mencionados anteriormente foram frequentemente citados nas narrativas dos moradores. As entrevistas abordavam diversos assuntos, incluindo questões além do edifício, porém as respostas sempre enfatizavam a estigmatização e o preconceito enfrentados por algumas pessoas que residem no local, além da presença significativa de populações de baixa renda. Esses aspectos refletem os desafios enfrentados pelos moradores. Com base nisso, na análise temática ²¹e nas vivências da pesquisadora, que também residiu no local, foram gerados conceitos a partir das falas dos entrevistados e das vivências no período da pesquisa.

“Carandiru do Jardim Goiás”

Uma das grandes surpresas para a pesquisadora, no período em que realizou os levantamentos para o estudo, foi descobrir que o edifício em que residia há quase 5 anos é conhecido como "Carandiru do Jardim Goiás". É importante ressaltar que, atualmente, o local não faz nenhuma referência à antiga casa de detenção de São Paulo. O presídio era conhecido como Carandiru, devido à sua localização no bairro Carandiru, e já foi considerado um dos maiores presídios da América Latina. Seu histórico é marcado por superlotação, massacre, violência e hostilidade.

²¹ A análise temática, também conhecida como Grounded Theory, é uma abordagem analítica que visa “identificar padrões de significado em um conjunto de dados que forneçam uma resposta à questão da pesquisa” (Amaral, 2019b). Essa abordagem foi utilizada para dar suporte às metodologias de pesquisa empregadas e conceituar os temas comuns identificados nas entrevistas, permitindo definir as periferias internas propostas pelo trabalho.

De início, foi muito impactante ter essa informação. Não fazia sentido um residencial que é tão tranquilo, organizado e limpo, com a maioria de seus moradores sendo de idade mais avançada, ter essa associação tão pejorativa. Mas, conversando com alguns funcionários do residencial e moradores mais antigos, passou-se a entender de onde vem essa referência.

Segundo relato dos moradores, em meio a conversas informais, a construção e entrega do edifício foi muito conturbada. O projeto e a obra passaram por várias construtoras até serem finalizados. Muitos apartamentos foram ocupados antes mesmo da conclusão da parte interna, sendo finalizados pelos moradores ao longo do tempo. Nessa época, a região do Bairro Jardim Goiás ainda não tinha todo o prestígio de hoje. A maioria das áreas no entorno do prédio ainda estavam desocupadas ou habitadas por invasores, e não havia infraestrutura adequada.

Acredita-se que essas questões contribuíram para que as primeiras ocupações dos apartamentos acontecessem de forma desorganizada. De acordo ainda com os moradores, foi nesse período também que se intensificaram os relatos de violência, uso de drogas e prostituição nas dependências do Edifício Olímpico. Em um dos trechos da entrevista concedida por uma das moradoras do prédio, ao falar de sua história com o lugar e com a região, foi possível identificar um pouco desse histórico polêmico do edifício. A moradora, identificada aqui com o nome fictício de Matilde, conta que:

O edifício olímpico foi um dos primeiros condomínios a ser construído aqui na região. E era um prédio que eu ficava com raiva do meu marido por causa disso. Via calcinha de mulher espalhada por tudo quanto é sacada. Eu falava assim para ele: como é que você me fez sair da nossa casa para vir aqui para esse bordel? (risos) Eu não admito! Aqui tinha de tudo, já morreu gente suicidada, tinha muito maconheiro aqui, garota de programa

Quando questionada sobre a percepção que acredita que as outras pessoas têm do edifício, Matilde compartilha sua perspectiva:

Falando particularmente do edifício olímpico, acho que essa imagem do Carandiru, né? (risos). Todo mundo fala: "ah, é aquele predinho? Sei onde é que é." (risos). As pessoas têm essa imagem na cabeça, a imagem de que seja a casa das prostitutas, né? Pois é, minha filha, aqui era igual eu estava te falando, você via calcinha "dipendurada" na sacada, nossa, eu já briguei demais aqui. E na finalização dos acabamentos aqui do prédio, não houve uma concordância, como a construtora da época que estava responsável pelo prédio entrou em falência, cada morador foi fazendo do seu jeito, nas coxas. Poque nem sempre todo mundo tinha o dinheiro ali na hora para fazer, né? (MATILDE, 2022).

Em outro trecho das entrevistas realizadas, temos a narrativa de um dos funcionários. Ao falar de sua história com a região e com o Edifício Olímpico, nos fornece mais informações que possibilitam compreender essa relação pejorativa que fazem do edifício com o presídio Carandiru e os estigmas criados em relação a ele. O funcionário será identificado com o nome fictício Beto:

Já tem mais ou menos uns 7 anos que estou trabalhando no edifício Olímpico. Antigamente aqui tinha muitos problemas, muitos usuários de drogas, muita bagunça. As pessoas chamavam o prédio aqui de Carandiru do Jardim Goiás. Mas assim, isso tudo foi antes do condomínio passar por algumas transformações. Os prédios aqui dentro eram bagunçados, não eram pintados. Só tinha um portão de saída, que é esse aqui, e um de entrada. Então formava um trânsito grande aqui na porta. Mas hoje são prédios tranquilos para se morar. Antes não tinha uma área de lazer, um parquinho para as crianças. Apesar que não é uma grande área lazer, mas passou por reforma também onde os moradores hoje podem aproveitar de algo dentro do condomínio. Mas é bom trabalhar aqui, eu gosto. Muitas coisas mudaram (BETO, 2022).

As narrativas de outra moradora do edifício também contribuem para o entendimento dos estigmas que o envolve. Identificaremos a moradora como Betânia, não sendo esse o seu nome verdadeiro. Contando da sua história com a região, Betânia destaca que:

Mudei aqui para o Edifício Olímpico com meu marido, nós tínhamos acabado de casar. Viemos só nós dois porque a minha filha já tinha falecido. A estrutura do prédio já era desse mesmo jeito que está agora. Aqui no entorno ainda não tinha essas “predaiada” toda, não, não tinha nem o prédio aqui do lado, e nem aquele ali. Quando a gente chegou aqui, tinha era uma “capoeira” ali embaixo, invasões. Era uma bagunça, aí com o tempo foi melhorando. Aqui dentro do condomínio ainda não era muito tranquilo como hoje, era meio bagunçado, era uma barulheira. Tinha uns rapazes custosos que no final passaram e ser amigos do meu marido. Meu marido passou a ser cadeirante, aí os meninos aqui ajudavam o Cláudio, tudo ajudavam. O Cláudio foi dando concelho para eles, sabe! Porque eles mexiam com drogas. Aí o Cláudio foi dando conselho para eles até que eles pararam de mexer com essas coisas (BETÂNIA, 2022).

Os fragmentos das entrevistas aqui apresentados nos ajudam a compreender que a estigmatização sofrida hoje pelo Edifício Olímpico deve-se única e exclusivamente às histórias de seu passado. Mesmo tendo sido submetido a mudanças e não tendo mais casos de violência, drogas e prostituição em seu histórico, ainda há uma associação aos tempos remotos. Essa é uma dificuldade que os moradores tentam superar, pois a realidade atual do lugar não condiz com a forma como o edifício é lembrado.

“Já teve propostas de comprar aqui, comprar de nós” – O edifício fora do lugar

Um dos aspectos marcantes do Edifício Olímpico, que chama a atenção, é o seu padrão construtivo. Diferente de prédios com tecnologias avançadas, fachadas modernas ou imponência na cidade, o edifício possui um padrão popular, sem grandes inovações ou atrativos. Isso o torna discrepante em relação aos demais prédios e residenciais da região. Tal fato faz com que as pessoas o percebam como um edifício deslocado, pois a região passou por um crescimento significativo, com um processo de verticalização e modernização, enquanto o residencial não acompanhou essa transformação.

Ao analisar atentamente o Edifício Olímpico, foi constatado que ele é composto por 16 blocos em pilotis, com 4 apartamentos por andar, e sua estrutura é totalmente em alvenaria estrutural. O acesso aos apartamentos é feito por meio de escadas, não tendo a presença de elevadores ou rampas. O residencial possui uma pequena área de lazer localizada em seu centro, a qual conta com um parque infantil e alguns bancos. Essas informações foram obtidas a partir das observações realizadas pela pesquisadora durante o período em que ela residia no local. Ao comparar superficialmente outros edifícios da região, podemos perceber que características como essas apresentadas no Edifício Olímpico já não são comuns para o bairro.

Mesmo situado em uma localização privilegiada, que possibilita um fácil acesso a bens e serviços, a imagem precária do residencial acaba por desassociá-lo do restante do bairro. Por meio das narrativas transmitidas durante as entrevistas, tanto moradores quanto funcionários relatam que já foram feitas propostas de compra da área, visando a construção de um edifício mais moderno e em harmonia com a região. Em mais um trecho da entrevista com Betânia, moradora do Edifício Olímpico, ao ser questionada sobre as melhores palavras para definir a região, ela demonstra certa confusão com a pergunta. A entrevistadora tenta esclarecer, mas a resposta dada por Betânia, cujo nome é fictício, nos permite compreender melhor essa questão da falta de harmonia entre o edifício e o restante do bairro. Nas palavras de Betânia:

Eu não tenho coragem de mudar daqui. Já teve propostas de comprar aqui, comprar de nós, né! Mas ninguém quis. Já teve umas três propostas. Falaram que achavam o prédio feio, que o Setor estava crescendo demais. Mas os moradores daqui só aceitariam se dessem um dinheiro muito bom. Então, assim, acredito que a palavra que melhor define essa região, seja localização, é um lugar muito bem localizado (BETÂNIA, 2022).

Em alguns trechos da entrevista com Beto, funcionário do Edifício Olímpico, em que falávamos sobre as mudanças que ocorreram e que ocorrem ao longo dos anos

na região do Jardim Goiás, Beto, nome fictício, também destacou algumas questões colocadas por Betânia. Segundo ele:

Tem uma história que contam, que em uma determinada época queriam comprar toda essa área do edifício olímpico, assim dizem! Algumas outras pessoas já falam que essa história não procede, que nunca veio ninguém aqui para ofertar, porque até então, para vender aqui todo mundo teria que concordar (BETO,2022).

O Edifício Olímpico se destoa dos demais prédios da região por uma paisagem marcada pela sutileza. Enquanto os arredores passam por uma constante transformação, com o crescimento acelerado e turbinado pelas demandas mercadológicas, esse residencial se mantém como um ponto de resistência. Suas populações, mesmo diante dos desafios e das dificuldades de viver em um lugar que não é visto como parte integrante daquela localidade, não se veem residindo em outro lugar. Eles encontram uma força de pertencimento e identidade que transcende as aparências, uma conexão com a história do local e com a teia de relações construída ao longo dos anos.

“Aqui era dos pobres. Aí, os ricos foram invadindo, invadindo e tomaram o lugar dos pobres”

Outra característica relevante em relação ao Edifício Olímpico diz respeito à sua população. Por estar localizado próximo aos principais centros comerciais do Jardim Goiás, muitas pessoas o procuram para alugar apartamentos, justamente devido à proximidade com os locais de trabalho. O fato de não oferecer muitas comodidades para os moradores e ser uma construção mais antiga faz com que o aluguel seja mais acessível, atraindo assim pessoas de menor poder aquisitivo, que, de acordo com os parâmetros do IBGE, poderia ser enquadrado como de baixa renda. A presença de população de baixa renda é um dos aspectos que caracterizam as periferias no espaço urbano.

Além disso, a partir das entrevistas e das conversas informais com os moradores, constatamos que no residencial há um número significativo de pessoas aposentadas, proprietárias de seus apartamentos, que os adquiriram em um período anterior à valorização atual da região. São pessoas mais humildes, que possuem como seu único bem material o apartamento. Eles chegaram à região em um momento em que ainda não era tão caro viver ali, mas atualmente não encontram outras opções

senão consumir o que é oferecido, mesmo que isso não esteja de acordo com sua realidade financeira.

No que se refere a esse assunto, a moradora Matilde, nome fictício, em alguns trechos adicionais da entrevista que nos concedeu, discorre sobre as dificuldades enfrentadas com a mercantilização do bairro Jardim Goiás, sendo ela uma pessoa de baixa renda. Segundo a entrevistada:

Mas assim, estou aqui até hoje por falta de dinheiro, por falta de opção de ir para outro lugar. Se eu pudesse ir para outro lugar diferente do edifício olímpico, eu queria que fosse aqui mesmo, nessa região do Jardim Goiás, mas nessa região aqui, minha filha, não dá não, é tudo caro. Porque os invasores não somos nós, são os ricos que invadiram aqui a nossa propriedade, porque aqui era dos pobres. Aí, os ricos foram invadindo, invadindo e tomaram o lugar dos pobres. Para você ter uma ideia, eu ficava aqui na sala vendo as vacas lá do outro lado no pasto comendo capim, para você ver, até isso eu presenciei.

A evolução aqui, na minha opinião, não foi boa não. O progresso é bom, mas contanto que seja bom para todos. Por causa dos ricos criaram muitos lugares, comércios, mas pensando nos ricos, aí o pobre acaba tendo que ir lá também gastar, porque é o que tá mais perto e é direito dele também (MATILDE, 2022).

O Edifício Olímpico, apesar de sua localização privilegiada próxima à centralidade, abriga uma população de baixa renda. Essa condição socioeconômica faz com que seus moradores sejam vistos como periféricos, mesmo estando em uma região central. O paradoxo se revela quando observamos que, embora próximo a uma oferta diversificada de serviços e comércios, muitos dos residentes não têm condições de consumir o que está disponível nas proximidades. No entanto, devido à falta de alternativas, eles permanecem no local.

“Nossa, você mora naqueles predinhos ali?”

As populações que habitam o Edifício Olímpico enfrentam, por muitos momentos, o peso do preconceito em virtude de residir em um prédio antigo, marcado por características precárias e abrigando uma população compreendida como de baixa renda. Esses moradores, sob o olhar de estigmas associados à sua história pregressa, encontram-se sujeitos a uma triste realidade de exclusão.

Nas conversas informais com os moradores, alguns relatam que, apesar de gostarem muito de morar no Edifício Olímpico, em algumas situações, já preferiam mencionar que residiam em outro lugar, ou até mesmo ocultavam o fato de morar ali. Essa atitude revela as contradições presentes no cotidiano desses habitantes e aponta para uma problemática recorrente nos espaços urbanos periféricos.

Nesse sentido, nos trechos da entrevista com Matilde (nome fictício), onde ela narra sua trajetória vinculada ao lugar e à região, a moradora compartilha uma experiência vivida. Nas palavras de Matilde:

Uma pessoa da minha igreja uma vez falou: “Nossa, você mora naqueles predinhos ali?” Eu perguntei: “Que predinho?” Respondi para ela: “Aqueles predinhos eu comprei com meu dinheiro. Está compro e pago. Você já comprou a sua casa? Tá compro e pago? Porque eu paguei a minha, então você não deve falar dos outros não.” Eu fico muito brava quando fala assim, “predinho”, nossa! O povo sempre fala, né!? “aqueles predinhos”. Mas agora eu mesma falo, eu moro sabe onde? Moro no Excalibur (risos). Mas essa fama ruim do edifício olímpico é por causa do passado, o que que o passado faz, cria uma imagem tão deturpada (MATILDE, 2022).

O preconceito enfrentado pelos habitantes é alimentado pela associação do Edifício Olímpico a um passado tumultuado, repleto de desafios e adversidades. Histórias de carência, dificuldades e marginalização se tornaram parte integrante da narrativa desse lugar, perpetuando a visão negativa e preconceituosa que recai sobre seus moradores.

3.3.2. Jardim Goiás área I: a Vila Lobó

A periferia interna Vila Lobó, localizada nos limites do bairro Jardim Goiás, é um retrato vivo das desigualdades sociais presentes nas grandes cidades brasileiras. Com uma população majoritariamente de baixa renda, o bairro enfrenta diversos desafios relacionados à infraestrutura, educação, saúde e segurança pública. Nesse contexto, é importante entender a história e a realidade da Vila Lobó, a fim de buscar soluções e alternativas para melhorar a qualidade de vida dos seus moradores.

Com uma história rica e cheia de particularidades, essa comunidade é um exemplo da resistência dos moradores das periferias de Goiânia. Segundo Oliveira e Peixoto (2009), a Vila Lobó surgiu em meados da década de 1970, a partir de ocupações irregulares às margens do córrego Botafogo. Muitos desses moradores já vinham de outras invasões, com a esperança de finalmente conseguirem o reconhecimento como proprietários das áreas. Essa realidade só se concretizou muitos anos depois. A periferia também cresceu com a chegada de trabalhadores que vieram para construir o Estádio Serra Dourada e decidiram ficar na região.

Ao longo de sua história, a comunidade da Vila Lobó passou por inúmeras mudanças e desafios, mas sempre lutando para garantir sua sobrevivência e qualidade de vida. Muitos moradores enfrentaram conflitos e obstáculos para serem reconhecidos como proprietários das áreas. Mesmo após a regularização de grande

parte dos lotes e moradias, ainda persistem desafios que afetam a vida dos moradores, evidenciando a importância da luta constante pela garantia de seus direitos. Que por diferentes momentos passam despercebidos frente a espetacularização em torno das áreas e populações mais abastadas.

Nesse sentido, dentre os aspectos que marcam a Vila Lobó e a colocam nesse lugar de periferia interna da pesquisa, temos:

1. Fragilidades sociais e estruturais;
2. Segregação urbana;
3. Lutas por visibilidade e melhorias;
4. O Preconceito com os moradores;

Frente as questões apontadas, um olhar sensível para essas realidades sociais não apenas evidencia suas fragilidades, mas também suas lutas e conquistas diante do descaso que é presente. A comunidade da Vila Lobó, em particular, busca não somente alcançar uma melhor qualidade de vida para seus residentes, mas também desfazer a ideia preconcebida sobre o local. A região não é apenas marcada pela criminalidade e pobreza, mas também é caracterizada por afeto, histórias de superação, interação entre os moradores e uma vontade comum de que as coisas melhorem para todos. A Figura 49 abaixo apresenta a cartografia sensível construída para esse lugar repleto de histórias.

Figura (49) – Cartografia Vila Lobó



Fonte: De autoria própria, 2022

Sendo assim, entende-se que, apesar das dificuldades presentes na Vila Lobó, seus moradores contam suas histórias com entusiasmo, valorizam suas conquistas e ressaltam a importância de cada pessoa ali presente. Ao caminhar pelas ruas do bairro, é possível observar a interação entre os vizinhos, as crianças brincando e a alegria mesmo diante das adversidades. Essa resiliência da comunidade é fundamental para que sejam alcançadas melhorias na qualidade de vida dos moradores e desmistificar a imagem de que a periferia é somente um lugar de pobreza e violência.

Nesse sentido, e apresentado a seguir alguns conceitos, com base nas narrativas populares e na análise temática, que caracterizam os aspectos intensificados na Vila Lobó. Essas reflexões, embasadas no conhecimento profundo do território e nas vivências compartilhadas pelos moradores, revelam a complexidade das dinâmicas sociais e urbanas presentes nesse contexto.

“As pessoa vive de qualquer jeito”

Ao caminhar pelas ruas e vielas da Vila Lobó, é inevitável não se deparar com imagens que reafirmam a condição desse lugar como uma periferia da cidade. Os pobres que habitam a região são confrontados com uma série de dificuldades que abrangem desde o acesso precário a serviços básicos até a falta de oportunidades de emprego e educação de qualidade. A carência de infraestrutura adequada, como saneamento básico e iluminação, se faz presente de forma constante, limitando o bem-estar e a qualidade de vida dessas populações

Além disso, a ausência de políticas públicas efetivas direcionadas às periferias acarreta uma série de efeitos negativos para seus moradores. A falta de investimentos em equipamentos comunitários, como creches, escolas e centros de saúde, contribui para a reprodução das desigualdades, dificultando a ascensão social e a garantia de direitos básicos. Esses problemas são constantemente enfatizados nas narrativas dos moradores, os quais, ao serem convidados a participar das entrevistas para pesquisa, aproveitam todos os momentos para destacar suas experiências sociais e territoriais. Isso fica evidente em entrevista com a moradora Mônica (nome fictício), que ao ser questionada sobre sua história com a região, revela:

Vim morar aqui quando tinha 14 anos, mudei para cá por conta do meu marido que já morava aqui antes e foi um dos primeiro morador da região. Esse lugar antigamente era muito cheio de criminalidade e pobreza. O governo tirou muitas pessoa daqui por conta das invasão, algumas já queria sair mesmo e

outras foram meio que obrigada. O governo não dá muita atenção para cá, as pessoa vive de qualquer jeito e precisam sair daqui para conseguir alguns serviços básicos, como saúde e educação. Mas mesmo com todas as dificuldades estou aqui até hoje, minha família vive da reciclagem e a nossa casa fomo nois mesmo que construimo (MÔNICA, 2022).

Constata-se, por meio das narrativas de Mônica, que, com ou sem ajuda do governo, os moradores da Vila Lobó precisam constantemente encontrar formas de sobreviver. Além disso, outro ponto importante é a carência de espaços de convivência e lazer. Não existem muitas opções para os moradores, sendo necessário contar, em muitos momentos, com a criatividade para proporcionar algum entretenimento às crianças, jovens e adultos. Durante algumas caminhadas pela região, foi observado um grupo de crianças organizando uma partida de futebol no final de uma rua menos movimentada. Essa cena revela a busca por alternativas de lazer e socialização, mesmo diante das limitações impostas pelo ambiente precário.

Pois, a ausência de áreas verdes, praças bem cuidadas equipamentos recreativos, de saúde e escolas limita as possibilidades de interação social e de desenvolvimento saudável das crianças e jovens. Essa ausência de espaços de convivência, lazer e educação, contribui para a perpetuação do ciclo de vulnerabilidade e exclusão social, dinâmicas tão presentes na realidade diária dos moradores da Vila Lóbo. Como relatado na narrativa de BIA, (nome fictício), que por meio da entrevista concedida, ao falar da sua principal lembrança da região e ponto de referência, compartilha com a entrevistadora que sua principal lembrança é:

da dificuldade de encontrar creche e escola para os meus filhos, aqui próximo só tem uma creche e ainda não atende todo mundo que precisa. Inclusive, a única creche que tem por perto e que foi construída para as pessoas daqui, nunca tem vaga. De manhã quando a gente passa lá em frente, só vê os carrão parando e deixando as crianças que eu acho que nem são daqui do setor (BIA, 2022).

A fala de Bia revela uma necessidade amplamente compartilhada por diversos outros moradores: a urgência de escolas e creches na região. As opções existentes nas proximidades não são capazes de atender a toda a população. Durante uma das entrevistas, a moradora enfatizou repetidamente essa questão, destacando a importância de seu registro. Essa entrevista em questão foi concedida por Maria, que, ao ser questionada sobre o que considerava indispensável para que uma região pudesse atender socialmente bem a todas as populações que frequentam seus espaços, Maria respondeu sem hesitar:

Escola! Necessitamos de escolas. Se você conversar com todo mundo que mora aqui, todo mundo vai falar: escola. É a nossa realidade! As crianças

daqui vão estudar muito longe. De primeiro, aqui, na minha época eu tinha o São Cristóvão, estudava aqui, do outro lado da PUC. A CEUG emprestou o prédio para o funcionamento da escola, mas depois pegou de volta (MARIA,2022).

Com base nas observações realizadas na Vila Lobó e nas narrativas genuínas de suas populações, torna-se evidente que a região está tomando por fragilidades sociais e estruturais. Ao refletirmos sobre o que as pessoas dizem ao afirmarem que quem mora na região "vive de qualquer jeito", compreendemos que essa expressão reflete diretamente a ausência de assistência, a falta de serviços básicos de saúde, educação e infraestrutura. Viver do jeito que dá, e não do jeito que precisa, é uma dura realidade enfrentada pelos habitantes da Vila Lobó.

“Quem faz o lugar é a gente”

Desde o primeiro contato com a Vila Lobó e suas populações, tornou-se evidente que o caminho a percorrer demandaria uma abordagem empática e sensível. A pesquisadora estava ciente das possíveis desconfianças que poderiam surgir, pois compreende que a desconfiança faz parte do contexto em que essas pessoas vivem. Portanto, já estava preparada para lidar com essa situação. Nesse sentido, o contato inicial foi estabelecido de maneira mais informal, aproximando-se aos poucos dos moradores em situações cotidianas. Compartilhando conversas triviais, expressando um interesse verdadeiro em suas vidas e preocupações, para ser possível entende mais profundamente as dinâmicas existentes ali.

Esse processo de aproximação revelou profundas inquietações e anseios. Por trás dos receios iniciais, emergiram indivíduos ansiosos por compartilhar suas experiências. Durante as entrevistas, eles se abriam, revelando um retrato franco e contundente de uma realidade fortemente marcada pela segregação. Através de suas palavras, expressavam a angústia e a frustração diante do abandono e do descaso. Exemplo notável pode ser encontrado na narrativa de Pedro (nome fictício), um ex-morador da Vila Lobo, que, ao final da entrevista em que concordou em participar, foi questionado se teria algo mais a acrescentar. Com convicção, Pedro declarou:

Eu acho que o poder público tem uma dívida com esse local. Aqui tem pessoas guerreiras, trabalhadoras, e o governo deixou muito a desejar. Deveria ter um pouco mais de auxílio. Eu acho que aqui deveria ter um auxílio para as pessoas reformarem suas casas. Tem pessoas aqui que acabam coletando água de uma bica aqui do lado por não terem água encanada em casa, ou por dificuldade de pagar. Estão sem trabalho e não conseguem pagar suas contas. Aqui tem um reservatório de água que sai do chão. Eu

penso que poderia vir o poder público com engenheiros e distribuir essa água para todo mundo (PEDRO, 2022).

Na Vila Lobo, mesmo diante das dificuldades e limitações impostas pela falta de recursos e atenção dos governantes, foi possível identificar uma comunidade que reconhece essas fragilidades e necessidades do local, mas se recusam a serem reduzidos por elas. Ao afirmarem que são as pessoas que fazem o lugar, demonstram uma profunda compreensão do poder de transformação e da importância de sua própria voz. Como podemos perceber na narrativa da moradora Maria (nome fictício), que ao falar do seu sentimento em frequentar outros espaços do bairro que fogem da sua condição social, ressalta que não tem nenhum sentimento diferente, pois segundo ela:

Eu acho que quem faz o lugar é a gente. Tem gente que tá lá naquele lugar chiquérrimo e vivi pior do que eu que estou aqui. Então acho que isso não interfere em nada, quem faz o lugar é a gente (MARIA,2022).

Uma constante nos relatos foi a convicção de que quem faz o lugar são suas próprias pessoas. Essa afirmação expressa uma profunda compreensão de que, apesar das limitações externas, é a comunidade que dá vida, cultura e identidade à Vila Lobo.

“Acho que esse lugar aqui precisa de mais atenção. As pessoas também”

Conviver com as populações da Vila Lobó proporcionou uma experiência marcante e reveladora. A observação de suas lutas diárias através das conversas informais, das entrevistas aplicadas e do registro de imagens, evidenciou ainda mais a importância de ouvir e valorizar as vozes das comunidades periféricas. É preciso reconhecer a complexidade e a multidimensionalidade dessas batalhas, que vão além das necessidades materiais. Pois, é uma jornada coletiva, que exige o envolvimento de todos os segmentos da sociedade.

Além disso, as falas da comunidade evidenciam suas lutas e expectativas de melhorias para o local. Como podemos observar em mais algumas narrativas da moradora BIA (nome fictício), que, ao ser questionada sobre sua história com a região, nos fala um pouco dos conflitos iniciais existentes no bairro, algumas de suas lutas e ressaltou também algumas mudanças que já aconteceram no local. Segundo a moradora:

Eu nasci aqui mesmo. Minha mãe mora na Vila Lobó desde sempre. Acabou que construí família aqui também. Casei, tive meus filhos, consegui uma casa

para morar com eles, e assim tem sido. Não tenho uma renda fixa, e as coisas por aqui são bem difícil, mas vou levando. Na época em que a maioria das casa era irregular, que o governo ainda não tinha regularizado a nossa situação por aqui, tinha muitos conflitos e as coisas eram bem pior. A segurança melhorou bastante, antes era muito perigoso e todo mundo tinha medo. A maioria das rua era de terra e, quando chovia, alagava quase sempre (BIA, 2022).

Continuando com as narrativas dos moradores, em um trecho da entrevista realizada com a moradora Mônica (nome fictício), em um momento em que ela é questionada se gostaria de acrescentar mais alguma coisa, Mônica ressalta que:

Acho que esse lugar aqui precisa de mais atenção. As pessoas também. Precisam fazer escola, creche e posto de saúde (MÔNICA, 2022).

Diante dos fatos apresentados, compreendemos que a vivência cotidiana dos moradores da Vila Lobó revela a realidade de uma comunidade que enfrenta adversidades em diferentes esferas. A falta de infraestrutura adequada, a ausência de serviços públicos de qualidade e a precariedade habitacional são apenas alguns dos desafios enfrentados. No entanto, em meio a essas dificuldades, os moradores se unem em solidariedade, buscando maior visibilidade e melhorias. Quando falam nas entrevistas sobre a necessidade de mais atenção ao lugar e às pessoas, eles estão justamente refletindo a necessidade que têm de ser atendidos, pelo menos, com o básico que uma população necessita: infraestrutura, educação e saúde.

“Quando a gente fala que mora na Vila Lobó, já é excluído”

Assim como ocorre na realidade da população periférica de outras cidades, os habitantes de Vila Lobó também enfrentam o preconceito em decorrência do lugar onde residem e de sua condição social. Esses estigmas criam uma série de desafios que precisam ser enfrentados diariamente, e seu impacto é profundo, afetando todas as esferas de suas vidas.

Ao mencionarem sua moradia na Vila Lobó, essas pessoas imediatamente se veem marcadas pela exclusão e pelo estigma social. O local onde residem torna-se um fator determinante na maneira como são tratadas e percebidas pela sociedade. Esse preconceito, muitas vezes, manifesta-se de maneiras sutis, porém igualmente perversas, em diversos aspectos. Nesse contexto, um exemplo desse fenômeno é trazido à tona pela moradora Maria (nome fictício), na entrevista em que ela fala sobre a imagem que acredita ser atribuída a região por outras pessoas. Em suas palavras:

Uma imagem meio ruim, né? (risos). Quando falo que moro no Jardim Goiás, que é a parte da Lobó, aí a pessoa já vem com aquele preconceito (risos). Aconteceram muitas coisas aqui dentro já, nè! Então, todo mundo tem esse preconceito, mas é tranquilo. Mas é só quem tá de fora que tem essa visão, depois que entra aqui dentro, que entra e mora aqui, vê que não é esse bicho de sete cabeças. É igualzinho se eu sair daqui para outro lugar, também vou achar estranho até me acostumar com aquele outro bairro. (Pausa reflexiva): Mas esse aqui é o mais famoso de todos (risos) (MARIA, 2022).

Outros moradores trazem relatos semelhantes, mas se destaca a questão da criminalidade. Há algum tempo, a região era amplamente conhecida pelos altos índices de assaltos e violência, o que ainda repercute atualmente, associando a região e sua população a esses acontecimentos. Em mais uma parte da entrevista concedida pela moradora Bia (nome fictício), na qual ela fala das transformações ocorridas na região, Bia compartilha o preconceito que a população e a região ainda enfrentam devido aos acontecimentos passados. Conforme suas palavras:

Acho que melhorou demais em comparação ao que era antes, principalmente em relação a criminalidade. Hoje em dia, aqui é um lugar muito tranquilo, mas por conta das coisas que aconteceram no passado, as pessoas ainda têm muito preconceito. Às vezes, os crimes que acontecem aqui por perto, os responsáveis nem são pessoas que moram aqui. São pessoas que saem de outros setores para roubarem e se esconderem por aqui. Aí, como a região já tem a fama, acaba que fica com essa imagem errada (BIA, 2022).

Percebe-se, na fala da moradora, a presença enraizada do preconceito, que se manifesta de forma constante e afeta diretamente a população. Essa realidade é vivenciada constantemente, impondo dificuldades e injustiças aos moradores da Vila Lobó. É fundamental compreender que o preconceito não se limita apenas à demonstração baseada no lugar onde residem, mas também se estende à sua condição social. Essas pessoas são estigmatizadas e marginalizadas, o que compromete suas oportunidades e seu acesso a serviços básicos e de qualidade.

3.3.3. As áreas que não regularizam

As áreas irregulares do Jardim Goiás têm uma história complexa e exemplificam os desafios relacionados à habitação e urbanização nas grandes cidades brasileiras. É importante que essas áreas sejam regularizadas para garantir o direito à moradia digna e a inclusão social dos moradores. No entanto, para isso acontecer, é necessário políticas públicas efetivas e a participação ativa das populações locais, pois geralmente são as pessoas que mais sofrem com a falta de regularização.

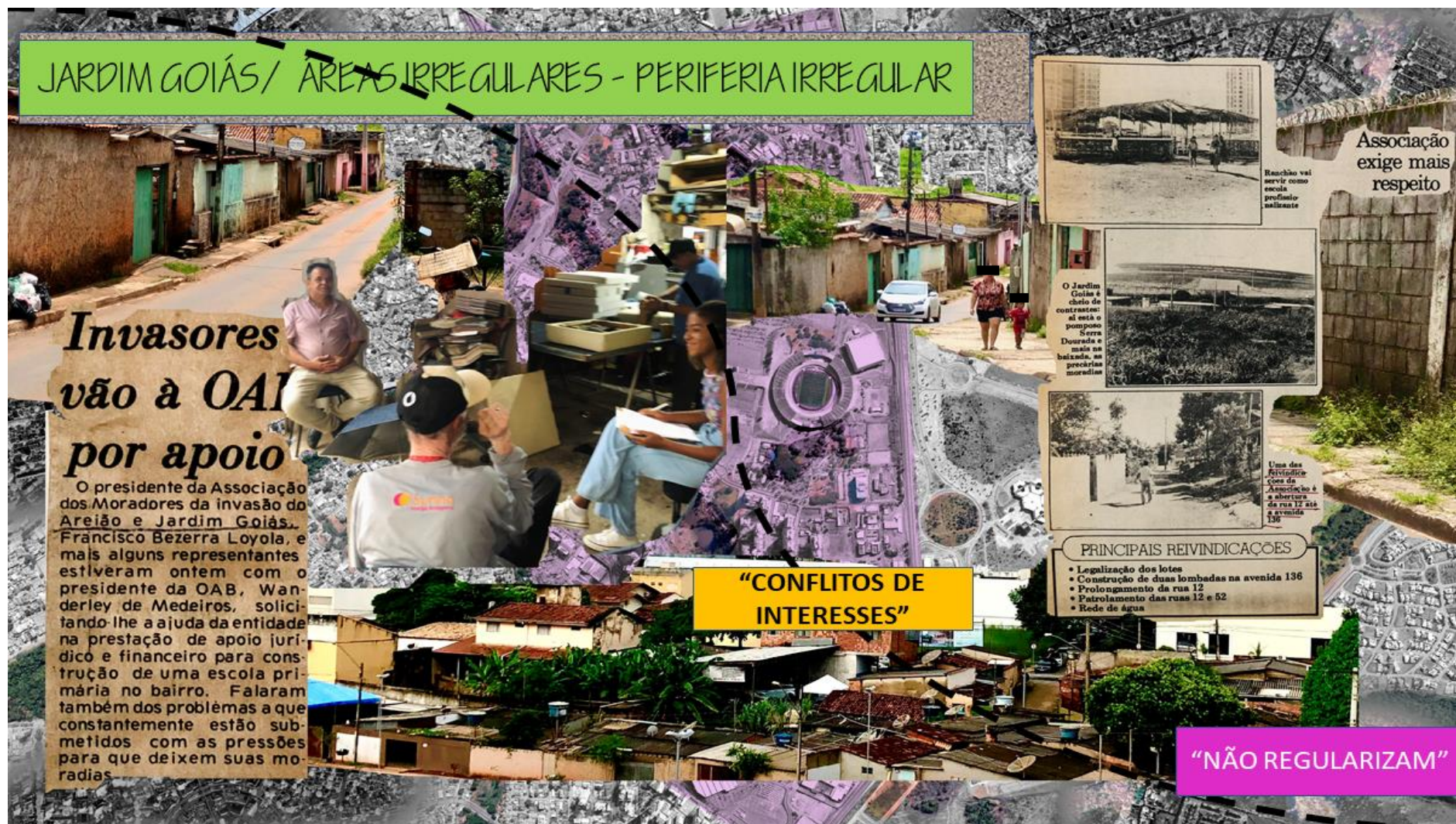
Assim, ao observarmos as áreas irregulares do Jardim Goiás, podemos perceber que atualmente não há um esforço por parte dos governantes locais para regularizar essas áreas. A falta de informações sobre os conflitos nessas áreas é preocupante. A maioria das informações que temos vem dos próprios moradores, que relatam suas experiências diárias nesses lugares. O que sabemos com certeza é que essas áreas ainda são resquícios do processo de formação do bairro, onde populações carentes de diferentes lugares da cidade vinham na esperança de conquistar a posse de um lote e construir suas moradias.

As áreas irregulares do Jardim Goiás enfrentam problemas há vários anos e seus moradores não veem uma solução próxima. Apesar disso, eles não perdem a esperança e continuam lutando por melhores condições de vida e pelo direito de terem a propriedade de seus lotes regularizada. Eles não cogitam a possibilidade de terem que deixar suas casas ou mudarem para outros lugares, pois ali construíram suas histórias e memórias. Por mais que existam as dificuldades, buscam sempre levar a rotina do dia a dia com bastante alegria, mas pedem que alguma coisa possa ser feita.

Pois, embora as áreas irregulares possam parecer uma periferia apenas devido à sua precariedade, é importante destacar que, ao contrário da Vila Lobó, as áreas irregulares do Jardim Goiás estão localizadas entre lotes, construções regulares do bairro e fundos de vale e compartilham o espaço com moradores de alta renda. No entanto, a falta de definição clara da propriedade nessas áreas gera condições precárias e vulnerabilidade para as famílias que ali residem. A indefinição dos direitos de posse dificulta o acesso a serviços básicos, como água, energia elétrica e saneamento, além de dificultar o desenvolvimento de infraestrutura adequada.

Além do mais, alguns moradores relatam o fato de já terem sido coagidos a se retirarem, mas atualmente não enfrentam mais esse tipo de problema. Eles acreditam que isso pode ser por conta de conflitos de interesses, pois mesmo algumas das áreas sendo provenientes de ocupações irregulares, muitas delas são ocupadas por pessoas importantes e influentes na cidade. Mas esse fato não contribui para a regularização. A figura 50 apresentada logo abaixo mostra a cartografia dessa periferia interna identificada.

Figura (50) – Cartografia Jardim Goiás – áreas irregulares



Fonte: De autoria própria, 2022

Ao depararmos com essas realidades, reforçamos a importância de observar os espaços da cidade por uma perspectiva que muitas vezes passa despercebida. Foi através de um olhar sensível e analítico, aliado a metodologias de pesquisa, que se tornou possível identificar as periferias internas apresentadas aqui. São lugares que sempre fizeram parte da centralidade Jardim Goiás, mesmo antes de tal classificação existir. Entretanto, para manter a imagem de um lugar ideal e próspero, essas regiões periféricas foram tornadas invisíveis. Mas sua existência e importância para a imagem da cidade não podem ser ignoradas.

Diferentemente das outras duas periferias internas identificadas, nas áreas irregulares do Jardim Goiás, com base nas pesquisas de campo, destacamos apenas dois aspectos que a caracterizam como periferia. No entanto, isso não é a exclusão dessa classificação. Sendo assim, os principais aspectos dessa periferia interna são:

1. A precarização;
2. Irregularidade dos lotes;

A partir da análise temática e das entrevistas realizadas com as populações da região, foram admitidos conceitos para algumas das expressões observadas nas falas dos participantes, assim como no convívio com os espaços locais. Essa abordagem possibilita uma compreensão mais aprofundada das questões vivenciadas e dos desafios enfrentados pelos moradores e frequentadores.

Nem vistas e nem lembradas: as áreas irregulares do Jardim Goiás

Nas áreas irregulares do bairro Jardim Goiás, testemunha-se a precarização e a invisibilização das populações que ali habitam. Para o restante da cidade, pouco se sabe a respeito dessas comunidades, cujas condições de vida são relegadas ao esquecimento. No entanto, basta adentrar essa região para constatar a extrema pobreza que permeia essas pessoas.

É notório o descaso dos governantes em relação à mudança dessa realidade. A indefinição dos lotes é uma estratégia que contribui para a precarização dessas populações, pois restringe seu acesso a serviços públicos de qualidade. Mesmo os moradores dessas áreas convivendo diariamente com vizinhos de alto poder

aquisitivo, ainda assim, não usufruem dos mesmos benefícios e oportunidades. A desigualdade social torna-se evidente, acentuada pelas condições precárias de habitação e pela deficiência do saneamento básico.

Analisar as áreas irregulares do Jardim Goiás revelou-se um desafio considerável, em razão de algumas dificuldades encontradas. Primeiramente, devido a restrição de informações concretas e a falta de definição precisa das áreas. A sua interseção com áreas regulares do bairro, tornou mais complexo discernir o que era considerado irregular.

Em segundo lugar, a participação dos moradores dessas áreas nas entrevistas realizadas foi limitada. Portanto, parte das informações aqui apresentadas baseiam-se nas observações da pesquisadora, que esteve presente no local em diversos momentos.

No entanto, durante uma das visitas realizadas às áreas de estudo, um trabalhador local, que também é morador e já foi um antigo ocupante da Vila Lobó, participou da entrevista. Através de sua história pessoal e conexão com a região, foi possível obter uma compreensão mais profunda de alguns aspectos relacionados às áreas irregulares do Jardim Goiás. Sua experiência trouxe luz a questões pertinentes e contribuiu para uma visão mais abrangente desses espaços.

O participante da entrevista, que para fins de preservação de sua identidade será chamado de Manoel, trouxe informações valiosas sobre sua história e relação com a região. Ao ser questionado, ele relatou o seguinte:

Antes, eu morava no Setor universitário com a minha família. Só que lá nós morava de aluguel e não tinha uma previsão de quando conseguiria ter a nossa casa própria. Como eu já falei antes, antigamente essa região do Jardim Goiás era só mato e poeira, e tinham pouquíssimas construções. Eu não me lembro exatamente o ano, mas me recordo que em um determinado período algumas áreas aqui da região começaram a ser invadidas. Muitas pessoas, bem pobres ou sem moradia, começaram a invadir essa parte mais baixa conhecida por vila lobó, e algumas outras mais próximas aqui de onde estamos. Foi nesse momento que decidi também ocupar uma área nessa parte mais baixa, a Vila Lobó.

Com o passar do tempo, outras várias pessoas também ocuparam de forma irregular áreas na vila lobó e aqui, também, nessa parte mais central do Jardim Goiás. Essas áreas começaram a ficar muito tumultuadas, não tinha espaço nem para abrir as ruas, foi nesse período que a pareceu o programa do governo chamado: "pró-moradia". O prefeito da época era o Pedro Wilson. Eles ofereceram moradia aqui e em outras regiões mais distantes, para várias pessoas. A intenção era criar ruas de acesso ali dentro da Vila-Lobó. Como as casas eram construídas quase que uma em cima da outra, não tinha espaço nem para as ruas de acesso. Com essa oportunidade, foi que eu troquei a minha área de invasão lá na Vila-Lobó por um apartamento nessa parte mais alta do Jardim Goiás. Fui para lá com a minha família, esposa e

duas filhas. O prefeito Pedro Wilson foi top de linha na urbanização aqui da região (Manoel,2022).

Por meio de conversas informais, Manoel ainda revela que muitas pessoas que ocupavam áreas na Vila Lobó e áreas de invasão do Jardim Goiás não aceitaram a proposta de se mudarem para as moradias oferecidas pelo governo. Muitas delas permaneceram no local e ainda estão lá até hoje. É importante ressaltar que algumas das áreas irregulares existentes no bairro são resultados desse período. Essas narrativas evidenciam a resistência e a complexidade das dinâmicas de ocupação e permanência nessas regiões, mesmo diante das precárias condições de moradia. Essa escolha de permanecer nas áreas irregulares pode ser compreendida em diversos aspectos, como a proximidade com serviços, trabalho e laços comunitários ao longo do tempo.

Em suma, é importante ressaltar a relevância das narrativas de Manoel. Por meio delas, tornou-se possível compreender mais as dinâmicas de precarização presentes nas áreas irregulares do Jardim Goiás. As palavras de Manoel revelam a invisibilidade enfrentada por essas comunidades. Essa falta de reconhecimento e de lembrança contribui para a permanência da precariedade. É fundamental trazer à tona essas histórias e experiências, a fim de prover condições dignas para todos os cidadãos, independentemente do local onde residam.

“Só tá faltando regularizar”

Ao observar as habitações e populações que residem nas áreas irregulares do Jardim Goiás, fica claro que a regularização não é uma das únicas necessidades. No entanto, acredita-se que ela seja o passo fundamental para que as demais fragilidades do local sejam superadas.

Pois é um anseio que já se perpetua há muito tempo. Mesmo hoje não havendo embates diretos para a retomada das terras, as populações e frequentadores das áreas ainda esperam por este momento. Como ressaltado em alguns outros trechos da entrevista concedida pelo morador e trabalhador da Região, MANOEL (nome fictício). Quando questionado sobre o que acredita ser indispensável para que uma região atenda socialmente bem todas as populações que frequentam seus espaços, Manoel responde que:

Regularizar dotas as áreas que não são regularizadas, como é o caso aqui do Jardim Goiás, eles já deviam ter vindo fazer isso (MANOEL, 2022).

Por diversos outros momentos o entrevistado reforça essa questão da regularização. Acredita-se que seja uma urgência, principalmente dos moradores dessas áreas, que se sentem limitados diante dessa situação. Essa informação é com base na opinião dada por um morador, o qual, durante a entrevista com Manoel, decidiu expressar sua opinião sobre o tema.

Diante do panorama observado, torna-se evidente que a irregularidade contribui para a categorização dessas áreas como periféricas. Essa condição precária limita o acesso de seus habitantes aos serviços básicos de infraestrutura, evoluindo em uma série de desigualdades e dificuldades cotidianas. A falta de regularização impede o pleno desenvolvimento dessas comunidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quanto mais instável e surpreendedor for o espaço, tanto mais surpreendido será o indivíduo, e tanto mais eficaz a operação da descoberta. A consciência pelo lugar se superpõe à consciência no lugar. A noção de espaço desconhecido perde a conotação negativa e ganha um acento positivo, que vem do seu papel na produção da nova história (SANTOS, 2006, P. 224).

Diante das narrativas populares e das análises feitas sobre as periferias internas do bairro Jardim Goiás, podemos concluir que a centralidade da cidade é muito mais do que os aspectos visíveis e idealizados pelos governantes e pela mídia. Essas periferias internas são espaços de resistência, onde os moradores lutam por seus direitos e vivem suas histórias e memórias. Por meio da escuta ativa e sensível às narrativas populares, foi possível compreender a complexidade e a diversidade presentes nas periferias internas do Jardim Goiás.

As faces da centralidade que muitas vezes refletem os lugares pobres, por muitos momentos tem suas necessidades negligenciadas. A pesquisa demonstra que o discurso de centralidade absoluta é mais um mecanismo de valorização financeira. E através das histórias contadas pelos moradores dessas áreas, pudemos compreender como as desigualdades sociais afetam diretamente a vida dessas pessoas. Além disso, foi possível perceber como a imagem idealizada de um bairro próspero e desenvolvido acaba por excluir e marginalizar aqueles que não se encaixam nesse modelo

Assim, fica evidente a importância de incluir essas narrativas nas discussões sobre a cidade e a centralidade, e de buscar soluções que considerem a diversidade e a pluralidade dos espaços urbanos. É necessário reconhecer e respeitar as periferias internas como parte integrante da centralidade, e garantir o acesso aos direitos básicos e à qualidade de vida para todos os moradores da cidade.

Pois a invisibilidade dessas periferias internas não é exclusiva do bairro Jardim Goiás, mas sim um fenômeno presente em diversas cidades brasileiras. A tendência de concentrar recursos e investimentos em áreas consideradas nobres, enquanto se negligencia as periferias, perpetua desigualdades e dificulta o acesso da população a serviços públicos de qualidade. Ao consultar os moradores e ouvir suas histórias e

experiências, é possível entender as demandas e necessidades dessas comunidades e buscar soluções que sejam efetivas e inclusivas.

Esta pesquisa buscou ampliar o olhar sobre as centralidades das cidades e investigar a existência de periferias internas nesses núcleos já pré-estabelecidos. Utilizando as narrativas populares como ferramenta de investigação, foi possível perceber as insuficiências das teorias geométricas de centralidades e periferias, que muitas vezes não levam em consideração a experiência concreta das pessoas que habitam esses lugares.

No caso específico do Bairro Jardim Goiás em Goiânia, constatamos a existência de populações de baixo poder aquisitivo que são silenciadas na narrativa dominante sobre o bairro, que é considerado uma importante centralidade da cidade. Essa contradição levou ao questionamento sobre as teorias dominantes, que parecem incapazes de dar sentido e existência a essas experiências de segregação, exclusão e estigmatização no meio de uma centralidade.

A pesquisa teve como objetivo explorar as dinâmicas de centralidade e periferia, por meio das narrativas populares e experiências das populações que vivem em áreas urbanas centrais e periféricas de Goiânia. A partir de uma leitura diferencial desses espaços, foram utilizadas diversas metodologias, como estudos bibliográficos, documentais, técnicas etnográficas, entrevistas semiestruturadas e psicogeografia, para compreender como as pessoas percebem e vivenciam esses lugares.

Foi revelado a existência de outras faces das centralidades urbanas, sendo elas: estigmatização, padrão construtivo popular, populações de baixa renda, preconceito com moradores, fragilidades sociais e estruturais, segregação urbana, lutas por visibilidade, precarização, terras irregulares, senso de comunidade, identificação com as habitações e solidariedade. Essas faces divergem das ideias já propagadas, o que contribui para a construção de novas perspectivas em relação às centralidades e periferias. Além disso, as cartografias contra-hegemônicas construídas a partir das derivas urbanas, memórias e histórias das populações, permitiram representar esses espaços até então desconhecidos e suas narrativas populares.

Em síntese, a pesquisa contribui para entender a experiência periférica no interior de um contexto de centralidade. Além disso, permitiu ter uma visão mais ampla e justa da cidade, levando em conta outras interpretações sobre os espaços urbanos. As entrevistas com os moradores da região de estudo não só forneceram novas

perspectivas sobre o lugar, mas também nos apresentaram histórias e memórias que dificilmente teríamos acesso pelos meios oficiais.

As técnicas etnográficas também foram imprescindíveis para alcançarmos os resultados apresentados. As derivas, em especial, permitiram explorar áreas menos conhecidas do Bairro Jardim Goiás e evidenciar a necessidade de repensar os conceitos de centro e periferia. Esse processo nos levou a refletir sobre questões mais amplas, como a exclusão e a segregação presentes na cidade. Esses aspectos reforçam a ideia de que a cidade não é homogênea e que a distribuição de recursos e oportunidades depende do capital social e econômico de cada indivíduo.

Portanto, a segregação gerada nesses núcleos, por sua vez, reforça os conflitos sociais e estabelece um sentimento de oposição entre as classes, impedindo a dinamicidade e a convivência entre diferentes grupos sociais. Nesse sentido, a pesquisa apresentada neste trabalho evidencia a importância de superar essas barreiras e promover uma cidade mais justa e inclusiva. A partir das reflexões de Rolnik (1988), compreendemos que a segregação não é apenas um problema de espaço físico, mas sim um reflexo das desigualdades sociais existentes em nossa sociedade. E o olhar superficial para essas realidades não nos permite compreender de fato o impacto que essas segregações e invisibilizações podem causar.

As conversas desenvolvidas com os moradores das áreas de estudo, a interação com os espaços e os registros fotográficos realizados durante as derivas permitiram evidenciar os paradoxos relacionados aos conceitos de centro, centralidades e periferias. Estes conceitos estão intimamente ligados à desigualdade do desenvolvimento histórico capitalista, que se reflete diretamente na distribuição e ocupação dos espaços urbanos.

As observações sensíveis desses lugares permitiram entender que a noção de centralidade e periferias não se restringe apenas a espaços geográficos, mas também engloba lugares que requerem uma construção de significados baseados em seus indivíduos ou grupos. Esses lugares são marcados por memórias e histórias que ultrapassam os limites da tecnicidade e que são fundamentais para a compreensão da identidade e da dinâmica social dessas áreas.

Nesse sentido, é importante reiterar que a cidade não é apenas um espaço físico, mas também uma construção social que se materializa nos espaços urbanos e nas relações que se estabelecem entre seus habitantes. A pesquisa apresentada neste trabalho contribuiu para esse debate ao evidenciar a importância dos lugares e

das histórias que se escondem por trás da tecnicidade da cidade. A partir desse olhar sensível e atento, é possível enxergar a cidade de forma mais ampla e diversa, valorizando as múltiplas vozes e histórias que se entrelaçam nesse espaço urbano.

Diante das reflexões acerca do bairro Jardim Goiás e sua relação com as periferias internas e a centralidade, foi possível perceber que o esforço em difundir a imagem de um lugar ideal é apenas uma forma de camuflar as disparidades e desigualdades existentes. No entanto, é preciso olhar para além das aparências e evidenciar as histórias e memórias dos espaços periféricos presentes nas centralidades, mostrando que eles também são importantes para o contexto histórico da cidade e que suas vivências não podem ser ignoradas.

Identificamos que a desigualdade social é um dos principais elementos presentes no arranjo urbano do bairro Jardim Goiás. As movimentações paralelas que destoam da imagem do lugar ideal são simplesmente ignoradas na historiografia hegemônica do lugar. Devemos olhar para esses espaços com outras perspectivas e buscar soluções que contemplem a todos. Pois, ao refletirmos sobre a importância das histórias que emergem das cidades, compreendemos que elas são essenciais para a construção da identidade dos lugares e para a formação da memória coletiva das comunidades que os habitam.

Ao percorrer as ruas, praças, parques e becos do Jardim Goiás, foi impossível não se deparar com a riqueza e diversidade das histórias que se escondem em cada canto. E essa riqueza não se restringe apenas aos prédios luxuosos e aos grandes centros comerciais existentes ali, mas também à riqueza imaterial, presente nas memórias, e tradições dos indivíduos que habitam esses espaços. Como visto ao longo desta dissertação, ignorar essas histórias é ignorar a sua identidade e diversidade. É fundamental, portanto, que as histórias que emanam desses lugares sejam valorizadas, por meio da escuta atenta dos moradores.

E a estruturação dessa pesquisa buscou justamente trazer essa escuta atenta dos moradores. Cada capítulo foi organizado de forma que o foco estivesse naqueles que de fato compõem a paisagem do lugar. Aqueles que vivem e interagem com os espaços da cidade são os que melhor os conhecem e sabem falar sobre eles. Nesse sentido, os capítulos desenvolvidos trouxeram à tona as narrativas populares iniciadas por meio de entrevistas e conversas espontâneas, contrapondo-se à ideia de que as histórias, memórias e construção da imagem dos lugares devam estar sempre ligadas aos meios técnicos, gestores e seus agentes.

Sendo assim, ao trabalhar com as narrativas populares, nos encontramos com importantes reflexões que marcam a compreensão dos lugares. As experiências vividas e percebidas no ambiente urbano do bairro Jardim Goiás evidenciaram a riqueza e diversidade existentes nas histórias e memórias dos moradores. Dessa forma, a pesquisa contribuiu para a construção de uma abordagem mais humanizada e sensível na compreensão dos espaços urbanos, valorizando a perspectiva dos habitantes como uma fonte fundamental de conhecimento e entendimento dos lugares.

Possibilitou também uma compreensão mais ampla e aprofundada do significado e impacto das mudanças vivenciadas pelas comunidades confinadas em centralidades e periferias. Ao valorizar a memória dos habitantes como uma fonte fundamental de conhecimento, foi possível avaliar como a construção da imagem dos lugares ocupados por diferentes corpos pode acelerar o ritmo da vida, criando formas de poder e luta de classes que conectam os mais diversos indivíduos e sociedades em um mesmo espaço. Ao mesmo tempo, essa construção privilegia e destaca partes mais favorecidas da sociedade, gerando desigualdades e exclusão social.

Ao deparar com tais questões, a pesquisadora compreendeu a importância desses pontos para que fosse possível alcançar os objetivos almejados na pesquisa. Pois tais objetivos visavam identificar as periferias internas na centralidade Jardim Goiás, compreender as dinâmicas que envolvem centro e periferia, e, por fim, construir cartografias que revelassem para além das imagens e histórias que normalmente são propagadas sobre tal região. E como resultado, as derivas percorridas pelo bairro e as entrevistas que gentilmente foram concedidas pelos moradores proporcionaram imagens e histórias repletas de sensibilidade.

Como a narrativa da Dona Maria, moradora de um dos primeiros loteamentos do bairro Jardim Goiás, que nos surpreendeu com a sua persistência e dedicação. Dona Maria narra com emoção a conquista de sua casa própria, a moradora relata os desafios enfrentados para comprar o lote e construir sua morada, incluindo a falta de infraestrutura nas ruas sem asfalto e a necessidade de se reunir com vereadores e prefeitos da época, em busca de melhorias. Embora sua casa, apresentada na figura (51), não seja das mais valorizadas financeiramente, Dona Maria a preenche com um afeto que ultrapassa qualquer valor monetário.

Figura (51) - Casa de afeto



Fonte: Da própria autora, 2022.

Ao longo do processo de investigação da centralidade Jardim Goiás, concluímos que as imagens cotidianamente propagadas sobre o lugar não o revelavam em sua concretude. Foi através da interação com moradores e passantes da região, e da descoberta de várias outras histórias, que a pesquisadora pôde desvendar as outras faces do bairro. Cada deriva e entrevista proporcionava uma nova página da história dessa região, revelando a importância de se olhar para além das imagens e histórias já estabelecidas. A pesquisa, portanto, contribui para uma compreensão mais completa e sensível da centralidade Jardim Goiás e suas múltiplas narrativas.

Pois a cidade é um espaço vivo, cheio de nuances e contradições, que se apresenta em seus espaços urbanos. E a centralidade Jardim Goiás é um desses lugares, que guarda em suas periferias internas histórias e dinâmicas fundamentais para a compreensão da região. Através da pesquisa desenvolvida, foi possível identificar a existência de três periferias internas: o edifício Olímpico, a vila Lobó e as áreas irregulares do bairro. Essas áreas são muitas vezes invisíveis aos olhos de quem passa, mas têm grande importância na construção da identidade da região.

As metodologias selecionadas cuidadosamente permitiram que se revelasse o que muitas vezes é escondido ou ignorado, enriquecendo nossa compreensão da cidade e suas complexidades. Possibilitaram também ouvir as vozes daqueles que muitas vezes são marginalizados e esquecidos, e assim, compreender as dinâmicas que envolvem centro e periferia na centralidade Jardim Goiás. Esperamos que esta pesquisa possa contribuir para uma reflexão mais profunda sobre a cidade e seus espaços periféricos, e para uma valorização das múltiplas histórias que os permeiam.

REFERÊNCIAS

ABREU, Gustavo Henrique Luz. **Centralidades urbanas em Goiânia – O caso Jardim Goiás**. Dissertação (Pós-Graduação em Desenvolvimento e Planejamento Regional) – Escola de gestão e negócios, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2019.

ALBIERI, Lucimara. **Centralidade e centro Urbano: uma proposição conceitual e analítica para Palmas-TO**. Palmas/TO: EDUFT,2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11612/2417>. Acesso em: 20 nov.2022.

ALVES, Flamarion D & MAIA, Adriano C. **Teorias sobre o espaço e a questão rural-urbano**. P.47-64. In: FERREIRA, Darlene Ap. O. & FERRERA, Enéas F. (Org.). Estudos Agrários: Conceitos e Práticas. Rio Claro: Pós-Graduação em Geografia – IGCE, 2009.

AMARAL, Camilo Vladimir de Lima, Análise Temática/ Grounded Theory: **Manual para trabalho na disciplina Arquitetura no Brasil**, Universidade Federal de Goiás. Goiânia: (mimeografado), 2019a.

André Carmo e Ana Estevens, « O conflito social e a construção da cidadania no espaço urbano », **ecadernos CES** [Online], 02 | 2008, colocado online no dia 01 dezembro 2008, consultado a 26 abril 2022. URL:<http://journals.openedition.org/eces/1441>; DOI: 10.4000/eces.1441.

ARRAIS, Tadeu. **A produção do território goiano: economia, urbanização, metropolização**. Goiânia: Editora UFG, 2011.

ARRUDA, Ana. **Ministério Público do Estado de Goiás: Títulos assegurados a moradores da Área I do Jardim Goiás**. Goiânia/GO. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/noticias/titulos-assegurados-a-moradores-da-area-i-do-jardim-goias/2583353>. Acesso em: 20 mai. 2023.

ASSUNÇÃO, Simone Gonçalves Sales. **Riscos ambientais da ocupação urbana no entorno de águas superficiais – o caso do córrego Mingau, no Parque Amazônia, em Goiânia- GO**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Planejamento e Gestão Ambiental) – Pró-reitora de Pós-graduação e Pesquisa, Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2002.

ASSUMPÇÃO, Rodrigo; FERREIRA, Jane. **Narrativas da cidade: uma aproximação entre memória coletiva, cidade e literatura**. Anpur, 2017. Disponível em: <http://anpur.org.br>. Acesso em: 02 de out, 21.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e a história da cultura**. Obras Escolhidas. Vol. I. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BENJAMIN. Walter. **Obras escolhidas II: Rua de mão única**. São Paulo: brasiliense,1987, P.73.

BENJAMIN, Walter. **Rua de Mão única**. São Paulo: Brasiliense, 2012. Tradução: Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa.

BRITO, Larissa Santos, MAGALHAES, Vivian Rodrigues , and BRANDSTETTER, Maria Carolina Gomes de Oliveira . **Análise do Bairro Jardim Goiás – Variáveis do Mercado Imobiliário Goianiense**. In 12ª Conferência Internacional da LARES. ANALYSIS OF JARDIM GOIÁS – VARIABLES OF GOIANIA REAL ESTATE MARKET. São Paulo, 2012. Disponível em: <https://lares.architexturez.net/doc/oai-lares-id-lares-2012-695-893-1-rv>. Acesso em: 15 mar.2022.

BRUNER, Jerome. **A cultura da educação**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Trad, Maria L. Ferreira. São Paulo: contexto, 2014.

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica**: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. 2. Ed. São Paulo: Studio Nobel, 2004 (reimpresso em 2011).

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade**. São Paulo: FFLCH, 2007, 123p.

CARLOS, Ana F. A. Diferenciação Socioespacial. In: **Cidades**, v. 4 n. 6, p. 45-60. 2007. Disponível em: <https://orcid.org/0000-0002-6312-9456>. Acesso em: 8 jun.2021.

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. Tradução de Arlene Caetano. 4. Ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2009. (Coleção Pensamento Crítico, v. 48). Edição original em francês, 1972.

CHRISTALLER, Walter. **Central places in Southern Germany**. New Jersey: Prentice-Hall, 1966.

CATALÃO, Igor F. **Diferença, dispersão e fragmentação socioespacial: explorações metropolitanas em Brasília e Curitiba**. Tese (doutorado) – Unesp. 2013.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

D´ANDREA, Tiaraju. **Contribuição para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos**. Scielo Brasil, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.25091/S01013300202000010005>. Acesso em: 25 de agost, 21.

DAHER, Tania. **Goiânia uma utopia europeia no Brasil**. ICBC, Goiânia, 2003.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DE LIMA AMARAL, E. F.; DE LIMA AMARAL, C. V. Estruturas invisíveis de segregação na Região Metropolitana de Goiânia. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 36, p. 1-31, 3 dez. 2019.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. v.1. Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras, 1995.

DUTRA ALVES, F. QUESTÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS ENTRE GEOGRAFIA ECONÔMICA E DESENVOLVIMENTO REGIONAL. **Caderno Prudentino de Geografia**, [S. l.], v. 1, n. 37, p. 5–21, 2016. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/3355>. Acesso em: 14 maio. 2022. Amaral EFL, Amaral CVL. 2018. “**Região Metropolitana de Goiânia: Formação do espaço urbano e indicadores demográficos.**” Open Science Framework, April 3.

FACCIN, Milton; NOGUEIRA, Maria; VÁZ, Élidea. **Narrativas da cidade- Perspectivas multidisciplinares sobre a urbe contemporânea.** Rio de Janeiro: E-papers, 2013.

FANTIN, Marcel et al. CARTOGRAFIAS CONTRA-HEGEMÔNICAS COMO FERRAMENTAS DE EFETIVAÇÃO DE DIREITOS: **REDE - Revista Eletrônica do PRODEMA**, Fortaleza, v. 13, n. 1, p. 56-67, dez. 2019. ISSN 1982-5528. Disponível em: <<http://www.revistarede.ufc.br/rede/article/view/585>>. Acesso em: 07 jan. 2023. doi: <https://doi.org/10.22411/rede2019.1301.05>.

FERRARA, Lucrécia D’Aléssio. **Ver a cidade: cidade, imagem, leitura.** São Paulo: Nobel. 1988.

FERRAZ, Ana. Et al. **Antropologia Visual perspectivas de ensino e pesquisa.** Brasília: ABA publicações, 2014.

FERRETTO, Diego. Passo Fundo: **estrutura urbana de uma cidade média gaúcha**, 2012. Dissertação (Mestrado em Planejamento urbano e Regional) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/15isponiveis/16/16139/tde-17072012-143123/>. Acesso em: 10 de set. 21.

FIRKOWSKI, Olga; BALISKI, Patrícia. Os sentidos da metrópole: balanço conceitual com base nas publicações dos Cadernos Metrópole. **Cad. Metrop**, São Paulo, v. 20, n. 43, pp. 625-647, set/dez 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cm/a/3mqYdhRdCN8MxZnpFTKQcTk/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 25 out.2022.

FORTUNA, C. Urbanidades invisíveis. **Tempo Social**, [S. l.], v. 31, n. 1, p. 135-151, 2019. DOI: 10.11606/0103-2070.ts.2019.151257. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/151257>. Acesso em: 27 dez. 2022.

FUÃO, Fernando. **A collage como trajetória amorosa.** Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.2011.

GLUSZEVICZ, Ana; MARTINS, Solismar. **Conceito de centralidade urbana: estudo no município de pelotas, RS.** In: **SEURB- A dinâmica das cidades e a produção do espaço**, nº 2, 2013, Rio grande do Sul. 2013. pp. 1-17. Disponível em: http://www.fecilcam.br/anais/ii_seurb/documentos/o-urbano-em-suas-difentes-escalas/gluszevicz-ana-cristina.pdf. Acesso em 11 fer.2022.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo.** 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

HOLZER, W. O lugar na Geografia Humanista. **Revista Território**. Rio de Janeiro. Ano IV, nº 7. p.67-78, 1999. Disponível em: http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/07_6_holzer.pdf. Acesso em: 15 jan. 2022.

IBGE (2018). Região de influência das cidades – REGIC. Rio de Janeiro, IBGE.

JUNIOR, WILSON; SANTOS, Regina. **Novas centralidades na perspectiva da relação centro-periferia**. Scielo Brasil, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1982-45132009000300010>. Acesso em: 20 de set, 21.

JACQUES, Paola. Errâncias Urbanas: a arte de andar pela cidade. **ARQTEXTO a prancheta eletrônica**. Rio Grande do Sul, v. 7, p. 16-25, 1º semestre. 2005. Disponível em: https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_7/7_Paola%20Berenstein%20Jacques.pdf. Acesso em: 15 out. 2022.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes: a arte de se perder na cidade. Corpos e cenários urbanos – territórios políticos e culturais**. Salvador: Ed. UFBA, 2006. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/7894/3/Elogio_aos_Errantes_RI.pdf. Acesso em: 5 mar.2022.

JACQUES, Paola. **Elogio aos errantes**. Fortaleza: EDUFBA, 2012.

JORDÃO, Haline; SILVA, Margot. Assentamentos irregulares no município de Goiânia. **Revista Estudos**. Goiânia, v.41, ed especial, p. 29-41, set. 2014.

KNEIB, Erika Cristine. Centralidades urbanas e sistemas de transporte público em Goiânia, Goiás. *urbe*, Rev. **Bras. Gest. Urbana** [online]. 2016 vol.8, n.3. Epub Jun 20, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/urbe/v8n3/2175-3369-urbe-2175-3369008003AO02.pdf> Acesso em: 20 abr.2021.

LEFEBVRE, Henri. **A Revolução Urbana**. Tradução de Sérgio Martins. 3.reimp. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. 176p. Edição original em francês, 1970.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001. 144 p. Edição original em francês, 1968.

MARINHO, Clorisnete Borges. O Parque Amazônia de Goiânia e o seu processo de valorização. *In: Encontro Nacional de Geógrafos*, 13., 2002, João Pessoa. **Anais**, João Pessoa: 2002. P. 1-10. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/215/o/Marinho_clorisnete_borges_parque_amazonia.pdf. Acesso em: 10 dez.2023.

MATOS, Olgária. **A cidade e o tempo: Algumas reflexões sobre a função social das lembranças**. In: Simpósio: "cidade e utopia", nº34, 1947. Texto. Paris: Editions Sociales, 1947. pp.45-52.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MENDONÇA, Fernanda Antônia Fontes. **Reestruturação de redes de transporte coletivo a partir da identificação de centralidades em cidades de médio porte: procedimento metodológico e definição de diretrizes**. 2016. 129 f. Dissertação (Mestrado em Projeto e Cidade) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

MONTE-MÓR, Roberto. O que é o urbano, no mundo contemporâneo. **Revista Paranaense de desenvolvimento**. Curitiba, n.111, p.09-18, jul./dez. 2006. Disponível em:http://www.dpi.inpe.br/Miguel/UrbisAmazonia/Monte_Mor_UrbExtensiva_RPDes_Reg_2006.pdf. Acesso em: dez, 2022.

MORAES, Sérgio. **O empreendedor imobiliário e o Estado: o processo de expansão de Goiânia em direção sul (1975-1985)**. 1991. Diss. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano) -Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, Brasília, 1991.

MOYSÉS, Aristides et al. DA FORMAÇÃO URBANA AO EMPREENDEDORISMO IMOBILIÁRIO: a nova face da metrópole goianiense. **Mercator**, Fortaleza, v. 6, n. 12, pp. 37 a 50, nov. 2008. ISSN 1984-2201. Disponível em: < <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/45> >. Data de acesso: 26 de jan de 2023.

MOTA, Juliana. **Planos diretores de Goiânia, década de 60: A inserção dos arquitetos Luís Saia e Jorge Wilhelm no campo do planejamento urbano**. 2004. P. 218. Dissertação (Arquitetura e Urbanismo) -Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, São Carlos, 2004.

MOTA, Juliana. Goiânia, anos 60: os planos diretores de Luís Saia e de Jorge Wilhelm/Serete e as diferentes práticas de planejamento urbano nos períodos pré e pós SERFHAU. *In*: Simpósio: XI encontro nacional da associação nacional de pós-graduação e pesquisa em planejamento urbano e regional- ANPUR, 16; 2005, Salvador, **Anais eletrônicos...** Salvador: Ena, 2005. P. 1-23. Disponível em: <http://www.xienanpur.ufba.br/541.pdf>. Acesso em: 28 out. 2021.

NASCIMETO, Diego; OLIVEIRA, Ivanilton. Mapeamento do processo histórico de expansão urbana no município de Goiânia- GO. **GEOgraphia**, Rio de Janeiro, V. 17, n.34, p. 141-167, abr-ago.2015. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/download/13715/8915/53071>. Acesso em: 15 dez. 2022.

OLIVEIRA, L.A. **Centros urbanos e espaços livres públicos: produção e apropriação em Palmas-TO**. 2016. 338f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

OLIVEIRA, Adriana; PEIXOTO, Elane. **Jardim Goiás, o bairro de um dono**. In: ANPUH-Simpósio Nacional de História, 25., 2009, Fortaleza. Anais... Fortaleza: ANPUH, 2009. p. 1-9. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772190_6b74b158e4e08cf3c735c4a84c8788af.pdf. Acesso em: 10 fev.2022.

OLIVEIRA, Maria Aparecida. **Parque Flamboyant: Transformação da paisagem urbana em Goiânia/ Goiás**. Dissertação (Programa de Mestrado em Ecologia e Produção Sustentável) - Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2011.

OLIVEIRA, Cêrio de. **Curso de Cartografia Moderna**. Rio de Janeiro: IBGE, 1993

PANTALEÃO, Sandra; VILARINHO, Luana; MARTINS, Ana. **Uma abordagem historiográfica de Goiânia: dinâmicas territoriais e estruturação urbana**. Enanparq2020, 2021. Disponível em: <https://enanparq2020.s3.amazonaws.com>. Acesso em: 30 set.2022.

PASAVENTO, Sandra. **História, memória e centralidade urbana**. Nuevo Mundo Mundos Nuevos, 2007. Disponível em: <http://journals.openeditio.org/nuevomundo>. Acesso em: 02 de out 2021.

PÉLA, Márcia. **Vozes que anunciam a contradição no/do processo de construção e ocupação de Goiânia**. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal14/Geografiasocioeconomica/Geografiaurbana/085.pdf> Acesso em 27 fev.2021.

PERES, Janaína. et al. O estatuto da metrópole e as regiões metropolitanas: uma análise teórico-conceitual à luz do conceito miltoniano de “território usado”. **Cadernos Metrópole**, vol. 20, nº41, pp. 267-288, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cm/a/x93tTJ5CTTQ5ShMcHQvmFpf/?lang=pt>. Acesso maio.2022.

PEREIRA, Margareth. Inconsciência e flexibilidade: ou notas sobre as construções narrativas da história da arquitetura e do urbanismo. In: BERENSTEIN, Paola; BRITTO, Fabiana (org.). **Experiências metodológicas para compreensão da complexidade da cidade contemporânea: Memória narração história**. IV ed. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 21-21.

RUBIO, Katia. Lembranças de memória - a título de introdução. In: RUBIO, Katia. **Narrativas biográficas: da busca à construção de um método**. São Paulo: ed Laços, 2016. p. 11-18. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Katia-Rubio/publication/344750206_NARRATIVAS_BIOGRAFICAS_DA_BUSCA_A_CONSTRUCAO_DE_UM_METODO/links/5f8d98db92851c14bcd2c2b8/NARRATIVAS-BIOGRAFICAS-DA-BUSCA-A-CONSTRUCAO-DE-UM-METODO.pdf. Acesso em: 15 jan. 2022

RITTER, Carlos. **Os processos de periferização, desperiferização e reperiiferização e as transformações socioespaciais no aglomerado metropolitano de Curitiba**. Tese (Doutorado em geografia) - Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, p.298.2011.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

SAMPIERI, Roberto; COLLADO, Carlos; LUCIO, María. **Metodologia da Pesquisa**. Tradução: Daisy Vaz de Moraes. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, Boaventura. **Um discurso sobre as ciências**. Cortez editora. São Paulo, 2008.

SANTOS, Boaventura. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Editora Cortez, 2006.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido, os dois circuitos da economia urbana nos países desenvolvidos**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1979.

SANTOS, Milton. **Urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica, Razão e Emoção**. 4ª Edição. São Paulo: Edusp (Editora da USP), 2006.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço e tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

SILVA, Tatiana. **Corpo e cidade: as narrativas urbanas como produção do lugar**. 2008. p.93. Dissertação (Signo e Significação nas mídias) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

SILVA, Anderson. **Goiânia à Noroeste: da ocupação ao novo centro urbano**. Dissertação (mestrado) – Faculdade de arquitetura e urbanismo, universidade de Brasília. Brasília, 2014, p. 137.2014.

SOARES, Evelyn Cristine Moreira. **Centralidades e transformações na avenida Rio Verde em Aparecida de Goiânia**. 2016. 209 f. Dissertação (Mestrado em Projeto e Cidade) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

SOTO, William. **A cidade, o subúrbio e a periferia**. 2008. Disponível em: <https://www.unisc.br/site/sidr/2008/textos/71.pdf>. Acesso em: 15 de set, 21.

SOUZA, Fábio; COLESANTI, Marlene. Os períodos históricos da produção e apropriação do solo urbano em Goiânia. **ParaOnde!?**, Porto Alegre, v.9, n.2, p.94-101, 2018. Edição Especial: XII ENANPEGE. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/paraonde>. Acesso em 5 maio.2022.

SOUZA, Dayane; BOAVENTURA, Deusa; MORAES, Lúcia; MOYSÉS, Aristides. Região Mendanha: o novo espaço do mercado imobiliário em Goiânia, Goiás **Desenvolvimento Regional em Debate**, vol. 9, núm. Esp.1, p. 43-61, 2019.

SPIGA, D. O passado como rememoração e redenção em Walter Benjamin. **Griot: Revista de Filosofia**, [S. l.], v. 20, n. 3, p. 164–181, 2020. DOI: 10.31977/girfi.v20i3.1848. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/griot/article/view/1848>. Acesso em: 10 dez. 2022.

SPOSITO, M. E. Beltrão. O centro e as formas de expressão da centralidade urbana. **Revista de Geografia**. São Paulo, n. 10, pp. 01-18, 1991.

SPOSITO, M. E. B.; SPOSITO, E. S. Articulação entre múltiplas escalas geográficas: lógicas e estratégias espaciais de empresas. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 462-479, 2017. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geousp.2017.131655. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/131655>. Acesso em: 2 maio. 2022.

SUESS, Rodrigo; RIBEIRO, Antonia. O lugar na geografia humanista: uma reflexão sobre o seu percurso e questões contemporâneas- escala, crítica e cientificidade. **Revista Equador**, Piauí, vol.6, pp.1-22, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/equador/article/view/6121>. Acesso em: 14 nov.2021

Tuan, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. 1930. Tradução de Livia de Oliveira, São Paulo: Difel, 1983.

VILLAÇA, F. **Reflexões sobre as cidades brasileiras**. São Paulo, SP: Studio Nobel, 2012.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. Editora Studio Nobel: Fapesp, São Paulo, 2001.

VIEIRA, Ana Paula. **O direito à cidade e a cultura marginal: a narrativa como luta por visibilidade**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Cidades e impactos no território, Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, p. 151. 2018.

ANEXOS

Anexo A



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Outras centralidades e periferias internas: a metrópole de Goiânia sob a ótica das narrativas populares

Pesquisador: BRUNA SANTOS DA SILVA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 59537922.7.0000.5083

Instituição Proponente: Faculdade de Artes Visuais

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.537.118

Apresentação do Projeto:

O projeto de dissertação intitulado "Outras centralidades e periferias internas: a metrópole de Goiânia sob a ótica das narrativas populares" é de autoria de BRUNA SANTOS DA SILVA, advém do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás e tem como orientador o Professor Dr. Camilo Vladimir de Lima Amaral. O trabalho investiga a existência de dinâmicas de centralidades e periferias internas na metrópole de Goiânia, tendo como base as narrativas populares, atentando para o fato da necessidade de se considerar as diferentes histórias e concepções dos espaços das cidades, não se atendo somente aos meios oficiais. A presente pesquisa justifica-se, segundo a autora, por abordar uma leitura diferencial de espaços da cidade de Goiânia, despertando o interesse pelas histórias e memórias até então não contadas, trazendo para o plano principal das discussões as narrativas populares, que de certa forma visam contribuir para a construção de outras perspectivas em relação às centralidades e periferias. Para o levantamento dos dados serão realizados estudos bibliográficos, documentais, derivas e pesquisa de campo, a deriva servirá para uma identificação e aproximação com os locais definidos para os levantamentos, contribuindo com a construção das cartografias e com o entendimento dos espaços. A pesquisa de campo consistirá em entrevistas semiestruturadas de forma a permitir que o entrevistado fique livre para expor seus relatos, mas, de forma focada sobre os aspectos específicos do estudo. A pesquisa aqui apresentada se valerá de derivas que fundamentarão a construção de cartografias contra-hegemônicas, e entrevistas aplicadas em dois bairros da Região

Endereço: Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2, sala 110

Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970

UF: GO **Município:** GOIANIA

Telefone: (62)3521-1215

E-mail: cep.prpi@ufg.br



Continuação do Parecer: 5.537.118

Sul de Goiânia, sendo eles, Jardim Goiás e Parque Amazônia, em conjunto com levantamentos bibliográficos, e o uso da psicogeografia, que é uma metodologia que estuda a relação das pessoas com os espaços em que vivem e os efeitos que os ambientes refletem em suas relações sociais e emoções. O n. de participantes previsto é de 36 pessoas em ambos os bairros, 6 entrevistas com moradores, 6 com comerciantes e 6 com pessoas que passam frequentemente nas áreas definidas para os levantamentos, resultando assim em 18 entrevistas no Jardim Goiás e 18 no Parque Amazônia. A escolha por esses grupos justifica-se por oferecer dinamismo em relação as percepções, experiências de utilização e serem três diferentes agentes que influem nas questões sociais e econômicas dos bairros escolhidos para a pesquisa. A questão da classe social foi um critério levado em consideração para a definição dos grupos, por ser um fator ligado diretamente ao contexto das centralidades e periferias. Para definir a que classe social os participantes da pesquisa pertencem serão utilizados os padrões estatísticos do IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. As entrevistas serão aplicadas objetivando entender o senso de pertencimento das populações com os lugares onde vivem, suas histórias, as percepções conflituosas de interesses econômicos e sociais existentes nas centralidades, os contrastes entre o hegemônico e o cotidiano de quem ocupa esses lugares, a existência de outras dinâmicas de centralidades e a exposição de periferias contidas nesses meios que possam estar sendo camufladas pelas camadas de maior poder aquisitivo. Os critérios de inclusão declarados são: grupos formados por moradores, comerciantes (formal ou informal) e passantes de diferentes classes sociais; os critérios de exclusão: menores de 18 anos.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Investigar a existência de dinâmicas de centralidades e periferias internas na metrópole de Goiânia, tendo como base as narrativas populares, atentando para o fato da necessidade de se considerar as diferentes histórias e concepções dos espaços das cidades.

Objetivo Secundário:

Apresentar uma visão antropocêntrica do processo de implementação das centralidades, e a forma como a população se comportou frente a essas mudanças, podendo assim identificar potenciais e fragilidades desses espaços; Possibilitar que as abordagens realizadas nesta pesquisa possam ser aplicadas em outras metrópoles, e assim, desenvolver meios que possam garantir uma melhor relação da população com os espaços em que vivem; Despertar o interesse pela busca da memória dos espaços da metrópole, utilizando-se de meios que fujam dos padrões técnicos, revelando e

Endereço: Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2, sala 110
Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **E-mail:** cep.prpi@ufg.br



Continuação do Parecer: 5.537.118

valorizando histórias e diferentes pontos de vista.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Benefícios:

Possibilitar o entendimento das dinâmicas de centralidades existentes nos dois bairros escolhidos, desvendando a existência de periferias internas que possam estar sendo camufladas pelo poder público, econômico e as altas camadas sociais, buscando também evidenciar como as diferentes populações que ocupam e pertencem a estes espaços, concebem, percebem e os vivem, conhecendo suas memórias, entendendo se as constantes mudanças ocorridas nestes lugares impactaram ou impactam suas vidas, o senso de pertencimento, e como se sentem ocupando espaços dentro desses mesmos bairros que fogem da sua realidade e condição social.

RISCOS:

Segundo declarado, esta pesquisa poderá tratar de questões sensíveis, como violência sofrida ou sexualidade; pode despertar sentimentos sobre histórias que você guarda e não queira contar; pode gerar discriminação e estigmatização a partir do conteúdo revelado; pode também tomar seu tempo ao responder a entrevista; a divulgação de fotografias e imagens (quando consentidas) podem gerar invasão de sua privacidade (reflita se há algum riscos para você com a divulgação de sua imagem, filmagens¹ ou registros fotográficos). A pesquisadora declara que trabalhará para que esses riscos sejam minimizados e/ou não causados, garantindo: que o participante poderá ver todos os resultados; buscará diminuir qualquer desconforto e fará as entrevistas em um local reservado; assegurará a confidencialidade e a privacidade, a proteção da sua imagem e evitar qualquer situação que possa levar à sua estigmatização, garantindo que não utilizará destas informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou econômico-financeiro; garante que sempre respeitará os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, bem como os hábitos e costumes; garante que nas pesquisas buscará trazer benefícios para as comunidades envolvidas, sempre que possível, mesmo depois de sua conclusão.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto está bem elaborado, apresentando o tema, a problemática, os objetivos, a justificativa, a metodologia ser empreendida, o cronograma e as autorizações necessárias de forma correta, clara e objetiva. Conforme declarado, a pesquisa será dividida em três capítulos, o primeiro consta a parte conceitual, metodológica, as abordagens que serão desenvolvidas, a apresentação do objeto

Endereço: Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2, sala 110
Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **E-mail:** cep.prpi@ufg.br



Continuação do Parecer: 5.537.118

de estudo e o recorte para a aplicação das pesquisas de campo. O segundo, está organizado para apresentar todos os resultados obtidos com as metodologias aplicadas, e por fim, o terceiro capítulo será para as discussões dos resultados.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Acerca da folha de rosto, está corretamente timbrada, datada e assinada tanto pela pesquisadora quanto pelo Diretor da FAV/UFG. Acerca do projeto de pesquisa, está bem elaborado, apresentando o tema, a problemática, os objetivos, a justificativa (de forma bastante detalhada), a metodologia ser empreendida, o cronograma e as autorizações necessárias de forma correta, clara, e objetiva. Acerca do TCLE, além de trazer todas as informações sobre a pesquisa (objetivo da pesquisa, tipo de participação do colaborador), apresenta ainda todos os itens obrigatórios ao documento (esclarecimento sobre ligação a cobrar, papel timbrado, email do pesquisador, telefone, impressão em duas vias, advertência sobre os riscos emocionais, possível constrangimento, desconforto; indenização, assistência. Em realidade, o tratamento de riscos está muito bem explicado aos participantes, além de deixar claro que a idade mínima deve ser de 18 anos. Acerca do Termo de compromisso, está corretamente timbrado, datado e assinado tanto pela pesquisadora quanto por seu orientador. Não é necessário Termo de anuência de estabelecimento, visto que as entrevistas se darão com passantes. Acerca do Cronograma, o período de execução está dentro dos prazos regulamentares. Acerca do Orçamento, declarou-se financiamento próprio e um gasto de R\$ 310,00. Apresenta, por fim, Roteiro de entrevistas, com as principais questões a serem aplicadas na entrevista semi-estruturada.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O presente protocolo não apresenta óbice ético.

Considerações Finais a critério do CEP:

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa/CEP-UFG considera o presente protocolo APROVADO. O mesmo foi considerado em acordo com os princípios éticos vigentes. Reiteramos a importância deste Parecer Consubstanciado, e lembramos que o(a) pesquisador(a) responsável deverá encaminhar ao CEP-UFG o Relatório Final baseado na conclusão do estudo e na incidência de publicações decorrentes deste, de acordo com o disposto na Resolução CNS n. 466/12 e Resolução CNS n. 510/16. O prazo para entrega do Relatório é de até 30 dias após o encerramento da pesquisa, previsto para abril de 2023.

Endereço: Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2, sala 110
Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **E-mail:** cep.prpi@ufg.br

APÊNDICES

Apêndice A

Roteiro entrevistas

1- Você se identifica como:

Morador Comerciante Passante

❖ Exclusivo para os passantes:

Com qual frequência você passa por essa Região?

1 a 2 vezes por semana 2 a 4 vezes por semana

4 a 6 vezes por semana Todos os dias

2- Somando a renda de todas as pessoas que moram com você, em qual destas opções você melhor se enquadra?

Acima de 20 salários mínimos De 2 a 4 salários mínimos

De 10 a 20 salários mínimos Até dois salários mínimos

De 4 a 10 salários mínimos Sem renda

3- Independente da sua renda, você se classificaria como pertencente a que tipo de classe social?

Classe média muito baixa Classe média baixa

Classe média Classe média Alta

- 4- Como você descreveria a relação dessa região com o seu cotidiano particular?
- 5- Para você, quais principais palavras definem essa região e o que está no entorno dela?
- 6- Qual a sua história com essa região?
- 7- Qual a sua principal lembrança dessa região e o seu principal ponto de referência?
- 8- Essa região atende todas as suas necessidades sociais, por quê?
- 9- Na sua opinião, qual a importância dessa região para o restante da cidade?
- 10- Qual imagem você acredita que as outras pessoas têm dessa região?
- 11- Como você se sente frequentando ou passando por outros lugares existentes aqui dentro da própria região, que por algum motivo fogem da sua realidade social e econômica?
- 12- Qual a sua opinião em relação às mudanças que ocorreram e ocorrem ao longo dos anos nessa região?
- 13- Você se identifica e se sente pertencente a essa região, por quê?
- 14- A pandemia da covid-19 impactou de alguma forma a sua percepção em relação aos diferentes lugares existentes aqui na região?

Apêndice B

Entrevistas na integra

Entrevista1- Nome fictício: Maria

1- Me fala um pouco da sua relação com a região, é do jeito que você quiser definir:

Resposta: A relação é ótima

2- Qual a sua principal lembrança dessa região e qual que é o seu principal ponto de referência daqui?

Resposta: A PUC e a APAE são meus principais pontos de referência. E a minha principal lembrança daqui, é do meu colégio que foi embora e não voltou mais. A CELG pegou o prédio de volta, o colégio se chamava São Cristóvão.

3- Qual que é a sua história com a região? como é que vocês chegaram aqui, como é que foi a formação da família, conquistar a casa própria?

Resposta: Eu cheguei aqui com dois anos, cheguei aqui meu vô e minha vô já estavam, eles moravam em uma outra casa nesse mesmo setor. Meus avós chegaram aqui na época das invasões, meu vô tomou posse da terra dele e ficou por aqui, eu vim para morar com eles e me firmei aqui também.

4- Em relação a importância dessa região, não só dessa área do Jardim Goiás I, no geral. Qual que é na sua opinião, em relação a importância dessa região para o restante da cidade?

Resposta: Aqui é bom, mas aqui falta um pouquinho, né!? Segurança, lazer, escola para as crianças, a creche que tem não atende a população. Não considero como referência para a cidade, não, fica a desejar nisso aí.

5- Qual imagem você acredita que as outras pessoas que não moram nessa região, tem desse lugar?

Resposta: Uma imagem meio ruim, né? (risos). Quando falo que moro no Jardim Goiás, que é a parte da Lobó, aí a pessoa já vem com aquele preconceito (risos). Aconteceram muitas coisas aqui dentro já, né! Então todo mundo tem esse preconceito, mas é tranquilo. Mas é só quem tá de fora que tem essa visão, depois que entra aqui dentro, que entra e mora aqui, vê que não é esse bicho de sete cabeças. É igualzinho se eu sair daqui para outro lugar, também vou achar estranho até me acostumar com aquele outro bairro. (Pausa reflexiva): Mas esse aqui é o mais famoso de todos (risos).

6- Para você, quais são as principais palavras que definem essa região e o que está no entorno dela?

Resposta: Na minha opinião não tem nada que defina, não tem nada de bom (risos). Os vizinhos, os vizinhos são bons! (risos). A estrutura do lugar deixa muito a desejar.

7- O que que você acredita ser indispensável para que uma região atenda socialmente bem à todas as populações que frequentam seus espaços, independentemente da classe social?

Resposta: Escola! Precisamos de escolas. Se você conversar com todo mundo que mora aqui, todo mundo vai falar escola. É a nossa realidade! As crianças daqui vão estudar muito longe. De primeiro, aqui, na minha época eu tinha o São Cristóvão, estudava aqui do outro lado da PUC. A CEUG emprestou o prédio para o funcionamento da escola, mas depois pegou de volta.

- 8- Como que você se sente, qual o seu sentimento frequentando ou passando por outros lugares que existem aqui dentro da própria região, que por algum motivo fogem da sua realidade social e econômica?

Resposta: Nenhum. Porque assim, eu acho que quem faz o lugar é a gente. Tem gente que tá lá naquele lugar chiquérrimo e vivi pior do que eu que estou aqui. Então acho que isso não interfere em nada, quem faz o lugar é a gente.

- 9- Qual é a sua opinião em relação as mudanças que ocorreram e que vem ocorrendo ao longo dos anos nessa região?

Resposta: Que mudança? Eu não vi quase nenhuma por aqui. (risos). Se teve alguma muito importante, não passou pela minha porta. Eu quero é saber quem é que fez essas mudanças, se fez, tá invisível. (risos)

- 10- você se identifica e sente pertencente a essa região? Por quais motivos?

Resposta: Eu me sinto pertencente, fui criada aqui mesmo, não tenho outro lugar para falar. Apesar dos problemas que existem aqui, não mudaria para outro lugar, aqui é perto de quase tudo, é um lugar bom para se morar. Uma hora ou outra tem uma desavença, mas qual o bairro que não tem uma desavença? Basta a gente saber qual é o lugarzinho da gente que fica tudo bem tranquilo.

- 11- Qual é a sua opinião em relação aos efeitos da pandemia da covid 19 na utilização dos espaços existentes aqui na região, e na forma como as pessoas voltarão a se relacionar?

Resposta: Acho que deu uma boa mudada, o povo perdeu um pouco de amor. Muita gente perdeu o trabalho, as pessoas se ferram mais ainda. Eu acho que o amor entre as pessoas esfriou bastante, antes da pandemia as pessoas eram um pouco mais humildes, depois que surgiu a pandemia, no meu entender, o amor esfriou mais. Todas as classes sociais foram atingidas, a gente vê isso até pela televisão.

- 12- Teria alguma outra coisa que você gostaria de comentar ou acrescentar, relacionada ao que nós conversamos?

Resposta: Só lembrar de novo da importância de ter escola aqui.

Entrevista 2 - Nome fictício: Dona Benedita

- 1- Me fala um pouco da sua relação com a região.

Resposta: A relação aqui com esse lugar é ótima, amo morar aqui, gosto do meu cantinho, da minha casinha, dos meus vizinhos, não tenho inimidade com ninguém, graças a Deus.

- 2- Qual é a principal lembrança que a senhora tem dessa região, e qual que é o seu principal ponto de referência?

Resposta: *Eu tenho uma lembrança muito forte do meu neto que morreu aqui, com 22 anos. É uma lembrança que no mesmo tempo que é ruim, é uma lembrança boa, porque ele era tão legal, o primeiro neto meu., nossa, foi uma tristeza. E o ponto de referência, não tenho nenhum de cabeça para falar agora.*

3- Gostaria que a senhora me falasse da sua história com a região.

Resposta: *Eu cheguei aqui no Jardim Goiás em 1984, eu falo assim: Deus me deu esse cantinho. Porque quando eu falei com meu esposo, nós morava de aluguel no Setor Sul, falei assim para ele: Preto, nós precisa comprar um lote aqui. A gente tinha uma casa no interior, mas nós já tinha vindo de lá e eu não tinha intenção nenhuma de voltar, falei que nós precisava comprar um lote. Eu tinha uma vizinha muito amiga minha, que tinha um filho que fazia faculdade lá na Universidade Federal, ele fazia engenharia. Eu mais essa minha amiga conversamos e eu falei assim pra ela: Loscarina, vamo comprar um lote no Jardim Goiás? Aí o filho dela foi chegando da faculdade e falou assim: Eu tô ouvindo bem, ou vocês duas tão com intenção de comprar lote no Jardim Goiás? Eu falei, por que, Santos? Ele respondeu: Porque vocês não dá conta não, vocês não tem dinheiro pra isso (risos). Eu era costureira, menina! Era uma luta com essas máquinas. Aí eu, uai, Santos! É tão caro assim? Ele falou: deixa que eu vou dar uma olha procês. Ele saiu, deu uma volta, voltou e falou assim: O lote eu achei, mas vocês duas não da conta de comprar lá não (risos).*

Aí eu falei assim, aí olhei pra ela e falei assim, Loscarina, aí perguntei pra ele: esculta, que tamanho é que é esse lote? Ele respondeu: uai, é quase 900m². Eu falei, Loscarina! Vamo comprar e vamo rachar esse lote? Ela respondeu: Vamo lá (risos)! E meu esposo tinha uma olaria, ele fazia tijolo e vendia para um vizinho lá que tinha deposito. Meu marido tinha um fusca e tinha um caminhão, aí eu falei pra ele, ó! Cê vai queimar todo o tijolo que tiver pronto, vai trazer, vender, vai vender o fusca, e nós vamo comprar a metade desse lote. Ele falou, então tá! Mas é que aí o Santos foi lá, já na imobiliária, ele mais a mãe dele, e já fizeram o negócio. Só sei que era tanto zero, que eu olhava na escritura e falava, meu Deus! (risos). Eu falei, Loscarina, nós ainda não tem o dinheiro todo não, Loscarina! O Vaguim tá acabando de queimar os tijolo pra entregar, e vai vender o fusca também pra nós dá conta, eu tenho um pouquinho na poupança mas não dá também não. Aí ela falou, não, deixa aí que eu pago tudo lá. Não foi um presente?! Aí eu falo assim, foi um presente de Deus. Porque se ela não tivesse feito isso, nós não tinha condição de comprar.

Aí depois eu fui trabalhar pra fazer a casa, porque nós vendemos a do interior, mas não deu pra nada, só deu pra comprar pouquinho coisa, fui trabalhar. Meu marido já estava doente e eu tomei conta, graças a Deus eu terminei a casa. Coloquei um boteco, vendia leite, pão, fazia comida, mas a maldade do povo é tão grande, eu tava com uma freguesia tão boa de comida, que já tinha até comprado um fogão daqueles grandes, fazia comida lá, o povo vinha, vinha uns e levava marmita, vinha outros e comia ali mesmo porque já tinha as mesinhas, mas infelizmente me dedaram. A mulher chegou aqui muito brava falando: tô querendo saber se isso aqui é uma mercearia ou é um restaurante? Eu respondi perguntando o que era aquilo, que ignorância era aquela?! Ela respondeu que tinham falado pra ela que lá estava sendo servido comida, e que se o estabelecimento não fosse fechado, ela iria levar as panelas e tudo que estava lá. Eu respondi que não precisava tanta ignorância, e que não iria mais vender comida. Parei de fazer comida, mas continuei com a mercearia, fiquei 28 anos tocando essa mercearia, com o dinheiro de lá terminei minha casa.

Meu cunhado quando veio aqui a primeira vez, a casa não tinha muro, não tinha nada, a casa tava só no tijolo, ele falou assim pra mim: nossa, to com dó docê! Cê não dá conta de terminar essa casa nunca. Eu falei assim, se Deus quiser eu vou dar conta! E Deus falou amém. O lugar aqui da minha casa não é daquelas áreas de invasão, todos os lotes aqui eram do Leonardo Rizzo, nós compramos dele.

4- Gostaria que a senhora falasse um pouco, da sua opinião em relação a importância dessa região para o restante da cidade.

Resposta: *Eu acho que a região aqui é importante pra cidade, esses moradores daqui tem tudo uma visão boa disso aqui, igual eu tenho.*

5- Qual imagem a senhora acredita que as outras pessoas têm dessa região?

Resposta: *Tem umas que fala que aqui é um setor nobre, é isso e aquilo. Outros falam que não tem nada disso não. Eu, pra mim tanto faz! Se é nobre ou não, eu não quero nem saber, o importante é que a minha casa tá aqui.*

6- Para a senhora, quais são as principais palavras que definem essa região e o que está no entorno dela?

Resposta: *Eu não sei falar muito bem, mas eu acho que é o melhor lugar que tem em Goiânia (risos).*

7- O que que a senhora acredita ser indispensável para que uma região atenda socialmente bem todas as populações que frequentam seus espaços?

Resposta: *Essa pergunta é forte (risos). Acho que mercados mais próximos de casa e com mercadoria mais barata.*

8- Como a senhora se sente, frequentando ou passando por outros lugares aqui no bairro mesmo, que sejam lugares diferentes da sua realidade social e econômica?

Resposta: *Não vejo diferença não.*

9- Qual a sua opinião em relação as mudanças que ocorreram aqui na região ao longo dos anos?

Resposta: *Nossa, muitas, mais muitas! tiveram muitas mudanças aqui. Viemo pra qui, aqui era terra, não tinha nem rua. Não tinha rua não! Quem ajudou nois foi a Doutora Rose, que na época ela era vereadora, acho que em 1985. A gente fazia reunião com ela quase que toda semana, a turminha aqui vizinha ia encontrar com ela no colégio que tinha ali, e que hoje já não existi mais. A gente ia fazer reunião com ela e sempre falava: Doutora Rose, arruma o Jardim Goiás pra nós! E foi na gestão dela que ela deu jeito de nós ter asfalto.*

10- A senhora se identifica e se sente pertencente a este lugar?

Resposta: *Me identifico e me sinto pertencente, o melhor lugar no mundo que tem é aqui. É aqui que eu moro, e é aqui que eu quero ficar, só saio quando o pai quiser me levar (risos).*

11- Referente a covid-19, qual é a opinião da senhora em relação aos efeitos da pandemia na utilização dos espaços da região, e como as pessoas voltaram a se relacionar?

Resposta: *Eu acho que aqui todo mundo tá tranquilo, mas nem todo mundo conseguiu tomar a vacina, no começo da pandemia ela levou o meu irmão. Forte, sadio, não tinha doença nenhuma, mas graças a Deus, depois disso eu tomei as 4 doses, minha filha tomou as 4 doses, só meus dois filhos que não. Um deles não quis tomar nenhuma das doses, o Renato, o que é cadeirante. Mas agora isso tudo já tá acabando, vamo voltar ao normal.*

12- A senhora gostaria de comentar alguma coisa a mais em relação ao que nós conversamos, citar alguma outra coisa que eu não tenha perguntado?

Resposta: *Não, não, já falei tudo (risos).*

Entrevista 3 – Nome fictício: Marcia

1- Me fala um pouco da sua relação com a região.

Resposta: *Eu trabalho no berçário arte de criança aqui mesmo no Jardim Goiás, trabalho e moro aqui, tudo muito perto. Nem preciso gastar com ônibus, já economizo. Moro a pouco tempo aqui na região, mas gosto muito.*

2- Qual sua principal lembrança dessa região, e qual é o seu principal ponto de referência?

Resposta: *Tem pouco tempo que estou aqui, ainda não tenho muitas lembranças para compartilhar (risos), espero ter algumas no futuro. Meu principal ponto de referência é aqui mesmo onde fica a minha casa, o lugar onde eu vivo.*

3- Gostaria que você me contasse um pouco da sua história com a região.

Resposta: *Quando eu comecei a frequentar Goiânia foi por volta de 2016, vim pra cá mesmo por questão de serviço, emprego, aqui dá muita oportunidade. Eu sou do Estado do Para, vim aqui para Goiânia em busca de emprego, estou morando no Jardim Goiás por conta de questões pessoais e do meu serviço, acaba que economiza para mim.*

4- Qual a sua opinião em relação a importância dessa região para o restante da cidade?

Resposta: *Eu acho o Jardim Goiás bem tranquilo, é bem seguro assim em questão de prédios, né?! (risos). É um setor nobre, só não vejo muitas pessoas nas ruas, só vejo dentro dos carros e eu andando sozinha na rua (risos). Mas assim, acredito que seja uma região importante para o restante da cidade por tudo que ela oferece.*

5- Qual imagem você acredita que as outras pessoas têm dessa região?

Resposta: *A imagem? Aí complicou (risos)! Acho que as pessoas têm uma visão meio errada, sabe!? Não acho que aqui só mora quem tem dinheiro, pra mim é tudo igual. Aqui só muda porque as pessoas moram mais é em prédio e não tem tanta casa nem quitinete, é um lugar normal, com pessoas normais como qualquer outro.*

6- Para você, quais são as palavras que melhor definem essa região e o que está no entorno dela?

Resposta: *Na minha opinião tem uma que define bem, posso dizer que essa palavra é tranquilidade, é um setor bem tranquilo mesmo, dá uma paz.*

7- O que você acredita ser indispensável para que uma região atenda socialmente bem todas as populações que ocupam seus espaços?

Resposta: *Assim, acho que tem que ter mais pracinhas, devido ter tantos prédios as pessoas nem se encontram, acho que mais pracinhas e parques, até mesmo para as pessoas que moram nas casas, incentivaria os encontros. Eu senti falta de mais espaços tipo os das pracinhas para as pessoas se divertirem, tem pouco, sabe?*

8- Como que você se sente frequentando ou passando por outros lugares aqui dentro mesmo da região, que por algum motivo fogem da sua realidade social e econômica?

Resposta: *Normal, não tem diferença.*

- 9- Qual a sua opinião em relação as mudanças que ocorreram e ocorrem ao longo dos anos nessa região?

Resposta: Não tenho nenhuma opinião, tem tão pouco tempo que tô aqui. Mas espero poder ver mudanças de algumas coisas.

- 10- Você se identifica e se sente pertencente a essa região, por quê?

Resposta: Sim, eu me identifico com a região. É bem tranquila como eu já falei antes, e tem quase tudo que eu preciso.

- 11- Qual que é a sua opinião em relação aos efeitos da pandemia da covid-19 na utilização dos espaços existentes na região, e o modo como as pessoas voltarão a se relacionar?

Resposta: As pessoas voltaram a se relacionar bem rápido (risos), tipo, mal chegou a vacina e já foram saindo, detonando (risos). Mas pra mim, assim, não foi nem tanto a vacina que fez com que as pessoas voltassem a sair, as pessoas começaram a entender que foi uma fase, assim como outras doenças, como o Zika vírus, chegou e passou, a covid também foi como uma fase.

- 12- Você gostaria de acrescentar alguma coisa relacionada ao que nós conversamos?

Resposta: Não, não, obrigada!

Entrevista 4 – Nome fictício: Pedro

- 1- Me fala um pouco da sua relação com a região.

Resposta: Bom, minha relação aqui com o lugar é boa, como vivi aqui mais de 35 anos, me relaciono aqui desde criança passando por todas as dificuldades do local. Tudo que as pessoas que moram aqui passaram de dificuldade, eu também passei, entendeu? Enfrentamos muitas coisas e até hoje estamos enfrentando.

- 2- Qual que é a sua principal lembrança dessa região e qual que é o seu principal ponto de referência?

Resposta: A principal lembrança, bom, são as pessoas, obvio! O convívio com as pessoas aqui. A referência do local é que as pessoas aqui são sagaz, são luta! Apesar de muita dificuldade sempre estão buscando melhoras, tá crescendo. Fico feliz que eu cheguei aqui e vi algumas mudanças feitas pelas próprias pessoas, sem o poder público.

- 3- Qual a sua história com a região?

Resposta: Eu nasci aqui mesmo no Setor, meus pais vieram do interior e são analfabetos como a maioria das pessoas de alguns anos atrás. vieram na busca de trabalho e de melhora de vida, e eu, fui criado aqui com bastante dificuldade. Aqui quando chovia tinha baste acúmulo de água, enxurrada, era bem precário antes. Era necessário uma doação de comida, a gente pegava comida doada no centro ali atrás da universidade. Tinha bastante dificuldade, as pessoas sem trabalho, violência, foi mais ou menos isso. Ninguém tinha casas dignas, quando chovia a enxurrada era muito forte, morreu uma garota aqui, morreu pessoas por causa que a enxurrada

levou, e nada era feito. Demorou muito para que eles viessem aqui trazer urbanismo e um pouco de melhoria.

4- Qual a sua opinião em relação a importância dessa região para o restante da cidade?

Resposta: *Vamos dizer que ela é importante aqui pelo fato do Jardim Goiás ser um bairro que está desenvolvendo, se você olhar ao redor aqui, você vê muitas construções, aqui temos trabalhadores de obra, mulheres que trabalham com limpeza, então querendo ou não, tem uma demanda boa de trabalhadores que ao mesmo tempo que a região vai crescendo, vai necessitando de trabalhadores. Então eu vejo aqui como um local importante, estratégico para aquela relação de trabalhadores e empregadores.*

5- Qual imagem você acredita que as outras pessoas têm dessa região?

Resposta: *Bom, quem conhece as pessoas que moram aqui, porque tem várias pessoas, e eu mesmo tenho amigos de várias partes aqui, pessoas de um nível melhor de vida que conhecem, e tem um olhar mais assim, mais próximo da gente e sabe como é, e respeitam. Mas no total, se você pegar hoje o tema de Goiânia ou em qualquer periferia do Brasil, as pessoas vão ter um olhar um pouco de classismo, de racismo, pô, se o cara vive em um local com menos infraestrutura, pessoas menos escolarizadas, então acaba que vai ter um preconceito, medo.*

6- Para você, quais são as principais palavras que definem essa região e o que está no entorno dela?

Resposta: *Uma região que necessita melhoras, um pouco mais de apoio pela importância que tem aqui hoje. Está tendo alguns avanços a passos lentos, mas a região está um pouco melhor. É importante sim este bairro para Goiânia, para as pessoas que estão aqui ao redor, como eu te falei antes, essa relação de trabalho/mão de obra, tudo isso. Mas o outro lado está deixando a desejar.*

7- O que você acredita ser indispensável para que uma região atenda socialmente bem todas as populações que frequentam seus espaços?

Resposta: *Educação e informação, mas não informação sem fundamento. Acredito que seja indispensável ter esclarecimento, pessoas educadas geram evolução para qualquer local.*

8- Como você se sente frequentando ou passando por outros lugares existentes aqui dentro da própria região, que por algum motivo fogem da sua realidade social e econômica?

Resposta: *Quando você aproxima de um bar ou de um restaurante de um nível médio como a maioria daqui são, existe essa questão ainda do classismo. Porque depende do veículo, se você chega a pé, da sua cor de pele, a sua vestimenta, tudo isso influencia., você se sente um pouco... parece que dá aquela sensação de que as pessoas estão te olhando, mesmo que você tenha dinheiro para consumir naquele local, você não se sente tão confortável, seria isso.*

9- Qual a sua opinião em relação as mudanças que ocorreram e ocorrem ao longo dos anos aqui na região?

Resposta: *Bom, como eu te disse antes, algumas coisas melhoraram aqui. Antes eu te expliquei que era muito precária com tema de infraestrutura, chuva, alagamento, casa caindo e essas coisas, acabou que com o passar dos anos, mas demorou muito o poder público entrar., vieram, canalizaram, colocaram esgoto, esgoto a céu aberto traz doença e danos a população. Claro, veio também a questão do asfalto, veio a questão de algumas pessoas já terem a documentação daqui, sim, pequenas coisas. Mas já melhorou um pouco, de 100, melhorou 20%.*

10- Você se identifica e se sente pertencente a esta região, por quê?

Ah, sim, me identifico! Atualmente moro na Europa, mas assim, aqui foi onde eu cresci e fui criado, é sobretudo uma referência. As pessoas aqui são guerreiras, lutadoras, só não tiveram oportunidades. Mas quem vive aqui já está acostumado com as dificuldades, então quando você migra para um outro país, migra para um outro estado aqui dentro do Brasil mesmo, pelo fato de você ter sido criado em um lugar difícil, você tem mais força pra tá lutando com as dificuldades daquele local, você tem um pouco mais de facilidade de lidar com as dificuldades.

11- Qual a sua opinião em relação aos efeitos da pandemia da covid-19 na utilização dos espaços existentes aqui na região, e o modo como as pessoas voltaram a se relacionar?

Resposta: Bom, eu não posso falar muito dessa questão, como eu estava fora, eu sei falar de lá como foi o enfrentamento e como o governo se portou. Aqui o governo recebeu bastante críticas, muitas pessoas morreram, aqui mesmo no setor pessoas jovens conhecidas morreram, pessoas mais velhas também, me parece que eles não souberam lidar com essa doença. Claro, teve um reflexo também na economia, na inflação, tá tudo caríssimo, lá também tá caro, então tá mais ou menos igual. Claro, o pós-pandemia do Brasil tá tendo mais dificuldade em enfrentar do que a Espanha.

12- Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa em relação ao que nós conversamos?

Resposta: Eu acho que o poder público tem uma dívida com esse local, aqui tem pessoas guerreiras, trabalhadoras, e o governo deixou muito a desejar. Deveria ter um pouco mais de auxílio, eu acho que aqui deveria ter um auxílio para as pessoas reformarem suas casas, tem pessoas aqui que acabam coletando água de uma bica aqui do lado por não terem água encanada em casa, ou por dificuldade de pagar, estão sem trabalho e não conseguem pagar suas contas. Aqui tem um reservatório de água que sai do chão, eu penso que poderia vir o poder público com engenheiros e distribuir essa água para todo mundo.

Entrevista 5 – Nome fictício: Marieli

1- Me fala um pouco da sua relação com a região.

Resposta: Minha relação com o lugar é bem tranquila, conheço quase todo mundo, converso com todo mundo, é uma relação boa.

2- Qual a sua principal lembrança dessa região e qual que é o seu principal ponto de referência?

Resposta: O principal ponto de referência é o estádio Cerra Dourada que tá bem aqui, a principal lembrança... eu já nasci aqui, então não tem muita lembrança, eu sei que é o lugar que eu moro, não específico muita lembrança.

3- Me conta um pouco da sua história com a região.

Resposta: Eu já nasci aqui, namorei muito aqui (risos) muito! Casei, casei de novo, tive meus filhos, quando eu nasci, minha mãe fala que grande parte das moradias aqui já estavam regulamentadas, ela também nasceu e se criou aqui.

4- Qual é a sua opinião em relação a importância dessa região para o restante da cidade?

Resposta: Eu acho que essa região do bairro jardim Goiás e da vila Lobó tem totalmente importância para o restante da cidade, porque aqui parece que é o centro central de Goiânia mesmo, né!? É perto de tudo: shopping, parque, tudo! É de extrema importância.

5- Qual imagem você acredita que as outras pessoas têm dessa região?

Resposta: As pessoas têm medo, né? Mas nada disso, você que tá andando aí deve ter visto, mas nada disso que as pessoas falam. Tempo atrás tinha umas coisinhas, mas cada um na sua, ninguém sai atacando ninguém, cada um respeitando o espaço do outro.

6- Para você, quais são as principais palavras que definem essa região e o que ficar no entorno dela?

Resposta: Muito tranquilo, eu acho! Segurança, eu acho que aqui também tem muita segurança.

7- O que que você acredita ser indispensável para que uma região atenda socialmente bem todas as populações que frequentam seus espaços?

Resposta: Falando particularmente daqui, aqui precisaria de uma escola porque não tem, tem em outros setores. Precisa de posto de saúde que aqui também não tem, pra ser atendido tem que ir pra outros setores.

8- Como você se sente frequentando ou passando por outros lugares existentes aqui dentro da própria região, que por algum motivo fogem da sua realidade social e econômica?

Resposta: Acho normal (risos), porque, tipo, eu nem saio de casa, é muito difícil. Quando eu quero ir em algum lugar que não é do meu costume frequentar, eu junto dinheiro e vou lá (risos).

9- Qual a sua opinião em relação às mudanças que ocorreram e ocorrem ao longo dos anos nessa região?

Resposta: Nossa, muito bom! A gente espera que possa sempre ir progredindo, nada de regredir!

10- Você se identifica e se sente pertencente a essa região, por quê?

Resposta: Sim, totalmente! Aqui tem a minha casa, minha família, é a minha história.

11- Qual a sua opinião em relação aos efeitos da pandemia da covid-19 na utilização dos espaços existentes na região, e o modo como as pessoas voltaram a se relacionar?

Resposta: Eu achei que a gente nunca mais ia poder se relacionar, que a gente nunca mais ia poder sentar na porta de casa, né? No começo, né? Mas assim, agora voltou tudo tranquilo, super tranquilo, sem medo. No começo não, ninguém ficava sentado assim, tinha medo, não sabia o que era, né? Agora não, todo mundo está se relacionando bem com os lugares e com as pessoas.

12- Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa relacionada ao que nós conversamos?

Resposta: Todo mundo vai ouvir lá? (Risos), então eu gostaria de falar que não precisa ficar com medo da Vila Lobó, podem passar tranquilamente, não é um bicho de sete cabeças, não tem aquela criminalidade que todo mundo fala, é só coisas que aconteceram no passado que deu uma manchada, mas hoje em dia não.

Entrevista 6 – Nome fictício: Rosângela

1- Me fala um pouco da sua relação com a região.

Resposta: *Eu gosto de morar aqui. Para os meus filhos é ótimo porque tem parquinho, tem o parque flamboyant e é pertinho de onde eu e meu esposo trabalhamos, que é na região central.*

2- Qual a sua principal lembrança dessa região e qual que é o seu principal ponto de referência?

Resposta: *Minha principal referência é o parque flamboyant, e a principal lembrança é de tudo que envolve a região do parque e do shopping, que é o que a gente mais frequenta aqui. Então assim, tenho lembrança de eventos no parque, as vezes tem umas feirinhas gastronômicas no parque, shows, por conta da pandemia parou, né?! Mas sempre tinha alguma coisa, é bacana isso.*

3- Me conta da sua história com essa região.

Resposta: *Eu vim de São Paulo, eu e meu marido morávamos em São Paulo, os pais dele moram no Setor Sul aqui de Goiânia, e aí a gente já queria morar perto deles, mas ao mesmo tempo perto do trabalho, a gente trabalha na região central, né?! E por causa das crianças também a gente falou, ah, vamos para o Jardim Goiás que é perto do parque, aí deu tudo certo. Foram esses três fatores que influenciaram nossa história com região do Jardim Goiás.*

4- Qual a sua opinião em relação a importância dessa região para o restante da cidade?

Resposta: *Acho que é um ponto de fácil acesso para as outras áreas, né?! Porque é pertinho da BR, da GO, não só para quem vai para os outros setores da cidade, mas também para quem vai para as cidades vizinhas. Não acho que aqui tenha um comércio muito forte, é mais para moradia mesmo, acho que é isso.*

5- Qual imagem você acredita que as outras pessoas têm dessa região?

Resposta: *Ah, eu acho que todo mundo vê bem essa região, quase a gente não vê criminalidade aqui, podemos andar com segurança pelas ruas. Então eu acho que as pessoas que veem, gostam daqui, gostam da imagem que veem assim.*

6- Para você, quais principais palavras definem essa região e o que está no entorno dela?

Resposta: *Eu acho que família, porque tem muitas famílias aqui, e lazer, né?! Por causa do parque flamboyant, dá para correr, fazer exercício, tomar uma água de coco e brincar com as crianças.*

7- O que você acredita ser indispensável para que uma região atenda socialmente bem todas as populações que frequentam seus espaços?

Resposta: *Eu acho que é ter ruas bem pavimentadas, sem buracos, sem ter rua de terra, uma organização boa das ruas com semáforos onde realmente precisam ter, faixas de pedestre e ter arborização, muita árvore para a gente respirar melhor, acho que é isso. Comércio local também é importante ter.*

8- Como que você se sente frequentando ou passando por outros lugares existentes aqui dentro da própria região, que por algum motivo fogem da sua realidade social e econômica?

Resposta: *Tem umas ruazinhas ali que eu fico com um pouco de medo de passar a noite, sozinha, tenho esse receio por medo de assalto.*

- 9- Qual a sua opinião em relação as mudanças que ocorreram e que ocorrem ao longo dos anos nessa região?

Resposta: *Tem mais ou menos 5 anos que moro aqui, nesse período eu acho que não tiveram tantas mudanças, nada muito significativo. A não ser ali na Jamel Cecílio, mas eu acho que lá não é muito aqui no Jardim Goiás de fato.*

- 10- Você se identifica e se sente pertencente a essa região, por quê?

Resposta: *Eu me identifico muito, tenho muitos amigos que moram aqui, acho que tenho um sentimento de pertencimento sim.*

- 11- Qual a sua opinião em relação aos efeitos da pandemia da covid-19 na utilização dos espaços existentes na região, e o modo como as pessoas voltaram a se relacionar?

Resposta: *No período mais crucial da pandemia pelo menos pelo que eu via, todo mundo estava obedecendo as leis, todo mundo usando máscara em locais fechados e até públicos na época em que estava realmente mais difícil, poucas pessoas não obedeciam. Quando liberou foi natural, não teve muito caos, ainda tem alguns idosos que usam a máscara, mas mais para se proteger, por opinião própria, mas o resto foi bem tranquilo e natural.*

- 12- Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa relacionada ao que nós conversamos?

Acho que está tudo tranquilo, as ruas que eram bem esburacadas, por exemplo, a que eu moro aqui, parece que eles já deram um jeito de resolver. O bairro no geral é bem conservado.

Entrevista 7- Nome fictício: Marcos

- 1- Me fala um pouco da sua relação com a região.

Resposta: *Eu acho que me relaciono positivamente, eu gosto da região. Eu venho para o parque de vez enquanto, eu gosto dos restaurantes, é uma região que em frente ao parque a temperatura é mais amena e agradável. É como se fosse um centro, mas com uma concentração menor de pessoas.*

- 2- Qual a sua principal lembrança dessa região e o seu principal ponto de referência?

Resposta: *A lembrança mais marcante que eu tenho é de quando me mudei pra cá, porque foi uma mudança bem grande, eu morava no Setor Oeste, então é muito diferente. Não tinha parque em frente, sei lá, a região era bem diferente mesmo. O meu principal ponto de referência é o Parque Flamboyant.*

- 3- Me conta um pouco da sua da sua história com essa região.

Resposta: *Eu mudei para cá a mais ou menos uns 8 anos atrás, e sei lá, parece que a minha vida passou mais aqui do que fora daqui, porque aconteceu muito mais coisas. Também tem a ver com a idade, né!? Minha adolescência e vida adulta começaram aqui na região do Jardim Goiás, então muitos amigos meus moram aqui, meus ciclos moram aqui.*

- 4- Me fale um pouco da sua opinião em relação a importância dessa região para o restante da cidade.

Resposta: *Tem o shopping flamboyant aqui que eu acho como referência para o restante da cidade, o parque também, muita gente vem para cá, eu sou daqui dessa região então sou um pouco suspeito para falar. O Serra Dourada, poxa! Está aqui do lado, tem muita feira também aqui perto do parque. Então influencia muito na questão do lazer, entretenimento e economia da cidade.*

- 5- Qual imagem você acredita que as outras pessoas têm dessa região?

Resposta: *Acho que uma imagem mais elitizada também.*

- 6- Para você, quais principais Palavras definem essa região e o que está no em torno dela?

Resposta: *Eu que moro aqui diria que é conforto, poxa, minha casa é aqui! Lazer também, basicamente meus programas de lazer acontecem nesse bairro, eu não saio muito daqui. Acho que bolha, dá para falar que é um pouco de bolha, porque tipo assim, é realmente uma bolha você morar aqui, seu ciclo fica muito fechado.*

- 7- O que você acredita ser indispensável para que uma região atenda socialmente bem todas as populações que frequentam seus espaços?

Resposta: *Acho que tem que ter escolas, áreas verdes, acessibilidade, lazer e respeito.*

- 8- Como você se sente frequentando ou passando por outros lugares existentes aqui dentro da própria região, que por algum motivo fogem da sua realidade social e econômica?

Resposta: *Bom, levando como exemplo a Vila-Lobó, no começo eu me sentia meio apreensivo, porque querendo ou não a gente ouvia falar para não passar lá em tal horário, mas conforme eu fui passando, eu fui vendo que não tinha muito perigo não. Hoje eu lido bem, eu compro coisas por lá e não sinto muito problema não, mas é bem diferente do que você olha em volta aqui do parque e daquela Vila, parece realidades diferentes, mas é uma do lado da outra.*

- 9- Qual a sua opinião em relação as mudanças que ocorreram e que ocorrem ao longo dos anos nessa região?

Resposta: *O que eu vejo, pelo menos da vista do meu quarto que dá para ver bastante, é que cada vez mais tem mais prédios aqui. Tem muito prédio, mas eles continuam construindo cada vez mais, as vezes eu fico até preocupado com o trânsito, porque quando lota assim, não tem como você andar.*

- 10- Você se identifica e se sente pertencente a essa região, por quê?

Resposta: *Ah, acho que hoje em dia mais, depois de oito anos aqui não tem como não ser pertencido aqui. Mas é por isso mesmo, por estar morando aqui, por estar inserido nessa bolhinha que é esse parque flamboyant, Jardim Goiás, acho que é mais por conveniência que eu me sinto pertencente a esse lugar.*

- 11- Qual a sua opinião em relação aos efeitos da pandemia da covid-19 na utilização dos espaços existentes na região, e o modo como as pessoas voltaram a se relacionar?

Resposta: *Com relação a restaurantes ficou praticamente zero, ninguém queria sair no grossão da pandemia, mas o parque ele sempre foi muito cheio até porque é um espaço aberto, até eu*

mesmo quando queria fazer exercícios, academia, essas coisas, como a as academias estavam fechadas eu vinha para cá, para fazer exercícios, andar no parque, o parque era realmente um refúgio no período da pandemia. Então eu acho que não mudou muita coisa durante a pandemia no parque, as pessoas continuaram vindo e tinha muito movimento. Depois da pandemia tudo normalizou também, ficou praticamente igual, foi mais os restaurantes mesmo.

12- Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa relacionada ao que nós conversamos?

Resposta: Ah, um comentário/observação interessante referente a entrevista, é sobre aquela região ali que eu nem sabia o nome, da Vila- Iobó! Eu nem sabia como as coisas eram lá, mas enfim, foi interessante saber mais da realidade daquela região.

Entrevista 8 – Nome fictício: Denis

1- Me fala um pouco da sua relação com a região.

Resposta: Eu não tenho tanta relação com a região, mas eu acho que esse bairro ele virou tipo uma outra centralidade mais afastada da cidade, né!? Tipo ali o setor Bueno e tal, eu acho que se transformou em um centro principal junto com o centro ali mesmo na cidade, aqui eu sinto que é um pouco mais afastado, mas tem uma oferta tão grande de comércios e serviços que a galera que mora aqui, fica por aqui mesmo se não tiver que sair ou o que fazer em outras regiões. Eu estava falando com ele hoje mais cedo que eu acho o acesso para cá muito difícil, eu moro lá no setor Bueno. Parece que para vir para cá tem que fazer uma coisa assim, e para lá parece que não tem uma via de ligação direta, nada muito conectado, uma Avenida, sabe!? que venha para cá. Então sei lá, eu sinto que essa é uma área que é mesmo para ser isolada, é a ideia dela.

2- Qual a sua principal lembrança dessa região e o seu principal ponto de referência?

Para mim o principal ponto de referência é o shopping, onde eu mais venho é para o flamboyant. Na verdade, eu trabalho aqui no Lozandes, agora eu estou trabalhando no lozandes que é mais ou menos perto daqui, né!? Mas eu acho que a principal referência é o shopping. Por eu não ter tanta convivência assim com o lugar, não tenho uma lembrança muito marcante.

3- Me conta um pouco da sua da sua história com essa região.

Resposta: Ah, minha história com essa região é muito rasa (risos), eu tenho alguns amigos que moram aqui, eu venho aqui mais por conta disso. É muito raro eu vim aqui no parque mesmo, eu vinha quando eu era criança junto com os meu pais, a gente vinha muito para o natal quando eles enfeitavam, eu não sei nem se ainda enfeitam. Mas a gente vinha fazer os passeios sempre muito esporádicos, mas eu acho uma região muito bonita e agradável.

4- Me fale um pouco da sua opinião em relação a importância dessa região para o restante da cidade.

Resposta: É um bairro muito elitizado, né!? tipo assim sim, eu acho que ele transmite muito uma identidade para a cidade quando dá para você lembrar de Goiânia quando fala nesse bairro, principalmente aqui no parque, porque muitas fotos do Skyline da cidade são aqui do Parque Flamboyant e do Parque vaca brava. Eu acho que é um dos pontos mais assim, que dá para lembrar de Goiânia quando fala de parque, é identidade.

5- Qual imagem você acredita que as outras pessoas têm dessa região?

Resposta: *Eu mesmo tenho essa imagem de que aqui é um lugar muito elitizado (risos). Eu acredito que as pessoas, na minha cabeça, que quem mora aqui é meio bolsonarista, eu acredito que as outras pessoas têm essa imagem, eu sou as outras pessoas porque eu não moro aqui. A imagem que eu tenho é que são pessoas brancas no geral, que tem grana, que não se importam muito com as outras pessoas que estão nas periferias. Parece meio hipócrita porque eu moro no Setor Bueno, mas eu morava na periferia, sabe? Meus pais moram na periferia e eu sei qual é a diferença de onde eu estou morando agora, para onde eu morava. Por mais que eu more em um prédio em que a maioria das pessoas que moram lá são pobres, mas ao redor ali de mim é muito diferente. Eu sinto que as pessoas fazem de tudo assim para tirar tudo o que não é limpo visualmente dos bairros, sabe? Então eu percebo que ali no Setor Bueno onde eu moro, aqui, você não vê muito morador de rua, eu não sei como, mas eles tiram essas pessoas desses espaços.*

6- Para você, quais principais palavras definem essa região e o que está no em torno dela?

Resposta: *Eu acho que é qualidade de vida, Tipo, quem mora aqui com certeza tem muita qualidade de vida. E é muito diferente do resto da cidade, oferta de serviços de qualidade, que entra dentro de qualidade de vida, acho que com certeza é qualidade de vida.*

7- O que você acredita ser indispensável para que uma região atenda socialmente bem todas as populações que frequentam seus espaços?

Policimento nas ruas, escolas de qualidade, áreas verdes e de lazer, ruas bem pavimentadas e unidades de saúde que possam atender a todos.

8- Como você se sente frequentando ou passando por outros lugares existentes aqui dentro da própria região, que por algum motivo fogem da sua realidade social e econômica?

Resposta: *Eu conheci a região da Vila-Lobó no período da faculdade, porque eu acho que a primeira matéria de Urbanismo a gente fez uma requalificação lá, eu não fui muito, acho que eu fui uma vez. Os professores até falaram para gente tomar um pouco de cuidado e tal, foram com a gente, mas assim, eu não sei se eu tenho muito uma opinião, não me sinto mal, com certeza! Acho que é só um retrato assim de Goiânia e do Brasil, mas principalmente de Goiânia que é uma cidade tão desigual. A favela é meio que isso, né?! Pessoas que encontram locais próximos de algum ponto de interesse delas, e se instalam ali. Então, acho que Goiânia tem poucas, e acho que a Vila-Lobó é uma delas. Sei lá, não me sinto mal.*

9- Qual a sua opinião em relação as mudanças que ocorreram e que ocorrem ao longo dos anos nessa região?

Resposta: *Parece que cada dia que passa tem mais prédios, e as novas construções não param. Apesar de ficar uma paisagem bonita, é um pouco preocupante por conta da superlotação da região e os problemas futuros que possam causar.*

10- Você se identifica e se sente pertencente a essa região, por quê?

Resposta: *Aqui lembra um pouco lá meu bairro, mas eu não moro tão perto do parque assim, me sinto pertencente com a estética do lugar, mas sei lá, não com o bairro. Não sei nem se eu moraria aqui, acho que eu não moraria aqui, acho meio longe, afastado.*

11- Qual a sua opinião em relação aos efeitos da pandemia da covid-19 na utilização dos espaços existentes na região, e o modo como as pessoas voltaram a se relacionar?

O pessoal vinha muito aqui no parque durante a pandemia, eu mesmo, teve uma vez na pandemia que eu vim aqui. E é legal né!? Tipo, ter uns espaços tão legais que as pessoas

possam usufruir. Para o pessoal que mora aqui, porque quem mora em prédio deve ter sofrido bastante na pandemia. Na época eu morava em casa, mas o parque seria um refúgio mesmo.

12- Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa relacionada ao que nós conversamos?

Resposta: Eu não!

Entrevista 9 – Nome Fictício: Matilde

1- Me fala um pouco da sua relação com a região.

Resposta: É ótima! Porque eu tenho tudo aqui próximo, tem farmácia, tem colégio, tem hospital, tem o shopping, então para mim, eu vivo praticamente nesse mundo aqui. Se eu quero comer uma coisa diferente, vou ali no shopping e compro uma coisa diferente, quero um remédio, tem ali na farmácia. Quantas farmácias tem aqui? Tem aqui do lado, na Vila Redenção, no shopping, então... tem o Centro espírita Batuira, tem igrejas aqui perto. Então assim, é um lugar onde eu vejo que tem o que eu preciso e encontro aqui, então satisfaz a minha vontade, meus anseios, acho que por isso estou a trinta anos aqui.

2- Qual a sua principal lembrança dessa região e o seu principal ponto de referência?

Resposta: A principal lembrança é a dos amigos que eu tinha, que moravam aqui no prédio e mudaram tudo. Fazíamos reuniões aqui sempre, comemorávamos aniversários, tinha uma chácara ali que até o aniversário da minha filha foi lá, o aniversário de três anos. A chácara não existe mais, ela ficava na avenida aqui, nós fizemos lá o aniversário dela de três anos. Foi uma festinha linda, então as lembranças que eu tenho são lembranças boas, coisa que nunca mais vai ter. E em relação ao ponto de referência, acredito que seja o shopping flamboyant.

3- Qual a sua história com a região?

Resposta: Eu cheguei aqui na região do Jardim Goiás por volta de 1992. Quando eu vim pra cá, eu achei aqui um horror. Porque eu saí da minha casa que era uma casa boa, ficava ali no Conjunto Riviera, perto do Estádio Serra Dourada. Meu marido fez um negócio aqui nesse apartamento, fiquei brava demais porque ele fez esse negócio. Aqui morava uma amiga dele, aí ela incentivou ele a comprar. Eu não achava bom não, porque tinha que ir atrás dele lá na Redenção, aqui era pura poeira, pisava na terra, nossa, era horrível. Eu pensava assim comigo, nossa, que trabalho esse homem está me dando de ir atrás dele. Então foi assim, foram anos cruéis para mim, anos difíceis, mas sobrevivi. E o edifício olímpico foi um dos primeiros condomínios a ser construído aqui na região, e era um prédio que eu ficava com raiva do meu marido por causa disso, via calcinha de mulher espalhada por tudo quanto é sacada, eu falava assim para ele: como é que você me fez sair da nossa casa para vir aqui para esse bordel? (risos) eu não admito! Aqui tinha de tudo, já morreu gente suicidada, tinha muito maconheiro aqui, garota de programa.

Agora, hoje em dia a imagem dele melhorou muito, inclusive, uma pessoa da minha igreja uma vez falou: “nossa, você mora naqueles predinhos ali?” eu perguntei, que predinho? Respondi para ela, aqueles predinhos eu comprei com meu dinheiro, está compro e pago. Você já comprou a sua casa? Tá compro e pago? Porque eu paguei a minha, então você não deve falar dos outros não. Eu fico muito brava quando fala assim, “predinho”, nossa! O povo sempre fala, né!? “aqueles predinhos”. Mas agora eu mesma falo, eu moro sabe onde? Moro no Excalibur (risos). Mas essa fama ruim do edifício olímpico é por causa do passado, o que que o passado faz, cria uma imagem tão deturpada. O passado não sai da cabeça das pessoas, né? Elas não olham para frente, olham só para trás, infelizmente o ser humano é assim.

Mas assim, estou aqui até hoje por falta de dinheiro, por falta de opção de ir para outro lugar. Se eu pudesse ir para outro lugar diferente do edifício olímpico, eu queria que fosse aqui mesmo

nessa região do Jardim Goiás, mas nessa região aqui, minha filha, não dá não, é tudo caro. Porque os invasores não somos nós, são os ricos que invadiram aqui a nossa propriedade, porque aqui era dos pobres. Aí, os ricos foram invadindo, invadindo e tomaram o lugar dos pobres. Para você ter uma ideia, eu ficava aqui na sala vendo as vacas lá do outro lado no pasto comendo capim, para você ver, até isso eu presenciei.

A evolução aqui na minha opinião, não foi boa não. O progresso é bom, mas contanto que seja bom para todos. Por causa dos ricos criaram muitos lugares, comércios, mas pensando nos ricos, aí o pobre acaba tendo que ir lá também gastar, porque é o que está mais perto e é direito dele também.

Minha única filha cresceu aqui, e eu tenho muito dó, né!? Porque cresceu aqui, formou um ciclo de amizade grande, e as meninas tudo da época dela mudaram do prédio, ficou sozinha. Os proprietários mesmo dos apartamentos mudaram quase tudo, da minha época mesmo mudou todo mundo, mudaram e ficou um vazio muito grande. Agora aqui tem mais é pessoas que não são os proprietários, então ficou assim muito, muito, ruim. Porque assim, a gente se acostuma, cria um elo muito grande com as pessoas, relação de anos!

- 4- Me fale um pouco da sua opinião em relação a importância dessa região para o restante da cidade.

Resposta: É importante para mim, contanto que eu nem vou lá no centro, só fico por aqui nessa região. Eu tenho a sensação de que aqui se tornou uma cidade minha, sabe!? Eu fico só aqui nesse meio, a não ser que tenha que ir ao médico que é longe daqui, mas no dia adia, esse aqui é o meu mundo, essa região aqui é o meu mundo.

- 5- Qual imagem você acredita que as outras pessoas têm dessa região?

Resposta: Falando particularmente do edifício olímpico, acho que essa imagem do Carandiru, né? (risos). Todo mundo fala: "ah, é aquele predinho? Sei onde é que é." (risos), as pessoas têm essa imagem na cabeça, a imagem de que seja a casa das prostitutas, né? Pois é, minha filha, aqui era igual eu estava te falando, você via calcinha dependurada na sacada, nossa, eu já briguei demais aqui. E na finalização dos acabamentos aqui do prédio, não houve uma concordância, como a construtora da época que estava responsável pelo prédio entrou em falência, cada morador foi fazendo do seu jeito, nas coxas. Porque nem sempre todo mundo tinha o dinheiro ali na hora para fazer, né?

- 6- Para você, quais principais palavras definem essa região e o que está no em torno dela?

Resposta: Shopping, comércios, igrejas, Serra Dourada, quantas vezes o meu marido não foi a pé ali para o Serra Dourada. Então pra ele era uma mão na roda. Então assim, são essas oportunidades que as pessoas que moram aqui têm de lazer, o Parque Flamboyant, que é um lugar aprazível, lugar de passear, ficar com a mente bem arejada vendo coisas bonitas, são assim essas coisas que fazem daqui uma boa região.

- 7- O que você acredita ser indispensável para que uma região atenda socialmente bem todas as populações que frequentam seus espaços?

Resposta: Não sei se é porque eu andei tanto na poeira, mas acho que tem que ter asfalto. Tem que ter asfalto, tem que ter... é, infraestrutura, né? Tem que ter qualidade de vida, a pessoa precisa ter uma qualidade de vida. Isso é algo assim que é direito de todo mundo, sendo ele pobre ou rico tem que ter qualidade de vida.

- 8- Como você se sente frequentando ou passando por outros lugares existentes aqui dentro da própria região, que por algum motivo fogem da sua realidade social e econômica?

Resposta: Não me abala em nada aqueles prédios chiques lá, para mim tanto faz, cada um tem o que merece.

- 9- Qual a sua opinião em relação as mudanças que ocorreram e que ocorrem ao longo dos anos nessa região?

Resposta: Mudou muito, é lógico! Mudou muito essa questão habitacional, agora é prédio, prédio, prédio. Muito comércio chique, muito comercio bom, tem muitos lugares aqui que são lugares bons para ir, porque antes tinha que ir lá longe atravessar a cidade para poder ir em um lugar bom. Hoje não, você tem aqui próximo lugares bons.

- 10- Você se identifica e se sente pertencente a essa região, por quê?

Resposta: Eu me sinto pertencente a região porque eu não dependo das outras pessoas para viver, eu dependo do meu salário. Eu dou conta de comprar, eu precisando de um remédio que tem ali na farmácia, eu dando conta de compra eu compro, certo? Então, não importa se a região aqui é um lugar chique ou não, eu dando conta de viver nele, está tranquilo.

- 11- Qual a sua opinião em relação aos efeitos da pandemia da covid-19 na utilização dos espaços existentes na região, e o modo como as pessoas voltaram a se relacionar?

Resposta: Eu não tive problema nenhum, primeiro que nem Covid e tive, nem eu e nem minha filha. Então assim, eu particularmente não tive nenhum problema com a utilização dos espaços, e eu nem tenho tanto costume assim de sair mesmo.

- 12- Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa relacionada ao que nós conversamos?

Resposta: Não, acho que já falei até demais (risos).

Entrevista 10 – Nome fictício: Dona Bela

- 1- Me fala um pouco da sua relação com a região.

Resposta: Bom, a minha relação com a região é pouca porque tem pouco tempo que comecei a trabalhar aqui no parque flamboyant vendendo minhas pipocas, então não tenho tanta relação assim com as pessoas e nem com o lugar. Mas todo mundo que vem aqui me trata bem, eu estou muito contente porque as pessoas aqui são muito agradáveis.

- 2- Qual a sua principal lembrança dessa região e o seu principal ponto de referência?

Resposta: Minha principal lembrança aqui da região é das crianças brincando no parque, são crianças muito educadas. O principal ponto de referência é o parque.

- 3- Qual a sua história com a região?

Resposta: Eu sou da Venezuela, vim para cá para ajudar o meu filho que já tá aqui há cinco anos, moramos em um bairro mais distante daqui, e um senhor me ofereceu o serviço para ficar vendendo pipoca no parque, então eu pensei assim, se eu necessito do dinheiro, vou aceitar o serviço de vender as pipocas. Mas não pretendo ficar aqui por muito tempo, vou trabalhar mais ou menos um ano, e depois volto para casa.

- 4- Me fale um pouco da sua opinião em relação a importância dessa região para o restante da cidade.

Resposta: Aqui na região tem esse parque que é muito bonito, é tudo muito natural, tem muita árvore, então eu acho que é um lugar importante para a cidade.

- 5- Qual imagem você acredita que as outras pessoas têm dessa região?

Resposta: Que aqui vivem pessoas muito educadas, com prédios de grande porte e com esse parque muito bonito.

- 6- Para você, quais principais palavras definem essa região e o que está no em torno dela?

Muito bonita, pessoas muito agradáveis.

- 7- O que você acredita ser indispensável para que uma região atenda socialmente bem todas as populações que frequentam seus espaços?

Resposta: Os parques, que tenha parques assim tão naturais em todos os lugares. A natureza traz mais energia para todas as pessoas.

- 8- Como você se sente frequentando ou passando por outros lugares existentes aqui dentro da própria região, que por algum motivo fogem da sua realidade social e econômica?

Resposta: Isso depende muito da pessoa, eu penso que todos nós somos iguais. Tem pessoas que possuem mais dinheiro que outras, mas no final somos todos iguais. Se há respeito entre as pessoas, então está tudo bem.

- 9- Qual a sua opinião em relação as mudanças que ocorreram e que ocorrem ao longo dos anos nessa região?

Resposta: Tem pouco tempo que estou aqui, então não tem nenhuma mudança em particular que eu tenha observado.

- 10- Você se identifica e se sente pertencente a essa região, por quê?

Resposta: Bem, não sinto que pertenço a este espaço porque apenas trabalho aqui, assim como meu filho que sempre vende frutas aqui no parque, mas também não faz parte desse lugar.

- 11- Qual a sua opinião em relação aos efeitos da pandemia da covid-19 na utilização dos espaços existentes na região, e o modo como as pessoas voltaram a se relacionar?

Resposta: Observei que as pessoas já voltaram a trazer os seus filhos para brincarem com as outras crianças, já não estão com tanto medo como antes.

- 12- Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa relacionada ao que nós conversamos?

Resposta: Não, não, tenho pouco tempo aqui, então não tenho informações tão concretas.

Entrevista 11- Nome Fictício: Betânia

1- Me fala um pouco da sua relação com a região.

Resposta: *Minha relação com a região é muito boa, ótima! Gosto muito daqui.*

2- Qual a sua principal lembrança dessa região e o seu principal ponto de referência?

Resposta: *O principal ponto de referência é o parque flamboyant, o shopping flamboyant também. A principal lembrança eu posso dizer que é de quando a minha filha era viva, que é quando a minha vida era muito boa, depois que ela veio a falecer a minha vida ficou assim mais conturbada, eu fiquei meio esquecida, aposentei. Comecei a trabalhar na Caxego, aí a caxego liquidou, o governo Lula criou uma lei para as empresas contratarem deficientes físicos, aí a irmã da minha cunhada ia ser assistente social na depego, tinha a associação que as empresas contratavam deficientes físicos pela depego, aí ela ficou sabendo e me ligou. Aí eu fiz inscrição lá na Dipego, fiz o cadastro todinho lá pela Dipego, que é lá na Vila Nova a associação. Minha história é bonita, menina! (risos). Fiz o cadastro lá tudo direitinho, e só tinha deficiente, um mais animado do que o outro; A gente mesmo ria dos meninos e os meninos riam da gente (risos). Os meninos dançavam, tinha festa lá na Dipego, a gente ia para as festas, cadeirante dançava, muletante dançava, todo mundo junto. Com o tempo eu vim trabalhar aqui na Telegoiás, que fica ali na Redenção, trabalhei por 16 anos, aí eu já tinha trabalhado na Caxego e a Caxego liquidou, né?! Aí agora eu aposentei.*

3- Qual a sua história com a região?

Resposta: *Eu morava lá no Setor Universitário em um apartamento meu, que eu comprei quando a Caxego liquidou, aí eu passei a trabalhar por aqui, ne? Aí um dia eu estava passando por aqui, aí eu falei, nossa, não vou ficar morando lá pelo Setor Universitário não, está ficando muito longe para mim, eu já estava trabalhando aqui na Telegoiás, isso foi por volta de 2004. Um certo dia eu estava passando por frente do Edifício Olímpico, vi o prédio aqui e perguntei para os meninos se tinha apartamento para vender, e eles falaram que tinha três, entrei, olhei, gostei do meu que eu comprei. Cheguei lá no prédio que eu morava e falei assim, estou vendendo o apartamento, as meninas que moavam lá falaram “não! Você não vai mudar daqui de jeito nenhum!” (risos), mas expliquei que iria porque estava ficando meio longe para mim, que estava comprando um apartamento pertinho da Telegoiás que era onde eu estava trabalhando. Pouco tempo depois de colocar o apartamento do universitário à venda, passou uma pessoa lá procurando, olhou meu apartamento e gostou. Foi assim, ó, nem peguei no dinheiro, tirei de um e passei para o outro.*

Mudei aqui para o Edifício Olímpico com meu marido, nós tínhamos acabado de casar. Viemos só nós dois porque a minha filha já tinha falecido, a estrutura do prédio já era desse mesmo jeito que está agora, aqui no entorno ainda não tinha essas predada toda, não, não tinha nem o prédio aqui do lado, e nem aquele ali. Quando a gente chegou aqui tinha era uma capoeira ali embaixo, invasões, era uma bagunça, aí com o tempo foi melhorando. Aqui dentro do condomínio ainda não era muito tranquilo como hoje, era meio bagunçado, era uma barulheira, tinha uns rapazes custosos que no final passaram e ser amigos do meu marido; meu marido passou a ser cadeirante, aí os meninos aqui ajudavam o Cláudio, tudo ajudavam. O Cláudio foi dando concelho para eles, sabe?! Porque eles mexiam com drogas, aí o Cláudio foi dando conselho para eles até que eles pararam de mexer com essas coisas. Mas assim, é essa minha história, estou aqui até hoje, meu marido faleceu e eu continuo aqui até hoje.

4- Me fale um pouco da sua opinião em relação a importância dessa região para o restante da cidade.

Resposta: *Aqui é muito bom, eu já morei no Setor Universitário, na Vila Nova, na Vila Morais, já morei em Aparecida, mas o melhor lugar que eu achei foi aqui. Aqui eu encontro tudo, eu não saio para nada, tem tudo, tudo que você imaginar tem aqui. Tem loja careira, tem loja mais barateira (riso), no flamboyant eu só vou lá para passear, de vez enquanto eu vejo uma coisinha mais barata lá, aí eu compro. De primeiro eu ia muito ao Flamboyant quando mudei para cá, meu marido morava lá dentro do flamboyant, nossa, não saía do flamboyant.*

5- Qual imagem você acredita que as outras pessoas têm dessa região?

Acha muito bom, porque todo mundo só acha de estar aqui no flamboyant. Tem amiga minha que vem aqui em casa e depois vai direto para o flamboyant.

6- Para você, quais principais palavras definem essa região e o que está no em torno dela?

Resposta: Eu não tenho coragem de mudar daqui, já teve propostas de comprar aqui, comprar de nós, né! Mas ninguém quis, já teve umas três propostas. Falaram que achavam o prédio feio, que o Setor estava crescendo demais, mas os moradores daqui só aceitariam se dessem um dinheiro muito bom. Então assim, acredito que a palavra que melhor define essa região, seja localização, é um lugar muito bem localizado.

7- O que você acredita ser indispensável para que uma região atenda socialmente bem todas as populações que frequentam seus espaços?

Resposta: Que tenha educação, acessibilidade, segurança e mais supermercados.

8- Como você se sente frequentando ou passando por outros lugares existentes aqui dentro da própria região, que por algum motivo fogem da sua realidade social e econômica?

Resposta: Olha, eu trabalhei em uma área que tinha pessoas deficientes de tudo quanto era jeito, então essa experiência me possibilitou enxergar as coisas de outras maneiras, hoje eu acredito que quem faz o lugar é a pessoa, se eu não me sinto bem em determinado ambiente, eu vou lá e me retiro, mas sempre prezo pelo respeito.

9- Qual a sua opinião em relação as mudanças que ocorreram e que ocorrem ao longo dos anos nessa região?

Resposta: As mudanças para cá foram muito boas, cresceu demais da conta, aqui tem tudo que você pensar, eu não saio daqui para praticamente nada.

10- Você se identifica e se sente pertencente a essa região, por quê?

Resposta: Eu me identifico, eu pertencço aqui! Minha irmã até reclama que eu quase não vou lá (riso). Mas aqui é o meu lugarzinho, bom ou ruim, mas aqui que é o meu lugar.

11- Qual a sua opinião em relação aos efeitos da pandemia da covid-19 na utilização dos espaços existentes na região, e o modo como as pessoas voltaram a se relacionar?

Resposta: No começo da pandemia foi muito difícil, tive que ficar fechada em casa, não saia, mas depois tudo foi melhorando. Hoje as pessoas já não estão mais com tanto medo de saírem, mas eu continuo me protegendo.

12- Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa relacionada ao que nós conversamos?

Resposta: Não, gostaria só de agradecer pela entrevista, foi muito bom lembrar um pouco das minhas histórias passadas.

Entrevista 12 – Nome Fictício: Noêmia

1- Me fala um pouco da sua relação com a região.

Resposta: *Aqui é muito bom, né! Tem as minhas vizinhas aqui, mas apesar de ser muito bom, a gente não tem aquela liberdade. Eu fui nascida e criada no interior, então era acostumada a ter muito contato com todo mundo, aqui já é mais difícil, as pessoas não são unidas.*

2- Qual a sua principal lembrança dessa região e o seu principal ponto de referência?

Resposta: *A principal lembrança é de quando precisei mudar aqui para o Jardim Goiás, por ter perdido meu pai e no dia do meu aniversário meu filho ter falecido em um acidente, como eu tinha divorciado do meu esposo e estar morando sozinha lá no interior, minhas filhas me trouxeram para morar aqui no bairro com elas. E o ponto de referência, é o mesmo que as outras pessoas sempre falam, o shopping flamboyant.*

3- Qual a sua história com a região?

Resposta: *O que me fez vir para cá foi a morte da minha mãe, do meu pai, e do meu filho também. Antes eu morava no povoado de Barbosilândia, município de Posse Goiás. Em 2005 meu pai e minha mãe faleceram, e no dia 1 de maio de 2006 meu filho faleceu acidentado. Minhas outras filhas já moravam aqui em Goiânia, vieram para trabalhar e acabaram ficando. Por conta de todos os acontecimentos que eu já falei para você, minhas filhas não iam me deixar morando sozinha lá no interior e me trouxeram para morar com elas aqui no Setor. Primeiro nós moramos na rua de baixo, na rua 54, depois que nós saímos de lá que as meninas alugaram esse apartamento aqui no Edifício Olímpico. Como eu falei para você lá no início, eu fui nascida e criada no interior, então lá a gente tinha nossa terra, tinha nossas coisas, tinha nossa tapioca, fazia farinha, tinha rapadura, fazia nosso queijo, requeijão, plantava nosso alho, cebola, tudo que a gente plantava e cuidava, a gente tinha. E aqui? Tudo é muito caro e tudo tem que comprar, o pessoal lá no interior era tudo mais unido, não é como os daqui que a gente nem vê as pessoas. E o prédio, quando viemos morar aqui ainda era muito bagunçado, muita baderna, gente errada, mas hoje em dia mudou bastante.*

4- Me fale um pouco da sua opinião em relação a importância dessa região para o restante da cidade.

Resposta: *Eu acho que o Setor aqui é muito importante pra Goiânia, as pessoas gostam muito de vir para cá e tem muitos comércios também.*

5- Qual imagem você acredita que as outras pessoas têm dessa região?

Resposta: *Que é um lugar muito bom, mas não acho que imaginam que seja um lugar só de gente rica, o prédio aqui mesmo é tudo misturado (risos).*

6- Para você, quais principais palavras definem essa região e o que está no em torno dela?

Resposta: *Carestia, aqui é tudo muito caro (risos).*

7- O que você acredita ser indispensável para que uma região atenda socialmente bem todas as populações que frequentam seus espaços?

Resposta: Mais segurança, unidade, mais respeito com as pessoas.

- 8- Como você se sente frequentando ou passando por outros lugares existentes aqui dentro da própria região, que por algum motivo fogem da sua realidade social e econômica?

Resposta: Assim, as vezes a gente vê alguma coisa por aqui, tem vontade de comprar, mas não tem condições, não tem muito o que fazer, né! Mas eu vou aonde está dentro das minhas condições e onde me sinto segura.

- 9- Qual a sua opinião em relação as mudanças que ocorreram e que ocorrem ao longo dos anos nessa região?

Resposta: Aqui mudou muito, né! Parece que todo dia tem um prédio diferente (risos). Mas tudo tem seus pontos positivos e negativos, foi bom o setor ter melhorado as ruas, as moradias, ter vindo esse tanto de comércio, mas é ruim para que não tem uma renda muita boa, porque acabou ficando tudo muito caro.

- 10- Você se identifica e se sente pertencente a essa região, por quê?

Resposta: Me sinto pertencente aqui, já estou morando aqui mesmo.

- 11- Qual a sua opinião em relação aos efeitos da pandemia da covid-19 na utilização dos espaços existentes na região, e o modo como as pessoas voltaram a se relacionar?

Resposta: No começo as pessoas estavam com muito medo de sair de casa, né! Mas com o tempo e com a vacina já começaram a se sentirem mais confiantes para saírem de casa. Eu graças a Deus não tive nenhum sintoma, minhas filhas tiveram a Covid, mas não foi nada grave, sobrevivemos!

- 12- Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa relacionada ao que nós conversamos?

Resposta: Não, as perguntas que você já fez foram ótimas, gostei muito da proposta do trabalho, conversei até demais (risos).

Entrevista 13 – Nome fictício: Beto

- 1- Me fala um pouco da sua relação com a região.

Resposta: Aqui é uma região boa, uma região onde a gente tem oportunidade de trabalho, temos um shopping aqui que é considerado um dos melhores shoppings de Goiânia, que é o Flamboyant, onde emprega muitas pessoas. Então assim, é uma região de oportunidades em que eu me encontrei bastante desde quando comecei a trabalhar aqui.

- 2- Qual a sua principal lembrança dessa região e o seu principal ponto de referência?

Resposta: Na verdade tenho principais pontos de referência, em primeiro lugar que eu tenho em mente é o shopping Flamboyant, em seguida tenho em mente também os prédios, prédios antigos, até os prédios novos, os prédios antigos alguns que foram reformados. Tem também

sanduícherias, restaurantes, são muitas referências. De lembrança aqui da região, para ser sincero, só me vem os acidentes. Por conta do intenso movimento de carros na região, costuma ter bastante acidentes.

3- Qual a sua história com a região?

Resposta: Vou te contar, eu deixei um currículo em uma empresa que ela trabalha com essa área de portaria, limpeza, na área de segurança em geral, aí eles me contrataram. Como eles prestavam serviço diretamente para um prédio, acabou que eles me trouxeram para trabalhar aqui nesse prédio, foi aí que eu comecei a ter mais contato com a região.

Então assim, através de uma empresa que eu entrei para trabalhar e que eu deixei o currículo e eles me chamaram, foi o momento em que eu passei a ter de fato um contato frequente com a região. Já tem mais ou menos uns 7 anos que estou trabalhando no edifício Olímpico, antigamente aqui tinha muitos problemas, muitos usuários de drogas, muita bagunça, as pessoas chamavam o prédio aqui de Carandiru do Jardim Goiás. Mas assim, isso tudo foi antes do condomínio passar por algumas transformações. Os prédios aqui dentro eram bagunçados, não eram pintados, só tinha um portão de saída que é esse aqui, e um de entrada, então formava um trânsito grande aqui na porta. Mas hoje são prédios tranquilos para se morar, antes não tinha uma área de lazer, um parquinho para as crianças, apesar que não é uma grande área lazer, mas passou por reforma também, onde os moradores hoje podem aproveitar de algo dentro do condomínio. Mas é bom trabalhar aqui, eu gosto, muitas coisas mudaram.

4- Me fale um pouco da sua opinião em relação a importância dessa região para o restante da cidade.

Resposta: A região é um grande diferencial para a cidade, o diferencial que eu acho daqui é que é uma região que tem muitas vagas de emprego, tem o shopping que é cheio de lojas e emprega muita gente, aqui também tem muitos condomínios de alto padrão que empregam muita gente, muitas lojas físicas fora do flamboyant, então assim, o pessoal que mora aqui, a maioria pode ser classificada como classe média alta, o poder aquisitivo é maior e acaba que gera mais empregos dentro da cidade.

5- Qual imagem você acredita que as outras pessoas têm dessa região?

Resposta: Que é um Setor/bairro, algumas pessoas chamam de setor outras de bairro, o povo já acha que é um setor de ricos, de pessoas que tem um poder aquisitivo muito alto, realmente tem! Mas moram pessoas também que tem o poder aquisitivo baixo, que migra para a região para poder trabalhar e ficar mais próximo do emprego. Então assim, o ponto de vista que as pessoas têm, é que é um setor elitizado.

6- Para você, quais principais palavras definem essa região e o que está no em torno dela?

Resposta: Emprego. É um bairro elitizado como nós discutimos agora pouco, renda, porque que na verdade o setor traz renda por ter tantos lugares que oferecem serviços e contratação de funcionários, acaba gerando muita renda para cidade também. Eu penso que são essas palavras que melhor definem a região. Uma outra observação é em relação ao valor, ao preço das coisas, aqui é um setor em que o valor de tudo é mais puxado. Por ter pessoas elitizadas que tem um poder aquisitivo maior, acaba que as coisas aqui em relação a roupa, barzinho, comida, tudo se torna mais caro.

7- O que você acredita ser indispensável para que uma região atenda socialmente bem todas as populações que frequentam seus espaços?

Resposta: Policiamento, na verdade, seria segurança em geral. Estacionamento também acredito que seja importante, o policiamento ostensivo eu acredito que tenha que ser maior.

- 8- Como você se sente frequentando ou passando por outros lugares existentes aqui dentro da própria região, que por algum motivo fogem da sua realidade social e econômica?

Resposta: *Entra um político, dois políticos, três políticos, e as diferenças sociais nunca vão acabar, sempre vai ter. Então assim, a gente passa por alguns lugares que a gente vê que não tem condições daquilo, ou seja, a gente frequenta, mas na maioria das vezes não consome. Aí que entra a questão do poder aquisitivo, a gente vai se acostumando a frequentar e permanecer em locais que condizem com a nossa condição social para não te desconforto e constrangimentos.*

- 9- Qual a sua opinião em relação as mudanças que ocorreram e que ocorrem ao longo dos anos nessa região?

Resposta: *O que eu vejo muito nessa região, em outras também, mas como estamos conversando em relação ao Jardim Goiás, é que é muito forte essa parte da área de construções; em questão de prédio o pessoal está investindo muito, então tiveram muitas mudanças na paisagem aqui do lugar. Você passa por um lugar e fala: nossa, isso aqui era um terreno baldio! E hoje já tem um prédio construído, o povo investe muito nessa região em relação a isso, justamente por conta de aluguel, comércios, restaurantes, então tudo isso influenciou nas mudanças que aconteceram aqui.*

Tem uma história que contam, que em uma determinada época queriam comprar toda essa área do edifício olímpico, assim dizem! Algumas outras pessoas já falam que essa história não procede, que nunca veio ninguém aqui para ofertar, porque até então, para vender aqui todo mundo teria que concordar. Mas resumindo, a construção civil foi o que mais aumentou e mudou aqui.

- 10- Você se identifica e sente-se pertencente a essa região, por quê?

Resposta: *Antigamente eu só ouvia falar nessa região, não conhecia, mas hoje já conheço bem todos os lugares, já estou trabalhando aqui tem 7 anos, gosto de trabalhar aqui, então por essa parte eu me identifico sim com esse lugar.*

- 11- Qual a sua opinião em relação aos efeitos da pandemia da covid-19 na utilização dos espaços existentes na região, e o modo como as pessoas voltaram a se relacionar?

Resposta: *Na minha concepção foi o seguinte, até mesmo aqui nos prédios do condomínio, as pessoas falam que a pandemia aproximou muita gente, mas no meu entendimento não aconteceu isso. Porque as pessoas tinham medo de se aproximarem umas das outras, não acreditavam na eficácia das máscaras e das vacinas, então em alguns momentos foi necessário bater de frente. Mas algumas outras pessoas se educaram e contribuíram para que fosse possível ter novamente as interações sociais.*

- 12- Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa relacionada ao que nós conversamos?

Resposta: *Para finalizar só gostaria de ressaltar novamente essa questão da região ser uma região elitizada, mas que proporciona muitas oportunidades de trabalho e é uma região boa de se morar e trabalhar. Aqui nem todo mundo é rico, aqui também tem pessoas de baixo escalão, vamos assim dizer; baixo poder aquisitivo, mas é uma região boa. Se a pessoa teve condições de morar aqui, não é ruim não, tudo que você quer, você encontra próximo, é uma região que se encontra de tudo.*

1- Me fala um pouco da sua relação com a região.

Resposta: Relação muito boa, tem mais de 30 anos que moro aqui na região. As coisas por aqui são mais caras, mas também tem menos violência e o parque flamboyant trouxe muitos benefícios para as pessoas que moram aqui por perto.

2- Qual a sua principal lembrança dessa região e o seu principal ponto de referência?

Resposta: A minha principal lembrança é de quando eles começaram a executar o projeto do parque, como o meu condomínio fica aqui de frente consegui acompanhar tudo de perto. O meu principal ponto de referência aqui na região e sem dúvidas o parque flamboyant.

3- Qual a sua história com a região?

Eu comecei a morar aqui no Jardim Goiás por volta de 1992, ainda não tinha todos esses prédios e nem essa quantidade de comércios que podemos encontrar hoje em dia. Poucas ruas eram pavimentadas e a região ainda não era tão valorizada, como havia falado antes, eu tive a oportunidade de acompanhar a execução do parque flamboyant, e pude acompanhar a alta valorização da região após a finalização do parque. Nunca passou pela minha cabeça mudar daqui, é um lugar muito bom para se viver.

4- Me fale um pouco da sua opinião em relação a importância dessa região para o restante da cidade.

Resposta: É o melhor Setor de Goiânia, a maioria das pessoas que moram aqui são classe média alta ou ricas, a região gera muita renda para a cidade.

5- Qual imagem você acredita que as outras pessoas têm dessa região?

Resposta: Que é o Setor dos ricos.

6- Para você, quais principais palavras definem essa região e o que está no em torno dela?

Resposta: Tranquilidade e segurança, o setor é muito tranquilo.

7- O que você acredita ser indispensável para que uma região atenda socialmente bem todas as populações que frequentam seus espaços?

Acredito que seja policiamento, quase não tem criminalidade aqui porque a polícia passa toda hora.

8- Como você se sente frequentando ou passando por outros lugares existentes aqui dentro da própria região, que por algum motivo fogem da sua realidade social e econômica?

Resposta: Sem problemas, não tem perigo. O Setor é bem semelhante as pessoas que residem aqui, então é bem tranquilo frequentar todas as áreas que existem aqui.

9- Qual a sua opinião em relação as mudanças que ocorreram e que ocorrem ao longo dos anos nessa região?

Impactaram bastante o desenvolvimento do lugar, as mudanças resultantes do parque e das construções de imóveis de alto padrão, trouxeram valorização para a região.

10- Você se identifica e se sente pertencente a essa região, por quê?

Resposta: *Não pretendo mudar da região, me identifico bastante, só mudaria daqui se fosse para o Aldeia do Valle (risos).*

- 11- Qual a sua opinião em relação aos efeitos da pandemia da covid-19 na utilização dos espaços existentes na região, e o modo como as pessoas voltaram a se relacionar?

Resposta: *A existência desse parque foi muito importante durante esse período de pandemia que passamos, as pessoas que moram aqui perto tiveram a oportunidade de abstrair um pouco, realizar uma atividade física ao ar livre, então assim, acredito que o parque colaborou para que a quantidade de vítimas da covid fosse menor.*

- 12- Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa relacionada ao que nós conversamos?

Resposta: *Não gostaria.*

Entrevista 15 – Nome fictício: Manoel

- 1- Me fala um pouco da sua relação com a região.

Resposta: *Top de linha! Não somente com o lugar, mas também com as pessoas.*

- 2- Qual a sua principal lembrança dessa região e o seu principal ponto de referência?

Resposta: *A principal lembrança é de quando aqui era somente mato e brejo, Jardim Goiás a vinte anos atrás não era nada, não tinha água e nem luz, para iluminar era preciso usar lamparina e lanterna, a avenida era quase um trilheiro.*

- 3- Qual a sua história com a região?

Resposta: *Antes eu morava no Setor universitário com a minha família, só que lá nós morava de aluguel e não tinha uma previsão de quando conseguiria ter a nossa casa própria. Como eu já falei antes, antigamente essa região do Jardim Goiás era só mato e poeira e tinham pouquíssimas construções, eu não me lembro exatamente o ano, mas me recordo que em um determinado período algumas áreas aqui da região começaram a ser invadidas, muitas pessoas bem pobres ou sem moradia começaram a invadir essa parte mais baixa conhecida por vila lobó, e algumas outras mais próximas aqui de onde estamos. Foi nesse momento que decidi também ocupar uma área nessa parte mais baixa, a Vila Lobó. Com o passar do tempo outras várias pessoas também ocuparam de forma irregular áreas na vila lobó e aqui também nessa parte mais central do Jardim Goiás. Essas áreas começaram a ficar muito tumultuadas, não tinha espaço nem para abrir as vias, foi nesse período que a pareceu o programa do governo chamado: pró-moradia. O prefeito da época era o Pedro Wilson, eles ofereceram moradia aqui e em outras regiões mais distantes, para várias pessoas. A intenção era criar vias de acesso ali dentro da Vila-Lobó, como as casas eram construídas quase que uma em cima da outra, não tinha espaço nem para as ruas de acesso. Com essa oportunidade foi que eu troquei a minha área de invasão lá na Vila-Lobó, por um apartamento nessa parte mais alta do Jardim Goiás, fui para lá com a minha família, esposa e duas filhas. O prefeito Pedro Wilson foi top de linha na urbanização aqui da região.*

- 4- Me fale um pouco da sua opinião em relação a importância dessa região para o restante da cidade.

Resposta: *É uma região que cresceu e se desenvolveu demais, não tem nem como dizer que ela não seja importante para o restante da cidade, e para as pessoas que moram aqui também, tem de tudo.*

5- Qual imagem você acredita que as outras pessoas têm dessa região?

Resposta: *Do Jardim Goiás mesmo, com certeza a imagem que as outras pessoas têm é de se trata de uma região supervalorizada. Já em relação a Vila-Lobó, a imagem que se tem é de que seja uma área marginalizada.*

6- Para você, quais principais palavras definem essa região e o que está no em torno dela?

Resposta: *Uma maravilha, um paraíso, um lugar nobre! Só tá faltando regularizar as áreas que ainda estão irregulares.*

7- O que você acredita ser indispensável para que uma região atenda socialmente bem todas as populações que frequentam seus espaços?

Resposta: *Regularizar dotas as áreas que não são regularizadas, como é o caso aqui do Jardim Goiás, eles já deviam ter vindo fazer isso.*

8- Como você se sente frequentando ou passando por outros lugares existentes aqui dentro da própria região, que por algum motivo fogem da sua realidade social e econômica?

Resposta: *Não me sinto mal, porque sou igual as outras pessoas. Só os lugares que são diferentes, mas cada um vai aonde sua condução dá.*

9- Qual a sua opinião em relação as mudanças que ocorreram e que ocorrem ao longo dos anos nessa região?

Resposta: *As mudanças foram importantes, veio energia, água, hoje somos uma região com o maior valor de metro quadrado, no geral estamos bem.*

10- Você se identifica e se sente pertencente a essa região, por quê?

Resposta: *Com certeza, aqui é o meu reduto.*

11- Qual a sua opinião em relação aos efeitos da pandemia da covid-19 na utilização dos espaços existentes na região, e o modo como as pessoas voltaram a se relacionar?

Resposta: *Foi ruim porque tivemos que ficar confinados, no Jardim Goiás mesmo, as pessoas respeitaram bem o tempo de cada um ficar nas suas casas, depois quando já estava permitido voltaram a se relacionar bem. Já em relação a Vila-Lobó, acho que nem teve quarentena por lá, mas na área de alta elite as pessoas tiveram mais receio.*

12- Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa relacionada ao que nós conversamos?

Resposta: *Reforçar a sugestão de regularizar o restante do Bairro Jardim Goiás.*

- 1- Me fala um pouco da sua relação com a região.

Resposta: Muito boa, gosto de morar na região.

- 2- Qual a sua principal lembrança dessa região e o seu principal ponto de referência?

Resposta: A principal lembrança daqui são os buracos nas ruas, e o principal ponto de referência é o Estádio Serra Dourada

- 3- Qual a sua história com a região?

Resposta: Vim morar aqui quando tinha 14 anos, mudei para cá por conta do meu marido que já morava aqui antes e foi um dos primeiro morador da região. Esse lugar antigamente era muito cheio de criminalidade e pobreza, o governo tirou muitas pessoa daqui por conta das invasões, algumas já queria sair mesmo e outras foi meio que obrigada. O governo não dá muita atenção para cá, as pessoas vive de qualquer jeito e precisam sair daqui para conseguir alguns serviços básicos, como saúde e educação. Mas mesmo com todas as dificuldades estou aqui até hoje, minha família vive da reciclagem e a nossa casa fomo nois mesmo que construímo.

- 4- Me fale um pouco da sua opinião em relação a importância dessa região para o restante da cidade.

Resposta: Assim, falando só dessa área mais baixa que as pessoas chamam de Vila- Lobó, acho que não tem muita importância para a cidade, mas é importante para os lugares e pessoas que estão aqui no entorno, porque antes tinham muito medo de entrar aqui, a gente que tinha que ir para aquela parte mais do centro do Jardim Goiás, para conseguir trabalho, hoje em dia são as outras pessoas que vem atrás das pessoas que moram aqui para trabalhar, eles precisam da gente.

- 5- Qual imagem você acredita que as outras pessoas têm dessa região

Resposta: Que é um lugar perigoso.

- 6- Para você, quais principais palavras definem essa região e o que está no em torno dela?

Resposta: Tranquilidade e paz.

- 7- O que você acredita ser indispensável para que uma região atenda socialmente bem todas as populações que frequentam seus espaços?

Resposta: Educação e uma boa relação com todos.

- 8- Como você se sente frequentando ou passando por outros lugares existentes aqui dentro da própria região, que por algum motivo fogem da sua realidade social e econômica?

Resposta: Me sinto normal, não tenho muito o que falar.

- 9- Qual a sua opinião em relação as mudanças que ocorreram e que ocorrem ao longo dos anos nessa região?

Resposta: *Melhorou bastante, mudou um pouco da visão das pessoas em relação a esse lugar. Antigamente pessoas que não moravam aqui, não podiam nem entrar, era difícil até para a polícia.*

10- Você se identifica e se sente pertencente a essa região, por quê?

Resposta: *Me identifico, passei a minha vida quase toda aqui, então não tem como não se sentir pertencente.*

11- Qual a sua opinião em relação aos efeitos da pandemia da covid-19 na utilização dos espaços existentes na região, e o modo como as pessoas voltaram a se relacionar?

Resposta: *(Risos) Aqui parece que nem teve, estava todo mundo vivendo igual. Alguns pegaram e se cuidaram da forma como conseguiram, outros faleceram, e alguns outros nem chegaram a pegar. Mas assim, continuamos vivendo do jeito que deu.*

12- Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa relacionada ao que nós conversamos?

Resposta: *Acho que esse lugar aqui precisa de mais atenção, as pessoas também. Precisam fazer escola, creche e posto de saúde.*

Entrevista 17 – Nome fictício – Bia

1- Me fala um pouco da sua relação com a região.

Resposta: *é um lugar tranquilo, gosto muito de morar aqui.*

2- Qual a sua principal lembrança dessa região e o seu principal ponto de referência?

Resposta: *A principal lembrança é da dificuldade de encontrar creche e escola para os meus filhos, aqui próximo só tem uma creche e ainda não atende todo mundo que precisa. Inclusive, a única creche que tem por perto e que foi construída para as pessoas daqui, nunca tem vaga. De manhã quando a gente passa lá em frente, só vê os carrões parando e deixando as crianças que eu acho que nem são daqui do setor.
Ponto de referência, acho que é o Serra Dourada.*

3- Qual a sua história com a região?

Resposta: *Eu nasci aqui mesmo, minha mãe mora na Vila Lobó desde sempre, acabou que construí família aqui também. Casei, tive meus filhos, consegui uma casa para morar com eles, e assim tem sido. Não tenho uma renda fixa, e as coisas por aqui são bem difíceis, mas vou levando. Na época em que a maioria das casas eram irregulares, que o governo ainda não tinha regularizado a nossa situação por aqui, tinha muitos conflitos e as coisas eram bem piores. A segurança melhorou bastante, antes era muito perigoso e todo mundo tinha medo, a maioria das ruas eram de terra e quando chovia alagava quase sempre.*

4- Me fale um pouco da sua opinião em relação a importância dessa região para o restante da cidade.

Resposta: *Acho que as outras pessoas não enxergam aqui como um lugar importante para a cidade, elas têm muito medo e preconceito, quando a gente fala que mora na Vila-Lobó, já é excluído.*

5- Qual imagem você acredita que as outras pessoas têm dessa região

Resposta: *Que é um lugar perigoso e de pessoas muito pobres.*

6- Para você, quais principais palavras definem essa região e o que está no em torno dela?

Resposta: *Vizinhança, tranquilidade, segurança, boa convivência.*

7- O que você acredita ser indispensável para que uma região atenda socialmente bem todas as populações que frequentam seus espaços?

Resposta: *Educação, creche, escolas e posto de saúde. Para que a gente consiga fazer alguma consulta tem que ir ao CAES lá do Setor Água branca, é muito ruim isso.*

8- Como você se sente frequentando ou passando por outros lugares existentes aqui dentro da própria região, que por algum motivo fogem da sua realidade social e econômica?

Resposta: *Me sinto mal, a sensação que dá é que as outras pessoas que moram na parte mais alta do Jardim Goiás, tem mais direitos que a gente.*

9- Qual a sua opinião em relação as mudanças que ocorreram e que ocorrem ao longo dos anos nessa região?

Resposta: *Acho que melhorou demais em comparação ao que era antes, principalmente em relação a criminalidade. Hoje em dia aqui é um lugar muito tranquilo, mas por conta das coisas que aconteceram no passado, as pessoas ainda têm muito preconceito. As vezes os crimes que acontecem aqui por perto os responsáveis nem são pessoas que moram aqui, são pessoas que saem de outros setores para roubarem e se esconderem por aqui, aí como a região já tem a fama, acaba que fica com essa imagem errada.*

10- Você se identifica e se sente pertencente a essa região, por quê?

Resposta: *Sim! Nasci, cresci e formei família aqui, me sinto muito pertencente.*

11- Qual a sua opinião em relação aos efeitos da pandemia da covid-19 na utilização dos espaços existentes na região, e o modo como as pessoas voltaram a se relacionar?

Resposta: *As pessoas aqui tentaram se cuidar, mas do jeito que deu, parecia mesmo que nem estava tendo pandemia.*

12- Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa relacionada ao que nós conversamos?

Resposta: *Que eu acho importante construírem uma escola e creche para as crianças daqui.*

1- Me fala um pouco da sua relação com a região.

Resposta: Muito boa, sossegada, tranquila, graças a Deus!

2- Qual a sua principal lembrança dessa região e o seu principal ponto de referência?

Resposta: A melhor lembrança daqui foi quando consegui comprar a casa onde moro hoje, foi a maior alegria, antes eu morava de aluguel com a minha família. O meu principal ponto de referência é o Serra dourada que fica aqui pertinho de casa.

3- Qual a sua história com a região?

Por volta de 1984 cheguei no setor, antes morava de aluguel no Setor novo mundo. Vim para cá com os meus filhos, foi uma das maiores felicidades da minha vida. Lembro de na época falar assim para eles, “filhos, que alegria, saímos do aluguel!” (risos), é uma importante lembrança. Lembro também que aqui era muito feio, não tinha água encanada, não tinha asfalto, quando chovia sempre era uma grande enchurrada, entrava muita água aqui em casa. Para tentar amenizar esse problema, eu por conta própria resolvi aterrar, foi o que fez melhorar um pouco mais, o governo mesmo não fazia nada.

4- Me fale um pouco da sua opinião em relação a importância dessa região para o restante da cidade.

Resposta: Acho muito importante, tem tudo aqui perto e fica perto do centro.

5- Qual imagem você acredita que as outras pessoas têm dessa região

Resposta: Muita gente acha que aqui é perigoso, mas só para você ter uma ideia da tranquilidade desse lugar, já passei 20 dias fora de casa e ninguém entrou, e todo mundo sabia que eu estava fora de casa.

6- Para você, quais principais palavras definem essa região e o que está no em torno dela?

Resposta: Sossego e tranquilidade, aqui é um lugar bom.

7- O que você acredita ser indispensável para que uma região atenda socialmente bem todas as populações que frequentam seus espaços?

Resposta: Posto de saúde e escola, por aqui perto não tem.

8- Como você se sente frequentando ou passando por outros lugares existentes aqui dentro da própria região, que por algum motivo fogem da sua realidade social e econômica?

Resposta: Sou conformada com o que Deus me deu, frequento mais é o bairro mesmo.

9- Qual a sua opinião em relação as mudanças que ocorreram e que ocorrem ao longo dos anos nessa região?

Resposta: As mudanças foram boas, trouxeram muitas melhorias para o setor.

10- Você se identifica e se sente pertencente a essa região, por quê?

Resposta: Me sinto pertencente a região, aqui é mesmo o meu lugar

11- Qual a sua opinião em relação aos efeitos da pandemia da covid-19 na utilização dos espaços existentes na região, e o modo como as pessoas voltaram a se relacionar?

Resposta: Foi um período muito ruim, perdi vários vizinhos, mas rápido as pessoas voltaram a se relacionar novamente.

12- Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa relacionada ao que nós conversamos?

Gostaria que tivesse um posto de saúde e escola para as crianças aqui mesmo no setor.